OBRAS COMPLETAS

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

BERNARDIM RIBEIRO E O BUCOLISMO

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

EDIÇÃO INTEGRAL

1	Introducção e Theoria da Historia da Litteratura portugueza	1 vol.
2	Trovadores portuguezes	1 »
3	Amadis de Gaula	1 »
4	Poetas palacianos	1 »
5	Os Historiadores portuguezes *(Inedito)*	1 »
6	Bernardim Ribeiro e o Bucolismo	1 »
7	Novellas de Cavalleria e Pastoraes *(Inedito)*	1 »
8	Gil Vicente e as origens do Theatro nacional	1 »
9	Sá de Miranda e a eschola italiana	1 »
10	Ferreira e a Pleiada portugueza	1 »
11	A Comedia e a Tragedia classicas	1 »
12	Vida de Camões	1 »
13	Lyricos camonianos	1 »
14	Epopêas historicas	1 »
15	Bibliographia camoniana	1 »
16	Os Culteranistas *(Inedito)*	1 »
17	Epicos seiscentistas *(Inedito)*	1 »
18	As Tragicomedias dos Jesuitas	1 »
19	A Arcadia de Lisboa *(Inedito)*	1 »
20	Dissidentes da Arcadia *(Inedito)*	1 »
21	A baixa Comedia e a Opera	1 »
22	Bocage, vida e época litteraria	1 »
23	José Agostinho de Macedo *(Inedito)*	1 »
24	Garrett e o Romantismo	1 »
25	Os Dramas romanticos	1 »
26	Alexandre Herculano	1 »
27	Castilho e os Ultra-Romanticos	1 »
28	João de Deus e o moderno Lyrismo *(Inedito)*	1 »
29	A Eschola de Coimbra	1 »
30-31	Recapitulação da Historia da Litt. portugueza	1 »
32	Indice geral analytico *(Inedito)*	»

N. B. N'esta reedição continua-se de preferencia pelos volumes a refundir, e especialmente pelos que estão ainda **ineditos.**

B813h

Historia da Litteratura Portugueza

Bernardim Ribeiro

E

O BUCOLISMO

POR

THEOPHILO BRAGA

84406
25/10/07

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
Casa editora
SUCCESSORES LELLO & IRMÃO
1897

Todos os direitos reservados.

PRELIMINAR

O livro publicado em 1872 com o titulo *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, foi agora fundamentalmente reescripto, abandonando as hypotheses laboriosas com que procurava desvendar a vida do poeta, para dar-lhe o colorido da realidade historica, mettendo em obra recentissimas descobertas. Mudar de ideias diante dos factos positivos e na prosecução desinteressada da verdade *scientifica* ou historica, não póde considerar-se uma versatilidade, essa chaga deprimente dos caracteres contemporaneos, tão deploravel na acção *politica*, e quasi indigna nas apreciações *moraes*; é uma simples ratificação de factos em beneficio dos que estudam. Constitue este livro um documento das minhas *Retractationes*, tomando esta palavra no seu sen-

tido originario, quando ella, como diz Renan: «indicava o trabalho do auctor retomando as suas obras passados annos e accentuando as modificações que lhe inspirava o progresso do seu pensamento.» Se o livro de 1872 teve o dom de provocar interesse pela vida de Bernardim Ribeiro apenas com hypotheses plausiveis, impendia-me o dever de substituir essas hypotheses pela realidade dos factos descobertos por outros investigadores mais felizes. Consolam-me estas retractações; escreve Renan, com a sua grande nitidez de linguagem: «O excellente habito das *Retractationes*, que tão ingenuamente praticava a antiguidade, já não está nos nossos costumes litterarios; esta critica de si proprio, que, com um pouco de sinceridade produziria tantos fructos para o auctor e para o publico, seria considerada no nosso tempo como um requinte de vaidade, e o escriptor que tal se permittisse expiaria indubitavelmente a sua candura pelo golpe que dava na sua propria auctoridade. O *dogmatismo theologico* levou-nos a uma ideia tão acanhada da verdade, que todo aquelle que não se impuzer como doutor irrefragavel arrisca-se a tirar a si proprio todo o credito perante os seus leitores. O *espirito scientifico*, procedendo por delicadas aproximações, fixando pouco a pouco a verdade, modificando sem cessar as suas fór-

mulas para leval-as a uma expressão cada vez mais rigorosa, variando os seus pontos de vista para nada omittir na infinita complexidade dos problemas que apresenta o universo, é em geral pouco comprehendido, e passa por uma confissão de impotencia ou de versatilidade.»[1] Antes de conhecermos a opinião de um tal mestre, fizemos sempre o sacrificio agradavel da nossa infallibilidade ao mais remoto vislumbre de uma verdade, conforme fomos adquirindo o methodo scientifico.

---

[1] *Études d'Histoire religieuse.* Préface, p. III.

BERNARDIM RIBEIRO

E

O BUCOLISMO

A independencia da realeza ou o estabelecimento da dictadura monarchica no seculo XV, além das suas profundas consequencias sociaes, determinou importantes modificações nos phenomenos mentaes e estheticos. Annullada a nobreza como poder senhorial, ficou reduzida a elemento parasitico da côrte, vivendo das doações régias e da intriga palaciana. A poesia tornou-se um passatempo cortezão, um meio de parecer bem no paço, um divertimento para lisongear as damas, uma improvisação banal e nunca uma expressão verdadeira do sentimento. Eis explicada a exuberancia dos poetas fidalgos, que divertiram os serões do paço nas côrtes de D. João II e de D. Manoel, e as fórmas inexpressivas de um lyrismo pessoal, e das satyras ou apodos sem elevação moral, que enchem o grande *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende.

Ao começar do seculo XVI, por effeito da descoberta do caminho transoceanico da India, pelo desenvolvimento da riqueza publica e do genio da especulação mercantil desenvolvido pelas expedições maritimas, tudo contribuiu para fundar a preponderancia social de uma classe media. Basta observar em Portugal a manifestação das fórmas dramaticas, e como ellas coincidem no começo do seculo com a expansão da vida burgueza. Esta transformação organica da sociedade portugueza do seculo XVI reflectiu-se na poesia: em primeiro logar o entranhado animo do lucro absorveu a attenção dos que cultivavam sem intuito as fórmas metricas, e só se occuparam da poesia as verdadeiras vocações, os que não podiam resistir ao impulso espontaneo da inspiração e á necessidade de communicar o sentimento intimo. O numero dos poetas torna-se incomparavelmente diminuto, e esses poucos, são talentos que se inspiram de um sentimento profundo, tornam-se individualidades que se impõem e pairam sobre o seu tempo. As queixas banaes de outr'ora, são gritos da realidade; soffrem com verdade, por que se acham deslocados, pobres genios platonicos, em uma época de chato mercantilismo. A sua linguagem tem uma tristeza vaga, que não é o queixume das normas trobadorescas, que subsiste nos Cancioneiros palacianos, mas a melancholia, que inspira a arte moderna. E emquanto vêmos os poetas dos serões do paço, cujas obras ainda figuram no *Cancioneiro* de Resende, debandarem nas armadas da India, para a exploração das ricas capitanias, vêmos destacarem-se como os mais

apaixonados e incomparaveis lyricos Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão. É entre estes dois phenomenos capitaes, a crise violenta em que D. João II estabeleceu em 1483 e 1484 a sua dictadura monarchica, e a avidez do mercantilismo das viagens da India, que Bernardim Ribeiro surgiu e renovou o lyrismo portuguez.

No seculo XVI a poesia portugueza fluctua entre as fórmas sympathicas ás côrtes peninsulares, ou o gosto das coplas de Cancioneiro, e a perstigiosa corrente litteraria de imitação da antiguidade classica, que nos vinha da Italia. Egualmente fortes estas duas influencias, uma pelo costume e distincção palaciana, a outra pela auctoridade dos eruditos, contrabalançaram-se e erigiram-se em duas escholas poeticas, até certo tempo inconciliaveis. A primeira, que se caracterisa como *bucolica*, manteve por uma preferencia exclusiva o metro octosyllabo ou de redondilha, e todas as fórmas estrophicas da poetica hespanhola; a segunda, denominada *Eschola italiana*, adoptou o metro endecasyllabo e as fórmas usadas por Petrarcha, associando ás impressões pessoaes as maximas moraes de uma superior contemplação, e tambem as vagas idealisações do amor platonico. Os poetas bucolicos eram fortificados pela tradição medieval e nacional; as velhas fórmas trobadorescas e sicilianas das *Pastorellas* revivesciam confundindo-se com as fórmas populares dos *Villancicos* e com as *Vigilias* ou *Autos hieraticos*, como vêmos nas Eclogas de Juan del Encina, contemporaneo de Gil Vicente e de Bernardim Ribeiro. Porém a fórma bucolica, elabo-

rada por Gil Vicente pelo desenvolvimento dos *Villancicos*, apparece no seu esplendor nos *Autos hieraticos* com que aquelle genio funda o Theatro portuguez.

Apropriando-se da fórma trobadoresca da *Pastorella*, Bernardim Ribeiro desenvolve o *Villancico* popular na fórma brilhante das *Eclogas*, e naturalmente foi levado á creação da *Novella* pastoral, ao conhecer as narrativas italianas misturadas de prosa e verso, e as novas *Eclogas* imitadas de Theocrito e Virgilio. O antagonismo das duas Escholas estabeleceu-se pelo aferro da imitação servil; a *Eschola italiana* não chegou a popularisar-se, e fortes com esta sympathia do vulgo é que se impuzeram ao gosto do seculo XVI os *Poetas da medida velha.* Egual antagonismo se observa no theatro, entre os Autos nacionaes e a Comedia classica, e mesmo entre a Epopêa e o Romance historiado. Estudamos aqui uma poesia de côrte, como completando o quadro da formação do *Cancioneiro geral* de Resende e dos Poetas palacianos que a cultivaram no primeiro quartel do seculo XVI; mas ha um caracter novo, uma faisca que tudo anima e transforma — a inspiração do amor. Conhecidas as causas sociaes que tornaram memoraveis os serões da côrte, e a influencia que estes exerceram sobre os poetas fidalgos e sobre a formação dos Cancioneiros quinhentistas, falta relacionarmo-nos com esses sinceros apaixonados, que emquanto os seus contemporaneos se afogavam com as riquezas da India e Brazil, cantavam com toda a verdade da sua alma, e se deixavam enlouquecer ou morrer de amor.

I

Bernardim Ribeiro

§ I. Seu nascimento e entrada na côrte de D. Manoel (1482-1516)

Pela primeira vez a poesia lyrica, em Bernardim Ribeiro, deixa de ser uma galanteria palaciana, para se tornar a expressão ardente e arrebatada da sua vida. Observa-se um egual phenomeno na poesia castelhana com Garci-Sánchez de Badajoz; synchronismo aliás frequente em outras manifestações da civilisação dos povos peninsulares. Entre este lyrico, que já no fim do seculo XV se destaca no *Cancionero general* de Hernando del Castillo, pela vehemencia das suas redondilhas, e Bernardim Ribeiro que tambem no *Cancioneiro* de Garcia de Resende sobreleva aos outros poetas palacianos pela realidade da paixão, entre ambos existe uma extraordinaria conformidade: enlouqueceram os dois por causa dos exaltados amores por suas primas, e quasi pela mesma época! Bernardim Ribeiro, sem a exaggeração emphatica de Garci-Sán-

chez de Badajoz, excede-o na fulguração do sentimento e na ingenuidade da linguagem. Comprehende-se que o melhor commentario para a intelligencia das poesias de Bernardim Ribeiro é o conhecimento da sua vida; d'ella é que derivam os elementos de realidade que são a verdade da mais bella idealisação. Infelizmente a vida de Bernardim Ribeiro esteve por muito tempo mais do que ignorada, confundida com a de varios homonymos do seculo XVI; [1] deu curso a este erro Barbosa Machado, na *Bibliotheca luzitana*,

---

[1] Para avançarmos com segurança na reconstrucção da vida do *poeta* Bernardim Ribeiro, torna-se immediatamente urgente destacal-o de todos os seus homonymos, que figuram em documentos do seculo XVI:

1.º BERNARDIM RIBEIRO PACHECO. — Na *Bibliotheca luzitana*, de Barbosa Machado, (t. I, p. 518-19) acha-se confundido este fidalgo, que tambem metrificou, com o incomparavel auctor da *Menina e Moça*, falseando assim todos os dados biographicos do genial poeta. Porém pelos documentos historicos fixa-se com clareza a época em que viveu este homonymo, tornando impossivel o equivoco. Camillo Castello Branco, nas *Noites de Insomnia* (Outubro, de 1874, p. 29 a 36) publicou um pequeno estudo *Se Bernardim Ribeiro foi Commendador*, em que separou esta homonymia: «Ulteriores investigações que fiz em cartapacios genealogicos e coevos, levaram-me á evidencia que Bernardim Ribeiro, o *poeta*, não era Bernardim Ribeiro Pacheco, o commendador de Villa Cova, da Ordem de Christo e Capitão-mór das náos da India, casado com D. Maria de Vilhena, filha de D. Manoel de Menezes, — nem ainda o outro Bernardim Ribeiro, governador de S. Jorge.» (*Ibid.*, p. 32.) Dois annos antes, em 1872, chegáramos a eguaes resultados. (*Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, p. 35.) Consignamos aqui alguns dados biographicos necessarios para os

complicando-se com uma anachronica tradição litteraria do seculo XVII, que o fazia namorado de uma infanta portugueza. Os sympathicos mas enganosos contornos do typo do

---

pyrrhonicos: Foi Bernardim Ribeiro Pacheco, filho de Luiz Esteves Ribeiro, (creado e thezoureiro do infante D. Fernando, filho do rei D. Manoel,) e de sua mulher Isabel Pacheco, filha do Dr. Diogo Pacheco. Era sobrinho de Nuno Ribeiro, que em um Regimento de 6 de agosto de 1520 vem citado como indo fazer os pagamentos aos logares de Africa. Teve Bernardim outros irmãos: Frei Diogo Pacheco, dominicano, e D. Eufrasia, freira de Santa Clara de Coimbra. Cursou os estudos, e voltou á côrte aonde apparece como moço da Camara do rei D. Sebastião (*Chancellaria de D. Sebastião*, liv. 46, fl. 112 v.) pelos annos de 1576. Casou com D. Maria de Vilhena, ou de Menezes, filha de D. Manoel de Menezes, o de Almada, e de D. Brites de Menezes, tendo os seguintes filhos:

— Luiz Ribeiro Pacheco, que herdou a casa paterna; casou com D. Leonor de Athayde, filha de D. Francisco de Portugal da Gama, viuva de Fernão Gomes da Gram; nascera-lhes: um filho *Bernardim Ribeiro*, que succedeu na casa, e morreu sem geração. (Ms. da *Colleç. Pombalina*, n.º 396, fl. 270); — Manoel Pacheco, que morreu commendador em Tanger; — D. Maria de Menezes, mulher de Luiz da Cunha, o pequenino; — D...... que foi freira da Annunciada de Lisboa; — Alvaro Pires Pacheco, que foi padre da Companhia de Jesus; — e Fr. Duarte Pacheco, frade augustiniano. Na *Chronica da Companhia de Jesus*, (P. II, liv. 4, cap. 26, p. 116) lê-se: «O Padre Alvaro Pires, bem conhecido n'este reino, não só por seus paes, que foram Bernardim Ribeiro Pacheco (tam celebrado no famoso Cerco de Mazagão — 1562 — nas Armadas de Portugal e nas partes da India) e de D. Maria de Vilhena, filha de D. Manoel de Menezes.» E referindo-se á época da morte d'este padre, accrescenta: «Morreu na Casa de S. Roque no anno de 1641, tendo de edade setenta e dois annos.» (*Ibid.*, p. 214.) D'aqui se conclue que o jesuita nascera em 1569, o que nos

extemporaneo trovador não prejudicaram a belleza das suas Eclogas e Novellas, tal era a emoção de vida n'ellas eternisada; mas as novas descobertas historicas sobre o extraor-

---

aproxima da época do casamento de Bernardim Ribeiro Pacheco. Acompanhou D. Sebastião a Africa, e ficou captivo em 1578 em Alcacer-Kibir. Como parcial de Philippe II, a quem apoia em Almeirim, foi nomeado commendador de Villa Cova, e despachado Capitão-mór da Armada que partiu para a India em 4 de abril de 1589. (Alvará de 8 de março de 1589, nas *Doações de Philippe I*, Liv. 16, fl. 246, na Torre do Tombo.) No Ms. 123 da *Coll. Pomb.*, lê-se que elle fôra embarcado na náo *Madre de Deus*. Ainda se encontra o seu nome nas Moradias da Casa real em 1595. (Sousa, *Provas da Hist. geneal.*, t. VI, p. 640 e 646.)

Agora uma circumstancia que muito coadjuvaria á confusão d'este homonymo com o *poeta* Bernardim Ribeiro: no *Cancioneiro de Evora* (edição Hardung, Lisboa, 1875) vem sob o n.º 71 o seguinte: «*Mote do* capitão Bernaldim Ribeiro, *feito ao proposito do mesmo, e pede ajuda aos señores da sua Companhia:*

Estar em risco a fee,
Padecer a esperança,
A causa he a tardança.»

O Dr. A. Philippe Simões, que teve conhecimento d'estes versos, (*Panorama photogr. de Coimbra*, p. 46) ainda confundiu este homonymo com o poeta da *Menina e Moça*. Mas o Capitão Bernaldim Ribeiro, a quem ajudam os señores da sua Companhia Gaspar Gil Severim, Fernão Brandão, Francisco de Faria Lobo, Sancho de Vasconcellos, Simão Roiz Giscardo e Alvaro Egas Moniz, é esse que figurou no cêrco de Mazagão e no desastre de Alcacer, do qual ainda ha noticia perto do fim do seculo, mas nenhum outro documento litterario.

2.º Bernardim Ribeiro. — Na confusão produzida por Barbosa Machado, ha elementos biographicos

dinario lyrico dão uma luz mais intensa desvandando-lhe a tragica existencia e identificando-a com a sua obra artistica. A pouco e pouco se foram moendo as tintas; é preciso

---

de um outro Bernardim Ribeiro, que foi governador da fortaleza de S. Jorge da Mina. Camillo Castello Branco, no citado opusculo, (p. 32) seguindo a *Chronica de D. Sebastião*, por D. Manoel de Menezes, mostra que este Bernardim Ribeiro, governador da Mina, morreu abrazado em uma explosão de polvora em 1526.

3.º BERNARDIM RIBEIRO. — Filho de Luiz Esteves Pacheco, e neto do Capitão já nomeado; morreu sem geração. Nas genealogias lê-se que sua tia D. Joanna de Menezes é que succedera na casa.

4.º BERNALDIM RIBEIRO. — Ouvidor nas Caldas na segunda metade do seculo XVI. Sobre este homonymo escreve D. José Pessanha, na ed. de 1871: «Conheço tambem uma série de documentos officiaes, que vão de 8 de abril de 1558 até 20 de outubro de 1594, e que se referem a um Bernaldim Ribeiro, successivamente nomeado Ouvidor nas Caldas, procurador do numero em Obidos, contador do Hospital de Nossa Senhora do Populo (Caldas da Rainha), etc.» *Men. e Moça*, p. LXXIV.

5.º BERNALDIM RIBEIRO. — Tabellião em Barcellos; d'este homonymo escreve o supracitado editor: «Conheço ainda uma carta (de 23 de julho de 1586) em que se permitte a Bernaldim Ribeiro, tabellião em Barcellos, o ter uma pessoa que o ajude a escrever, subscrevendo elle.» (Torre do Tombo, *Chancell. de Philippe I*, Liv. 5.º dos Privilegios, fl. 137 v.)

Todos estes cinco homonymos são posteriores ao primeiro quartel do seculo XVI ou mesmo ao penultimo; o *poeta* Bernardim Ribeiro nasceu na penultima decada do seculo XV, não podendo admittir-se o menor equivoco sobre a interpretação dos documentos que se lhe referem e que tanto esclarecem a sua vida. Tornou-se

que se complete de vez o trabalho fazendo o retrato d'este genio dignamente admirado. [1]

As luctas de D. João II contra a nobreza, que invadia o poder real concitada pelos du-

---

necessaria esta discussão prévia, por que ao publicar a carta de 23 de setembro de 1524, em que D. João III nomeia Bernardim Ribeiro escrivão da sua camara, ainda D. José Pessanha hesita na referencia ao poeta: o que todavia não me atrevo a assegurar.»

6.º BERNARDINO DE RIBERA. — Mestre da capella da cathedral de Toledo; no inquerito sobre sua pureza de sangue ordenado pelo Cabido toledano em 26 de fevereiro de 1563, consta que nascera na cidade de Játiva, sendo seus paes Pedro de Ribera, natural de Sevilha, e Beatriz Andreza. (D. Carolina Michaelis, *Poesias* de Sá de Miranda, p. 770.) Como o poeta esteve dois annos ausente de Portugal, e na *Lyra sacro-hispana* de Eslava, se cita: «*Bernardino Ribera*, de quien no se sabe con seguridad d'onde fué Maestro, se crée que lo fuese de la catedral de Toledo, por que en ella existen unicamente obras suyas,» — em tal incerteza inferimos que seria o nosso poeta; por que: «pertencendo á fidalguia do seculo XV, era versado na musica como D. João de Menezes, como Garcia de Resende, como Damião de Goes, como Gil Vicente. No momento em que soffreu na côrte a decepção dos seus amores, seguiu a corrente do tempo, buscou allivio no trabalho, como elle proprio diz, e foi ser musico nas cathedraes de Hespanha, como Gregorio Silvestre, como Jorge de Monte-Mór, Corrêa Araujo, ou Alexandre de Aguiar.» (Na ed. de 1872, p. 82.) A hypothese era eminentemente plausivel, mas caduca deante do facto positivo acima consignado, descoberto por Barbieri.

[1] Para a reconstrucção da vida do incomparavel lyrico Bernardim Ribeiro, contribuiram as seguintes descobertas, valiosissimas pela sua mutua e convergente comprovação:

a) O termo de matricula na Universidade de Lisboa correspondente aos annos de 1506 a 1511, com-

ques de Bragança e de Vizeu, e que terminaram pela morte dos dois preponderantes senhores e dos seus parciaes, revolveram profundamente a sociedade portugueza. Cara-

---

municado por Gabriel Pereira e Dr. Simões de Castro.

b) A carta régia de 23 de setembro de 1524, em que D. João III o nomeia escrivão de sua camara; achou-a D. José Pessanha na Torre do Tombo.

c) A genealogia da familia Zagalo, escripta pelo conego regrante de Santo Agostinho, D. Flaminio de Jesus Maria, a qual termina nos fins do seculo XVII; Ms. consultado pelo snr. visconde de Sanches de Baena. — Em 1887 encontrára na collecção dos Mss. da Academia das Sciencias o visconde de Benalcanfor uma *Genealogia da nobre e antiga familia dos Zagalos* (anno de 1774 até 1779). Já não démos com esse Ms.

d) Referencia ao documento judicial de 1552, em que João Ribeiro se dá por *primo-coirmão* do poeta Bernardim Ribeiro; é frequente nos Manuscriptos genealogicos. Publicou-a Camillo nas *Noites de Insomnia* (Outubro.)—D'este mesmo João Ribeiro publicou Quicherat, na *Histoire de Sainte Barbe*, uma carta latina a seu irmão Gonçalo Ribeiro, datada de Paris, em 1517. Reproduzimol-a traduzida na *Historia da Universidade de Coimbra*, (t. I, p. 312, n. 2.) Authentíca as genealogias, e fundamenta-se a veracidade de outros processos judiciaes do tempo de D. Sebastião, e de 1642, que tanto esclarece a vida do poeta.

e) Tença de 12$000 rs. com um moio de trigo concedida por D. João III em carta de 9 de outubro de 1549, pelo padrão instituido pelo mestre de S. Thiago; achada pelo snr. visconde de Sanches de Baena.

f) Documento judicial de 6 de maio de 1642 assignado pelo desembargador Rodrigo Rodrigues de Lemos; foi achado pelo professor Antonio Maria de Freitas (Nicoláo Florentino) em 1893 no museu de antiguidades da baroneza de Erick.

g) O opusculo do snr. visconde de Sanches de Baena, *Bernardim Ribeiro* (in-4.º de 50 p. Lisboa, 1895), em que vêm apuradas e comprovadas as Ge-

cterisam-se os phenomenos sociaes pela complicação dos effeitos; e a essas luctas para o estabelecimento da dictadura monarchica sob D. João II, se deve a situação em que foi creado desde a primeira infancia Bernardim Ribeiro, e as manifestações esplendidas que ella suscitou no seu genio poetico. O pae de Bernardim Ribeiro achou-se por circumstancias inevitaveis envolvido na conjuração do duque de Vizeu, tendo de fugir para Hespanha, aonde foi assassinado por espiões do terrivel monarcha. Toda a biographia de Bernardim Ribeiro deriva d'estes momentosos acontecimentos; importa esboçal-os rapidamente, como quadro em cujo fundo se destaca esta apaixonada individualidade.

A par da vida local dos Concelhos e da auctoridade real, existia uma numerosa classe senhorial, que se fortalecia por contínuas doações dos bens da corôa e por exacções nas terras com que confinavam, a titulo de privilegios e fôro de nobreza. Naturalmente a auctoridade real comprehendia que devia apoiarse na força dos Concelhos, mantendo-lhes as suas garantias; mas quer pelo favoritismo ou pela fraqueza dos monarchas, muitos fidalgos se enriqueceram com doações excessivas, prin-

---

nealogias dos Ribeiros e dos Zagalos. Explica as relações de parentesco das duas familias, authenticando as principaes referencias com documentos historicos.

h) A nota Ms. achada no exemplar das Obras de Sá de Miranda de 1614, por D. Carolina Michaelis, que esclarece as referencias da Ecloga *Aleixo*, na qual se descreve a loucura do poeta, amigo intimo de Sá de Miranda.

cipalmente os duques de Bragança e de Vizeu, proximos parentes da dynastia reinante. O excesso da prodigalidade de D. Affonso V. esgotando n'estas doações os bens da corôa, determinou em 1481, no começo do reinado de D. João II, a necessidade da convocação das côrtes da nação e da revogabilidade das doações régias. O duque de Bragança tratou da escolha dos varios procuradores ás côrtes, que eram enviados pelas terras da sua jurisdicção senhorial, e indicou-lhes os meios de resistencia contra as reformas do monarcha. Tambem influiu no joven duque de Vizeu, para assim proceder com os procuradores que viessem dos seus dominios senhoriaes; e confiado n'este meio de resistencia e no apoio de todos os fidalgos que se sentiam prejudicados pela revogabilidade das doações régias, atreveu-se o duque de Bragança a ameaçar D. João II. O rei, que estava conhecedor de todos os planos do duque de Bragança D. Fernando II, pela inconfidencia de Lopo de Figueiredo, mandou-o prender, julgar summariamente e degolar na praça de Evora em 1483. Em uma carta de D. Alvaro de Portugal, «que escreveu de Castella a elrey D. João o 2.º» acham-se summariados os aggravos de que se queixava a nobreza contra o monarcha: «E determinastes *enviar vossos Corregedores entrar em nossas terras*, e posto que eu vos mostrasse privilegio sellado com sello de chumbo, o qual vós me tinheis confirmado e jurado, e confirmado com vossa fee real, pela carta de cambio que V. Senhoria fez de Torres Novas, sem embargo do seu contracto não m'a quizestes guardar, antes em que-

brantamento d'ella, e das outras que os outros tinham e dos *usos e costumes que sempre tivemos*, sem necessidade que para isso tivesseis, sómente por fazer-nos mal os quebrantastes sem que sobre isso mais nos quizesseis ouvir, ainda que vos dessem boas rasões, mostrando sempre como em muitas de nossas terras se fazia mayor justiça que nas em que estavam vossos Corregedores....: e por melhor executar o que querieis, logo determinastes de *não confirmar as doações e privilegios* dos senhores e fidalgos sem as verdes todas pelo meudo, o que era cousa para se nunca acabar, nem se fazer em nenhum tempo pelos Reis d'antes vós, sómente confirmavam tudo por uma carta, e por clausula geral. E posto que sobre isto se lhe fez a V. Senhoria assás requerimentos, pedindo o quizesse emendar, nunca o quizestes fazer, antes os mandaveis tirar do poder dos senhores por mão de hũ vosso escrivão, que pera isso fizestes, ficando elles desapoderados de todos os privilegios que tinham.... E logo se publicou que todos os privilegios dos Reis passados estava em vossa mão dal-os, ou tiral-os, como quizesseis, e assy o começastes logo a mostrar por obra, por que a alguns despachaveis, a uns tiraveis a jurisdicção, a outros as rendas, e a outros tiraveis os privilegios, e tiraveis e metieis clausulas de novo como vos aprazia, e outros rompieis de todo sem mais os verem as partes, de guisa que de ventura se achará escritura civel que V. Senhoria não grosasse em pouco ou muito, e isto mesmo fizesteis nas que vós mesmo tinheis feito e confirmado sendo Prin-

cepe, dizendo que já não valia nada, porque era de outro homem, que então ereis Princepe e agora ereis Rey. E determinastes, que não podessemos dar carta de seguro em mortes de homem, tendo nós privilegios e sentenças; e determinastes que nenhum senhor pudesse ter Ouvidor em nenhum seu logar mais de quinze dias, e que passados os quinze dias logo se partisse d'ali, e não usasse mais do officio, e assy que não conhecessem de acções novas nem dos aggravos, que sahissem d'ante os Juizes, por donde de todo o ponto em branco *tirava* V. Senhoria *a jurisdicção aos senhores de suas terras, especialmente aos Duques e seus Irmãos*, que sobre estes casos tinhamos os mais fortes privilegios.» [1] Ahi estão formuladas as bases fundamentaes das reformas de D. João II, submettendo a nobreza á dictadura monarchica. Para mais de outenta fidalgos foram mortos por se envolverem n'esta resistencia. O duque de Vizeu era uma creança, que fôra influenciada pelo orgulho do duque de Bragança; depois da execução d'este, os fidalgos consideravam-n'o como chefe da resistencia, e com o apoio de Castella fascinando-o com a esperança de vir a ser rei. O duque de Vizeu estava ainda na menoridade, e tanto que pouco antes D. João II, seu cunhado e primo, lhe concedera a emancipação e administração dos seus vastissimos bens; pela sua ingenuidade achou-se envolvido na conspiração do bispo de Evora D. Gar-

---

[1] *Provas da Hist. geneal.*, liv. IX, n.º 5; e *Annaes das Sciencias e Lettras*, vol. II, p. 114.

cia de Menezes, em que se planeava já a morte do monarcha. D. João II chamou ao palacio o duque de Vizeu, seu primo, e apunhalou-o por sua mão; e desenvolvendo em seguida uma perseguição terrivel dentro do paiz, mandava ainda sicarios contra os fidalgos que se refugiaram em Hespanha e França. Em um Manuscripto do fim do seculo XV, fallando da morte do duque de Vizeu em 1484, lê-se, que «*seus creados a tal tempo eram fogidos e escondidos vendo tal caso.*» [1]

Um d'esses creados do duque de Vizeu, recebedor das rendas da casa primeiramente e depois empregado seu particular, era Damião Ribeiro, natural da Villa do Torrão; alli vivia casado com D. Joanna Dias Zagalo, tendo já dois filhos, *Bernardim Ribeiro*, nascido em 1482, e uma menina, que por ventura

[1] «Era de mil iiiiclxxxiiii em fim do mes de agosto. — Quando o Duque de Viseu filho do ifante Dom fernando e irmão da rainha Dona Leanor nossa snra na presente éra foi morto por mão del Rey Dom joão nosso snor em Setuval pela treiçam que contra elle com o Bispo devora Dom Guarcia de Menezes e os outros cavalleiros lhe tinhão ordenada, se teve com elle esta maneira: aquella madruguada que era amanhecente ao domingo o levaram a igreja de santa maria da dita Villa asy vestido como foy morto, e o lançaram na sancrestia e aly jouve lançado ataa tarde com o rostro descuberto para que o vissem todos, e d'ali a dita tarde foy levado a enterrar ao moesteyro da dita Villa ao moesteyro de São Francisco com tochas na capella onde jaz o dito Ifante Dom Fernando seu padre e na sua cova sem outra memoria se fazer d'elle em auto de cerimonias e honra e acompanhado de algũs piedosamente, mas não *de seus criados que a tal tempo eram fogidos e escondidos vendo tal caso.*» (Ms. 443 da *Coll. Pomb.*, fl. 62. Na Bibl. nac.)

morreu de pouca edade. Deante da terrivel catastrophe de 23 de agosto de 1484, Damião Dias conseguiu esconder-se, passar a fronteira e refugiar-se em Castella, aonde os reis catholicos em hostilidade contra D. João II davam azylo aos foragidos de Portugal. Qual a importancia que Damião Ribeiro tivesse na conjuração do duque de Vizeu, seu amo, deprehende-se do rancor de D. João II, mandando um sicario seu assassinal-o em Castella. Entregue á incerteza da sorte, com seus dois filhinhos e deante de uma sangrenta perseguição, D. Joanna Dias Zagalo, de uma familia rica de Extremoz, procurou um refugio junto de seus sobrinhos o desembargador Antonio Alvares Zagalo e irmã D. Ignez Alvares Zagalo, que viviam na Quinta dos Lobos, cabeça do morgado de Cintra, instituido em 1424 por Martim Gil Lobo. [1] Dos documentos do processo remettido á Junta da Casa de Bragança, informou o desembargador Rodrigo Rodrigues de Lemos: «que Bernardim Ribeiro nasceu em 1482, e hera filho de Damiam Ribeiro, creado dos duques de Vizeu, que cahido em desgraça por causa das desavenças de seu amo com Elrei D. João 2.º, teve de se refugiar em Castella, e lá morreu pouco depois com suspeitas de morte violenta.

«Bernardim Ribeiro com sua mãe e irmã se socorreram do amparo de seu parente o

[1] Seguiremos em toda a exposição da vida de Bernardim Ribeiro as indicações genealogicas coordenadas e documentadas pelo snr. visconde de Sanches de Baena, no seu precioso opusculo publicado em 1895.

desembargador da Casa da Supplicação Antonio Zagalo e de sua irmã D. Ines, a qual os levou para a Villa de Cintra e os trouce recolhidos em segredo por algum tempo na Quinta denominada dos Lobos....» [1]

Vê-se por este texto que Damião Ribeiro, recebedor das rendas do duque de Vizeu, já servira o infante D. Fernando, e que era empregado antigo n'aquella casa principesca; era natural da Villa do Torrão, onde possuia avultados bens, compartilhados com seu irmão Gonçalo Ribeiro, que serviu em Africa, aonde morreu. A' terra da sua naturalidade allude o poeta na Ecloga II, quando diz: «Da aldeia que chamam *Torrão* — Foi este pastor fugido...» Tambem na Ecloga *Basto*, (versão do *Cancioneiro* de Luiz Franco) Sá de Miranda recordando-se das desgraças de Bernardim Ribeiro, escreve: — «Tornaste-me ora á lembrança — Um amigo do *Torrão*...» [2] Os Ribeiros, do Torrão, não se confundiam com outros Ribeiros que frequentavam a côrte; [3] tinham os fidalgos da terra um certo orgulho da sua antiguidade, parodiando com graça o versiculo do *Genesis*: «In principio creavit Deus cœlum et *Terram* (Torrão).» Alardeavam obras architectonicas do tempo dos

---

[1] Doc. de 6 de maio de 1642; apud Baena, p. 40.

[2] *Poesias* de Sá de Miranda, p. 553. Ed. Mich.

[3] Pero de Sousa Ribeiro, figura como poeta nos serões da côrte de D. João II, e os seus versos achamse no *Cancioneiro* de Resende. — Diogo Ribeiro, era escrivão da Senhora D. Philippa, tia de D. João II, e vem citado no *Livro dos Officios, Doações e Padrões del rei D. João III*. (*Collec. Pombal.*, n.º 265, fl. 170.)

mouros; do que escrevia o prior que mandou a nota corographica para a reconstrucção do *Diccionario geographico* de Cardoso: «o que não duvido, por que ainda a terra cheira muito a elles, e se vê, que a maior parte das gentes he preta e muito disfarçada, suja com as alvaiades, e muitos com o habito de Sam Francisco.» Descontando a preoccupação em que no seculo passado ainda se estava dos christãos-novos, a observação do parocho informador bem nos revela a persistencia do elemento mauresco, na paixão exaltada do poeta e no calor surprehendente da sua linguagem. Estamos vendo um typo moreno, fino e enchuto de carnes, com a perdição no olhar e a fatalidade invencivel no amor.

Com os Ribeiros, do Torrão, se achavam ligados por casamentos os *Mascarenhas*, familia que estava nas graças de D. João II, e um dos seus membros foi creado no paço com tanta intimidade com o princepe D. Affonso, que era chamado o *Infante pequeno*. Uma filha do valido Fernão Mascarenhas, que servia D. João II em 1481, casou com Alvaro de Moura, commendador do *Torrão;* [1] João Mascarenhas, o Gago, senhor do morgado de Proches, casou com D. Maria *Ribeira*, filha do letrado Pedro Domingos Miguens; d'estes parentescos tira-se alguma luz para as primeiras manifestações do talento do poeta; encontramos ainda um: «João de Freitas *Mascarenhas*, que mataram no *Torrão*, e ou-

[1] *Pedatura luzitana,* vol. III, fl. 45 v. Ms. da Bibl. do Porto.

tro seu irmão primogenito, Martim de Freitas *Mascarenhas* «dos fidalgos mais poderosos d'aquelle tempo; *viveu na Villa do Torrão.*» [1] Ainda no seculo XVII o editor da *Menina e Moça* fazia alarde d'este parentesco entre os Ribeiros e Mascarenhas. [2]

Os Zagalos, a cuja estirpe pertencia D. Joanna Dias Zagalo, mãe do poeta, tambem nos apparecem aparentados em épocas remotas com os Mascarenhas; assim Gomes Martins Zagalo, avô d'ella, foi casado em primeiras nupcias com D. Catherina Mascarenhas de Macedo; e seu pae Diogo Gomes Zagalo, tambem em primeiras nupcias com uma sua parenta D. Leonor de Sande Mascarenhas, de quem não houve filhos. Do segundo casamento de Diogo Gomes Zagalo com D. Mór Fernandes de Pina, de Monte-Mór, nasceram quatro filhos. Como pela instituição do morgado da Quinta dos Lobos, em Cintra, por Martim Gil Lobo, em 19 de novembro de 1424, se determinasse que a administração pertenceria *ao primeiro que nascesse, fosse filho ou filha*, considerou-se herdeira da Quinta dos Lobos a primogenita D. Isabel

---

[1] *Nobiliario do Casal do Paço*, t. XV, p. 319. Ms. da Bibl. do Porto.

[2] Escreve Manoel da Silva Mascarenhas no prologo da edição da *Menina e Moça* de 1645, justificando-se por: «*ser parente do Auctor d'elle, que era primo-coirmão de meu avô.*» Era bisneto de Gonçalo Ribeiro, filho de Affonso Ribeiro, e irmão de Damião Ribeiro, pae do apaixonado poeta. Por este mesmo tempo o capitão Francisco Ribeiro pleiteava a posse de uma antiga doação régia dando-se por bisneto do poeta. Não estava esquecida a sua genealogia.

Dias Zagalo; seu irmão Ruy Dias Zagalo, apezar da clausula originaria, sustentou prolongada demanda, e embaraçou-a até quasi ao fim da vida da posse do morgado. [1] Os outros dois filhos, são Gaspar Dias Zagalo [2] e D. Joanna Dias Zagalo, a mãe do poeta.

Pela descoberta da conspiração e assassinato do duque de Vizeu, seu marido Damião Ribeiro fugiu para Castella, e lá foi assassinado, como se refere no documento judicial de 1642; foi ella procurar refugio junto de seus sobrinhos, o desembargador Antonio Alvares Zagalo, herdeiro do morgado de Cintra, e D. Ignez Alvares Zagalo, que então solteira vivia com o irmão na Quinta dos Lobos, cuja posse era ainda recente; outros sobrinhos tinha a mãe do poeta, e que se ligam á sua biographia: Alvaro Pires Zagalo, que casou em Alcacer do Sal, aparentado com os Ribafrias, de Cintra, que tambem influiram na vida do poeta, e D. Maria Alvares Zagalo, mulher de D. Alvaro Velez de Guevara, [3]

---

[1] É a *Senhora desherdada*, de que se falla na Novella.

[2] Lê-se no Cod. 407 da *Collecção pombalina:* « Acha-se hũ Gaspar Dias Zagalo, que foy por capellão da Infante D. Brites para Saboya, e hũa *sua sobrinha*, que foy ama da mesma Senhora, de quem alcançou Carta de favor para El Rei Dom Joam o 3.º de lhe dar a administraçam de duas Capellas que se cantam no Mosteiro de S. Francisco de Extremoz. » (Fl. 40.) Esta sobrinha é D. Ignez Alvares Zagalo.

[3] D'este casamento conta o linhagista: « D. Maria casou com o dito D. Alvaro *em circumstancias ao que consta bastante dramaticas*... » Não estará aqui a historia de *Arima e Avalor*, que fórma a segunda parte da *Menina e Moça*, um intimo drama amoroso?

fidalgo castelhano. Intentou D. João II perseguir tambem as mulheres dos conspiradores, e por algum tempo embaraçou que ellas fugissem para os maridos; o confisco dos bens, não deixava essas desgraçadas familias em situação invejavel. A Quinta dos Lobos era um refugio quasi ignorado; ahi durante todo o reinado de D. João II viveu a desolada viuva de Damião Ribeiro, com uma menina em baixa edade fallecida, e creando o filho a occultas, para que sobre elle não caísse a vindicta régia. Pelo menos, desde 1484 a 1495 não saíu Bernardim Ribeiro de Cintra, entrando já na puberdade quando visitou pela primeira vez a sua aldeia do Torrão, de que falla com sympathia. A Quinta dos Lobos foi o mundo da sua infancia; ahi contrahiu aquella sensibilidade que infunde a solidão, e que o tornou apaixonado; ahi viveu immerso no sonho da natureza bella e pittoresca que o rodeava por todos os lados, e que lhe deu as tintas do seu bucolismo, que são de uma verdade ideal e real. Onde estará situada a Quinta dos Lobos? O seu exame seria uma revelação da alma do poeta, pela persistencia dos logares que o impressionaram. Poderia elle dizer como o cantor da *Marilia de Dirceo:*

São estes os sitios,
São estes, mas eu
O mesmo não sou...

A sua existencia foi devorada por uma paixão absoluta, mas os sitios avivam a nota

da tristeza pela sua estabilidade. Fallam do passado. De facto a Quinta dos Lobos existe e foi reconhecida, [1] coincidindo com os traços

---

[1] O professor Antonio Maria de Freitas (Nicoláo Florentino), que descobriu o precioso documento de 6 de maio de 1642, conseguiu em uma excursão a Cintra descortinar a Quinta dos Lobos. Em carta de 3 de março de 1895, escrevia-nos dando conta das suas pesquizas:

«A questão topographica tem custado bastante a resolver, sobretudo pelo que respeita á Quinta dos Lobos, que foi o principal theatro do drama. Se eu não désse com ella, apezar das transformações bem presumiveis por que devia ter passado através de cinco seculos, desalentaria de todo na continuação do meu pobre estudo. (Allude a um romance historico.)

Como v. foi quem nos insuflou, ao visconde (de Sanches de Baena) e a mim, uma verdadeira paixão por este thema, dispense-me por muito favor dois minutos da sua attenção.

«Depois de varias informações e pesquizas a que procedi, fomos hoje encontrar finalmente a propriedade em questão. Tudo converge n'uma harmonia admiravel para nos assegurar a sua authenticidade. O actual proprietario é o snr. Bernardo da Costa e Silva, auctor das *Viagens no Sertão do Amazonas;* adquiriu-a ha dois annos. Imagine v. a minha emoção, quando ao perguntar-lhe logo de entrada, se sabia alguma cousa ácerca da historia da Quinta e dos seus possuidores, elle respondeu que pouco sabia com certeza além de que o penultimo proprietario, antes d'elle a adquirir, fôra um José Soares *Zagalo*, que morrera em Paris para onde partira a tratar-se da saude que era muito percaria, vendendo então a Quinta.

«Ora para quem conhece a instituição do morgado de Martim Gil Lobo em 19 de novembro de 1424 no concelho de Cintra, e a sua passagem dos Lobos para os *Zagalos* pelo casamento da irmã de Martim Gil Lobo, Dona Brites (Affonso) com Gomes Martim Zagalo, continuando-se a successão na familia d'este, era essa a primeira indicação, e preciosissima, de que pi-

descriptivos da Novella, que alli foi vivida. Os primeiros annos da mocidade de Bernardim Ribeiro no retiro de Cintra podem ser

---

zavamos o palco da commovente tragedia dos amores de Bernardim Ribeiro.

«... fica no concelho de Cintra, cêrca de um kilometro a léste da estrada de Mafra, com a qual está ligada por meio de um ramal. A casa da Quinta é antiquissima e a maior d'aquelle valle pouco povoado, denominado *de Lobos*. Assenta sobre rocha, devendo a esta firmeza de solo o estar ainda de pé, posto que tambem as paredes sejam d'uma grossura extraordinaria e lhe hajam consagrado ultimamente bastantes cuidados de conservação.

. . . .

«A casa tem a frente voltada para o sul, e d'ella se desce a um ribeiro de agua de todo o anno, que serpeia a cousa de sessenta metros no fundo do valle por entre choupos e freixos. Chamam-lhe *rio de valle de Lobos*, cujo curso ninguem me soube precisar até elle perder-se no oceano... A margem direita, que fica do lado da casa é ainda hoje muito menos povoada de arvoredo; a opposta, porém, offerece bellas sombras que continuam por serranias acima cobertas de pinhal.

«Por estes rapidos traços descriptivos já vê v. como o sitio se vae ajustando á descripção que d'elle nos faz o poeta na *Menina e Moça*. Mas a mais bella e profundamente impressionante evocação do passado fere-nos ao subir a ondulação de montes que se estendem para norte da casa, elevando-se successivamente até um de grande altitude, no cêrro do qual ergueram um marco geodesico. É indescriptivel a paizagem que se gosa d'este monte mais alto de todos, como é intraduzivel o enxame tumultuario de impressões que nos assaltam. Ficamos isolados pelos fundos valles que o cingem de redor. Ao sul desenrola-se um cordão de serras, volteando um pouco para leste; para lá d'esta cordilheira alcança-se parte do valle do Tejo, e no ultimo plano as cristas creio que da Arrabida, recortadas no horisonte. Na frente desdobra-se uma ária consideravel de terra mais ou menos esparcelada que vae

conhecidos pelo que se passou na familia dos Zagalos. Pelo fallecimento do desembargador da Casa da Supplicação Antonio Alvares Za-

---

morrer nas faldas de Cintra, cuja serra nos intercepta parte de tão linda vista, e de ambos os lados a terra dilata-se até terminar no mar, que fica a umas quatro leguas do monte, em que estamos. Ainda é importante a porção do oceano que abrangemos com os olhos para sul, devido á curvatura das costas de Cintra e de Cascaes e á reintrancia da região meridional do Tejo. Escusado é dizer que se disfructa todo o movimento maritimo da barra de Lisboa.

«O que acabo de dizer a v. é para mim a prova mais viva, mais sentida e indiscutivel de que achei finalmente a Quinta dos Lobos, que, perdida n'uma garganta de serras se affigurou a Damião Ribeiro, como se me affigura hoje, o azylo mais seguro para sua mulher e filhos, tanto mais que n'esse ermo batiam os corações affectuosos e dedicados de Antonio Zagalo e de sua irmã D. Ignez.

«A denominação moderna não corresponde exactamente á antiga, que consta da instituição do morgado. Ha uma pequena modificação, talvez suggerida pela posição da casa na encosta septemtrional do valle, ou determinada por um d'estes caprichosos chrismas do povo que nos desnorteiam sobre a existencia e situação de tantos logares historicos. Não lhe chamam *Quînta dos Lobos*, mas *Quinta de Valle de Lobos;* e ainda ha outros em menor numero, felizmente para os abalados creditos do bom senso indigena, que lhe chamam *Quinta da Piedade* pela razão peregrina de que na parede oriental da casa ha um singelo quadro a azulejo, de época recente, que diz: «*Quinta de um devoto de N. S. da Piedade da Serra.*

«Como não contava com este precioso achado, só no proximo domingo poderemos levar quem tire photographias dos pontos principaes d'este sitio encantador.»

A este achado se refere tambem o snr. visconde de Sanches de Baena, no opusculo *Bernardim Ribeiro*, p. 47, Nota.

galo, passou o morgado de Cintra para seu irmão Alvaro Pires Zagalo, casado em Alcacer do Sal; D. Ignez Alvares Zagalo, que vivera com o irmão na Quinta dos Lobos, casou em Extremoz com um rico proprietario, Sancho Tavares, e para lá mudou a sua residencia. Apezar da Quinta passar para outro proprietario, alli se conservou a mãe do poeta até á morte de D. João II. Do casamento de Alvaro Pires Zagalo com sua prima D. Isabel de Sande, nasceram varios filhos, dos quaes é memorado na historia o Dr. Francisco Dias Zagalo, [1] e *Bastião* Dias Zagalo, que foi casado com *Ambrosia* Gonçalves, irmã de *Lucrecia* Gonçalves, da familia do Ribafria, que gosou do mais inexplicavel favoritismo do rei D. Manoel. Não é ocioso este facto, por que na Novella da *Menina e Moça* encontramos o anagramma d'estes nomes: *Tasbião* é casado com *Romabisa*, irmã de *Cruelcia*, e esta apaixona-se por *Narbinder* (primeiro anagramma de Bernardim, antes de conhecer *Aonia*.) D'estas duas irmãs fallase claramente na Novella: «Era *Cruelcia* uma de duas filhas a quem sua mãe mais que a si queria, e de boa fermosura. Mas *obrigou tanto este cavalleiro, com cousas que fez por*

---

[1] Lê-se no Cod. 407 da *Collecção pombalina:* jaz sepultado na egreja de Alcacere, e foy desembargador da Casa da Supplicação, e Elrei D. Manoel lhe deitou o habito de xp.º por prender ao Bispo do Algarve D. Fernando da Silva.» (Fl. 52.) Outros linhagistas collocam este facto sob D. João III. Na sua sepultura se lê: «Falleceu a 19 dias de novembro de 1553.»

elle, que o endividou todo nas obras. Não lhe deixou nada, tão só pera que lhe devesse a fermosura.

«Paresce que lhe quiz tamanho bem, que não sufria a tardança de o ir obrigando pouco a pouco: deu-se-lhe logo toda. Obrigou-o assi; mas não n'o namorou.

«Coitadas de as mulheres, que, por que vêem que as namoram os homens com obras, cuidam assi que se devem elles tambem de namorar! E é muito pelo contrario, que, aos homens, namoram-nos desdens e presumpções.» (P. I, cap. 13.) É pois *Lucrecia Gonçalves* a dama, que nos annos da adolescencia passados em Cintra se namorou do poeta; e fallando de *Cruelcia*, lê-se na sequencia do capitulo: «cá era da creação d'ella... e nunca lhe al elle dizia, se não que a havia de tomar em matrimonio; por que era de alto sangue, e herdava terras onde podia repousar os derradeiros dias da vida...» E no anterior capitulo, descrevendo o conflicto de dois amores, lê-se: «E, quando se lembrava do que a *Cruelcia* devia, parecia-lhe sem razão o deixal-a.» Na Ecloga II descreve tambem a lucta d'estes dois amores:

> Dentro do meu pensamento
> Ha tanta contrariedade
> Que sento contra o que sento,
> Vontade contra vontade.

Já vimos que o primo do poeta, Alvaro Pires Zagalo, que possuia a Quinta dos Lobos (como successor de seu irmão) era sogro

de *Ambrosia* Gonçalves *(Romabisa)*, casada com *Bastião* Dias Zagalo *(Tasbião)*; por estes factos se reconhece como Lucrecia Gonçalves, da creação de Bernardim Ribeiro, teve occasião de se apaixonar por elle e il-o *obrigando pouco a pouco: deu-se-lhe toda*. O pae d'estas duas damas era o pequeno lavrador do logar de Ribafria, em Cintra, que logrou os mais extraordinarios favores do rei D. Manoel; nomeou-o porteiro da camara real e alcaide-mór de Cintra. [1] Em um Ms. da *Collecção pombalina* ao fallar de Gaspar Gonçalves de Ribafria, vem: «natural de um logar junto a Cintra chamado Ribafria, que lhe serviu de appellido» e que o rei «o fez fidalgo de sua casa com outras mercês, *por que lhe teve grande affeição.*» [2] O motivo d'esta affeição foi o ter auxiliado o rei D. Manoel em intrigas amorosas, das quaes apparecem alguns fios na Novella da *Menina e Moça*,

---

[1] A esta noticia accrescenta o snr. visconde de Sanches de Baena em carta particular: «Em um velho Manuscripto que trata de *Reparos ás arvores genealogicas de Costados* do Theatro genealogico de D. Tivisco, referindo a do n.º 194, diz o seguinte:

=O 4.º avô de Antonio de Saldanha, era Gaspar Gonçalves Ribafria, que foi antes das occupações que teve de Porteiro da Cana e Mestre de dançar das Damas — moço de um forneiro em Cintra.=

«Pelo que se vê, o saloio era esperto — topava a tudo, e soube captar as sympathias de D. Manoel e D. João III, e estes utilisal-o nas suas intrigas amorosas...

«O Manuscripto de que tirei os referidos apontamentos foi presente que me fez ha já bastantes annos o Camillo Castello Branco.»

[2] Cod. n.º 396, fl. 64 e seg.

em que figura Fabudarão, anagramma da alcunha *Barão da Ufa*, dada ao recente fidalgo de Ribafria. Comprehende-se pois como se aparentasse com os Zagalos do morgado de Cintra, e pela convivencia na Quinta dos Lobos, Lucrecia Gonçalves se apaixonasse pelo poeta, cujo talento precoce se fazia já notado.

Na Ecloga *Aleixo*, de Sá de Miranda, o velho pastor *Sancho*, narrando como adoptára a pobre creança abandonada, põe em relevo a precocidade de Bernardim Ribeiro:

Un *lunes* por suerte estraña
(Niembra-me que lluviscava)
Io mi ganado urriava
Por el pie de la montaña.
Ende de una breña escura
A ventura
Una cabra vi perdida
Vi fuir a la espesura:
Tras ella di de corrida.

Que criava ende *un mozuelo*
Mas que digo? *un niño tierno;*
I, aunque ia no era invierno,
Ateri-me como un ielo.
Pero, que havia de hazer,
Si no ver
El cabo a los embarazos?
Era niño, al parecer
Saquélo fuera a mis brazos.

Vi lo envuelto en tales paños
(I cierto el niño era tal)
Que harto alli dezian mal;
I esto ha sus *diez i nueve años.*
Quien del tiempo no se vela,
Como vuela!
Parece que fué esto aier!
Uno puja, otro se asuela,
Nunca deja de correr.

Llevé el mozo a mi Teresa.
(Ella fue siempre qual és.)
Veislo que anda em quatro pies;
Veislo en dos se erje á la mesa;
Veislo que a maiores alcanza.
En crianza
En saber i ser lozano.
Ai! de una vana esperanza,
Al fin que queda en la mano?

Era locura pensar
Cosas que aun niño dezia.
Despues cantava i tañia
El caramillo sin par.
Sabia mas que el jurado
Bien jurado,
Aiudava a misa al crego...
Aunque este es mui mal usado
Seres con tu hijo ciego.

Pero en esto no me engano.
(Aunque es hijo en el amor)
Mal creran que un tal pastor
Ande tras el mi rebaño. [1]

Foi n'um domingo que o cadaver do duque de Vizeu esteve exposto na egreja de Santa Maria de Setubal; já então tinham fugido todos os seus creados, e é por isso que, no dizer da Ecloga, *(lunes)* logo na segunda feira, pelo desapparecimento de Damião Ribeiro foi recolhida a creança. D. Ignez Alvares Zagalo casou com Sancho Tavares, rico proprietario de Extremoz, e é o pastor *San-*

[1] *Poesias* de Sá de Miranda, p. 105 a 108. Ed. Mich.

cho que o acceita na familia como *hijo en el amor*. Vê-se que Sá de Miranda conhecia a historia dos primeiros annos do *seu amigo do Torrão*. Na Ecloga falla-se dos seus ditos conceituosos, de como tangia e cantava, e dava grandes esperanças. Fixada a edade do seu nascimento em 1482, como o aponta o documento judicial, vê-se que a referencia *ha dezanove annos* em que se dera a fuga de Damião Ribeiro em fins de 1484, nos fixa a data de 1503 ou 1504, em que Sancho Tavares viera para a côrte, quando sua mulher D. Ignez Zagalo foi chamada para ser ama da infanta D. Beatriz, e ao mesmo tempo em que Bernardim Ribeiro vem para cursar na Universidade de Lisboa. A saída de Bernardim Ribeiro do seu refugio de Cintra, e a protecção que lhe continuou sua prima D. Ignez Alvares Zagalo já casada com Sancho Tavares, ligam-se aos novos successos que actuaram sobre a mudança da dynastia. D. João II morreu em 25 de outubro de 1495; não podendo deixar o throno ao seu bastardo D. Jorge, e seguindo as indicações da rainha D. Leonor, nomeou por successor seu cunhado D. Manoel, irmão do assassinado duque de Vizeu. D. Manoel chamou os filhos do duque de Bragança e protegeu as familias perseguidas por causa da conspiração contra D. João II. É por este tempo que Bernardim Ribeiro, já com os seus quatorze annos regressa á sua casa do Torrão, e ahi se demora pelo menos até á edade dos vinte e um annos, em que vem definitivamente para a côrte de Lisboa; dil-o claramente na Ecloga II: «Agora hei *vinte e um annos.*» Foi n'esta

passagem do Torrão para a côrte de Lisboa, que elle abandonou o amor de *Cruelcia* (Lucrecia Gonçalves) por uma paixão invencivel por uma sua prima (*Joanna*, da Ecloga II; *Aonia*, da Novella.) N'esta mesma Ecloga precisa-se a época em que o poeta veiu para Lisboa:

Dizem que havia um pastor
Antre Tejo e Odiana,
Que era perdido de amor
Por uma moça *Joanna*.
Joanna patas guardava
Pela *Ribeira* do Tejo;
Seu pae *ácerca morava*,
E o pastor do Alemtejo
Era, e Jano se chamava.

Quando as fomes grandes foram,
Que o Alemtejo foi perdido,
Da aldeia, que chamam Torrão
Foi este pastor fugido.
Levava um pouco de gado
Que lhe ficou de outro muito
Que lhe morreu de cansado;
Que Alemtejo era enchuto
D'agoa e mui seco de prado.

Toda a terra foi perdida;
No campo do Tejo só
Achava o gado guarida;
Ver Alemtejo era um dó.
E Jano para salvar
O gado que lhe ficou
Foi esta terra buscar;
E se um cuidado levou,
Outro foi elle lá achar.

Ha aqui allusões historicas terminantes: como a sua naturalidade do *Torrão*, unanimemente reconhecida; o encontro de *Joanna* nos paços da Ribeira, e a permanencia do pae d'ella nos bens de Extremoz; sobretudo a allusão que tem sido mais caprichosamente interpretada é a das *fomes grandes* e peste do Alemtejo, facto capital para determinar duas datas essenciaes na biographia do poeta.

As fomes do Alemtejo foram, segundo o P.ᵉ Manoel da Fonseca, na *Evora gloriosa*, em 1494; vendia-se então o trigo pelo preço exorbitante de trinta réis o alqueire, e apenas o cidadão João Mendes Cicioso abriu os seus celleiros ao publico. A' *grande falta* de agua seguiu-se uma terrivel peste, d'onde resultou fugir a côrte de Evora para Lisboa. A maior peste de que se acha memoria n'este tempo foi a de 1496; e referindo-se á peste de 1480, o chronista Ruy de Pina, na *Chronica de D. Affonso V*, diz: «a qual em todo este reino durou bem *dezesseis annos*.» [1] Aqui temos a data de 1496, comprehendendo todas essas outras manifestações: as pestes de Evora, de 1482, da qual falla Garcia de Resende, [2] a de Coimbra, de 1485, [3] a de 1486, citada por Fr. Manoel da Esperança, [4] a de 1487, que memoram Resende e Fr. Fernando da Soledade, [5] a de 1489, citada pelo P.ᵉ Torquato

---

[1] *Ineditos da Academia*, t. I, p. 597.
[2] *Chr. de D. João II*, p. 37.
[3] *Accordam do Cabido de Coimbra*, fl. 92.
[4] *Hist. seraphica*, P. II, p. 547.
[5] *Hist. seraph.*, t. III, p. 415.

Peixoto de Azevedo, [1] são a mesma peste que rebentou em Evora em 1490, [2] a qual, segundo a phrase de Ruy de Pina, se continuou pelos annos de 1492, 1493 e 1495. Todos estes desastres prepararam as sêcas do Alemtejo; mas a recrudescencia de 1496 é que fez com que muitas familias emigrassem para Lisboa. Coincidia isto com o novo governo do rei D. Manoel, quando a rainha D. Isabel, D. Leonor, viuva de D. João II, e D. Beatriz, mãe do monarcha, chamada *a rainha velha*, se acharam reunidas:

Tres Raynhas adjuntadas
Vimos em Lixboa estar
Vinte outo annos socegadas,
Poucas vezes espalhadas
Se a *peste* dava logar. [3]

Na Ecloga II, Bernardim Ribeiro torna a referir-se a esta época, na phrase do pastor Franco:

Desejava vêr-te aqui,
Quando me contava alguem
A seca grande que ha ahi
Em Alemtejo, e porém
Não quizera vêr-te assi.

---

[1] *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães.* p. 352.
[2] Resende, *Chr. de D. João II*, p. 187, 188, 239, 241, 247, 271.
[3] Resende, *Miscellanea.* (Pag. 361.)

O rei D. Manoel emprehendeu em 1502 fazer uma peregrinação a San Thiago de Compostella, como devota preparação para iniciar uma cruzada contra os mouros; foi porém embaraçado pela peste, que no anno de 1503 recrudesceu por causa das continuadas chuvas, que apodreceram as sementeiras e aggravaram a crise da fome. Na Ecloga II refere-se Bernardim Ribeiro ao facto preponderante: «Quando *as fomes grandes* foram », que vieram complicar a situação em que desde 1496 estava o Alemtejo; foi n'este anno das *fomes grandes* que elle veiu para Lisboa, tendo effectivamente em 1503 vinte e um annos de edade:

> Agora *hei vinte e hum annos,*
> E nunca inda té-gora
> Me acorda de sentir danos
> Os d'este meu gado em fóra.
> E hoje, por caso estranho,
> Não sei em que hora aqui vim,
> Cobrei cuidado tamanho,
> Que aos outros todos poz fim;
> Eu mesmo a mim mesmo estranho.

E em outros versos da mesma Ecloga II, diz que lhe começava a despontar a barba:

> Vim a estes campos que vejo,
> . . . .
> A prophecia é cumprida
> Que me Pierio foi dar
> *Vendo-me a barba pungida.*
> (Não póde já longe vir
> Jano, aquisto te digo,
> *Vejo-te a barba pungir,*
> Olha como andas comtigo.)

É tambem n'esta data de 1503 que vem para a côrte D. Ignez Alvares Zagalo, casada com Sancho Tavares, encarregada de ser ama da infanta nascitura D. Beatriz. D'este casamento com o rico proprietario de Extremoz, tinha D. Ignez Alvares Zagalo os seguintes filhos:

— Manoel Tavares, (que veremos na Novella com o nome de *Lamentor*, anagramma formado da abreviatura Manoel Tr~);

— D. Isabel, (a *Belisa* da tragica aventura amorosa, que se conta na primeira parte da *Menina e Moça*);

— D. Joanna Tavares (a *Aonia* encantadora da Novella; a *Joanna* que é idealisada nas Eclogas);

— D. Maria Tavares, que casou com o Dr. João Rodrigues de Lucena, poeta dos serões manoelinos, cujos versos vêm no *Cancioneiro* de Resende, filho de Domingos de Lucena, 3.º filho do chanceller Vasco Fernandes de Lucena, e chanceller da Casa do Civel;

— D. Francisca Tavares, collaça da infanta D. Beatriz, que nasceu em 1504, viveu no paço como dama da rainha D. Maria, [1] e acompanhou em 1521 a infanta para Saboya.

Todos estes filhos de D. Ignez Zagalo se ligam á biographia de Bernardim Ribeiro e a esclarecem. Em 1504, D. Joanna Tavares Zagalo tinha os seus quatorze annos, como se lê na Novella: «E a senhora *Aonia*, que ainda então era donzella *d'antre treze ou quatorze*

[1] *Provas da Hist. geneal.*, t. II, p. 375.

annos, sem saber que cousa era bem querer...» (Cap. XIX.) Teria por tanto a menina nascido em 1490; o poeta ficou surprehendido com a belleza de sua prima, e arrebatado logo por uma fulminante paixão:

O dia que alli chegou
Com seu gado e com seu fato,
Com tudo se agasalhou
Em uma bicada de um mato.
E levando-o a pascer
O outro dia á *Ribeira,*
Joanna acertou de ir vêr
Que se andava pola ribeira
Do Tejo a flores colher.

Vestido branco trazia,
Um pouco affrontada andava;
Fermosa bem parecia
Aos olhos de quem na olhava.

N'esta Ecloga II já Bernardim descreve o conflicto dos dois amores no seu espirito: «Vontade contra vontade.» Desprezará *Cruelcia* (D. Lucrecia Gonçalves) por *Aonia* (D. Joanna Tavares Zagalo)? Na *Menina e Moça* escreve: «Tinham-no assi entre ambas, fermosura e obrigação, a vêr quem o levaria; mas por derradeiro, poude mais a de mais perto, — fôra vencida a obrigação, como cousa que lhe não vinha de dereito o pago no amor; e vencera a fermosura, como quem de só o amor se pagava.» (Cap. XII.) D'este desdem por D. Lucrecia Gonçalves grandes amarguras tinham de resultar para o poeta:

Vim a estes campos, que vejo,
Por dar vida a este meu gado,
Vi *acabado um desejo,*
Outro maior começado.
A's minhas vacas dei vida
E a mim a fui tirar;
A prophecia é cumprida
Que me Pierio foi dar
Vendo-me a barba pungida.

Quem seja este Pierio, não o sabemos; talvez o gracioso poeta palaciano Pero de Sousa Ribeiro, conforme o verso: «E dizem que é dado a amores.» A prophecia antecipa-nos o quadro dos futuros desgostos:

Vejo-te, (disse elle) Jano,
Dos bens do mundo abastado,
Mas contando anno e anno
Fico de todo cortado.
Vejo-te cá pola edade
De ũa nuvem negra cercado,
Vejo-te sem liberdade,
De tua terra desterrado
E mais de tua vontade.

Em terra que inda não viste,
Polo que n'ella hasde vêr,
Vejo-te o coração triste
Pera em dias que viver;
Hasde morrer de uma dôr
De que agora andas bem fóra,
Por isso vive em temor,
Que não sabe homem aquella hora
Em que lhe hade vir o amor.

. . . .

Por cobrares a fazenda
A ti mesmo perderás;
Perda que não tem emenda
Depois quando o saberás;

Nos campos de uma Ribeira
Onde valles ha a lugares,
Te está guardada a primeira
Causa d'estes teus pesares;
N'outra parte a derradeira.

Geitos em cousas pequenas,
Louros cabellos ondados,
Porão pera sempre em penas
A ti e a teus cuidados.
Fallas cheias de desdem,
De presumpção cheias d'ellas,
Cousas que outras causas tem
Te causarão as querellas
De que morrer te convem.

Na Novella da *Menina e Moça* (cap. XIV) ao substituir o anagramma de *Narbindel*, com que amára *Cruelcia*, pelo de *Bimnarder* com que encobria a sua paixão por *Aonia*, allude a funestos presagios: «Mas lembrando-lhe n'isto que n'outro tempo lhe dissera um adivinhador, que quando elle *mudasse a vida e o nome*, seria para sempre triste, ficou um pouco mais cuidoso; mas, tornando logo fazer menos conta d'aquellas cousas como incertas, e comtudo não querendo ir de todo de encontro contra ellas, por outras muitas que tinha ouvidas, cuidou em *trocar as letras do seu nome*. De maneira que assim o não mudaria, nem tentaria os fados.» A mudança de vida significa aqui a sua entrada nos estudos da Universidade de Lisboa. Pela Novella se vê que *Enis* (anagramma de D. Ignez Alvares Zagalo, mãe de D. Joanna Tavares) não contrariava os amores por *Aonia*. No documento judicial de 1642, explica-se a pro-

tecção régia que D. Ignez Alvares Zagalo conseguiu para Bernardim Ribeiro: «sendo fallecido El rei D. João e succedendo-lhe El rei D. Manoel, *por mercê a D. Ines*, que depois foi ama da Senhora D. Brites, duqueza de Saboya, lhe fez muitos *favores e accrescentamentos de fortuna*, e tomou o referido Bernardim sob sua real guarda, e o mandou cursar os estudos na Universidade, donde sahio com o gráo de Bacharel em leys.

«A doação que de Sua Alteza recebeu por essa occasião das Terras e Azenha dos Ferreiros com seus termos... o termo da dita doação, feita no anno de 1505... declara mui formalmente que no caso do agraciado não haver filhos legitimos, que os bens passem a esta Serenissima Casa (de Bragança)...»

D. Manoel acabava de reformar a Universidade de Lisboa, dando-lhe novos paços das Escholas, Estatutos e augmento de salario aos lentes; a doação a Bernardim Ribeiro era para attrahil-o á frequencia da Universidade. De facto a inscripção do seu nome na matricula da Universidade de Lisboa, a começar em 1507, e a sua assignatura em varias eleições escholares não deixam margem á confusão com qualquer dos seus homonymos, e authentíca a verdade dos factos consignados no documento judicial de 1642.

Escreve D. José Pessanha na edição da Novella, de 1891: «Depois de Faria e Sousa, todos os biographos de Bernardim Ribeiro o têm dado como *jurista*. Effectivamente, segundo uns apontamentos que devo aos snrs. Gabriel Pereira e dr. Augusto Mendes Simões de Castro, cursava a Universidade de Lisboa,

pelos annos de 1507 a 1511 ou 1512, um estudante de nome *Bernaldim Ribeiro*. Talvez que esse estudante seja o individuo de egual nome, que em 1524 foi nomeado escrivão da camara de D. João III. — O nome de *Bernaldim Ribeiro* apparece no *Livro primeiro da Universidade de Lisboa*, a fls. 28, 53, 79, 92, 107 v., 108 v. e 111 v.» [1] Não existe o Livro da Chancellaria de D. Manoel em que devia estar registada a doação a Bernardim Ribeiro em 1505; como muitos outros livros saíu do Archivo da Torre do Tombo para ir authenticar interesses particulares no cartorio de alguma familia privilegiada. Quando, por occasião do terremoto de 1755 ardeu a Chancellaria menor da Casa de Bragança, teve-se de reparar muitas faltas com os authenticos da Torre do Tombo; é natural que essa doação ahi se guarde junta ao processo, que em 1552 se pleiteou «que então correu e *que existe no Archivo da Serenissima Casa*» como se declara no documento judicial de 1642. Faria e Sousa, que publicava a sua *Fuente de Aganipe o Rimas varias* dois annos depois do processo sustentado pelo capitão Francisco Ribeiro, repete o facto a esse tempo conhecido: «Era naturál de la villa del Torram, hidalgo de nascimento i *jurista de professiõ*.» [2] Foi na intimidade das escholas, emquanto frequentava a Universidade de Lisboa, que Bernardim Ribeiro contrahiu a pro-

---

[1] *Ed. cit.*, p. 248. — Da Universidade de Lisboa restam apenas trez volumes a começar em 1506.

[2] Parte I, *Discurso de los Sonetos*, n.º 4.

funda amisade que sempre manteve com Sá de Miranda. Tornou-o o confidente dos seus amores com D. Joanna Tavares Zagalo, como se vê na Ecloga II, em que figura com o nome de *Franco de Sandovir*. Eram quasi da mesma edade; [1] Sá de Miranda tambem tinha com elle expansões fervorosas ácerca do seu amor por *Celia*, ou D. Isabel Freire:

> Este era *aquelle pastor*
> (A quem *Celia* muito amou,
> Nimpha de grande primor)
> *Que em Mondego se banhou*
> *E que cantava melhor.*

E n'esta mesma Ecloga II explica como já fóra das Escholas continuaram a sua intimidade:

> *De outro tempo conhecidos,*
> Estes dois pastores eram
> *De extranhas terras nascidos,*
> Não no bem que se quizeram.

Na dolencia do seu exaltado amor, *Jano* (Bernardim Ribeiro) pede a *Franco* o allivio da poesia:

---

[1] Sá de Miranda nasceu em 1485, quando D. João II começou a *governar a todos sem ser governado por ninguem,* conforme um dito memoravel, alludindo a ter vencido as conjurações da nobreza. Corrige-se assim o equivoco de D. Gonçalo Coutinho que o dá nascido quando D. Manoel começou a reinar, em 1495.

Canta, Franco, alguma cousa,
Ama a musica a tristeza;
Veremos se me repousa
Onde a magoa tem firmeza.
(Disse Franco): Certamente
Cantarei pola vontade
Te fazer, como a doente,
Inda, Jano, que á verdade,
A minha é chorar sómente.

Já deixamos esboçada na vida de Sá de Miranda a situação dos seus desolados amores por D. Isabel Freire; tambem elle nos seus versos falla com grande enternecimento de Bernardim Ribeiro. Ambos frequentaram os serões afamados da côrte manoelina, quando ahi trovavam D. João de Menezes, D. João Manoel, D. Luiz da Silveira, o conde de Vimioso. Como primo de D. Ignez Alvares Zagalo, o poeta, formado em leis depois de 1512, frequentava esses serões. Florescia na côrte, pela sua belleza e preponderancia a celebrada D. Leonor de Mascarenhas, dama da rainha D. Maria, e espirituosa poetisa. Bernardim Ribeiro, ainda seu parente, e Sá de Miranda collaboraram ambos em um *Dialogo que mandaram os Fidalgos ás Damas*. E tomando as palavras finaes da sextilha: «*Respondeu a Senhora Dona Lianor de Mascarenhas:*

Uma cousa cuidava eu
Que não sou pera estas cousas,
Rasão fôra não cuidar
Em tão sem rasão cuidados,
Pois heide soffrer a outrem
Culpas que não tem perdão.

«*Replicou Bernaldim Ribeyro:*

A mim me heide tornar eu
Para vingar muitas cousas
Que não são pera cuidar,
Foram pera dar cuidado.
Seja minha a culpa de outrem
Que assi val mais que o perdão.

Quando Sá de Miranda colligiu estes versos nos cadernos que mandou ao princepe D. João passados quarenta annos, ao lembrar-se do talento poetico e da graça de D. Leonor de Mascarenhas, justifica-se: «*polo dela que é cousa rara pus aqui isto por que se veja que tamben Portugal teve a sua Marqueza de Pescara.*» Sá de Miranda escreveu esta sigla marginal sob a impressão do deslumbramento que lhe deixára Victoria Colonna, quando elle esteve na Italia. No *Cancioneiro geral*, de Garcia de Resende, encontramos esta mesma D. Leonor de Mascarenhas dando o mote: *Oh vida desesperada*, glosado por D. João de Menezes; [1] d'esta dama escrevia Fernão da Silveira, fingindo-se morto:

Mascarenhas Lyanor
que tanto senhora minha
soía ser,
dirá: Sento gram dor,
morredes-me tam asinha
sem vos vêr... [2]

---

[1] *Canc. ger.*, t. I, p. 110.
[2] *Ibid.*, t. II, p. 14.

Desaggravando as damas d'este mote de Fernão da Silveira, e por parte da poetisa, escreveu D. João de Menezes:

Dona Lyanor Mascarenhas
dizia por vós chorando:
morte fera,
vem por mim, não te detenhas,
pois o não fizeste quando
eu quizera. [1]

No *Cancioneiro* de Resende encontra-se entre os apodos, um com esta rubrica: «*Despedimento dos servidores da senhora D. Leonor de Mascarenhas, por que disse que se lhe tornaram cornizolos.*» [2] Os poetas que deixaram de galantear a gentil dama foram Affonso Valente, D. João de Sousa, Jorge de Aguiar, Ruy Gomes da Gram e Affonso de Aboim. Achamo-nos no momento mais fulgurante dos serões do paço, em que desabrocha o talento poetico de Bernardim Ribeiro; *os Serões de Portugal — tam fallados no mundo*, como com saudade os recordava Sá de Miranda, em uma Carta a D. Fernando de Menezes. Os poetas que andavam nas expedições e conquistas de além-mar, escreviam para os amigos perguntando com interesse por novas dos serões do paço; ao capitão da Mina, Manoel de Goyos, escrevia Garcia de Resende dando-lhe conta das damas e das

[1] *Ibid.*, t. II, p. 18.
[2] *Ibid.*, t. III, p. 190.

suas intrigas galantes no serão. [1] Um dos mais afamados galanteadores do *serão* era o velho embaixador Pero de Sousa Ribeiro, e por isso mesmo ahi muito apodado:

> No *serão* e no terreiro
> lhe vi tanto por inteiro
> d'estes seus jogos usar,
> que se deve bem trovar
> Pero de Sousa Ribeiro. [2]

Na citada Carta de Sá de Miranda, são lembrados os bons motes de D. João Manoel, o Camareiro-mór, e de D. João de Menezes, de quem escrevia Ayres Telles de Menezes, mandando uma trova ao conde de Vimioso «*um dia que fallou á senhora Dona Joanna Manoel, n'um serão da quaresma:*»

> Oh que ditoso fallar
> foi o vosso no serão,
> ó que boa confissão
> pera s'a moça confessar,
> mas vós nam.
> *Oh alma de Dom João,*
> lá onde quer que estás
> quanta pena que terás. [3]

O conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal, era tambem dos mais afamados poetas

---

[1] *Ibid.*, t. III, p. 574.
[2] *Ibid.*, t. III, p. 223.
[3] *Ibid.*, t. III, p. 441.

dos serões do paço; filho do bispo de Evora, D. Affonso de Portugal, e de uma tal Philippa Macedo, D. Manoel concedeu-lhe o titulo de conde em 1515. Casou em primeiras nupcias com D. Brites de Vilhena, filha de Ruy Telles de Menezes; o seu segundo casamento foi determinado pelo rei D. Manoel com D. Joanna de Vilhena, sua prima, por isso que era bisneto do duque de Bragança. Antes d'este casamento, escrevia Garcia de Resende ácerca dos serões nos paços de Almeirim:

> Uma de sangue real
> que se criou em Castella,
> sendo nossa natural,
> nam anda ninguem com ella,
> nem casa em Portugal.
> Faz mesuras de cabeça,
> nam acha quem lhe mereça
> mesura d'outra feição,
> senão primo com irmão,
> ou outrem que o pareça. [1]

Referia-se Resende a ter vivido D. Joanna de Vilhena nos paços dos reis catholicos em Barcellona, durante o tempo que o pae esteve alli refugiado por causa da conspiração de seu irmão o duque de Bragança, D. Fernando II. Quando D. Manoel subiu ao throno, é que seu tio D. Alvaro de Portugal pôde regressar á patria, e sua filha D. Joanna de Vilhena veiu por camareira de D. Isabel, viuva do princepe D. Affonso, desposada com

---

[1] *Ibid.*, t. III, p. 576.

o novo monarcha. O conde de Vimioso metrificava com desenfado nas intrigas e galanteios dos serões, como se vê pelas seguintes rubricas: «*Cantiga sua que fez a uma moça de sua dama, que se chamava Esperança, e elle a não podia vêr.*» [1] — «*Do conde de Vimioso a Manoel de Goyos, não querendo sua dama que a elle servisse.*» [2] — «*Outra sua, vendo uma mulher a quem quizera bem, em quem outrem tinha poder, havendo muito que a tinha esquecida.*» [3] — «*Do conde de Vimioso a uma senhora que em um serão poz os olhos n'um homem.*» [4]

Em umas trovas que compoz Garcia de Resende: «*por mandado d'Elrei... para um joguo de cartas se jogar no serão*» fazendo o deslouvor das damas, traz o remoque:

> Para vós não he *serão*,
> dança, nem baylo mourisco... [5]

[1] *Ibid.*, t. II, p. 142.

[2] *Ibid.*, t. II, p. 150. — Manoel de Goyos, capitão da Mina, tambem poeta, era filho de Estevão de Goyos, alcaide-mór de Mértola, e de D. Isabel de Athayde. Casou com Leonor Falcão, sobrinha de Garcia de Resende.

[3] *Ibid.*, t. II, p. 143.

[4] *Ibid.*, t. II, p. 593. — Foi Vedor da Fazenda de D. João III, e do seu conselho; Camareiro-mór d[o] princepe D. João; senhor de Aguiar da Beira, alcaide-mór de Vimioso e commendador de Calvedo na Ordem de Christo. Seu filho *D. Manoel de Portugal*, poeta da Eschola italiana, foi discipulo de Sá de Miranda e amigo de Camões. — Morreu o conde em 1549.

[5] *Ibid.*, t. III, p. 659.

No deslouvor dos homens fere-os tambem com o achaque de não saberem figurar n'um serão:

> De mula e de cavallo,
> no terreiro, e no *serão*,
> sois tão fóra de feição
> que eu já não posso calal-o.
>
> Porque vindes ao *serão*
> por que vos meteis na dança,
> pois que para cortesão
> andaes mui longe de França.

N'uma Satyra contra Garcia de Resende, Affonso Valente compara-o á parte comica dos serões:

> Bentas sejam de Balam
> as fadas que vos fadaram,
> as tetas que vos criaram,
> que assi vos empetrinaram
> para *Momo do serão.* [1]

As damas, que eram mais servidas de cantigas e tenções nos serões da côrte, que davam motes aos cavalleiros, suscitavam os apodos e sentenciavam nas questões de amor, eram principalmente, D. Leonor da Silva, D. Camilla de Sá, D. Margarida de Mendonça, D. Guiomar de Menezes, D. Maria Ma-

[1] *Ibid.*, t. III, p. 643.

noel, as filhas do Conde-Prior, [1] D. Maria Henriques, D. Joanna de Mendonça, D. Joanna Manoel, Calataud, a Figueiró, D. Mecia da Silveira, D. Maria de Menezes, D. Mecia de Tavora, D. Joanna de Vilhena. Na farça do *Velho da Horta*, representada em um serão do paço em 1512, cita Gil Vicente as damas presentes, D. Maria Henriques, D. Joanna de Mendonça, D. Catherina de Figueiredo, D. Joanna Manoel, D. Maria Calataud, D. Beatriz de Sá, D. Beatriz da Silva, D. Margarida de Sousa, D. Violante de Lima, D. Isabel de Abreu, D. Mecia de Athayde e D. Joanna d'Eça. [2] Tal era o esplendor dos serões, que os poetas sentiam-se exaltados n'essa atmosphera. O afamado capitão de Çafim e de Azamor, Gonçalo Mendes Çacoto, de quem diz Damião de Goes, que não tinha que lhe invejar Duarte Pacheco «por que tam pobre e com tam pouca medrança morreu um como o outro,» escreveu uma excellente Satyra «*a uma dama, que ia para o paço e pedia-lhe alguma instrucção do costume d'elle.*» Dá-lhe conselhos o experimentado guerreiro:

---

[1] O *Conde-Prior* é D. João de Menezes, mordomo-mór do rei D. Manoel, que lhe deu o Grão-Priorado do Crato (vago pelo fallecimento de D. Diogo Fernandes de Almeida em 13 de maio de 1508) e o fez tambem conde de Tarouca. Figura como poeta no *Cancioneiro* de Resende. Era casado com D. Joanna de Vilhena, da casa de Unhão.

[2] *Obras*, t. III, p. 81.

Estas cousas hade ter
no paço a gentil dama:
dormir já muito na cama,
por que a possam menos vêr.
Vir á missa muito tarde,
muito tarde ao *serão,*
por que faz mais saudade
e não parece livindade
ante quantos ali estam.

. . . .

Bem escrever, bem fallar,
motejar e saber rir,
bem dançar e bem bailar,
as cousas que são de olhar
sabel-as mui bem sentir...

Quando tiver nos *serãos*
algum parente ou amigo,
inda que sejam mui sãos,
tenham fóra quatro mãos,
pôr trez é grande perigo... [1]

O poeta Duarte da Gama conhece a desenvoltura que ha debaixo d'esta galanteria, e pinta-a em umas trovas «*ás desordens que agora se costumam em Portugal:*»

Outros querem yr andar
na côrte sendo casados,
e se fazem desterrados
d'onde deviam de estar;
Outros se querem vender
qu'andam com damas de amores,
que nam são merecedores
de as vêr.

---

[1] *Canc. geral,* t. II, p. 522.

As donas por competir
em terem cousas de Frandes,
as fazendas muito grandes
querem fazer destruir.
As donzellas e lavores
a ysso tambem lhe ajudam:
não sei por que não se mudam
taes errores.

Os desvairados vestidos
que se mudam cada dia,
nam vejo nenhuma via
para serem comedidos.
Que se um galante traz
um vestido que elle córte,
qualquer homem d'outra sorte
outro traz. [1]

Nos versos de João Affonso de Aveiro relata-se a immensa despeza que os galantes faziam com as damas do paço; era costume offerecer-lhes mulas ajaezadas para passearem:

Damas querem mil arreos,
antretalhos e brocados,
estribos, copos e freios
esmaltados e dourados.
Querem novas bordaduras
d'envenções entretalhadas,
e outras cem mil doçuras
de mulas guarnamentadas.

E isto por vaidade
que se faz em Portugal,
seria mais caridade
em esmolas ou em al.

---

[1] *Ibid.*, t. II, p. 511.

As despezas que se fazem
com estas damas mijôas,
que se mulas lhe não trazem
escarnecem as pessoas. [1]

As intrigas amorosas desvairavam os melhores espiritos, e animavam intensamente os serões. O rei D. Manoel, faustoso até á loucura, dava ás aventuras amorosas o intuito da sensualidade, em que era ajudado por Gaspar Gonçalves de Ribafria, saloio obscuro de Cintra, que elle nobilitou. Fez-se valer na côrte por *Mestre de Dançar das Damas*, e preparava ao monarcha venturoso o retiro para essas intrigas. [2] Na sala dos paços de Cintra já em 1510 figura o brazão de Ribafria; este nome *de Ribãfria* deu logar á alcunha sarcastica dos seus contemporaneos, que anagrammaram o nome em *Barã d'Ufa;* e Bernardim Ribeiro fez d'este anagramma outro anagramma, *Fabudarão*, que tem raptada *Belisa*, a qual depois morrera de parto, segundo se conta na primeira parte da *Menina e Moça*. O editor d'esta Novella, que se dava por bisneto de um *primo-coirmão* de Bernardim Ribeiro, escrevia em 1645: «O assumpto d'este livro *são amores do paço*

[1] *Ibid.*, t. II, p. 482.

[2] Em uma indicação do snr. visconde de Sanches de Baena encontrámos: «Ha já bastantes annos que li n'um velho Manuscripto, sem lhe ligar importancia: *que o rei D. Manoel tivera uma filha n'uma dama alemtejana, a qual veiu morrer a Cintra. A filha que o dito rei houve na tal dama, foi mandada pelo mesmo rei e pae para o convento de Odivellas*...»

d'aquella idade, e historias que verdadeiramente aconteceram disfarçadas debaixo de cavallerias, que era o que n'aquelle tempo se usava escrever.» Seriam ainda conhecidas as aventuras escandalosas allegorisadas na Novella; se *Fabudarão* é o *Barão d'Ufa*, esse Gaspar Gonçalves *de Ribafria*, o irmão da *Cruelcia* da Novella (Lucrecia Gonçalves) que amou a Bernardim Ribeiro, então o poeta conhecia bem de perto a *dama alemtejana* que *morreu de parto* em Cintra, a *Belisa*, irmã de *Aonia*. D. Isabel Tavares Zagalo, irmã mais velha de D. Joanna Tavares, traz nas genealogias a nota: «de quem se ignora o destino que teve.» Assim se explica o grande valimento que teve no paço a ama da infanta D. Beatriz, D. Ignez Alvares Zagalo, e como protegendo ella Bernardim Ribeiro e não contrariando os amores de sua filha D. Joanna com o poeta, obedecera a uma vontade superior casando-a com outro homem. Não seria a vingança de *Cruelcia* (Lucrecia Gonçalves) influindo por via de seu irmão no animo do rei, de quem era porteiro da camara e favorito? Na interpretação da *Menina e Moça* explanaremos estas indicações. D. Manoel continuou nas suas aventuras, acabando pelo rapto da namorada de seu filho o princepe D. João (III), a irmã de Carlos V, que fez sua terceira mulher. Muitos cavalleiros seguiram o partido do princepe, taes como os poetas D. Luiz da Silveira, Sá de Miranda, e outros seguiram a parcialidade do velho monarcha, como o poeta D. Francisco de Portugal. Ter um drama amoroso na vida era uma condição de superioridade e nobreza; o proprio

Antonio Carneiro, o exacto e activo escrivão da puridade, tambem teve a sua aventura, que lhe mereceu o titulo perpetuo de *Capitão da Ilha do Princepe;* lê-se em um Manuscripto da *Collecção pombalina:* «foi preso e degradado para a ilha do Princepe pera sempre *por haver casado a furto* no paço com huma dama da rainha D. Leonor; mas depois foi restituido pela muita falta que sua ausencia fazia nos negocios e governo d'este reino. Casou com D. Brites de Alcaçova, filha de Pero d'Alcaçova, escrivão da Fazenda de D. Affonso 5.º e del rei D. João o 2.º — foi muito honrado e muito estimado dos reis: foi secretario del rei D. Manoel, e del rei D. João o 3.º; capitão da ilha do Princepe...» [1] Os casamentos clandestinos eram tambem uma fonte de aventuras galantes, e de terriveis tragedias, como a do marquez de Torres Novas, neto de D. João II, com D. Guiomar Coutinho, a mais rica herdeira de Portugal, raptada por D. Manoel para seu filho o infante D. Fernando. E que diremos d'esses amores ligados por um *casamento a furto* de Christovam Falcão e D. Maria Brandão, amores cantados na Ecloga *Crisfal,* e cuja desgraça tambem Bernardim Ribeiro celebra sentidamente na sua Ecloga I. Temos por este tempo a lenda amorosa de um Gabriel Ribeiro, castelhano, natural de Arevalo, que servia no paço de Castella e se namorou de D. Francisca de Salazar, da Casa d'este titulo; fugiram os dois para Portugal e viveram

---

[1] *Ms.* 421, fl. 11. Bibl. nac.

na serra do Gavião, perto do Sardoal; quando D. João III casou com D. Catherina, foram lançar-se-lhes aos pés, sendo logo desposados na egreja da Magdalena, em Lisboa, recebendo varias mercês régias. [1] É tambem extraordinaria a aventura da vinda a Portugal de D. Rodrigo Ponce de Leon, terceiro duque de Arcos, que veiu buscar a Odivellas D. Philippa Henriques, só pela fama da sua formosura. Garcia de Resende descreve este facto que hallucinou as damas da côrte:

E vimos de que maneira
O Duque d'Arcos casou
Com moça pobre, estrangeira,
Estando já quasi freira
De Odivellas a tirou.
Sem a vêr, nem conhecer,
Nem fallar, nem escrever,
Nem ter mais que ser boa,
Vem por ella a Lisboa,
Sem ella mesmo o saber.

Tomou assi esta empreza
Por vontade ou devoçam
De modo que em conclusam
Foi assi feita Duqueza,
Sem sabermos a razam.
Elle a Elrei a mão beijou,
E com elle só fallou,
Foi d'Elrei bem recebido,
Com grande honra despedido
Ricas joyas lhe mandou. [2]

---

[1] *Coll. Pomb.*, Ms. 396, fl. 352.
[2] *Miscellanea*, fl. 172 *v*. Ed. 1554.

Não admira que n'esta atmosphera ardente da paixão, em que desvairou o velho Mestre de San Thiago, a poesia lyrica attingisse a mais alta expressão nas Eclogas de Bernardim Ribeiro, e no *Crisfal* e Cantigas de Christovam Falcão. Toda a eloquencia amorosa dos grandes lyricos hespanhóes, Mancias, Juan Rodrigues del Padron e Garci-Sánchez de Badajoz, não alcançou esta verdade e sublimidade. Nos seus amores, Bernardim Ribeiro viu-se logo no começo: «De uma nuvem negra cercado», como diz na Ecloga II; essa nuvem era a collisão entre Lucrecia Gonçalves de Ribafria, que o obrigára com favores precoces, e Joanna Tavares Zagalo, sua formosa prima, na ingenuidade dos quatorze annos. O poeta teve de justificar á graciosa *Aonia* a legitimidade da sua paixão; e em umas encantadoras Voltas, diz:

Não sam casado, senhora,
Que inda que dei a mão
Não casei o coração.

Antes que vos conhecesse
Sem errar contra vós nada,
Uma só mão fiz casada,
Sem que mais n'isso metesse.
Dou-lhe que ella se perdesse,
Solteiros e vossos são
Os olhos e o coração.

Dizem que o bom casamento
Se hade fazer de vontade;
Eu a vós a liberdade
Vos dei, e o pensamento.
N'isto soo me achei contente,
Que se a outrem dei a mão,
Dei a vós o coração.

Como, senhora, vos vi,
Sem palavras de presente
Na alma vos recebi,
Onde estareis para sempre.
Não de palavra sómente
Não fiz mais que dar a mão,
Guardando-vos o coração.

Casei-me com meu cuidado
E com vosso desejar;
Senhora, não sam casado,
Não m'o queiraes acuitar.
Que servir-vos e amar
Me nasceu do coração
Que tendes em vossa mão.

O casar não fez mudança
Em meu antiguo cuidado,
Nem me negou esperança
Do galardão esperado:
Não me engeiteis por casado,
Que se a outrem dei a mão,
Dei a vós o coração. [1]

No *Cancioneiro geral*, de Garcia de Resende, cuja impressão começada em Almeirim terminou em Lisboa em 28 de setembro de 1516, acham-se algumas das poesias lyricas de Bernardim Ribeiro que mais encantaram os serões do paço. Pela disposição d'ellas vê-se que Resende obteve-as de mão extranha, por que umas acham-se a fl. 192 *v.* e

[1] Vem na ed. de Colonia, de 1559, a fl. CXXXII, depois das Eclogas. Foi transcripta por Bouterweck, na *Hist. da Litteratura portugueza*, p. 30 (ed. ingleza) e d'ahi copiada com erros para a edição de 1852, p. 375.

outras a fl. 211; n'este segundo grupo entram trez composições que na edição de Colonia de 1559 figuram no texto poetico de Christovam Falcão. D'aqui se infere, que já em 1516 estava Bernardim Ribeiro em relações com Christovam Falcão, porém não tratára ainda a fórma pastoril da Ecloga; eram mutuos confidentes de amores, e communicavam entre si os seus versos. Aquelles que Garcia de Resende colligiu já se destacavam da banalidade usual do estylo de Cancioneiro pelo ardor da paixão. Bernardim Ribeiro conhecia os versos de Garci-Sánchez de Badajoz, cuja catastrophe da loucura de amores por uma prima esquiva não deixaria de impressional-o. A' imitação de Garci-Sánchez, que traduzia ou parodiava os cantos dos officios divinos em desvairadas canções amorosas, tambem o vemos seguir essa corrente, que tanto agradou na côrte; são eloquentes as coplas: «*De Bernaldim Ribeiro a huma mulher que servia, e vam todas sobre* MEMENTO:

Lembre-vos, quam sem mudança,
senhora, he meu querer,
perdida toda esperança;
e de mym vossa lembrança
nunca se pode esquecer.
Lembre-vos, quam sem por quê
desconhecido me vejo;
e comtudo minha fee
sempre com vossa merçê
com mays creçido desejo.

Lembre-vos, que se passaram
muitos tempos, muitos dias,
todos meus bens se acabaram,
comtudo nunca mudaram
querer-vos minhas porfias.

Lembre-vos quanta rezam
tive pera esquecer-vos,
e sempre meu coraçam
quanto menos galardam
tanto mays firme em querer-vos.

Todas as estrophes d'este *Memento* exprimem do modo mais pungente uma situação terrivel, em que a amada do poeta se esquecia do passado; não dá porém ainda a entender que ella ia casar com outrem. O retrahimento da mulher *que servia* dá-lhe uma impressão de morte, que o leva a entoar *Memento:*

Lembre-vos tempo passado
nam por que de lembrar seja,
mas vereis quam magoado
devo de ser co' cuidado
do que minha alma deseja.

. . . .

Lembre-vos, que vosso amor
m'ha, senhora, de acabar,
poys com tanto desfavor
nunca ora minha dor
de vós me póde apartar... [1]

Pessoa poderosa tratava então de arranjar casamento para D. Joanna Tavares Zagalo, para afastal-a da paixão do primo e assim dar satisfação a Lucrecia Gonçalves Ribafria. O poeta via aproximar-se a desgraça, e lembrando-se do terceto de Dante (*Inferno*, canto V):

---

[1] *Canc. ger.*, t. III, p. 389.

... nessun maggior dolore
Che ricordarsi dei tempi felici
Nella miseria ...

applicava-o á sua completa ruina moral:

Nunca foi mal nenhum mór,
Nem n'o ha hi nos amores
Que a lembrança do favor
No tempo dos desfavores. [1]

Revela-nos esta imitação o momento em que Bernardim Ribeiro começava a fazer a alliança da poetica hespanhola, das Cantigas, Voltas, Esparsas, Villancetes e Glosas de Romances, que como fidalgo seguia nos galanteios da côrte, com o lyrismo italiano que admirava como erudito. As poesias d'esta segunda phase só muito tarde é que foram escriptas para comprazer com Sá de Miranda; as da primeira, propriamente da *medida velha*, foram em parte colligidas por Garcia de Resende, por que só depois de 1516 é que Bernardim Ribeiro, pela intimidade com Christovam Falcão, cultivou o bucolismo. No *Cancioneiro geral*, vem duas estrophes: «*De Bernardim Ribeiro a huma senhora que se vestiu de amarello,*» que differem na primeira quadra do texto de Christovam Falcão:

---

[1] *Ibid.*. p. 392.

'Té'qui me pud'enganar,
mas agora que podeys
trazel-a côr do pesar,
pera mim soo a trazeis. [1]

. . . .

Mas isto vae d'aquella arte,
quando s'antre montes brada,
ho tom he em huma parte,
em outro he a pancada.
Assi foi, que a minha dôr
mostrou em vós o sinal,
por que ao menos na côr
vos lembrasseis do meu mal. [2]

Ia-se definindo a situação irremediavel, e a propria namorada confessava-lhe por esse symbolismo das côres o seu intimo desespero. O poeta escreveu esta outra Cantiga, que se acha no grupo das de Christovam Falcão:

Antre camanhas mudanças
que cousa terei segura?
duvidosas esperanças,
tam certa desaventura.

Venham estes desenguanos
do meu *longo engano* e vão,
que *já o tempo e os annos*
outros cuidados me dam.

---

[1] Na ed. de Colonia, de 1559, fl. CLII *v.*:

Senhora, n'esse amarello
que trazeis me certifica,
que he vosso soo o trazel-o
e meu o que senefica.

[2] *Canc. ger.*, t. III, p. 539.

Já não sou pera mudanças,
mais quero huma dôr segura;
vá crêl-las vãs esperanças
quem não sabe o que aventura. [1]

Havia já treze annos que durava esta paixão começada em 1503, quando o poeta contava *vinte e um annos* de edade; o seu desespero é aggravado pela edade em que se acha agora, com trinta e quatro annos, sem poder acreditar em vãs esperanças de um *longo engano*. Um Villancete, que no *Cancioneiro geral* começa:

Antre mim mesmo e mim,
nam sey que s'alevantou
que tam meu imiguo sou

(T. III, p. 541.)

acha-se confundido no grupo das Cantigas de Christovam Falcão (Fl. CLXI, da ed. Colonia) terminando com o mesmo verso da Volta: *que tam meu ymigo sou*, ao passo que no *Cancioneiro* finalisa:

Nova dôr, novo reçeo
foi este que me *tornou*,
assý me tem, assy estou.

Vê-se que á medida que a situação dos amores de Bernardim Ribeiro seguia o mes-

---

[1] *Canc. ger.*, t. III, p. 540. Ed. Colonia, fl. CLXVIII.

mo desfecho dos amores de Christovam Falcão, os dois poetas communicavam entre si os seus versos, sendo por este modo que se salvaram as poesias do auctor do *Crisfal.* [1] A separação da sua namorada era-lhe imposta; iam casal-a com outro homem:

> N'outro tempo huma partida
> qu'eu nam quizera fazer
> me magoou minha vida
> quanto eu n'ella viver.
> D'esta, já que posso crêr?
> que poys que assi me leixais
> he pera nam tornar mais.

A pequena collecção dos versos alcançada por Garcia de Resende termina com o terceto lancinante:

> De quanta esperança eu tinha
> nam pude huma soo salvar;
> e vivo e heide cuidar.

Outras composições de Cancioneiro escaparam ao diligente chronista; assim apoz a Novella da *Menina e Moça* e antes das Eclogas, vêm depois da fl. CXXX da ed. de Colonia a Sextina: *Hontem poz-se o sol e a*

---

[1] No *Cancioneiro* de Resende vem outras pequenas composições de Bernardim Ribeiro: *Sospeitas vèdes-me aqui, — De esperança em esperança, — Chegou a tanto meu mal, — Com quantas cousas perdi, — Esperança minha, his-vos, — Cuidado tam mal cuidado.* (Pag. 539 a 544.)

noite, e as *Cantigas com suas Voltas que dizem ser do mesmo Autor: Para mim nasceu cuidado* e *Nam sam casado, senhora.* A Sextina é segundo o gosto italiano, na fórma que empregára com Sá de Miranda em um despique com D. Leonor de Mascarenhas; ha ahi versos que excedem todo o poder da linguagem humana:

> Hontem poz-se o sol, e a noite
> cobriu de sombra esta terra,
> agora he jaa outro dia;
> tudo torna, torna o sol,
> só foi a minha vontade
> para nam tornar co' tempo.
>
> . . . .
>
> Primeiro não haverá sol
> que eu descanse na vontade;
> poz-se-me hũa escura noute
> sobre a lembrança de hum dia;
> inda mal, por que houve tempo,
> e por que tudo foi terra.

Depois de 1516 os serões do paço tendiam para a decadencia; preponderava uma paixão mais forte entre a fidalguia e mesmo na familia real, a avidez do ouro, os thezouros da India, das recentes conquistas e descobertas. Os que cantavam de amor ficaram isolados, como Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão; é então que começa o periodo poetico do bucolismo. Emquanto os poetas dos serões do paço debandavam ao faro das riquezas, elles tomavam a sério o amor a ponto de se deixarem morrer.

Entre os varios poetas que abandonaram

a côrte para commandarem as armadas para a India, encontramos: em 1500, Simão de Miranda e Ayres Gomes da Silva; em 1501, João da Nova; em 1504, Lopo Soares e Tristão da Silva; em 1505, D. Francisco de Almeida, Vasco de Abreu e Francisco de Anhaya; em 1506, Tristão da Cunha e João Gomes de Abreu; em 1507, Jorge de Mello, Vasco Gomes de Abreu e Diogo de Mello; em 1508, Jorge de Aguiar, Alvaro Barreto, Duarte de Lemos, Diogo Lopes de Sequeira, Pero Corrêa e Tristão da Silva; em 1512, Jorge da Silveira; em 1516, João da Silveira; e em 1517, D. Nuno Manoel. Em vista d'estes factos descarnados, comprehende-se a queixa de Resende na Carta a Manoel de Goyos, poeta e ausente da côrte:

> he tanto o requerimento
> que ninguem nam traz o tento
> se nam em querer medrar.
>
> . . . .
>
> Nam ha homens de primor,
> *nem quem sirva por amor,*
> se nam por ter e mandar,
> nem a quem queira lembrar
> o proveito do senhor. [1]

De vez teriam ido os *afamados Serões de Portugal*, se não vivesse na côrte a viuva de D. João II, a rainha D. Leonor, irmã de D. Manoel, senhora de uma alta intelligencia

[1] *Canc. ger.*, t. III, p. 582.

e de um grande gosto artistico; foi ella que provocou a maior parte das representações scenicas de Gil Vicente. No meio dos terrores das pestes que assaltavam a côrte, ou nos lutos que os desastres das armas na Africa e na India traziam á aristocracia, Gil Vicente tornou-se a unica alegria do seu tempo; elle procurava congregar os poetas palacianos, citava-os nos seus *Autos* com remoques, com louvores, como quem os incitava á distracção jocosa: na farça do *Velho da Horta*, (1512) cita os poetas de Cancioneiro, a Arelhano, Garcia Moniz, João Fogaça, Tristão da Cunha, Simão de Sousa, Martim Affonso de Mello, D. João de Menezes, Gonçalo da Silva, D. João d'Eça e o Barão de Alvito; no *Auto da India*, (1519) cita Tristão da Cunha, e no *Auto das Fadas*, a Gonçalo da Silva, D. Luiz de Menezes, Christovam Freire, João de Saldanha, Martim de Sousa, Vasco de Foyos, Conde de Marialva, Jorge de Mello e Pero Moniz; nas *Côrtes de Jupiter*, (1521) Jorge de Vasconcellos, Garcia de Resende, Diogo Fernandes, o ourives, João de Saldanha, Gil Vaz da Cunha, Tristão da Cunha e Pero Homem, estribeiro-mór; no *Templo de Apollo*, (1526) a Diogo Lopes de Sequeira.

Ha evidentemente a omissão do nome de Bernardim Ribeiro; o poeta ausentára-se da côrte, por ventura em castigo dos seus amores, castigo que pareceu pesado a D. João III, que o tornou a chamar mais tarde, nomeando-o escrivão privado de sua camara, em cujo logar parece ter sido reintegrado.

É n'estes annos desconhecidos da vida do poeta, de 1516 a 1524, que se passa a parte

mais dolorosa e tragica dos seus amores; enceta a fórma lyrica das Eclogas, e n'ellas conta a historia da sua alma, com uma realidade tão emocionante, que nada lhe excede a belleza na litteratura universal.

§ II. O drama amoroso das Eclogas
(1516 a 1524)

Até á publicação do *Cancioneiro* de Resende, ainda não tinha apparecido uma Ecloga em Portugal, nem n'essa collecção tão vasta se encontra esta fórma bucolica, ou qualquer allegoria pastoral. Apenas se póde suppôr que as Eclogas de Juan del Encina, principalmente a V, por se referir á morte desastrosa do princepe D. Affonso, fossem conhecidas em Portugal. Apresenta Gil Vicente nos seus *Autos* a fórma pastoril; mas não é o espirito do bucolismo antigo que o incita, preferindo o inspirar-se dos elementos tradicionaes, apropriando-se do *Villancico* popular, ainda áquelle tempo usado na liturgia catholica. Garcia de Resende referindo-se á graça dos seus *Autos*, separa-os do novo gosto bucolico, dizendo na *Miscellanea:*

> Posto que Juan del Encina
> O *pastoril* começou...

Antes de Bernardim Ribeiro nenhum poeta do *Cancioneiro geral* se personificou sob a allegoria de um *pastor*. O conhecimento

das fórmas trobadorescas provençaes, que nos revela Sá de Miranda *(de que ao presente—Inda rimas ouvimos)*, mostra-nos como tendo-se Bernardim Ribeiro aproximado da corrente erudita da Italia, pôde receber o impulso da *eschola siciliana*, reconstruindo a Ecloga nova, por uma fórma mais original e mais bella do que as traducções que mais tarde fizeram o Dr. Antonio Ferreira e Caminha. O genero pastoril do seculo XV constitue o caracter principal da eschola siciliana, assim chamada por que os poetas toscanos crearam o *dolce stil nuovo* sobre as fórmas rudimentares dos trovadores da côrte de Frederico II. O fundo tradicional da poesia siciliana constitue esse typo lyrico da *Pastorella* occidental e das *Serranilhas* portuguezas, que chegou a penetrar na côrte de D. Diniz, e de que os nossos Cancioneiros trobadorescos apresentam tão numerosos documentos. Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão conheceram esta fórma tradicional das *Pastorellas* ou *Serranilhas*. Apezar de apreciar o gosto siciliano imitado nas *Pastoraes* de Tansillo e nas varias imitações dos *Idyllios* de Theocrito por Pontano e Sannazzaro, postas em moda pelo gosto erudito da Renascença, Bernardim Ribeiro preferiu a fórma popular e tradicional para as suas Eclogas, e a fórma culta italiana para a Novella pastoral da *Menina e Moça*. Na côrte portugueza recebera Bernardim Ribeiro este espirito da antiguidade; ahi se encontravam João Rodrigues de Sá, que fôra educado na Italia, e os filhos do chanceller João Teixeira, que foram discipulos de Angelo Policiano. Entre esta dupla

influencia, a tradicional e a erudita, Bernardim Ribeiro para exprimir a verdade da sua alma achou a espontaneidade caracteristica no octosyllabo popular, e no dialogo pastoril. A aproximação das fontes tradicionaes e populares dera-lhe a superioridade sobre os outros poetas, e como bem diz Bouterweck, um caracter nacional ao bucolismo. No *Cancioneiro* do rei D. Diniz encontram-se bellas Serranilhas, que não foram desconhecidas no seculo XVI:

> Hunha pastor bem talhada
> cuydava en seu amigo;
> estava, ben vos digo
> per quant'eu vi mui cuytada.
> E diss': — Oy mais nõ é nada
> de fiar per namorado
> nunca molher namorada,
> poys que m'o meu ha errado. —
>
> Ela tragia na mão
> hũ papagay mui fremoso,
> cantando muy saboroso
> ca entrava o verão.
> E diss': — Amigo loução
> que faria por amores
> poys m'errastes tã en vão,
> e ca eu antr'unhas flores, etc. [1]

Segundo o estylo trobadoresco, o namorado tomava um papagaio, um rouxinol. estorninho ou andorinha como confidente ou mensageiro dos seus sentimentos, como se lê

---

[1] *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 137.

na Novella *del papagallo.* Em uma Pastorella de Ayras Nunes, a namorada falla com um estorninho do avelanal:

Oy hoj'eu hũa pastor cantar
d'u cavalgava per hũa ribeira;
e a pastor estava senlheyra,
e ascondi-me pola ascuytar;
e dizia muy ben este cantar:

Sol-o ramo verde frolido
vodas fazen ao meu amigo;
e choram olhos de amor.

E a pastor parecia muy bem,
e chorava e estava cantando;
e eu muy passo fuy-m' achegando
pola oyr, e sol nom faley rem;
e dizia este cantar muy bem:

Ay estorninho do avelanedo,
cantaes vós, e moyr'eu e peno;
d'amores ey mal. etc. [1]

Outras Pastorellas caracteristicas se encontram no *Cancioneiro da Vaticana*, mas bastam-nos estes typos para se conhecer a sua persistencia na litteratura. Em situação identica á pastora do avelanedo está a Donzella, que na *Menina e Moça* se senta á beira da agua para ouvir cantar o *Rouxinol*, que é a allegoria sentida do seu desalento:

---

[1] *Ibid.*, n.º 454.

«Chegando á borda do rio olhei pera onde havia melhores sombras. Paresceram-m'o as que estavam além do rio.

«Disse então, que n'aquello se enxergava que era desejado tudo o que com mais trabalho se podia haver; por que não se podia ir além sem se passar a agua, que corria alli mansa, e mais alta que na outra parte.

«Mas eu (que sempre folguei de buscar meu damno) passei além, e fui-me assentar de sob a espessa sombra de um verde freixo, que pera baixo um pouco estava.

«Algumas das ramas estendia per cima d'agua, que alli fazia tamalavez de corrente, e, empedida com um penedo que no meio d'ella estava, se partia pera um e outro cabo, murmurando.

«Eu, que os olhos levava alli postos, comecei a cuidar que tambem nas cousas que não tinham entendimento havia fazerem-se nojo umas ás outras...

«Não tardou muito que, estando eu assi cuidando, sobre um verde ramo que por cima da agua se estendia, se veo pousar um *roussinol;* e começou a cantar tão docemente, que de todo me levou após si o meu sentido de ouvir.

«E elle cada vez crecia mais em seus queixumes, que parescia que, como cansado, queria acabar, senão quando tornava como que começava então.

«Triste da avesinha, que, estando-se assi queixando, não sei como se cahiu morta sobre aquella agua. Cahindo por antre as ramas, muitas folhas cahiram tambem com ella.

«Pareceu aquello signal de pesar, n'a-

quelle arvoredo, de caso tão desastrado. Levava-a após si a agua, e as folhas após ella, e quizera-a eu ir tomar; mas pola corrente que alli fazia, e pelo matto que d'alli pera baixo ácerca do rio logo estava, prestemente se alongou da vista.

O coração me doeu tanto então em vêr tão asinha morto quem d'antes, tão pouco havia, que vira estar cantando, que não pude ter as lagrimas.» [1]

Aqui está a pura tradição trobadoresca renovada pelos bucolistas do seculo XVI. O poeta que soube comprehender o sentimento dos themas trobadorescos decahidos nas suas fórmas rudimentares, e lhes insuflou vida pela expressão da realidade, estava destinado a crear a Ecloga moderna. Nos outros poetas, que ora imitam os *Villancicos*, ora a fórma italiana, as Eclogas são geralmente insipidas e descoloridas; mas as cinco Eclogas que restam de Bernardim Ribeiro, no metro octosyllabo e popular, são de uma ingenuidade tão pittoresca que subsistiram a todas as alterações do gosto litterario; e são de um interesse historico absorvente, quanto mais se esclarecem as allusões aos successos da sua vida.

A primeira Ecloga. — Passa-se a acção entre dois pastores *Persio* e *Fauno.* Este consola o outro com reflexões moraes, pois que se deixa finar de magoa por ter sido desprezado pela mulher que tanto ama, que desposou um pastor mais rico. Vê-se que Fauno,

---

[1] *Menina e Moça,* cap. II. Ed. 1891.

nome pastoril de Bernardim Ribeiro, ainda era venturoso no seu amor; o pastor Persio apparece descripto sob os traços de Christovam Falcão, na situação desesperada a que o levaram os seus desgraçados amores por D. Maria Brandão, com quem se desposára a furto. Basta confrontar os versos d'esta Ecloga com outros analogos ou quasi semelhantes do *Crisfal*, para se reconhecer o drama intimo. Escreve Bernardim Ribeiro:

> *Nas selvas junto do mar*
> Persio pastor costumava
> Seus gados apascentar;
> De nada se arreceava...

Christovam Falcão localisa assim o sitio do seu amor:

> Antre Cintra a mui presada
> E serra do Ribatejo
> Que Arrabida é chamada,
> Perto d'onde o rio Tejo
> *Se mete na agua salgada,*
> Houve um pastor e pastora
> Que com tanto amor se amaram...
>
> (St. 1.)

N'esta personificação, continúa Bernardim Ribeiro definindo as angustias do seu amigo:

> Dias e noites velava,
> Nenhum espaço dormia...

No *Crisfal* intercala Christovam Falcão esta Cantiga:

Como dormirão meus olhos?
nam sei como dormirão,
pois que vela o coração.

(St. 63.)

E torna a repetir nas Cantigas, que seguem após a Ecloga:

Nam posso dormir as noites,
amor, nam as posso dormir.

Bernardim Ribeiro descreve a desgraça do pastor Persio com estes versos que se identificam com outros do *Crisfal:*

Confiou no merecer,
Cuidou que a tinha de seu;
Veiu ahi outro pastor ter.
Com o que prometteu ou deu
Se leixou d'elle vencer.

Levada para outra terra,
Vendo-se Persio sem ella,
Vencido de nova guerra,
Mandou a alma traz ella,
E o corpo ficou na serra.

Christovam Falcão lamenta quasi pelo mesmo modo o casamento de D. Maria Brandão, e a separação forçada a que a submetteram os parentes na clausura de Lorvão:

E como em a baixeza
Do sangue e pensamento
He certa esta certeza
Cuidar que o merecimento
Está só em ter riqueza;
Enqueriram o que teria
E do amor não curaram...

Então descontentes d'isto
Levaram-na a longes terras,
Esconderam-na antre serras
Onde o sol não era visto,
E a Crisfal deixaram guerras.

(St. 6, 7.)

Ha aqui as mesmas rimas: *terra*, *serra* e *guerra*, que usa Bernardim Ribeiro. Não ignorava Bernardim que o namorado de Maria estivera tambem em carcere privado:

Vi-me já preso; contente
A meu mal queria bem.

Na Carta, que escreveu *estando preso*, e mandou áquella com quem estava casado a furto, diz Christovam Falcão:

Mal cuja dôr se não crê
de *prisão* e de ausencia!

. . . .

Bem se enxerga nos meus danos
que estou preso ha cinco annos.
afóra os que heide estar...

Retratando o cuidado de Persio, diz Bernardim Ribeiro:

Logo então começou
Seu gado a emagrecer,
Nunca mais d'elle curou,
Foi-se-lhe todo a perder
Com o cuidado que cobrou.

Em Christovam Falcão lê-se:

Crisfal não era entam
dos bens do mundo abastado,
tanto como de cuidado,
que por curar da paixão
não curava do seu gado.

E continuando o parallelismo, por onde se vê que os dois poetas eram mutuos confidentes, e se influenciaram, temos mais estes traços com que Bernardim Ribeiro retrata o *Crisfal:*

Sentava-me em um penedo
Que no meio d'agua estava;
Então alli só e quedo
A minha frauta tocava.

E no *Crisfal*, quasi pela mesma maneira:

Alli sobre uma ribeira
de mui alta penedia,
d'onde a agua d'alto caía,
dizendo d'esta maneira
estava a noite e o dia...

Bastam estas comparações para se reconhecer a communhão artistica entre os dois namorados poetas. Pela situação descripta na Ecloga I, Bernardim Ribeiro ainda não tinha soffrido nem imaginava soffrer um golpe egual ao de Christovam Falcão; por isso lhe dizia:

> Passa teus males com tento
> Se lhe queres achar cura,
> Põe em al o pensamento,
> Que o que parece sem cura
> A's vezes o cura o tempo.
> Resistir graves paixões
> Vem de esforço e valentia,
> Por que aos fracos corações
> Falta-lhe a ousadia
> Nas maiores afflicções.

Ao que Persio (Christovam Falcão) responde:

> Fallas, Fauno, como quem
> Vive livre e descansado...

> Não me aconselhes, te digo,
> Nem julgues a mim por ti...

Aonia ainda não tinha abandonado *Bimnarder;* vê-se que o *Crisfal* já estava escripto antes do golpe definitivo que separou para sempre Bernardim Ribeiro de D. Joanna Tavares Zagalo, pelo casamento d'esta em 1519; e se considerarmos a Ecloga I, pela segurança moral com que Fauno aconselha Persio, escripta antes de 1516 (por isso que

no *Cancioneiro* de Resende já se queixa da mortal decepção) temos de recuar a elaboração do *Crisfal* aos ultimos annos em que Bernardim Ribeiro frequentava a Universidade de Lisboa. O encontro do *Crisfal* entre os papeis de Bernardim Ribeiro (edição de Colonia) não seria devido a simples deposito de um naufrago da vida, mas a uma communicação expansiva da mocidade. De tudo se poderá concluir ter Christovam Falcão actuado profundamente no genio de Bernardim Ribeiro.

A segunda Ecloga. — Fallam n'este quadro bucolico, *Jano* o namorado de *Joanna* (D. Joanna Tavares Zagalo) e *Franco de Sandorir* (Francisco de Sá de Miranda), o pastor apaixonado por *Celia* (D. Isabel Freire). Vão-se aproximando os *Ficis do Amor*, para mutuamente confidenciarem. N'esta Ecloga *Jano* fixa como terra da sua naturalidade a *aldeia do Torrão;* determina a edade de *vinte e um annos*, com que veiu para Lisboa, e orienta esse facto com o acontecimento de 1503, *quando as grandes fomes foram.* [1] Já vimos como nos serões do paço Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda se aproximavam e entendiam para galantear as damas, dirigindo especialmente os seus versos a D. Leonor de Mascarenhas; é natural que Bernardim Ribeiro fizesse d'aquelle seu contemporaneo da Universidade o confidente dos novos e invenciveis amores que lhe inspirava sua prima.

---

[1] Quasi sempre se interpreta pela determinação da *peste e sêca* do Alemtejo, mas irreflectidamente.

N'esta Ecloga II descreve Bernardim Ribeiro a primeira visão da sarça ardente do amor; e tambem Sá de Miranda, impressionado por esses primeiros transportes, deixou consignados em varias estrophes da sua Ecloga *Aleixo* alguns dos momentos que foram os primeiros annos do amor de Bernardim Ribeiro. [1]

Quando escreveu a Ecloga II, já *Franco de Sandovir* estava desterrado da côrte por causa de *Celia;* quer dizer que Sá de Miranda já não frequentava a côrte manoelina, e se teria recolhido a Coimbra ou á sua Commenda de S. Julião de Mouronho. Não admira pois, que Sá de Miranda impressionado com o drama amoroso do seu amigo, o descrevesse até ao doloroso final na Ecloga *Aleixo.* Alli falla d'aquelles tempos do terror de D. João II, quando Bernardim Ribeiro foi creado como filho na familia de Sancho Tavares, e a encantadora *Aonia* considerava-o seu irmão:

---

[1] Na versão do Ms. Juromenha, allude ás conversas em que D. Joanna lhe fallava de suas duas irmãs, D. Isabel Tavares e D. Maria Tavares:

> Hablar de otro no sabia;
> De *dos hermanas* contava,
> Con que sabor escuchava
> Quanto de ellas me dizia!
> Era como a la porfia!
> De ellas siempre ella contando,
> Io no sabia escuchando
> Si era noche o si era dia.

(*Poes.* de Sá de Mir., p. 687.)

Quantas vezes me dezia:
No me parece mi hermano,
Que es hablar cosa de sano
Tanto desto noche i dia. [1]

E o *velho pastor Sancho* (Sancho Tavares) engrandecendo os talentos do joven que adoptára, exclama:

Pero en esto no me engaño,
Aunque es hijo en el amor. [2]

A intimidade de Bernardim Ribeiro com Sá de Miranda fortificava-os tambem pelo gosto litterario. Depois de Bernardim se achar caído em um espasmo de assombro pela belleza de Joanna, passava Franco de Sandovir, que

. . . . buscava
Uma frauta que perdera,
Que elle mais que a si amava.

. . . .

E a frauta sua era aquella
Que lhe dera *Celia*, quando
O desterraram por ella
Chorando elle, ella chorando.

A frauta symbolisa as primeiras tentativas poeticas no gosto de Cancioneiro, que Sá de Miranda cedo abandonou ao tomar conhe-

[1] *Poesias* de Sá de Miranda, p. 103.
[2] *Ibid.*, p. 107.

cimento das fórmas lyricas italianas. Vendo Franco o seu amigo prostrado e sem accordo de si:

> Suspeitou logo o que era,
> *(Que era tambem namorado)*
> E no que Jano dissera
> Se houve por certificado...

E fallando-lhe com carinho, lembrando-lhe quanto desejára vêl-o alli, mas não em situação tão desolada, exclama:

> Desejava vêr-te aqui
> *Quando me contava alguem*
> *A sêca grande que ha ahi*
> *Em Alemtejo,* e porém
> Não quizera eu vêr-te assi.

É então que Jano descrevendo-lhe a sua paixão, narra os conselhos que Pierio lhe dera com os terriveis prognosticos ligados ao seu amor:

> Mas por que, Franco, comtigo
> Desabafo eu em fallar,
> Por que sei que és meu amigo
> Tudo te quero contar.
> Nem remedio, nem conforto
> Não te hei, Franco, de pedir,
> Que do mal em que estou posto
> Não me espero de remir,
> Senão depois que fôr morto.

E logo lhe relata as prophecias aziagas de Pierio:

Vejo-te cá pola edade
De uma nuvem negra cercado,
Vejo-te sem liberdade,
De tua terra desterrado
E mais da tua vontade.

Em terra que inda não viste,
Polo que n'ella hasde vêr,
Vejo-te o coração triste
Pera em dias que viver;
Hasde morrer de uma dôr,
De que agora andas bem fóra,
Por isso vive em temor,
Que não sabe homem aquella hora
Em que lhe hade vir o amor.

. . . .

Por cobrares a fazenda
A ti mesmo perderás;
Perda que não tem emenda
Depois quando o saberás.
Nos campos de uma ribeira
Onde valles ha a logares,
Te está guardada a primeira
Causa d'estes teus pezares;
N'outra parte a derradeira.

Geitos em cousas pequenas,
Louros cabellos ondados,
Porão pera sempre em penas
A ti e a teus cuidados.
Fallas cheias de desdem,
De presumpção cheias d'ellas,
Cousas que outras cousas tem,
Te causarão as querellas
De que morrer te convem.

Por estes presagios de Pierio, vê-se que o apaixonado de Joanna bem conhecia as difficuldades que se levantavam contra o seu

amor. Deixando o amor de D. Lucrecia Gonçalves pelo de D. Joanna Tavares Zagalo, a que allude nos versos

Vi acabado um desejo,
Outro maior começado,

pressente as contrariedades que tendiam a supplantal-o. N'esta Ecloga II ainda se não trata do casamento de Joanna com outro pastor, mas Jano quasi que toma as prophecias de Pierio como realisadas:

De todo o que te hei contado,
Tudo quasi aconteceu,
Que o que ainda não é passado
Polo passado se crêu.

A Ecloga termina com interesse dramatico; a frauta perdida por Franco é achada pelo seu cão, e Jano pede-lhe a final o allivio de uma Cantiga:

Canta, Franco, alguma cousa;
Ama a musica a tristeza;
Veremos se me repousa,
Onde a magoa tem firmeza.

Este poder de pacificação que Sá de Miranda tinha no espirito de Bernardim Ribeiro, tentou elle mais tarde empregal-o para vêr se o arrancava ao desvario em que ia caíndo; e a Ecloga *Aleixo* contém toda esta

crise moral em que se debateu o poeta da *Menina e Moça* depois do casamento de sua prima. A Ecloga *Aleixo* é um documento historico; por ella se confirma o casamento de D. Joanna Tavares Zagalo por determinação de um senhor prepotente; as tentativas poeticas de Bernardim Ribeiro no novo *gosto italiano*, a sua saída de Portugal, o regresso á côrte, e por ultimo a sua loucura irremediavel. A lembrança de Bernardim Ribeiro nunca abandonou Sá de Miranda, mesmo quando já se achava divorciado da côrte, como se vê pela sua Ecloga *Basto;* e não lhe foi desconhecida a época da sua morte, como se infere da dedicatoria da Ecloga *Aleixo* a Antonio Pereira, senhor de Basto. Todos estes factos estão em uma manifesta concordancia com o documento judicial de 1642. Todos esses logares serão transcriptos na sua conveniente altura.

A terceira Ecloga. — É a sequencia natural das tristezas prognosticadas na Ecloga anterior. O pastor Silvestre vive no seu retiro, vencido de grande dôr, e desabafando na solidão:

Depois de fallar comsigo
E com seu gado mesquinho,
Viu passar um seu amigo,
Afastado do caminho,
Caminho do seu perigo,
Que tambem se ia queixando
Do grande mal que sentia;
E com elle se ajuntando
Estiveram todo um dia
Um ao outro consolando.

Tristes praticas passavam,
Contavam grandes tristezas,
Gotas de sangue suavam
Ledos em suas firmezas,
Ellas mesmas os matavam...

Amador é o nome do outro amigo, que vae fugido do sitio em que acaba de receber o seu mortal desengano; Silvestre insta com elle para que fique na sua companhia, para mutuamente se confortarem, porém Amador quer ir por esse mundo fóra para onde nunca mais se saiba d'elle. Silvestre é outra personificação de Christovam Falcão, que estava fóra da côrte, no Alemtejo, em quanto a sua namorada D. Maria Brandão, depois de estar encerrada no convento de Lorvão acceitou o casamento que lhe impoz a familia:

A causa dos meus cuidados
Foi buscar longos desterros...

É tambem em nome de Silvestre que Bernardim Ribeiro põe estrophes que recordam o *Crisfal*, como esta:

Quando vem ao sol posto,
Que então sohia de vêr
Aquelle fermoso rosto,
Torno a ensandecer,
Por que perdi tanto gosto:
Que vinha sempre cantando
Tão desejoso de vêl-a,
E agora ando chorando
Por que a achava fiando,
E por que me fiei d'ella.

No *Crisfal* encontra-se este toque pittoresco e caracteristico:

> Como alli teem por uso
> *Em uma roca fiando,*
> Mas como ia cuidando,
> Caía-se-lhe o fuso
> Da mão de quando em quando. [1]

Como Silvestre é a personificação do auctor do *Crisfal*, Amador é a de Bernardim Ribeiro; e achando-se em uma ruina egual á do seu amigo, saíu da côrte ao saber que D. Joanna Tavares Zagalo vae casar, resolvendo-se a abandonar Portugal. Na sua decepção exclama:

> Oh enganosa porfia,
> Oh que porfia de engano,
> Que tanto tempo escondia
> De um dia em outro dia
> De um anno em outro anno.

Estes amores duraram de 1503, em que Bernardim Ribeiro entrou na côrte, até depois de 1517 em que é determinado o casamento de D. Joanna Zagalo. Era natural que Christovam Falcão, que sobrevivera a egual naufragio, ao encontral-o na provincia lhe pedisse para demorar-se na sua companhia; responde elle:

---

[1] *Obras* de Christovam Falcão, p. 6.

Busca outro companheiro,
Silvestre, e descansarás,
Fallar-te-ha, fallar-lhe-has,
Que *este é o derradeiro*
Logar onde me verás.

. . . .

Não me posso andar detendo;
Leixa-me agora partir,
Minhas magoas te encommendo,
Vae-se-me o tempo perdendo,
Perdendo me quero ir...

Não te alembre que me viste
Pois nunca mais me hasde vêr;
Leixa-me a mim esquecer,
Que a minha lembrança triste
Mais triste te hade fazer.
Ir-me-hei commigo queixoso
Sem me queixar do que sento,
Em meus cuidados cuidoso;
Oh quem fôra tão ditoso
Que perdera o pensamento.

Agora me leixareis
Desejos desordenados,
Já causáreis meus cuidados,
Já me não enganareis
Enganos tão desejados;
Sobejas desaventuras
Contentes deveis de estar,
Não tenho que arrecear,
Que já vos tenho seguras,
Comvosco quero acabar.

Parece que Bernardim Ribeiro visitou a sua aldeia do Torrão, n'esta agitação desesperada que precedeu a loucura:

Ficae embora curraes,
Riquezas de meus avós,
Vou-me sem mim e sem vós,
Eu me vou e vós ficaes
Desemparados e sós...

. . . .

Agora me leixarão
Esperanças vagarosas;
Agora se acabarão
As *vontades rigorosas*,
Que tanta pena me dão.

Esta Ecloga III, tanto na narrativa dos mallogrados amores de Silvestre (Christovam Falcão) como nos de Amador (Bernardim Ribeiro), é de um sentimento vivissimo, e constitue uma immortal obra de arte. Nada ha que a exceda no lyrismo de todas as litteraturas. Foi muito lida entre os cultos do começo do seculo XVI, e andou publicada em uma folha volante em 1536, em um folheto em 8.º, tendo por frontispicio uma gravura tosca imitando portada, e com as figuras de dois pastores conversando junto de uma ermida; traz o titulo: *Trovas de dois Pastores, s. Silvestre e Amador. Feitas por Bernardim Ribeiro. Novamente imprimidas com outros dous Romances com suas grosas que dizem:* Oh Belerma *e* Justa fue mi perdicion. *E* Passando el mar Leandro el animoso. [1]

N'este folheto depois de terminada a Ecloga, segue-se a rubrica: «*Aqui vae bradando, e responde-lhe um Ecco.*» E por essa pequena composição, original pela fórma, se reco-

[1] Foi consultada pelos editores das *Obras* de Bernardim Ribeiro, de 1852, p. 316. Na Bibl. nacional.

nhece a intenção de homisiar-se: «Quero-me ir del *outra banda.*»

Não nos repugna acceitar como de Bernardim Ribeiro a glosa castelhana do romance *O' Belerma, ó Belerma*, que condizia perfeitamente com a sua situação, e que estava no gosto dos poetas palacianos, que glosavam os Romances velhos:

> Y pues es penar por ti
> Justa pena descansada,
> *No me oyran dezir a mi*
> *Que siete annos te servi*
> *Sin de ti alcanzar nada.*

> Ay! ay! no mirais que digo
> *Los sentidos se me fueron,*
> Ella los tiene comsigo;
> El amor es buen testigo
> Sus ojos me los prendieron.

No *Cancioneiro* de Evora tambem existe uma versão do Romance de *Belerma*, o que nos leva a suspeitar que n'aquella collecção certamente existem versos de Bernardim Ribeiro. A glosa de *Justa fué mi perdicion* continuava ainda no fervor do gosto, que chegou até Camões; accommodava-se perfeitamente aos desastres do poeta. O Soneto *Passando el mar Leandro el animoso* é de Garcilasso, e anda nas Obras de Boscan como abertura de um extenso poemeto de Leandro e Hero.[1]

---

[1] Sá de Miranda tambem tratou este thema tão sympathico aos poetas do seculo XVI estimulados pelo Epigramma de Marcial; é natural que elle communicasse a Bernardim Ribeiro o Soneto de Garcilasso, pela sua belleza e raridade.

É para admirar como, estando em 1536 ainda ineditas as Obras de Garcilasso, já circulavam em Portugal poesias suas manuscriptas. A inclusão d'este Soneto no folheto de Bernardim Ribeiro mostra-nos que elle foi extranho áquella publicação, e já estava decahido na alienação mental. O Ecco, que se liga á Ecloga com a rubrica: *Aqui vae bradando, e responde-lhe um Ecco*, parece ser um fragmento da composição inedita colligida no *Cancioneiro* do Padre Pedro Ribeiro.

A quarta Ecloga. — Intitula-se Jano, nome com que já na Ecloga II se personificou Bernardim Ribeiro. Começa por um trecho narrativo em que o pastor anda separado de Dina por desprezo d'ella, divagando pelas serras:

De si ella o desterrou
Pera longe terra extranha,
Seu mal só o acompanha;
Sobre uma magoa camanha
Camanha magoa ajuntou.
Vendo-se assim desterrado
Muitas vezes se subia
Pera um despovoado,
Onde ir ninguem podia
Senão desencaminhado.

Alli triste se assentava

. . . .

Nunca uma hora repousava;
Encostado a uma mão,
Os olhos postos na terra,
E a Dina no coração,
Assim antre aquella serra
Se estava queixando em vão.

Pelas queixas nota-se que a sua dama estava já casada com outro; elle bem se lembra dos conselhos que lhe dera o pastor *Africano*, que tambem soffrera o golpe de vêr casada com outro homem a sua namorada:

A la fé, de culpa sou,
Que bem m'o disse Africano
Quando a Philippa fallou
E lhe deu o desengano
Com que lh'a vida tirou.
Quantas vezes na Ribeira
Tendo á sesta as nossas cabras
Me disse d'esta maneira,
Eu ouvi bem as palavras,
Fil-o mal á derradeira.

. . . .

Guar-te do falso amor,
Que viverás sempre em medo,
Não te engane seu favor,
Podel-o-has fazer com cedo,
Por que tarde tudo é dôr.

. . . .

Quem me viu, hoje ha dois annos!
Oh Philippa, que fizeste?
Leixaras-me meus enganos,
E olha que não quizeste
Por me dar a mim mais damnos.
Quem havia de cuidar
De vêr camanhas mudanças!
Mas, em fim, tudo é pesar;
Traz as grandes esperanças
Está o desesperar.

Aqui triste se calava,
Que a dôr grande que sentia
Já os seus olhos cegava...

Dava-se o nome de *Africano* ao cavalleiro que tinha militado em Africa; [1] o poeta Diogo de Mello da Silva, que frequentava os serões do paço, no seu regresso de Africa, queíxa-se em umas trovas de ter vindo encontrar a sua dama casada. Não devia ser estranho este successo a Bernardim Ribeiro, por que o proprio Diogo de Mello glosa uns versos de Christovam Falcão, que se acharam entre os papeis de Bernardim Ribeiro. Lê-se no *Cancioneiro* de Resende a seguinte rubrica a umas trovas: « *De Dioguo de Melo, vindo de Azamor, achando sua dama casada.* » Ahi diz com sentimento vivo:

Trago o tempo acupado
em me vêr de tudo fóra,
mas triste é aquella hora
quando me lembro o passado.
Lembra-me minha verdade,
e quam pouca lealdade
amostrou em se casar,
casada sem piedade
vosso amor me hade matar. [2]

---

[1] Tambem hoje se chama *brazileiro* ao que foi ao Brazil; em João de Deus, lêmos: — Certo patricio nosso, *brazileiro* ... (*Campo de Flores*, p. 422.) E na Cantiga popular:

Ainda não fui ao Brazil
Já me chamam *brazileiro*,
Que fará quando eu vier
Com um caixão de dinheiro!

[2] *Canc. ger.*, t. III, p. 301.

A expedição de Azamor, em Africa, foi em 1513; no verso que Bernardim põe na bocca de Africano: «Quem me viu hoje *ha dois annos*» fixa-se a época d'esta decepção do poeta, em 1515, quando Bernardim Ribeiro apenas entrevia o perigo da sua situação. Como esta composição de Diogo de Mello *achando sua dama casada*, vem quasi no fim do *Cancioneiro* impresso em 1516, por isto se infere, que já n'este tempo era conhecido o drama amoroso de Christovam Falcão, que elle synthetisou na Cantiga:

Casada sem piedade
vosso amor me hade matar.

O poeta do *Crisfal* glosou em seis sentidissimas estrophes este mote; e em uma Esparsa com a rubrica *De outrem*, accrescentaram-lhe mais duas estrophes; seria Bernardim Ribeiro, depois do casamento de sua prima D. Joanna Tavares Zagalo, esse *outrem*, que escreveu o seguinte desenvolvimento:

Se á do mundo casáreis
jaa que o nam sois á nossa,
eu penára e vós penáreis,
fôra ygual a minha e a vossa.
Mas o vosso máo casar
roubou minha liberdade,
se nam usais *piadade*
vosso amor me hade matar.

Para quem tam mal contente
está de tal casamento
não erra ao mundo nem á gente
em tirar-me de tormento.

Nam me queiraes maltratar
pois sois certa de vontade,
que se usais mais crueldade
vosso amor me hade matar. [1]

D. Maria Brandão renegou o casamento clandestino que fizera com Christovam Falcão; mas D. Joanna Tavares Zagalo não sobreviveu muito tempo ao passo a que a forçaram, chegando mesmo a enlouquecer. É por isso que julgamos ainda de Bernardim Ribeiro a continuação da Esparsa: *De huma pessoa a outra:*

Se vós viveis em tristeza
eu vivo vida penada,
se choraes ser mal casada
eu choro vossa crueza.
Olhae minha fee em amar,
tratae-me com piadade,
que se usaes crueldade
vosso amor me hade matar.

Baste o mal que me fazeis,
com vos vêr tam descontente,
o vosso a minha alma o sente,
o meu nem o veer quereis.
Nam me queiraes acabar
pois vos dei a liberdade,
que se sois *sem piadade*
vosso amor me hade matar.

Na lenda amorosa de Bernardim Ribeiro, ainda corrente no seculo XVII, dizia-se que elle

[1] Na edição de Colonia, fl. CLVIII; nas *Obras* de Christovam Falcão, p. 20 e 21. Porto, 1871.

vagava solitario pela serra de Cintra; escreve Faria e Sousa na *Europa portugueza*, (posto de parte o equivoco da mulher amada): «Viendo él agora que se le ausentava ella, corrió a ponerse en la mas alta cumbre de la roca de Sintra... y olvidado de todo lo que no fuese el dolor de aquella ausencia, si dió á la vida solitaria en aquel proprio sitio.» [1]

O poeta, na desgraça procurava os logares dos breves dias de felicidade; e em quanto D. Joanna Tavares Zagalo seguia seu marido, refugiava-se elle em Cintra, pelo valle da Quinta dos Lobos, pelas serranias — «Onde ir ninguem podia—senão desencaminhado,»— como elle proprio o confessa n'esta Ecloga IV.

Foi tambem em uma ausencia, como acontecera a *Africano*, que se casou a sua namorada:

> Este *Outubro fez um anno*
> *Quando eu na villa era,*
> Vi crear-se este damno,
> Que agora e então já era.
> Tirar-m'o podia engano.
> E cuidando que o logar
> Fosse a causa principal
> Houve emfim de o leixar;
> E o meu pera meu mal
> Estava n'outro logar.

> Mudei terra, mudei vida,
> Mudei paixão em paixão,
> Vi a alma de mim partida,
> Nunca de meu coração
> Vi minha dôr despedida.

---

[1] *Op. cit.*, t. II. Parte IV, cap. 1, p. 549 e 550.

Antre camanhas mudanças
De um cabo minha suspeita,
E d'outro desconfianças,
Leixam-me em grande estreita
E levam-me as esperanças.

O poeta deixára Cintra e fôra para o Alemtejo, como representa no quadro da Ecloga III; mas com isso não evitou a fatalidade. Depois de a vêr casada, e já sem esperança regressa o triste aos sitios dos passados amores:

Damnos meus *tão encubertos*.
Aqui podereis sem medo
Ser agora descobertos;
Se ficou algum segredo
Al de menos nos desertos.

A outro nenhum logar
Por minha desaventura
Vos não posso já levar;
Levou-me tudo a ventura,
Leixou-me só o pesar.

. . . .

Pera os que dita tiveram
Se fizeram *os logares*
Que tanto mal me fizeram.

Eu polo pé d'estas serras,
De uma em outra vaidade,
Soffro, andando, longas guerras,
Que me fazem soidade
D'ella, e de tão longes terras.

. . . .

Coitado, não sei que diga.
A nenhuma parte vou
Que lá não ache fadiga,
Que aquesta só me ficou
De minha amiga ou imiga.

7

O deserto e povoado
Todo é cheio de meus males,
Vim a esta serra cansado,
Não ha logar n'estes valles
Onde não tenha chorado.

Sabendo-se a data historica em que já está professa no convento de Santa Clara de Extremoz, em 1521, D. Joanna Tavares Zagalo, viuva pouco tempo depois do seu casamento, não erraremos muito, interpretando o verso: «Este Outubro faz um anno» fixando esse casamento por 1517. Foi por tanto a Ecloga IV, escripta por 1517, quando o poeta se achava já fóra da côrte; era recente o caso de Diogo de Mello da Silva, e sobretudo o de Christovam Falcão a quem pedia conforto. Antes de estudarmos os elementos biographicos contidos na Ecloga V, vamos precisar os factos intermediarios ao casamento de D. Joanna Tavares Zagalo e a saída de Bernardim Ribeiro de Portugal.

Segundo a genealogia da familia Zagalo por D. Flaminio de Jesus Maria, D. Joanna Tavares «segundo consta de varias memorias, era assás formosa, o que não deixou de concorrer para a sua desventura, por que ha noticias *d'ella se ter apaixonado por um seu parente*, e de ter sido, por interesses de familia, obrigada a casar com Pero Gato, filho de Nuno Gato e de sua mulher D. Ignez Corrêa da Silva. Pero Gato dizem que fallecera pouco tempo depois do seu casamento, e que essa morte fôra violenta. D. Joanna, depois de viuva, foi passar por algum tempo em casa de seu tio Alvaro Pires Zagalo, que residia

em Alcacer do Sal, até que foi recolhida a um convento e lá se finou professa.» [1] Em esta noticia genealogica não se diz quem era o *parente* de D. Joanna Tavares Zagalo; mas pelo documento judicial de 6 de maio de 1642, se vê que fôra allegado o facto do parentesco com Bernardim Ribeiro por via de descendencia que tivera de *uma sua prima*. Completa-se assim a noticia, sabendo-se já que essa *prima* fôra D. Joanna Tavares Zagalo. [2] Vamos comprovar cada uma das particularidades contidas na noticia genealogica. Do casamento forçado da namorada de Bernardim Ribeiro falla explicitamente Sá de Miranda na Ecloga *Aleixo*; primeiramente descrevendo a sua exaltação, fal-o dizer:

> Si aqui estuviera *mi hermana,*
> *(Que me la llevó su esposo)*
> Con ella huviera reposo
> Esta mi cuita villana
> Que tantas vezes liviana
> Me altera i muda tan presto,
> De la mañana al sol puesto,
> Del sol puesto a la mañana. [3]

[1] A estas palavras accrescenta o snr. visconde de Sanches de Baena: «Até aqui nos chegaram as noticias de D. Flaminio.» (*Op. cit.*, p. 30.)

[2] Allega o requerente agora ser bisneto de Bernardim Ribeiro, allegação esta que he inteiramente estranha e nova, por que nem mesmo por via illegitima se póde fundamentar, referida a Bernardim Ribeiro, escrivão privado do Senhor Rey D. João 3.º, o qual nunca foi casado, nem consta de boas memorias haver tido descendencia bastarda de *huma prima*, como allega o requerente.» O requerente era o tenente Francisco Ribeiro, reformado no posto de capitão em 1646.

[3] *Poesias* de Sá de Miranda, p. 103.

Na Cantiga, imitando: « *Como si Ribero fuese,* » parece inferir-se que o casamento fôra em cumprimento de vontade superior, como se lê na variante dos textos de 1595 e 1614:

> ... Que es esto? El que venció
> Luchando pierde! Gana el que caió!
> *Enemigo Señor que tal consiente.*
>
> . . . .
>
> Como um mozo valiente
> I buen pastor cantava en conta estrecha
> Del canto, i la su voz blanda entonava,
> *Dió-se el precio al mochacho que asilvava,*
> Ved! razon ante Amor que aprovecha?

Aqui a palavra *asilvava* será por ventura intencional? Pero Gato, desposado com Joanna Zagalo, era filho de D. Ignez Corrêa da *Silva*. E increpando-a a ella:

> Aquellos ojos tuios que al passar
> No sé lo que callados me dezian,
> Aquellos ojos que el alma embaían,
> Un tiempo a mi plazer, otro al pezar;
> El blando murmurar
> Con las amigas, mudar de color
> Una i aun otra vez en un momento,
> Todo has soltado, olvidadiza al viento,
> I bives. Muero io. Sufre lo amor.
>
> . . . .
>
> Quando luego te vi, vi te piedosa;
> Despues por te querer i te adorar,
> Supitamente te senti mudar.
> Que es esto? Es bien amar tan mala cosa?

Na versão do Manuscripto Juromenha vêm estas estrophes mais pungentes e mais desen-

volvidas; Sá de Miranda conhecia intimamente esse drama:

Zagala, aunque estés toda embevida
En amar un zagal que bien ha luchado,
Pero io que ansi soi desechado,
Tu siempre eres mi muerte, tu la vida.

. . . .

Zagala, bien que el tormento se agrave,
A tuerto *otro zagal viendo delante*,
No por que mejor baile ó mejor cante,
Tu la mi prision eres, tu la llave.

. . . .

Enemigo Señor que tal consiente
Mas antes favorece tal maldad.
Todo se rije por la voluntad;
Si esto alguna ora fué, es lo al presente.
Un pastor innocente
La sampoña tañia en regla estrecha
Del tañer afinado i ansi cantava;
Plugo mas un zagal que ende silvava!
Ved razon entre Amor quanto aprovecha!

. . . .

Zagala hermosa, pero fementida,
Amor cruel te ha dado
Enteramente todos sus poderes;
Mas ingrata mujer de las mujeres,
Quien el alma llevó, lleve la vida.

Con el tiempo perdi lo que se deve
Al servir luengo con tan buena fé.
Quien te dirá el porque del sin porque?
Quien terná que no fuia el viento leve? [1]

---

[1] *Poesias* de Sá de Miranda, p. 695-7.

Antecipando um pouco sobre o exame da Novella da *Menina e Moça*, ahi encontramos o mesmo caso narrado com magoa indefinivel: «E succedeu, no castello, um filho de um *cavalleiro muito valido* e rico n'esta terra, que por meio de vizinhos *desejou a Aonia por mulher:* o que foi asinha acabado pola igualança d'ambos, n'aquello em que a quizeram aquelles em que estava o praz-me do casamento. — ... *não no soube Aonia senão o dia d'antes* ... e bem lhe pareceu que se não descontentaria Aonia do esposo, porque era bem aposto cavalleiro e dos bens do mundo abastado; e por isso tambem escusara dizer-lh'o então. Mas não foi assi; que Aonia toda aquella noite passou em um grito. Se não fôra por *Enis* (D. *Ignez* Alvares Zagalo, sua mãe) *que do seu segredo era sabedor*, morrera, ou se fôra por esse mundo; mas ella a consolou, e com muitas esperanças que lhe deu, não tão sómente a susteve que não fizesse de si nada, mas antes ainda lhe fez ser contente d'aquella vida, e desejal-a; por que, lhe dizia — que segundo os casamentos occupavam aos homens, *poderia ella ter a liberdade que quizesse; e com o resguardo faria o que sua vontade fosse...*» (P. I, cap. XXIX.) Esta consolação revelada na Novella explica-nos a lenda do nascimento de uma filha, conforme Camillo encontrou em alfarrabios genealogicos. A mesma Novella nos confirma o nome do esposo dado a D. Joanna Tavares, que pelas genealogias se sabe que era Pero Gato, filho de Nuno Gato, cavalleiro da casa real, contador de Çafim e muito privado do rei D. Manoel. Do nome de Pero *Gato* fez o

poeta a versão de *Fileno* (adj. *felino*), e na segunda parte da Novella *Orphileno*, que mais se aproxima de Pero-*felino*. Pela genealogia de D. Flaminio de Jesus Maria «fallecera pouco tempo depois do seu casamento, *e que essa morte fôra violenta.*» No capitulo XLVIII da parte segunda da Novella, basta o seu titulo para confirmar este lance: *De como Aonia se viu*, depois de casada, *com Bimnarder, e* de como foram mortos por *seu marido Orphileno*, que tambem com elles *acabou sua vida a mãos de Bimnarder.*» A Novella ficou inedita até depois do fallecimento de Bernardim Ribeiro, por isso não admira que consignasse o facto na sua allegoria intima. Affirma o editor da Novella em 1645 «que ella se não imprimira em vida do Auctor;» e quando depois de 1552, o primo-coirmão do poeta pleiteava a tença vaga pelo fallecimento d'elle, apenas se referiram vagamente ao facto de ser Bernardim Ribeiro «*conhecido pelos seus versos* intitulados MENINA E MOÇA.» Quer isto dizer que só eram conhecidas as Eclogas, em folhas avulsas, como a de 1536, por que a Novella apenas se suspeitava da sua existencia, sendo em 1559 que appareceu com este titulo de *Menina e Moça.*

Depois da sua viuvez, segundo relata o linhagista D. Flaminio de Jesus Maria, recolheu-se D. Joanna Tavares Zagalo a casa de seu tio Alvaro Pires Zagalo, senhor da *Quinta dos Lobos* em Cintra, onde se passára a melhor parte do idyllio amoroso. Era Alvaro Pires Zagalo casado com D. Isabel de Sande, e vivia em Alcacer do Sal; tinha filhos, o

Dr. Francisco Dias Zagalo e *Sebastião* Dias Zagalo *(Tasbião)* que foi casado com Ambrosia Gonçalves (*Romabisa*, da Novella.) É possivel, que nas suas excursões ao Alemtejo, como se descreve na Ecloga III, ou a Cintra, como se descreve na Ecloga IV, Bernardim Ribeiro se encontrasse com sua prima já viuva. Nas investigações em cartapacios genealogicos julgou Camillo Castello Branco achar as consequencias d'estes amores: «Dizem que Bernardim Ribeiro, poeta, *deixára uma filha.*» [1] Repete-o Barbosa Machado. O desembargador da Casa de Bragança em 1642 contestava: «nem consta de boas memorias haver tido descendencia bastarda *de uma prima*, como allega o requerente.» É certo que em 1520, já D. Joanna Tavares Zagalo se achava na clausura do convento de Sant'a Clara de Extremoz, por isso que em carta de 15 de agosto de 1522 sua mãe falla d'ella como *freira*. Seria por tanto o anno de noviciado o de 1521, e a sua viuvez e retiro passageiro em Alcacer do Sal de 1519 a 1520. O motivo da retirada para o convento explicamol-o pela saída de sua mãe D. Ignez Alvares Zagalo, em 9 de agosto de 1521, quando acompanhou a infanta D. Beatriz para Saboya. Como se sabe D. Ignez (*Enis*, da Novella) fôra chamada para o paço em 1504 para ama da infanta D. Beatriz; era collaça da infanta D. Francisca Tavares Zagalo; quando a infanta partiu para Saboya, acompanharam-n'a a ama e a collaça, e

---

[1] *Noites de Insomnia.* (Outubro, p. 33.)

tambem foi por capellão Gaspar Dias Zagalo, tio de Bernardim Ribeiro. [1] Comprehende-se agora como a lenda dos amores do poeta no paço se prendesse, embora anachronicamente, com a infanta D. Beatriz. Ella, muito amiga de D. Ignez Alvares Zagalo, (*Enis*, sabedora d'esse segredo dos amores) deveria com certeza conhecer a historia da paixão de Bernardim Ribeiro; a lenda tinha um fundo de verdade, sem comtudo ser verdadeira. Por esta retirada de Portugal de D. Ignez Alva-

---

[1] Em data de 22 de julho de 1521, pouco antes da partida para Saboya, o rei D. Manoel concedeu uma tença annual de 15$000 reis a D. Ignez Zagalo:

D. Manuel, etc. A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que avendo nós respeito á criação e serviços de *Ines alvares* ama da Ifante dona Breatis duqueza de Saboya, minha muito amada e presada filha lhe tem feito e esperamos que ao diante fará, querendo-lhe fazer graça e mercê temos por bem e nos pras que ela tenha e aja de nos de tença em cada anno em dias de sua vida quinze mil reis de janeiro que uem do anno de 1522 em diante porem mando aos vedores de nosa fazenda que lhos fasam assi assentar nos livros dela e dar cartas deles em cada hum ano pera logar onde lhe sejão bem pagos e mais nos pras que por sua morte fiquem os ditos quinze mil reis a *Tomea Tavares* sua filha e se em sua vida os quizer posa nela prazernos a isso e por sertidam e firmeza delo lhe mandamos dar esta carta asinada e selada do noso selo pendente dada em Lisboa a 22 de julho Antonio Affonso a fez anno de 1521. Por este documento se vê que Thomêa Tavares, a collaça da infanta D. Beatriz, é a que apparece na carta de 15 de agosto de 1522 chrismada em *Francisca Tavares*, pedindo então a mãe a transferencia da tença dada por D. Manoel para essa filha para ajuda do seu casamento. Em outra carta de 30 de agosto de 1526, ainda D. Ignez Alvares escrevia de Saboya a D. João III preoccupada com o casamento de D. Francisca Tavares.

res, recolheu-se sua filha viuva ao convento de Extremoz, e ainda de Saboya escrevia a mãe a D. João III pedindo-lhe em carta de 15 de agosto de 1522 certo soccorro para D. Joanna: « Vossa alteza sabe *como eu la leixei uma filha freira e tão doente que ha mister sempre duas e tres mulheres que a sirvam* e huma escrava, a qual lh'eu deixei muito boa; agora me escrevem que lhe morreu; eu não estou em tempo pera agora lhe mandar outra; beijarei as mãos de vossa alteza fazer-me mercê duma e nisto fará grande esmola e serviço de Deus e ela e eu sempre rogaremos a nosso S.^{or} por vossa vida e estado. » Este periodo da carta de D. Ignez Zagalo pinta-nos o quadro de desolação moral e exaltação nervosa em que se achava no convento de Santa Clara de Extremoz a namorada de Bernardim Ribeiro; não poderia ser longa a sua existencia. Esta carta de D. Ignez Zagalo imprime uma certa authenticidade a muitos factos apontados na genealogia [1] e sobre a realidade de certos personagens, como o tio do poeta, Gonçalo Dias Zagalo, que já *passava dos outenta annos.* [2] Por esta carta se vê que D. João III continuou o favor que D. Manoel concedera á familia Zagalo, especialmente ao successor do morgado da *Quinta dos Lobos*, o Dr. Francisco Dias Zagalo, o que por ordem régia foi

[1] No Ms. 357, da *Coll. Pombalina*, fallando-se de Sancho Tavares, lê-se: « *teve uma filha freira em Extremoz.* »

[2] Teria nascido por 1448; sua irmã D. Joanna Dias Zagalo (mãe de Bernardim Ribeiro) era mais nova, e por tanto entrava muito nos trinta quando em 1482 lhe nasceu seu filho.

prender o bispo do Algarve, D. Fernando Coutinho. [1]

A reclusão de D. Joanna Tavares no con-

---

[1] Transcrevemos aqui os documentos historicos, achados pelo snr. visconde de Sanches de Baena, e que provam certos dados genealogicos, e circumstancias da familia dos Zagalos que interessam á biographia de Bernardim Ribeiro. Na carta de D. Ignez Alvares Zagalo a D. João III, em 15 de agosto de 1522, pede ella, que a tença que lhe concedera o rei D. Manoel seja transferida para sua filha D. Francisca Tavares para ajuda do seu casamento; e ahi falla na outra filha que estava no convento de Extremoz:

Sñr. Vossa Alteza sabe que por todalas pesoas que desta terra forem lh eyde mandar nouas da Srã Ifanti por que sei ho prazer que co elas tem. sua Alteza está de saude e prenhe e vai en sete mezes prazerá deus que alumiara desta vez asi como tem feito as outras pasadas asi mesmo está de saude Monseor e o principe seja omem e quada vez se parece mais com vossa alteza monseor de *breisa* (de Bresse) tambem está muito bonito e se cria muito bem sua alteza o veste agora no avito de samfrancisco prazera a noso senhor que estes e os outros que mais ouver os deixará criar e viver pera muito seu descanso e acresentamento de seu estado. Sn.^or^ como eu não tenho outro bem depois de deus para me fazer mercê a mim e a minhas filhas senão vossa alteza asi Sn.^or^ nunqua deixo de o empurtunar e lhe pidir mercê. Vossa alteza bem sabe como el rei noso Sn.^or^ que santa groria aja que me fez mercê de quinze mil r.^s^ de tença agora novamente lhe peço m'os trespase em *minha filha dona francisca* pera ajuda de seu casamento por que Sn.^or^ nisto nos fará muito grande mercê a ela e a mim, e eu creio Sn.^or^ que a Sn.^ra^ Ifante lhe escreve sobr'iso e que vossa alteza por sua entersesão me fará esta mercê, Vossa alteza sabe como eu la leixei *uma filha freira e tão doente* que ha mister senpre duas e tres mulheres que a sirvam e huma escrava a qual lh eu deixei muito boa, agora me escrevem que lhe morreu; eu não estou em tempo pera agora lhe poder mandar outra; beijarei

vento em Extremoz longe de pacificar o animo de Bernardim Ribeiro, tornou a sua agitação mais irrepressivel; já o não serenavam

---

as mãos de vossa alteza fazer-me mercê duma e nisto fará grande esmola e serviço de deus e ela e eu sempre rogaremos a noso Sn.or por vosa vida e estado. Sn.or eu ja largamente escrevi sobre meu tio e sobre mim a vossa alteza por Pero Carvalho antes que o bispo de targua se de ca fose acerca das cousas que temos pasadas, o que eu creo que se vossa alteza bem oulhara minhas rasões as crera pois creo as que contra nos lhe diseram não sendo nada verdade, e asi como noso Sn.or o sabe e praserei a ele que lhe dará graça que conheça a verdade diso que todalas cousas em as enformações que tem dito e dadas a vossa alteza a tudo iso digo que pera vossa alteza ver que todas não erão verdadeiras e nunqua a Snr.a Ifanti lhe escrever que se sua alteza lhe tem escrito de sua mão eu direi que asi ele he hum ome que o mais do tempo está entrevado numa cama cada dia pra morrer e crea vossa alteza que pasa de oytenta anos e provera deus que avera ele disposição para poder servir vossa alteza qu ele logo se fora ainda que mui pouco serviso lhe fizera. a Snr.a Ifanti está de caminho para pyemonte para se ver co emperador Sua alteza se irá para huma sua cidade que se chama berselquista (sic) perto de milão como mais largamente lhe dirá duarte da fonsequa que omem não ousa escrever por amor das pasajes. beiio as mãos de vossa alteza pela mercê que fez a minha filha e a meus netos que foi uma grande mercê pera mim e grandisima consolasão pola qual e por houtras muitas mercês que nos tem feitas toda nosa vida rogaremos a deus noso Sn.or que acresente os dias da vida a vossa alteza e prospere seu real estado por muitos anos. de chamberia xv dias d agosto bejo as mãos de vossa alteza. Ama da Snr.a Ifanti.» (Torre do Tombo, *Cartas missivas*, maç. unico, n.º 7. — Visconde de Sanches de Baena, *op. cit.*, p. 36.)

Ao pedido contido n'esta carta de D. Ignez Alvares Zagalo, segue-se outra em que a infanta D. Beatriz intercede em favor da sua ama:

as excursões no Alemtejo ou pela serra de Cintra, o ár de Portugal asphyxiava-o. Saíu de Portugal em 1522, e foi á Italia; allude a

---

« Senhor. No que vossa alteza me manda de *Gaspar dias* trabalhey canto me foy posybi como duarte da fonseca lhe dyra mas elle é tam velho e tam doente que se nam atreve a meter se a caminho aynda que eu lhe dese andas em que fose e a sua vida nam pode ser muita e beijarey as mãos de vossa alteza por dar a sua fazenda a este seu yero (genro) por que he pesoa que merece toda a mercê que lhe fizer. Senhor ha tanto tempo que nam tenho nouas de vossa alteza nem resposta de minhas cartas que nam sey em que lhe merecy tanto esquecimento, por que meus desejos nam sam ya mais houtros que de lhe fazer serviço, e grande mercê me fará em me fazer saber de sua saude e boa desposição, e creia que nenhum prazer me achega a cando houço boas novas de vossa alteza *e faz-me senhor tanta mercê que se alembre de minha ama nisto que lhe pede da sua tença* por que hos serviços que me faz merece todo bem que lhe fizer, e duarte da fonseca dirá a vossa alteza alguas cousas de dona yoanha e dona Yneis de brito beiar-lhe ey as mãos por fazer n'iso ho que puder por que toda mercê que lhe fizer a faz mim muyto grande. beiio as mãos de vossa alteza. de xhambri a XIIII dagosto.

« Servidora he yrmãa duquesa Ifante. » (Torre do Tombo, *Cartas miss.*, maço 2, n.º 167; ap. Sanches de Baena, p. 36.) Como n'estes documentos se não cita o anno, infere o snr. visconde de Sanches de Baena, que seria o de 1522, attendendo ao dizer-se que a infanta estava gravida de sete mezes, e ter nascido em novembro d'esse anno Adrião Jordão Amadeu de Saboya; mas n'esta carta falla-se em parto anterior, o que nos faz crêr que era escripta no anno de 1523. N'esta carta trata a ama da infanta D. Beatriz de mais trez filhas: 1.º da transferencia da tença de 15$000 reis para a filha D. Francisca para ajuda do seu casamento; 2.º de soccorrer *uma filha freira* muito doente (D. Joanna Tavares); 3.º agradece a mercê feita « *a minha filha e meus netos* », isto é, a D. Maria Tavares, casada com o

este facto de um modo positivo Sá de Miranda, na Ecloga *Aleixo*. Por ventura ambos lá se encontraram. Transcrevemos os versos de

---

Dr. João Rodrigues de Lucena; a mercê era o fôro de moço fidalgo concedido a Antonio, Francisco e Diogo de Lucena, que militaram na India.

Em 16 de agosto de 1524 confirmou D. João III a tença concedida por D. Manoel:

«Pedindo-me a dita *Ines alvares* por mercê que lhe confirmase a dita carta, e visto por mim seu requerimento querendo-lhe fazer graça e mercê tenho por bem e lha confirmo e hey por confirmada e mando que em todo se cumpra guarde como nela he conteudo dada em a cidade de Evora dezeseis dias dagosto Antonio Sanhudo a fez ano de 1524.» (*Chanc. de D. Manoel e D. João III*, Liv. 18, a fl. 93; e livro 14, a fl. 186 *v.*; ap. Sanches de Baena, *op. cit.*, p. 39.)

Em 1525 ainda não tinha casado D. Francisca Tavares, como se vê pela carta de D. Ignez Alvares, sua mãe, a D. João III:

«Senhor. Por que de tan longe m atrevo sempre a escrever a vossa alteza e por que m'o tem mandado e he muita rezam fazelo por que outrem com mais amor o nam fará e com bons desejos pera o servir eu não tenho cousa que me dê consolação nem esforço pera pasar o que o tempo oferece que som cousas encriveis pera sofrer mas tomo as com paciençia por que me parece que sirvo niso tanto vossa alteza como a senhora Ifante vossa yrmãa. sua alteza fiqua de saude e bem san de todas as suas doenças que sohia ter e he prenhe parece-me que vai em tres mezes, noso Senhor deus seja muito louvado monseor e o princepe estan de saude, estan em Saboya e a senhora Ifanta está em piamonte, em fim deste mes de setembro espera a senhora Ifanta por monseor. a fiquada de sua alteza em piamonte foy pelo defender e guardar de muitas malfeitas cousas que fazem estes espanhoys e sua alteza louvado aya deus o fez tambem que sabia fazerse grande guerra prazera a deus que senpre lhe dará graça e saber con que faça suas cousas con muita virtude como as faz, esperando que vossa alteza mandade a visitar

Sá de Miranda, quando descreve como *Aleixo* (Bernardim Ribeiro) despertára do seu somno magico ou propriamente hypnotico:

---

a senhora Ifante como o escreveo por diogo da costa e poys nam manda e forçada saber de minhas cousas como entan eu pidi muito por mercê a sua alteza que dese licensa ao portador desta que seu criado omem da sua quamara e por me fazer mercê lha deu e o manda avyar minhas cousas *o que me mais releva he quasar esta filha,* beyiarey as mãos de vossa alteza lenbrandose de mim e dela e quasal-a como m escreveu que o farya por Pero Carvalho, eu esta esperança tive senpre tenho en vossa alteza que o fará como diz na sua carta que o faria como for meu desquanso e quereria começo d alvisera, eu nesta esperança estou e nam na perderey porque a tenho muita em vossa alteza, fiquo rogando a deus por vida e acrescentamento do real estado de vossa alteza como sempre farey em quanto viver. de torim trinta dagosto. beyio as mãos de vossa alteza. ama da Senhora Ifanta. (*Corpo chron.*, P. I, maç. 32, n.º 103. — Visconde de Sanches de Baena, *op. cit.*, p. 38.)

Ainda por causa das filhas de D. Ignez Zagalo, escreve a propria infanta D. Beatriz a seu irmão o rei D. João III, em 2 de setembro de 1525, pedindo a recisão de uma venda em que a sua ama se achava lesada:

« Senhor. Minha ama vendeu humas casas que tinha em estremoz a hun manuell de Sande com grande necesidade por nõ ter con que me servir, e *por que isto he fazenda de suas filhas orfaõs* e forã vendidas a menos preço move agora demãda sobre ellas, mercê me fará vosa alteza en lhe mãdar fazer Justiça por que a myngua della nõ perca seu direito. esqrita em torym a ij de setembro de 1525. — duquesa. *(No sobrescripto):* A elRey meu Senhor Irmão. (*Corpo chron.*, Part. I, maç. 18, doc. 80; visconde de Sanches de Baena, *op. cit.*, p. 38.)

Por este documento vê-se que era já fallecido Sancho Tavares; que D. Francisca Tavares ainda não tinha casado vê-se pela carta anterior de 30 de agosto,

He dormido. Ora que atiendo?
Quiero pasar la montaña:
Quiza que en la parte estraña
Me estará el bien atendiendo.

. . . .

Que el corazon se me encierra
I no quiere oir consejos,
Adios mi tierra i mis viejos
(Gran mal de vos me destierra) [1]

Si muriere en otra tierra,
Aqui los huesos me traian!
Que mundos piensas que vaian
Alla tras aquella sierra?

. . . .

Lo que se hade acometter
De que aprovecha el tardar? [2]

E sobre esta resolução de saír de Portugal, a edição de 1614 e o *Cancioneiro* de Luiz Franco trazem mais esta estrophe:

---

mas pouco tardou, por que em 10 de outubro de 1528 sua mãe obteve que os quinze mil reis da sua tença fossem assentes e pagos pelo almoxarifado de Extremoz. Estaria ainda alli viva D. Joanna Tavares? D. Francisca Tavares casou com João Duyn, natural de Saboya, barão de Vala Ilera, senhor de Cambefort e visconde de Tarentere, de quem ficaram descendentes. Não é este facto extranho á publicação da *Menina e Moça* em Ferrara em 1554. O valimento que D. Ignez Zagalo teve na côrte de D. Manoel e de D. João III influiu directamente nas mercês que Bernardim Ribeiro recebeu d'aquelles dois monarchas.

[1] Verso do Ms. Jur., *Poesias*, p. 693.

[2] *Poesias* de Sá de Miranda, p. 113 e 114.

En fin dada es la sentencia;
Sea simpleza ó locura,
Provaré la mi ventura
Pues me aqueja tal dolencia.
Provaré por experiencia
Si este mal otro aire enciende,
Si con mis amigos ende
Me queda la mi paciencia.

E em outra estrophe, ensaiando uns versos endecasyllabos, «Como si Ribero fuese», allude ao seu encontro em Italia:

Mas las quejas a de parte,
A lo que mandas, vengamos,
Al cantar que aqui cantámos;
Fue (sabes) *de estraña parte*
Donde un tiempo ambos andamos.
I dir te he como pasó:
Acertó se que io tañese
Aquel modo, i el cantó;
Rogó-me que respondiese. [1]

No Ms. Juromenha tambem se dá a entender este encontro dos dois poetas amigos na Italia:

Ora quejas a de parte,
De *aquel amigo* tratemos;
Sabes que *traído havemos*
Samponãs de estraña parte.
No sé que de ellas queremos. [2]

---

[1] *Ibid.*, p. 118.
[2] *Ibid.*, p. 694.

Na lenda amorosa de Bernardim Ribeiro, tambem se falla da sua viagem á Italia; Faria e Sousa, que foi o ecco d'estas vagas tradições, escreve na *Europa portugueza:* «Passó de hermitano en esta sierra (de Cintra) *a peregrino en Italia.* Viò todas sus grandezas y teniendo por mayor que todas su pena, y el motivo della, *bolvió por Saboya.*» [1] Crêmos mesmo que era a Saboya que se dirigia o poeta, na sua viagem á Italia; em 1522, D. Joanna Zagalo estava caída na alienação mental, e o poeta ainda foi buscar um allivio junto da mãe d'ella, D. Ignez Alvares Zagalo, ama da infanta D. Beatriz, que sabia o segredo d'aquelles desgraçados amores. A esta luz se comprehenderá melhor o sentido da Ecloga v, que traz a rubrica: «*A qual dizem ser do mesmo Autor.*» Signal de que já se encontrou a Ecloga fóra dos seus papeis, e se perderia pela circumstancia de tambem ter o poeta caído em loucura.

A quinta Ecloga. — O desapparecimento de Bernardim Ribeiro, ausentando-se de Portugal sem se saber para onde, deu logar á lenda de que morrera assassinado obscuramente; e partindo d'essa outra ficção dos amores com a infanta D. Beatriz, completou-se a primeira versão, colligida nas *Memorias ineditas* de Diogo de Paiva de Andrade, de que os moços do monte de el-rei D. Manoel o tinham assassinado na rua nova d'Elrei (Capellistas) em vingança dos irreflectidos amo-

[1] *Europa port.*, t. II, p. 549 e 550.

res. [1] Notada a incongruencia chronologica, fica apenas a verdade do desapparecimento do poeta. Durando essa ausencia *dous annos*, como diz em um dos seus trechos, e sendo chamado á côrte pelo despacho de 23 de setembro de 1524, reconhece-se que fugira de Portugal em 1522, quando D. Joanna Tavares estava já professa em Extremoz e no periodo mais exacerbado da sua doença. A acção da Ecloga V passa-se fóra de Portugal; sabendo-se pela Ecloga *Alcixo*, de Sá de Miranda, que os dois poetas amigos se encontraram na Italia e ahi conheceram o *dolce stil nuovo*, é mais do que plausivel considerar os dialogos bucolicos passados entre Ribeiro e Agrestes como a expressão da situação moral em que alli se achavam então os dois poetas. A Ecloga V é de uma belleza incomparavel pela viveza do sentimento; começa por uma narrativa para collocar a acção, e accentuando a sua ausencia:

> Ribeiro, triste pastor
> De Ribeira namorado,
> *Vendo-se d'ella apartado*
> Lamentava sua dôr
> Nascida de seu cuidado;
> Ia-se polos vallados
> Suspirando, e polos montes
> *Os tempos que eram passados,*
> Seus olhos tornados fontes,
> Todo cheio de cuidados.

---

[1] Ap. Camillo Castello Branco, *Noites de Insomnia*. Outubro, p. 34.

. . . .

Dizem que se desterrou
Bem contra sua vontade,
Que seu descanso mudou,
Porém não a soidade
Que firme sempre ficou.

. . . .

Conforme a seu penar
Aquella terra buscou
Pera de si se vingar,
Onde não pode leixar
De penar o que penou.

. . . .

Lagrimas lhe vão e vem;
Com a tristeza sobeja
Sobejo cuidado tem;
Elle ausente de seu bem
Outra vida não deseja.

Depois da ingenua narrativa, começa a queixa de Ribeiro, insistindo na mesma situação:

Cuidava eu *quando partia*
Posto já na derradeira,
Que mui cedo morreria;
Pois ausente cá me via
Da doce, fresca ribeira,
Onde sohia passar
A gloria que é já perdida...

Minha vida vae assi
Ausente de meu querer,
Desejo perdido ser,
Mas, tão perdido nasci
Que me não posso perder.

Minha pena é tão crescida
Que se não póde encobrir;
N'ella vou gastando a vida;
Desejei minha partida,
E não me pude partir.

Ribeira de meu cuidado,
Oh cuidado da Ribeira,
Ribeira do bem passado,
Pois de ti vivo apartado
Commigo vive canseira.

É no meio d'estas queixas que Ribeiro vê vir cantando o pastor Agrestes, e o escuta para chorar com elle. Tambem Agrestes se queixa de ausencia em terra alheia por causa dos seus amores:

Terá a culpa meu sentido,
Se meu mal fôr mal contado,
Que de mim é bem soffrido,
Sem rasão, nem causa dado!
N'elle *me vejo perdido*
Da terra d'onde nascido...

. . . .

Perdida é minha alegria
Desterrado em terra alheia,
Alheio do que sohia;
Mas o mal que padecia
Seguro que se não creia.

Pelos versos que Sá de Miranda escreveu com a impressão da grande campina de Roma, se vê que o seu espirito ainda estava sob a desolação da saudade de D. Isabel Freire, a *Celia*, de que falla Bernardim Ribeiro na sua

Ecloga II. Encontrando-o fóra de Portugal, pergunta-lhe Ribeiro:

Quem te trouxe por aqui,
Agrestes, triste pastor?
Dize-me, que foi de ti?
Dias ha que te não vi;
Não te vêr fôra melhor.
Vejo-te andar demudado,
Não sohias assim ser,
Tu me conta o teu cuidado,
Que um penado a outro penado
O seu mal póde dizer.

Sabendo-se que Sá de Miranda antes de 1520 já estava ausente da côrte, e partira para a Italia em 1521, no inverno, (Puse me *a las blancas sierras*, referindo-se na Ecloga *Aleixo*, á passagem dos Pyrenneos), comprehende-se este verso da Ecloga V de Bernardim Ribeiro: «Dias ha que te não vi.» A queixa de Agrestes é que nos esclarece mais ainda a personalidade de Sá de Miranda:

Longos tempos ha que vi
Uma fermosa pastora,
Fermosa só pera si;
Fez-se senhora de mi,
Sem me querer ser senhora.
A qual tinha outros amores,
Segundo depois senti;
A outro dava favores,
E a mim todas as dôres,
As dôres todas a mi.

No principio do querer
Era livre, e mais izento,
Pera agora triste ser
Com dobradas dôres ter,
Por que agora é que as sento;

Pois aquella liberdade,
Aquelle livre sentido,
Aquella livre vontade,
Pago cá a saudade
Que tenho do bem perdido.

O meu bem e mal mudado,
Inda que me desterrei,
Não desterrei o cuidado,
Cuidado do bem passado,
Passado, por que o passei.
Mudei terra, mudei lar,
Gloria, descanço e prazer;
Esta terra vim buscar,
Onde cresce o meu penar
Pera sempre pena ter.

E sendo *longe criado,*
Determinaram os fados,
Que viesse desterrado
N'esta terra, onde um cuidado
Traz comsigo outros cuidados.
Por que esta terra é
Alheia ao meu cuidar,
Onde pera mais penar
Nenhuma cousa se vê
Que me possa gosto dar.

. . . .

Estes áres são mortaes,
E o que mais me desbarata,
E dá dôres deseguaes,
E' lembrar-me os sinceiraes
De Coimbra, que me mata.

E vivendo triste, cego,
Não sei, mesquinho, que faça,
Estou mettido em tal pego,
Que suspiro por Mondego
E choro por a Regaça.

O meu mal é tão sobejo,
Que parte não sei de mim;
E fingindo no desejo,
Como que a Mondego vejo.
Muitas vezes digo assim:

Oh Mondego, meu amigo,
E senhor das claras aguas,
A ti só meus males digo,
Minhas maguas vão comtigo,
Comtigo vão minhas maguas.
Mil vezes lhe estou fallando,
Outras muitas meu mal calo
Em nada determinando...

É então que entre os dois pastores se debate a questão de qual soffre mais: se Agrestes pelo ciume, se Ribeiro pela ausencia e saudade; diz Agrestes:

Mas isto não desbarata
A causa do meu viver;
O ciume é que me mata,
Este só tão mal me trata,
Que o não posso dizer.

Este é que me faz sentir,
Este é que me faz morrer;
Este é que me faz fugir,
As cousas do ledo ser;
E este me faz querer
Muito mal, que mal me quero;
Quero por elle mal ter,
Pois elle me faz perder
A esperança do que quero.

Ribeiro, porém, reconhecendo como intimo amigo a verdade de tanto soffrimento, desco-

bre-lhe o mal irremediavel da sua ausencia: D. Joanna Tavares Zagalo já estava recolhida e freira professa em Santa Clara de Extremoz; e diz Ribeiro a Agrestes:

> Se forte é tua paixão,
> Mór é muito meu soffrer,
> E tu não me queres crêr
> Por que te cega a affeição
> Nascida do bem querer.
> Por ser mal e *por ser teu*
> *Me péza como é razão;*
> E porém triste do meu,
> Pois a causa que m'o deu
> Fica por satisfação.
>
> . . . .
>
> O mal de que sou ferido
> *De ausencia foi gerado;*
> *D'outrem foi elle nascido,*
> E de mim é só soffrido,
> E de mim é só chorado.

Depois em sete deliciosas decimas descreve Ribeiro o logar onde se passaram os seus amores, em Cintra, no retiro encantador da Quinta dos Lobos:

> Alli flôres, alli rosas
> Natura quiz esmaltar,
> Alli arvores graciosas,
> E aguas mui saudosas
> Que depois vão dar ao mar;
> Alli tudo parecia
> Paraiso terreal,
> E o sol mui claro luzia,
> Que nenhuma cousa havia
> Que desse nojo, nem mal.

Alli arvores e flores
Verdes, brancas, encarnadas,
E de outras muitas côres,
Nascidas das minhas dôres,
E com lagrimas agoadas.
D'ellas nascem outros ribeiros,
Tanto em abastança são
Saídas do coração,
Que polos pés dos outeiros
Ruido fazendo vão.

Com ellas rios cresciam,
Tudo alli estava á vontade,
As ondas, quando batiam,
Assi manso nos faziam
Nos corações saudade.
Era, emfim, tanta belleza,
Com vêr alli tantas flôres,
E cantar dos roussinores,
Que esquecia a tristeza
Que me davam minhas dôres.

Um ventosinho corria,
Era o ár sereno e manso,
Que a mesma agua trazia;
N'esta ribeira vivia,
Agrestes, todo o descanso.
Trutas de muito sabor
A ribeira alli criava,
Criava tambem a dôr
De seu triste guardador,
Que com dôres a guardava.

Apezar da perda d'este paraiso, insiste Agrestes, dizendo:

Bem ouvi tua paixão
Pera mais paixão te dar,
Mas um triste coração
É tão fóra de rasão
Que não sabe consolar;

Por que *eu soffro tambem dôr*
Em os ciumes causada,
E segundo quiz amor,
Eu cuido foi a maior
Que nas dôres foi criada.

RIBEIRO:

Agrestes, não póde ter
O meu mal comparação,
Por que o mal de ausente ser
Não se póde padecer,
Nem lhe podem ir á mão:
Leixei a minha Ribeira,
Minha rosa, meus amores,
Vim provar esta canseira,
Nem se póde ter maneira
Com que mitigue estas dôres.

Por que eu te digo a verdade,
Que desque não pude vêr
Aquella graciosidade,
Me faz tanta saudade
Que em mim não reina prazer.
Lembra-me aquelle cantar,
O correr d'aquellas aguas,
Causa-me isto gram penar,
E folgo de me entregar
A' magua das minhas maguas.

Agrestes insistindo sobre a angustia do ciume dá-se como morto para a esperança, e consola Ribeiro de que ainda póde haver remedio para a sua ausencia:

Ribeiro, estás enganado,
Que *os ciumes são mortaes;*
A quem vires seus sinaes
Dá-o tu por sepultado,
Não espere remedio mais.

. . . .

Polo que concedo eu
Que o teu mal é maior,
E differente do meu,
Pois que perdes o favor
Que tua dita te deu.

. . . .

Não chores, mas torna em ti,
Que te vejo mui mudado;
Quem te poz n'esse cuidado
Te mandará ir d'aqui,
E serás remediado.

Ribeiro, tem confiança,
Que Deus dará de seu bem,
E *não pereas a esperança,*
Pois a gloria que se alcança
Muitas vezes se detem.

Ribeiro confessa que nunca lhe faltará a esperança de tornar a possuir a mulher amada; é essa esperança que lhe dá todo o soffrimento, mas tambem a que lhe ampara a vida:

Por que se esta fallecesse
Já a morte me daria...

. . . .

Primeiro hão de correr
Pera traz rios e mar,
Nas cousas discordia haver,
Que a mim me fallecer
Desejo de inda a gosar.

N'esta doce illusão em que vivia Ribeiro, sem saber que a sua namorada pelo estado

de loucura em que se debatia estava moralmente morta, Agrestes termina: «Deus te cumpra teu desejo — Ribeiro, pastor amigo.» No capitulo I da *Menina e Moça*, especie de prologo, vem uma indicação da época em que começou a escrevel-a: «Agora ha já *dous annos* que estou aqui, e não sei ainda tão sómente determinar pera quando me guarda a derradeira hora; não póde já vir longe. Isto me poz em duvida de começar a escrever as cousas que vi e ouvi. Mas depois cuidando commigo, disse eu: — Que arrecear de não acabar de escrever o que vi não era cousa pera o leixar de fazer; pois não havia de escrever pera ninguem, senão pera mim só. Quanto mais que, *em cousas não acabadas*, não havia de ser nova; que quando vi eu prazer acabado, ou mal que tivesse fim!» Foi durante a viagem á Italia, que Bernardim Ribeiro ensaiou as fórmas da Novella pastoral, substituindo-as ás Eclogas do gosto castelhano. De Italia regressou a Portugal, por ventura por influencia de D. Ignez Alvares Zagalo, que vivia em Saboya junto da infanta D. Beatriz; e pela grande importancia que tinha essa dama para com D. João III, é natural que por pedido d'ella o monarcha tornasse a chamar Bernardim Ribeiro para o serviço do paço. A sua nomeação por carta de 23 de setembro de 1524, para secretario da Camara de D. João III, dá-nos a época do seu regresso a Portugal, ao fim de dois annos de ausencia. Transcrevemos aqui esse importante documento, a que tambem allude Sá de Miranda na Ecloga *Aleixo*:

«D. João, etc. A quantos esta minha carta virem, faço saber que, confiando eu na bondade, saber e discrição do *doutor Bernaldim Ribeiro*, que pela pratica e ensino que tem, me servirá com aquelle segredo e boa diligencia que se em tal caso requere, e a meu serviço cumpre, querendo-lhe fazer graça e mercê, tenho por bem, e o dou ora novamente, d'aqui em deante, por meu escrivam da camara, assi e pela maneira que o elle deve ser, e o são os meus escrivães da camara. E porém, encommendo e mando a D. Antonio, (sc. de Athayde) meu muito amado primo, e escrivão da minha puridade, e a quaesquer outros officiaes e pessoas a que esta minha carta for mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer, que hajam d'aqui em deante, ao dito Doutor Bernaldim Ribeiro por meu escrivão da camara, e o leixem servir e usar do dito officio inteiramente, e haver sua vestiaria, escretura, proes e percalços a elle direitamente ordenados, e segundo meu Regimento, sem duvida nem embargo algum, que a elle seja posto, porque assi he minha mercê. E jurará em minha chancellaria, aos santos avangelhos, que bem e verdadeiramente sirva o dito officio e use d'elle, guardando a mim meu serviço e segredo, e ás partes seu direito. Dada em a minha cidade de Evora, aos 23 dias de setembro. Domingos Paes a fez. Anno de 1524.» [1]

---

[1] Torre do Tombo, *Chanc. de D. João III*, Liv. 37, fl. 164; *Corpo chron.*, P. I, maço 31, n.º 79. — Publicado pela primeira vez por D. José Pessanha, na Ed. da *Menina e Moça*, de 1891, p. 258; e pelo visconde

Parece que este despacho foi simples reintegração em um logar que perdera ou de que fôra despedido, pelo que se infere da phrase: »*que pela pratica e ensino que tem* me servirá com aquelle segredo...»; o que precisa o sentido da fórmula: «*e o dou ora novamente daqui em deante* por meu escrivão da camara.» Na contestação do desembargador da Casa de Bragança no documento judicial de 1642, tambem se chama ao poeta *Doutor* Bernardim Ribeiro, e se dá por — escrivão privado do Senhor Rey Dom João 3.º»; tudo isto confirma a referencia d'este documento de 1524 ao poeta e ao mesmo tempo a authenticidade do documento official de 1642. O regresso de Bernardim Ribeiro á côrte, depois d'este despacho acha-se referido por Sá de Miranda como uma nova causa da sua definitiva desgraça; assim o diz na redacção da Ecloga *Alexo*, do Ms. Juromenha:

No se me acuerda de mas
Ni de mi, ni de Ribero.
Amigo i buen companero,
Quan presto dejado me has!
Bien pensé que mas d'espacio
Duraria
Nuestra dulce compania,
Fué la tu muerte el palacio. [1]

---

de Sanches de Baena, *Bernardim Ribeiro*, doc. 4.º, p. 37. No *Livro dos Officios, Doações e Padrões d'El Rei D. João 3.º*, no anno de 1524, a fl. 205, vem apontado: «Ao D.or Bernardim Ribeiro fez mercê do officio de seu Escrivão da Camara, por sua bondade, saber e descriçam, Evora, 23 de *fevereiro.*» (Ms. da *Collecção Pombalina*, n.º 265, fl. 168.)

[1] *Poesias* de Sá de Miranda, p. 697.

E no texto enviado ao princepe D. João é Sá de Miranda mais explicito na variante:

> No siguió Ribero mas.
> Antes como era cuidoso,
> (Pienso que te acordarás)
> Buen pastor, *en tu mal ciego*,
> Como lo és
> Cada uno, *pero despues*
> *Mas en dar te a palaciego.* [1]

A Ecloga v de Bernardim Ribeiro termina com a esperança que lhe dá Agrestes (Sá de Miranda) de tornar ainda a vêr a sua amada; sómente na edição de 1645 é que apparece em seguida a esta Ecloga um Romance, que ficára inedito, em que relata o seu regresso a Portugal e ao logar dos seus amores. É de uma melancholia inegualavel e communicativa:

> Ao longo de uma ribeira
> Que vae polo pé da serra,
> Onde me a mim fez a guerra
> Muito tempo o grande amor,
> Me levou a minha dôr.

---

[1] *Ibidem*, p. 123. Na edição de 1614 ainda vem mais outra variante elucidativa:

> Hablava a tiempo i lugar,
> Pero d'espacio.
> *Ai buen pastor si al palacio*
> *No te dejaras cazar.*

Já era tarde do dia,
E a agua d'ella corria
Por antre um alto arvoredo
Onde ás vezes ia quedo
O rio, e ás vezes não.
Entrada era do verão,
Quando começam as aves
Com seus cantares suaves
Fazer tudo gracioso;
Ao rugido saudoso
Das aguas cantavam ellas;
Todalas minhas querellas
Se me pozeran diante...

A preoccupação da paizagem em Bernardim Ribeiro explica-se pelo aspecto essencialmente pittoresco da Quinta dos Lobos em Cintra; e vendo aquelles sitios aonde a vida foi um sonho venturoso, prosegue na melopêa narrativa:

Alli morrer quizera ante,
Que vêr por onde passei...
Mas, eu que digo? passei!
Antes inda heide passar
Em quanto hi houver pesar.

O desejo do regresso confessado no final da Ecloga v, toma corpo no Romance, em uma allegoria tragica:

Eu mesmo sou teu Cuidado,
Que n'outra terra criado
N'esta primeiro nasci;
E este outro que está aqui
E' o teu desejo triste,
Que má hora tu o viste,
Pois nunca te esquecerá;
A terra e mar passará
Traspassando a magoa a ti.

Dei então a caminhar
Rio abaixo até chegar
Acêrca de Monte-Mór,
Com meus males derredor,
Da banda do meio dia,
Alli minha phantesia
D'antre uns medrosos penedos
Onde aves, que fazem medos
De noite, os dias vão ter,
Me saíu a receber
Com *uma mulher* pelo braço
Que ao parecer, de cansaço
Não podia ter-se em si...

É então que o poeta representa a visão da mulher amada, ainda com os louros cabellos ondados, mas já cobertos com o manto negro de professa na clausura; em uma linguagem lancinante, descreve o que a phantasia lhe mostra:

Dizendo: — Vês, triste, aqui
A triste lembrança tua? —

Minha vista então na sua
Puz; d'ella todo me enchi.
A primeira cousa que vi
E a derradeira tambem,
Que no mundo vão e vem,
Seus olhos verdes rasgados,
De lagrimas carregados,
Logo em vendo-os pareciam
Que de lagrimas enchiam
Continuo as suas faces,
Que eram gram tempo pazes
Antre mim e meus cuidados.
Louros cabellos ondados [1]

---

[1] Emprega intencionalmente este verso, que vem na prophecia de Pierio, na Ecloga II.

Que um negro manto cobria,
Na tristeza parecia,
Que lhe convinha morrer.
Os seus olhos, de me vêr,
Como furtados, tirou;
Depois em cheio me olhou.
Seus alvos peitos rasgando,
Em voz alta se aqueixando,
Disse assim mui só sentida:
— Pois que moor dôr na vida,
Pera que houve ahi morrer? —

Calou-se sem mais dizer;
E de mim gemidos dando,
Fui-me pera ella chorando
Pera a haver de consolar.
N'isto, poz-se o sol ao ár,
E fez-se noite escura.
E disse mal á ventura
E á vida, que não morri!
E muito longe d'alli
Ouvi de um alto outeiro
Chamar: — Bernardim Ribeiro!
E dizer: — Olha onde estás! —
Olhei diante e detraz
E vi tudo escuridão.
Cerrei meus olhos então,
E nunca mais os abri,
Que depois que os perdi,
Nunca vi tam grande bem,
Porém, inda mal, porém.

Até aonde a linguagem humana póde subir! O poeta tornou a vêr D. Joanna Tavares; ainda os mesmos olhos verdes rasgados mas cheios de lagrimas, os mesmos louros cabellos ondados mas cobertos com o manto preto de professa de Santa Clara. E Joanna fitou o que tanto amava, a furto, mas olhando para elle em cheio, teve um d'esses ataques em que mal a seguravam trez mulheres:

«Seus alvos peitos rasgando — Em voz alta se aqueixando.» Desde aquelle instante, unico por que a viu, ficou Bernardim Ribeiro em noite completa da alma; D. Joanna Tavares não estava morta, mas pouco menos.

A situação de D. Joanna Tavares, como o poeta descreve no seu incomparavel Romance, é ao que na moderna pathologia cerebral se chama a *demencia aguda*. Maudsley cita o caso de «uma senhora muito nova, de olhos azues, delicada e fragil... Os olhos, vagos e errantes, estavam privados de toda a percepção intelligente, e a sua maneira de estar sem expressão. Ella não podia conservar-se em repouso, e todo o seu corpo era agitado por um movimento contínuo, particularmente da cabeça, e ella gemia de uma maneira lenta e monotona. Não fallava e era impossivel fixar a sua attenção, nem obter uma resposta intelligente. — *Ella tinha tido grandes decepções nos seus affectos.*» [1] O poeta viu-a assim n'este gráo de inconsciencia; estavam mais alliviados os ataques de vertigem epileptica, em que eram precisas trez mulheres para a segurarem, mas D. Joanna Tavares Zagalo ainda conservava a confusão e incoherencia mental, que a não deixou logo reconhecel-o. Foi depois de um instante lucido em que ella pôde associar ao que via a reminiscencia quasi apagada do namorado, que se produziu logo o effeito d'esse choque mental inesperado, reappareceram as vertigens epilepticas; o poeta descreve esse momento tra-

[1] *Pathologie de l'Esprit*, p. 455.

gico, em que a demencia se lhe manifesta incuravel, em que o espirito de *Aonia* morreu antes do seu corpo. E' a noite e o vacuo em que o poeta tambem se afunda: — «Olhei diante e detraz — E vi tudo escuridão.»

Que profunda e immensa melancholia encerra este Romance do regresso, em que o poeta faz fallar um coração despedaçado! Na tradição popular hespanhola ha tambem um *Romance de la muerte del enamorado Don Bernaldino*, que appareceu pela primeira vez impresso em Anvers em 1551, depois de uma anterior vulgarisação em Zaragoça. D. Agustin Duran, infatigavel collector dos romances hespanhóes, que conheceu as mais raras collecções d'este genero de poesia, é de opinião que o romance *del enamorado Don Bernaldino* versava sobre a tradição dos amores de Bernardim Ribeiro. Como podia elle ser elaborado em Hespanha, popularisado nos Paizes Baixos, se aquellas dolorosas aventuras se não tivessem espalhado durante a sua ausencia de Portugal? O *amigo*, que na Ecloga v consola Ribeiro, apparece tambem no romance castelhano, como comprovando a realidade do regresso. O romance castelhano é admiravel como tudo quanto é sentido pela alma popular; depois de reduzidas as allegorias ao seu realismo historico, comprehende-se a verdade d'este *Romance de la muerte del enamorado Don Bernaldino*:

Ya piensa Don Bernaldino
Ir su amiga visitar,
Da voces á los sus pages
Que vestir le quieran dar.

Dábanle calzas de grana,
Borceguis de cordoban,
Un jubon rico broslado
Que en la corte no hay su par.
Dábanle una rica gorra,
Que no se podria apreciar,
Con una letra que dice:
« Mi gloria por bien amar. » [1]
La riqueza de su manto
No os la sabria contar,
Sayo de oro de martillo,
Que nunca se vió su igual.
Una blanca hacanea
Mandó luego ataviar,
Con quince mozos de espuelas
Que le van aconpañar.
Ocho pages van con él
Los otros mandó tornar;
De morado e de amarillo
Es su vestir e calzar.
Allegado han á las puertas
Do su amiga solia estar;
Hallan las puertas cerradas,
Empiezan de preguntar:
— D'onde está Doña Leonor [2]
La que aqui solia morar? —
Respondió un maldito viejo,
Que él luego mandó matar:

---

[1] Parece referir-se aos versos da Ecloga V:

É tão doce o meu tormento,
É tão doce o meu cuidar,
Que faço mais em calar
A gloria do bem que sento
Que o mal do meu penar.
E n'este meu padecer
Que gloria devo chamar...

[2] É explicavel este nome no romance hespanhol, por que D. Leonor de Mascarenhas, com quem Bernardim Ribeiro tivera um torneio poetico nos serões manoelinos, estava então na côrte de Madrid.

« Su padre se la llevó
Lejas tierras á habitar. »
El rasga sus vestiduras
Con enojo y gran pesar,
Y volvióse á los palacios
Donde solia reposar;
Puso una espada á sus pechos
Por sus dias acabar.
Un su amigo que lo supo
Venialo á consolar,
Y en entrando por la puerta
Vidolo tendido estar.
Empieza á dar tales voces,
Que al cielo quieren llegar;
Vienen todos sus vasallos,
Procuran de lo enterrar
En un rico monumento
Todo hecho de cristal,
En torno del qual se puso
Un letrero singular:
« Aqui está Don Bernaldino
Que morió por bien amar. » [1]

Quando este romance se espalhou já Bernardim Ribeiro estava como morto, na inconsciencia da loucura, situação ainda mais tragica do que a do suicidio representado na imaginação popular. As cinco Eclogas que

[1] Duran, *Romancero general*, n.º 293 (II, 158.) — Appareceu este romance publicado no preciosissimo *Cancionero de Romances en que estan recopilados la mayor parte de romances castellanos que hasta agora se han compuesto.* (Anvers, *sem anno.*) Outra ed. de 1551. Duran cita outras edições de 1554, 1555, 1568, 1573, e uma de Lisboa, por Manoel de Lyra, de 1581. É justamente no *Index Expurgatorio de 1581*, fl. 21, que vem prohibida a Novella da *Menina e Moça.* O romance castelhano tinha cooperado mais para a formação da lenda dos amores de Bernardim Ribeiro, do que as suas proprias obras, raras e pouco vulgarisadas.

analysámos encerram em uma successão historica todo este drama de uma alma apaixonada. Na primeira Ecloga, em que figura Christovam Falcão atormentado pela inconstancia de D. Maria Brandão, ainda o poeta está na sua liberdade, não conhece essa dôr em que se morre ficando vivo; na segunda Ecloga, em que é interlocutor Sá de Miranda, está o poeta apaixonado por Joanna, mas lembra-se da prophecia de Pierio que lhe annuncia grandes amarguras; na terceira Ecloga, já Bernardim Ribeiro divaga pelo Alemtejo fugindo á decepção de se vêr abandonado pela mulher que adora, com quem fôra creado como irmão; e encontrando-se com Christovam Falcão, para consolal-o pede-lhe este que se demore por aquelles sitios, mas Bernardim Ribeiro não póde parar na sua agitação, e pretende seguir para muito longe, para fóra de Portugal; na quarta Ecloga representa uma situação analoga á sua, a de Africano que vê a sua dama casada com outro, e Bernardim seguindo na mesma agitação, divaga por Cintra, pungindo-se com a vista dos logares em que gosára a felicidade; a Ecloga v é o encontro com Sá de Miranda fóra de Portugal, na Italia; o seu amigo consola-o com a esperança de que ainda póde tornar a vêr e ser feliz com a mulher que adora. Bernardim assim o crê, e regressa á patria. Como complemento final das Eclogas appareceu o Romance surprehendente da edição de 1645, em que pinta Bernardim Ribeiro visitando a mulher amada, já cobertos os seus cabellos com um *manto preto* de professa, e rasgando-se no meio das convulsões nervosas

que lhe tiraram a rasão. Com os novos subsidios historicos penetrámos o sentido occulto d'essas Eclogas, intencionalmente expresso por Bernardim Ribeiro, que assim diz na Novella: «Muitas cousas sabia meu pae suas *que arremedavam pastor*, e tinham-as cousas de alto engenho, ou mais verdadeiramente de alta dôr, póstas e semeadas tão docemente per outras palavras rusticas, *que quem bem olhasse, ligeiramente entenderia como foram feitos.*» Seguimos este criterio indicado pelo poeta, e mais do que o engenho nos domina a sua alta dôr.

§ III. Regresso do Poeta á côrte, sua loucura e morte (1524-1552)

Escreve o grande alienista Maudsley: «não se deve viajar fóra do seu paiz no começo de qualquer fórma, seja ella qual fôr, de alteração mental;... Ha muitas vezes grandes erros commettidos sob este ponto de vista por aquelles que nada acham de melhor do que aconselhar a uma pessoa que está ameaçada de ter um ataque de loucura aguda de viajar em paiz estrangeiro, ou por aquelles que não sabendo o que se deve fazer, nada encontram de melhor do que dar um conselho sobre o que ignoram. Os resultados de taes erros são muitas vezes terriveis; etc.» [1] A viagem de Bernardim Ribeiro, a saída de Portugal depois

[1] *Pathologie de l'Esprit*, p. 563.

do desastre dos seus amores foi para elle uma nova calamidade; é presumivel que os primeiros ataques da *melancholia* se lhe manifestassem na Italia, e que o regresso a Portugal fosse já um remedio, pedindo, quem tinha valimento, a D. João III que o reintegrasse no cargo de escrivão da sua camara. Como D. João III outr'ora fôra namorado e lhe roubou seu pae a noiva, e tambem fazia versos [1] e apreciava a poesia, comprehende-se como sympathicamente chamasse Bernardim Ribeiro outra vez para a côrte, de que andára afastado. É sabido, que desde a morte do rei D. Manoel a côrte portugueza caíu em uma lugubre tristeza; a rainha D. Catherina era extremamente fanatica e cheia de escrupulos de consciencia, submissa ás suggestões terroristas dos frades que atravancavam a côrte, e D. João III achava-se enleado nas varias e difficeis questões pendentes que lhe deixára o pae. Os serões do paço resentiramse da austeridade da rainha; já se não galanteavam as damas, nem os poetas faziam versos senão com intuito religioso, como Jorge da Silva, Francisco de Sá de Menezes e Luiz da Silveira. Quando Bernardim Ribeiro voltou á côrte, lembraram-lhe os bellos tem-

---

[1] «Elrei fez hũ (sc. verso de pé quebrado) e deu-o a Jorge da Silva para que o mostrasse ao Regedor seu pay, e o Regedor depois que o viu, foi se a el Rey e pediolhe a mão pela mercê que lhe fizera em lhe communicar aquella sua habilidade, de que elle não sabia parte; e el Rey disse-lhe: — Eu tenho algumas partes de que se não sabe parte.» *Memoria dos Ditos e Sentenças dos Reys, Princepes e Senhores portuguezes*, fl. 36. Ms. 1126 da Torre do Tombo.

pos em que improvisava deante de D. Leonor de Mascarenhas, ou escutava com encanto o Camareiro-mór D. João Manoel ou o repentista D. João de Menezes. Esta frieza dos espiritos augmentava-lhe agora mais a tristeza; estava longe da côrte a mulher que amava, e fóra de Portugal quem sabia todo o segredo dos seus amores. O regresso á côrte aggravava o seu estado moral. Maudsley escreve em um caso semelhante: «Os mesmos objectos ou os mesmos elementos produzem impressões muitissimo differentes sobre o espirito, segundo as condições do momento, e conforme elle está sob a impressão de alguma cousa agradavel, ou tambem de desagradavel. Se ha n'elle uma depressão temporaria do tom psychico em rasão de algum infortunio recente ou em consequencia de alguma perturbação corporal, um acontecimento, que sob melhores auspicios teria sido indifferente, produz uma emoção dolorosa, sugere ideias tristes e faz durar o soffrimento mental que elle augmenta; da mesma fórma que a acção reflexa que é provocada ou augmentada por uma causa morbida, augmenta ás vezes a desordem primitiva. Se ha uma depressão persistente do tom psychico em rasão de alguma causa morbida duravel, cada acontecimento póde aggravar o soffrimento, por que é visto através do prisma alterante de um sentimento triste; e um acontecimento particularmente desfavoravel ou uma série de acontecimentos dolorosos podem ser uma causa sufficiente de desarranjo mental.»[1] O es-

---

[1] *Op. cit.*, p. 235.

candalo do processo contra o marquez de Torres Novas, casado a furto com D. Guiomar Coutinho, filha do riquissimo conde de Marialva, e o casamento d'essa dama com o infante D. Fernando, veiu incitar as apaziguadas emoções de Bernardim Ribeiro, e pela situação do amigo dar mais relevo ao seu proprio desalento. Tudo no paço conspirava para lhe suscitar recordações depressivas, que se iam accumulando para um doloroso desenlace. Sá de Miranda allude ao effeito que no seu espirito produzia a vida palaciana: «en tu mal ciego... pero despues — *Mas en dar te a palaciego.*»

E esta ideia do mal causado no espirito de Bernardim Ribeiro pelo seu regresso á côrte é sempre repetida por Sá de Miranda nas numerosas variantes dos diversos textos da Ecloga *Aleixo.* Na edição de 1595 escreve: «Ai buen pastor *si al palacio — No te dejaras cazar.*»

Vê-se aqui o effeito do seu abalo cerebral, e de um esforço para manter o equilibrio da intelligencia; no texto de 1614, Sá de Miranda consigna a mesma observação:

> Hablava el poco i d'espacio,
> Mas siempre a tiempo i lugar.
> Ah buen pastor, *si cazar*
> *No se dejara al palacio!*

E mais tarde quando o poeta perdeu completamente a rasão, ainda Sá de Miranda remodelando o texto da sua Ecloga *Aleixo* (Ms. Juromenha), attribue a sua ruina total ao facto de ter voltado á vida do paço:

. . . . *Ribero.*
Amigo i buen compañero,
Quan presto dejado me has!
Bien pensé que mas d'espacio
Duraria
Nuestra dulce compania;
Fue la tu muerte el palacio.

(*Poes.*, p. 697.)

A marcha gradativa para a ruina do espirito do poeta era imposta pela persistencia do motivo da sua tristeza e pela excitação causada pelo meio exterior, a vida de intriga palaciana. Maudsley descreve este desequilibrio: «Quando um acontecimento penosissimo produz uma grande tristeza, ou quando um acontecimento critico provoca uma forte agitação, ou que um acontecimento incerto causa uma viva anciedade, o espirito está sob a influencia de uma grande paixão ou de um soffrimento; não ha equilibrio entre o estado interno e as circumstancias exteriores; e, até que o espirito possa reagir de uma maneira conveniente, quer pela attenuação feliz da pressão exterior, quer pelo augmento da sua energia, a paixão persiste, isto é, a usura e as estimulações do elemento nervoso continuam.» [1] Era este esgotamento constante que levava Bernardim Ribeiro a esse grão de alienação a que os psychiatras chamam *melancholia.* Os seus desgostos encontrariam por certo algum allivio nas expansões de uma verdadeira amisade; em 1526 regressou Sá

[1] *Pathologia do Espirito,* p. 235.

de Miranda de uma demorada viagem na Italia, e pela grande estima de D. João III fixou a sua residencia na côrte. [1] Aproximou-se então do seu *amigo e bom companheiro* da Universidade, e procurou sustental-o na depressão moral em que ia caíndo. Tambem agora a vida da côrte o entristecia, recordando-lhe os alegres tempos passados dos famosos serões de Portugal, tão fallados no mundo. O que mais impressionava Sá de Miranda era a mudez dolorosa de Bernardim Ribeiro *(hablava el poco i d'espacio)*; elle mesmo sob o nome de Juan o confessa na Ecloga *Aleixo*:

No sé como no llorava.
Sabes por que sospirava?
Por que *aqui cantó Ribero.*
Aqui nuestro amo escuchava;
Rodeavan lo pastores
Colgados de la su boca,
Cantando el los sus amores.
Gente de firmeza poca
Que le dió tantos loores,
I aora ge los apoca!

Aqui um outro pastor descreve a decadencia da vida portugueza, e associa essa depressão com o estado moral de Bernardim:

---

[1] Communica-nos o snr. visconde de Sanches de Baena: «Em um summario da familia de Sá de Miranda, escripto por letra do secretario Gaspar de Faria Severim, encontra-se a seguinte noticia:

=O poeta Sá de Miranda era commensal de um seu 2.º ou 3.º primo chamado João de Sá, que vivia n'uma sua quinta junto a Lisboa.=

Eso falta, Juan pastor!
Soncas, por que sospirar?
I a que se pueden alzar
Ia los ojos sin dolor?
Ni a que se pueden bajar
Donde los pornás enjutos?
Adelante, ó cara atras?
Las tierras niegan sus frutos:
El sembrar es por demas,
Los aires andan corrutos,
Los hombres cada vez mas.

. . . .

No ha i pero mucho, no,
Vine por Ribero ver,
Como otras vezes solia,
(Quan presto fuie el plazer!)
Pasastes pieza del dia
A cantar i a tañer
Mientras la siesta caía.

Rebuelvo en el pensamiento
Lo que cantastes i sé lo...
Mas a fé que olvidado he lo,
Del ton me acuerdo i del tiento.
Las palavras van se a vuelo,
Mas atinemos al ton.

A esta recordação dos antigos serões da côrte responde Juan pastor, (Sá de Miranda) mostrando como procurára attrahir de novo Bernardim Ribeiro para a cultura da poesia. Era um meio de proporcionar um desafogo á sua alma; Sá de Miranda, pelo influxo da segura amisade levou Bernardim Ribeiro a tentar os metros endecasyllabos, a ensaiar o gosto e estylo do lyrismo italiano. Bernardim Ribeiro para comprazer com o seu amigo fez essa tentativa, que foi como o canto do cysne.

Descobrimol-a e vamos apresental-a; mas antes ouçamos a interessante revelação de Sá de Miranda:

> Por que *ese cantar fué llanto,*
> *Como del cisne* se cuenta
> Quando la su muerte aventa,
> Io te aiudaré, con quanto
> Es cantar en la tormenta.
> No ves que mundos son estos,
> Nunca tales fueron, creo,
> En las mudanzas tan prestos,
> Truecan se a cada oteo:
> Vide aqui mil buenos gestos,
> Quando miro, uno no veo.

> Mas las quejas a de parte.
> A lo que mandas, *vengamos,*
> *Al cantar que aqui cantámos!*
> *Fué* (sabes) *de estraña parte*
> *Donde un tiempo ambos andámos.*
> I dir te he como pasó:
> *Acertó que io tañese*
> *A'quel modo, i el cantó;*
> *Rogó me que respondiese.*

Na variante do texto de 1595 tambem se refere Sá de Miranda manifestamente á viagem de Bernardim Ribeiro á Italia e é sua tentativa no *dolce stil nuovo:*

> .... de estraña parte
> Donde anduvimos entramos.
> Io le llevava el descante,
> El se entonava primero
> *Con el su triste semblante*
> *Al modo i son estranjero.*

Na variante do Ms. Juromenha, vem tambem claramente referida, como já notámos, a viagem dos dois poetas á Italia, e Sá de Miranda ahi compartilha com Bernardim Ribeiro a iniciativa gloriosa da introducção em Portugal do novo lyrismo:

> Sabes que *traido havemos*
> *Samponas de estraña parte,*
> No sé que de ellas queremos.
> E dir te he como pasó:
> *Acertó se que io tañese*
> *Aquel modo, i el cantó,*
> Rogó me que respondiese.
>
> (*Poes.*, p. 694.)

Segue-se na Ecloga *Aleixo* uma reproducção *(Como si Ribero fuese)* das estrophes em metro endecasyllabo com os seus hemistychios, imitando a fórma graciosa do *lexapren* ou *cap caudada* de uma composição lyrica de Bernardim Ribeiro. Por certo Sá de Miranda conheceu essa Canção em que Bernardim Ribeiro ainda em 1527 fallava do seu amor; e imitando ou reproduzindo a mesma fórma strophica, no artificio caracteristico do *lexapren*, assim melhor exprimiu a queixa do poeta, ou do pastor Aleixo contra a *Zagala hermosa pero fementida.*

Tivemos a ventura de encontrar essa *Canção de Bernardim Ribeiro*, inedita, no gosto da eschola italiana, em uma collecção intitulada *Flores varias de diversos Autores luzi-*

tanos. [1] Engastamol-a aqui, para que se compare com a fórma do *lexapren*, na Ecloga mirandina, que a authentíca. Parece que tambem foi conhecida por Camões, que a imita na Elegia IV. A fls. 162 v. das *Flores varias* vêm:

De Bernardim Ribeiro

CANÇÃO

Esconde Diana bella os raios bellos,
Com que a noite esclarece negra e fria,
Cobre com negro véo rôxos cabellos,
Em que Amor almas mil e mil enfia.
E tu, gentil Dionêa, já entrançado
O fio dourado
Deixa da alegria
Posto em agonia
O que seu dano
Busca no engano,
Entregando a isenta liberdade
A quem isenta tem sua vontade.

---

[1] Este Ms. foi adquirido pelo distincto bibliophilo Annibal Fernandes Thomaz, em Amsterdam, na livraria de Frederik Müller, em cujo Catalogo de 1886, n.º 1429, p. 76, vinha annunciado. No *Circulo camoniano* fez o seu possuidor a seguinte descripção: «Compõe-se o codice, escripto em papel de Hollanda, com boa calligraphia, de 174 fol. ou 348 pag. em fol. pequeno, e no alto da lombada, se bem que semi-apagado, póde ainda lêr-se o titulo *Flores varias de Autores Luzitanos.* Não só pelo exame das poesias que contém, mas ainda pelo caracter da letra, e por outras rasões... a sua formação não vae além dos ultimos annos do seculo XVII. Encerra composições, em prosa e verso dos escriptores que em seguida vão mencionados pela ordem alphabetica, segundo o indice que elaborei:

Antonio Ferreira — Antonio Lopes da Veiga — Antonio de Siqueyra — Balthazar Estaço — Bento Rombo

Esconde o claro Phebo a leda fronte,
A negra escuridão com *o* seu manto
Cubra a terra fria, e n'este monte
Me acompanhe o cysne com seu canto.
Philomela seu canto replicando
Se estê queixando
Com graça tanta
Que ao que canta
Suas tristes magoas
Por estas fragoas
Lhe acrescente mór dôr e mayor pena,
Que amor, fortuna e tempo assi ordena.

Amor, fortuna e tempo me ordena
Que viva n'este bosque desterrado,
Onde o que mais me mata e mais me pena
É não ser como não sou de vós lembrado.
Mas pois, minha senhora, sois contente
Que estando ausente
De vós padeça
E meu mal creça
Mais em meu dano
Com isso vivo ufano,
Por que, que maior bem, que maior gloria
Que alcançardes de vós mesmo victoria.

---

de Carvalho — *Bernardim Ribeiro* — Conde de Vimioso — Diogo Bernardes — Diogo Duarte — Diogo Lopes de Ulhoa — Diogo de Sousa — Duque de Aveiro — Duarte Dias — Loyo de Sá (Eloy de Sá Sotto-Mayor) — Estevão Roiz (de Castro) — Fernão Alvares (d'Oriente) — Fernão Corrêa de Lacerda — Fernão Rodrigues Soropita — Francisco de Andrada — Francisco Mendes — Francisco Roiz Lobo — Infante D. Luiz — Jeronymo da Silva — João Pinheiro — João Ribeiro — Jorge Mendes de Andrade — Luiz de Camões — Luiz da Costa Serrão — Luiz de Mello — Manoel Soares de Albergaria — D. Manoel de Portugal — Martim Affonso Coelho — Martim de Crasto — Fr. Paulo da Cruz (Fradinho da Rainha) — Paulo Gonçalves d'Andrade — Pedro de Andrade Caminha — Pedro Guomez Roiz — D. Thomaz de Noronha — Vasco Mousinho (de Quevedo). (*Circulo camon.*, p. 137.)

Alcançais vós de vós mesmo victoria
Alcançando-a de mi, por que sou vosso,
E d'este doce triumpho, a memoria
Me faz triste e contente, pois não posso
Maior bem alcançar, que ser servida
De minha vida,
Quem meu coração
Tem em sua mão,
E se n'este monte
Junto a esta fonte
A vida me acabar pena tão forte,
Oh que doce morrer, que doce morte! [1]

Oh que doce morrer, que doce morte,
Se tendes, nympha bella, occasião,
De meu doce penar e dura sorte,
Que inda que vossa isenta condição
Me trate com tristeza e com rigor,
Então nenhum amor
Mais se affeiçôa
Por que pessoa
Ha n'esta vida
Tam desconhecida
Que não entenda ser bem empregado
O mal que por querer soffre o cuidado.

---

[1] Na Elegia IV, de Camões, reflecte-se patentemente a impressão d'esta estrophe de Bernardim Ribeiro, até hoje inedita:

E se uma condição endurecida
Tambem me nega a morte por meu dano,
Oh que doce morrer, que doce vida!

. . . .

Assi que ponho já no soffrimento
A parte principal de minha gloria,
Tomando por melhor todo o tormento.

Se sinto tanto bem só com a memoria
De vêr-vos, linda dama, vencedora,
Que quero eu mais que ser vossa victoria?

O mal que por querer soffre o cuidado
Por me nacer de vós, eu quero e amo,
E n'estes bosques tristes apartado
Por vos amar a vós a mi desamo.
Sempre á alma trarei vossa figura
Já que a ventura
E amor me esconde
Aquella vista onde
Puz minha esperança,
Meu mal não causa
Antes se para mór me não guardára,
Muito ha que dôr tamanha me acabára.

A Canção é verdadeiramente sentida, e de uma ingenua belleza mesmo na hesitação manifesta de um primeiro ensaio no gosto italiano. Camões conheceu estes tentâmes de Bernardim Ribeiro, que deante d'estas provas fica indubitavelmente o seu Enio. As *Flores varias de Autores luzitanos* foram colligidas pelos fins do seculo XVII; não admira pois que ainda chegassem ao conhecimento de Faria e Sousa fragmentos dos ensaios de Bernardim Ribeiro na Eschola italiana. Nos *Commentarios ás Rimas* de Camões (p. 312) traz Faria e Sousa um fragmento de uma poesia endecasyllabica de Bernardim Ribeiro a que poz a rubrica: *Cancion que escrevió a su amada* (la Infanta Dona Beatriz!) *em 1521*. Desprezando a indicação da lenda, o espirito elegiaco e as referencias mythologicas condizem com a Canção acima transcripta, de Bernardim Ribeiro. Segue o fragmento:

Por que foges, oh vida desdenhosa
De quem te segue e ama e te deseja?
Volve esse rosto a mim tão desejado,
Vê que o fugir mil males tem causado.

Euridice fugindo temerosa
De Aristeo pastor, quando a seguia,
De uma bicha mordida, venenosa,
Foi no pé delicado!

Exemplos te dirão do tempo antigo
Quanto lhe são naturaes os perigos,
Olha bem que fugindo
Podes de uma má bicha ser mordida,
Que estará entre essas hervas escondida. [1]

Por este especimen quiz concluir Faria e Sousa, que fôra Bernardim Ribeiro o que primeiro iniciou em Portugal os versos endecasyllabos; pelo menos, na Ecloga *Aleixo* Sá de Miranda compartilha com elle tal iniciativa. Em outro logar do *Commentario ás Rimas* de Camões (p. 270) apresenta um outro fragmento de Canção de Bernardim Ribeiro:

Vós, senhora, que sois esta luz minha;
Descuidado, estarei onde ora estaes,
De aquella grave dôr que por vós tem
Quem não tem mais que o sêr que vós lhe daes.
Por que tardaes, meu sol? Ah, vinde asinha.
Qual é o Jesué que vos detem?

Tambem o visconde de Juromenha aproximando um logar da Ecloga XIV de Camões de outro fragmento de Canção de Bernardim

[1] Faria e Sousa, contra a indicação da rima e do sentido, colloca os versos 5 a 8 no fim da Canção. Parece-nos que é completa, devendo-se considerar como uma *Balata* ou Madrigal.

Ribeiro, escreve: «Que pena é, repito, não possuirmos na integra esta Canção que, pelos fragmentos que apresenta, era das bonitas cousas que possuiamos em poesia na nossa lingua:

> Estando na suavidade do cantar,
> As aves, céo e terra tudo atento,
> De huma nuvem de flor vos vi cuberta,
> Derramada de um fresco e manso vento:
> Tomava na agua e terra seu logar,
> Ditosa a que cahir, em vós acerta:
> Entre si tinhão ellas gram referta
> Sobre qual aos cabellos hade ir ter,
> Por perolas sobre ouro parecer;
> E as que n'elle cahiam
> Por certo o pareciam;
> Por que aqui (disse então) anda o amor,
> E com o vento das azas cáe a flôr. [1]

Acompanha este fragmento com o considerando: «É preciso convir que ha aqui muita belleza de poesia, um modo mui delicado e gracioso de expressar, e uma maneira descriptiva excessivamente encantadora.»

É propriamente um Madrigal, e bello; leva-nos ao encontro de outro problema. Diz Barbosa Machado que com o nome de Bernardim Ribeiro existe uma Ecloga intitulada *Ergasto, Delio e Laureno*, incluida nas *Rimas* de Estevam Rodrigues de Castro, impressas em Florença, em 1623. É este livro extremamente raro; foi reimpresso por A. L. Caminha, em um volume de composições ine-

---

[1] Nas *Obras de Camões*, t. III, p. 439.

ditas de varios poetas. [1] Pelo exame d'essas *Rimas*, vê-se que Estevam Rodrigues de Castro, ausente de Portugal, juntamente com alguns versos seus em portuguez imprimiu composições d'outros poetas de que possuia cópias e que muito apreciava; é pois o seu livro um pequeno Cancioneiro em que se encontram Sonetos já publicados em nome de *Camões*, [2] um outro com as iniciaes *D. F. C. L.* (De Fernando Corrêa de Lacerda), dois attribuidos a *Fernão Rodrigues Lobo;* um de *Fran-*

---

[1] *Obras ineditas... fielmente trasladadas dos seus antigos originaes*, etc.. t. II: «Eu não conheço hum só sabio da nação, ainda dado á lição dos bons poetas, que d'elle tenha noticia, sendo poucos os que tem visto as de Estevam Rodrigues de Castro, talvez por ter impresso suas Obras fóra do Reino;... Eu nunca jámais poude encontrar se não hum unico exemplar da obra que tratamos, e foi na sumptuosa Bibliotheca do illustrissimo senhor José Pedro Hasse Belem, dignissimo prelado da santa Basilica patriarchal, bem conhecido pelo profundo zelo da nossa Litteratura, donde extrahimos a cópia que agora damos ao prelo...» (T. II, p. IX.) Ha uma cópia na Bibl. publica do Porto, Ms. n.º 623.

[2] Taes são os seguintes:

— Ondados fios de ouro onde enlaçado
(CCVIII.)

— Do corpo estava já quasi forçada
(CCCXXXVIII. e Canc. de Luiz Franco.)

— Quão cedo te roubou a morte dura
(CCCXLVIII. e Canc. de Luiz Franco.)

— Amor que em sombras vãs do pensamento
(CCIX.)

cisco de Sá de Miranda; [1] dois Motes e Voltas de *Jorge Fernandes, o Fradinho da Rainha.* Entre estas differentes composições, todas excellentes, encontram-se outras com as iniciaes *D. B. R.*, que Barbosa Machado lê: *De Bernardim Ribeiro*, attribuindo-lhe a Ecloga já referida. Vista a indole do livro de Estevam Rodrigues de Castro, e a comprovação de que realmente Bernardim Ribeiro escreveu no gosto e fórma da poetica italiana, cuja iniciação compartilha com Sá de Miranda, póde-se adoptar a opinião de Barbosa Machado. [2] Com as iniciaes *D. B. R.*, vem na alludida collecção este primoroso Soneto:

---

[1] Este retrato vosso he sinal...

[2] Intitula-se o livro *Rimas de Estevam Rodrigues de Castro. Dadas á luz por Francisco de Castro seu Filho. Dirigidas ao Illustriss. Senhor Capitaon Pedro Capponi Cavalleiro do Habito de S. Estevaon.* Em Florenssa, por Zanobio Pinhoni Mercador de Livros, 1623. In-8.º

Estevam Rodrigues de Castro nasceu em Lisboa em 1559, o que se confirma com o epitaphio burlesco que o dá por fallecido com setenta e nove annos, sendo em 1638 publicado já posthumo o poema *De simulato rege Sebastiano*, e em 1639 as *Posthumas varietas*, por seu filho. Seguiu os estudos medicos em Coimbra aonde ouviu o celebre Thomaz Rodrigues da Veiga, a quem louva no livro *Syntaxis predictionum medicarum* e no *De natura muliebri;* exerceu a clinica em Lisboa, até que se viu forçado pelas perseguições contra os christãos novos a saír de Portugal, demorando-se algum tempo em Bordeus, e fixando a sua residencia em Florença. Pelo que declara na *Syntaxis predictionum* doutorou-se em uma Universidade italiana em 1586, e depois de algumas curas notaveis, como a do Grão Duque de Etruria, foi por 1617 nomeado lente de prima da Universidade de Pisa. Diz seu filho que exerceu o magisterio durante 22 annos, o que contado

Não era mortal cousa o seu passeio,
Spirava mais que humana magestade,
Prazer, graças, amor, felicidade,
D'altas riquezas hum thezouro cheio;

Qual sáe a Aurora do rosado seio
Com justo passo abrindo a claridade,
Modestia altiva, honesta gravidade
Que o céo nos representa, d'onde veiu;

O celeste rigor, que dentro anima,
Transluz no concertado movimento,
Que até na menor parte corresponde.

---

de 1616, em que seria a sua promoção, nos fixa a data de 1638 do seu fallecimento. Em uma informação dada a seu respeito ao Grão Duque de Etruria em 1629 lê-se: « Estevam de Castro, portuguez. Doutor em 1586, lente de Pisa, no anno de 1617, com setecentos escudos de salario. É um varão douto e muito estimado até pelos de fóra, visto que é optimo philosopho e medico assim na theoria como na pratica.

« É poeta acima do ordinario, *principalmente latino*, e até hespanhol e italiano. É elegantissima a sua phrase latina; em conclusão, é um homem de eminente doutrina e as suas obras impressas lhe conciliam o respeito dos doutos. »

Todas essas obras são sobre medicina e em latim; os versos portuguezes eram antigas compilações que fizera em Lisboa antes de 1586, e que conservava entre os seus papeis. Seu filho Francisco Estevam de Castro é que se lembrou de dar-lhes publicidade, conhecendo a sua fórma de Cancioneiro. Dil-o no prologo, assignado por Francesco Stephano de Castro:

Leitor. Conforme aos nove mezes que o filho no ventre da mãy se está perfeiçoando, queria Horatio que os versos se estivessem nove annos apurando. Muito mais tempo estiveram estes que agora sahem á luz, não batendo-os na bigorna do entendimento, mas

Por taes pisadas sobe, e muito acima
N'outras graças se perde o pensamento,
E só me leva Amor não sei por onde. [1]

É verdadeiramente camoniano este Soneto pela linguagem e pela delicadeza do conceito; e reconhecendo-se a similaridade do espirito de Camões com o de Bernardim Ribeiro, d'este diz Faria e Sousa: «*poeta bien conocido y a quien llamava su Enio el divino Camões.*» [2] O visconde de Juromenha, que estudou muitos annos o texto camoniano, por essas mesmas similaridades é de parecer que com Bernardim Ribeiro tivesse Camões tracto pessoal, fundando-se especialmente na imitação evidente do grande épico na estancia XVIII da Ecloga V, e na estancia XVII da Ecloga VII, aproximando-as dos fragmentos

---

escurecendo-se nas trevas do esquecimento. Chegou-lhes (como se sóe dizer) sua hora em Italia, para que tornem a Portugal d'onde sahirão, aonde por ventura o nome de seus Autores póde renovar a memoria do que n'esta parte valerão, digo de seus Autores: por que posto que a maior parte são composissoens de meu Pay, que quazi violentando lhe tirei das mãos, *vão juntos alguns poemas de diversos, diversamente assignalados*...» Pela indole dos trabalhos do insigne medico é de presumir, que já velho julgasse seus os versos que copiára na mocidade; elle era apreciador da boa poesia, mas especialmente poeta latino. São pois as *Rimas* que trazem o seu nome um bello Cancioneiro quinhentista, em que pouquissimo lhe pertence. (Nos *Archivos de Historia da Medicina portugueza*, vol. V, p. 44, 76, 106 e 112 vem um precioso estudo sobre Estevam Rodrigues de Castro pelo Dr. Maximiano de Lemos.)

[1] Ed. L. Caminha, vol. II, p. 165.

[2] *Fuente de Aganipe.* Disc. dos Son. n.º 4.

acima transcriptos. Quando Camões veiu frequentar a côrte já Bernardim Ribeiro estava decaído na profunda depressão mental, que pouco depois o levou a ser internado no Hospital de Todos os Santos; e quando Camões partia para a India, fallecera no anno anterior em 1552 o poeta das *Saudades*, depois de ter vegetado alguns annos em completa inconsciencia. Não se trataram pessoalmente os dois poetas, mas Camões foi impressionado vivamente pelos versos do apaixonado de *Aonia*.

Ainda com as iniciaes *D. B. R.* vêm na mesma collecção as seguintes Balatas:

I

Violante, a rêde foram teus cabellos,
O arco a sobrancelha, a vista a setta;
E quem feriu com ella, os olhos bellos.
Eu sou ferido e prezo; e tão quieta
Tenho a alma em tanto mal, que bem espero
Que nem sarar, que nem fugir cometta.
De ti (posto que d'isso desespero)
Um só suspiro, hum brando effeito quero.

II

Violante, sejas tu imiga minha,
Mas não de piedade, ou mais piedosa,
Ou ser menos formosa te convinha,
Não vira então crueza rigorosa
Turbar-me a suave paz por cruel uso,
Indigno de uma vista tão formosa,
Que quando a vejo e a ti, ao céo aceno,
E a mim, que vendo tal dos olhos uso.

III

Violante, bem sei eu que me ameaça
Nos teus olhos Amor; mas o desejo
Não soffre não os vêr, não sei que faça,
Emquanto com contrarios taes pelejo.
Huns olhos que consagro á eterna fama,
Minha alma leva Amor, e eu não a vejo;
Queixo-me d'alma, que tão pouco me ama,
Que nos teus olhos estando os meus não chama. [1]

Estas Balatas apresentam o mesmo sentimento e quasi a fórma strophica dos fragmentos colligidos por Faria e Sousa; na Ecloga *Ergasto, Delio e Laureno* o desafio entre os dois pastores é feito na fórma d'estas Balatas, que se alternam. A Ecloga começa:

Agora, emquanto o Tejo nos rodêa,
N'este penedo, aonde brandamente
Se quebra, murmurando, a doce vêa.

Antes que Faria e Sousa a colligisse dos Manuscriptos com o nome de Camões, já Estevam Rodrigues de Castro a publicára em 1623 na sua collecção com as iniciaes *D. B. R.* Ha variantes capitaes entre os dois textos, como vamos vêr; encontra-se a mais na lição de Florença, o que vae em grifo:

Muitas vezes t'ouvira as *chammas* bellas
Dos olhos da tua Alcida, e as louras tranças
Cantar ao uso d'elles, prezo d'ellas.

[1] *Op. cit.*, p. 192. (Ed. Caminha.)

Muitas vezes ao som das aguas mansas
Agerio, que por Nise em amor arde,
Seu fogo, sua fé, d'ella esquivanças;

Buscae pastor, ovelhas, que vos guarde,
Que o céo não quer que eu mais vos guarde e cante...

No desafio dos dois pastores faltam as seguintes estrophes no texto florentino (reimpresso por A. L. Caminha):

LAURENO:

Olhos que vos moveis tão docemente,
Que traz vós todo o mundo ides levando,
Eu não sei se tomaes do céo luzente
O movimento seu, se lh'o estaes dando.
Sei certo (e não me engano) sei sómente
Que a vós de mi minh'alma ides passando:
Mas não posso entender como deixaes
Ao descuido o que vós em vós levaes.

ERGASTO:

Por mais que a minha soberana Alcida
(Minha não, por que só sua belleza
Vem a ser minha em ser de mi querida)
Me trate vezes mil com aspereza;
Huma só vez que d'ella acho admittida
Minha pequena vista na grandeza
Da luz do rosto seu, sinto tal gloria
Que de todo o penar perco a memoria.

LAURENO:

Quando a minha mais que unica Violante
(Se minha póde ser a que he tão sua)
Aquella santa luz, um breve instante
Me deixa vêr, por mais que a veja crua;

A vista tanto em mi vejo a diante,
Que não he muito, não, que m'attribua
A soberba de ser uma aguia nova,
Que do céo no olho claro a vista prova. [1]

Em compensação da falta d'estas trez estrophes no texto de 1623, de Florença, vem a seguinte omissa no Manuscripto de que Faria e Sousa se serviu:

LAURENO:

Não posso eu já por mais que me desfaça
A dôr, que á tua vista me condena,
Que a teus formosos olhos magoa faça,
Mas paga-me com rir da minha pena.
Que pois te verei rir co'aquella graça
Que abre as flores no campo e o ár serena,
Doce me deve ser se não me engano
Teu riso, inda que seja de meu dano. [2]

O final da Ecloga, na lição de Faria e Sousa, traz a sentença de Delio, que ouvira os dois pastores, e remata diversamente:

De unicas flores mereceis capellas;
Tẽe Alcida e Violante sós taes flores;
E pois ellas as tẽe, dêm-vol-as ellas.

[1] Lição de Faria e Sousa. Edição Juromenha, *Obr.*, t. III, p. 144 e 145.
[2] Na reedição de Caminha, p. 219.

Os vossos premios recolhei, pastores;
Cada qual egualmente o seu merece;
E ambos de Apollo os mereceis maiores,

Recolhamos o gado que anoitece. [1]

No texto florentino o desenlace final é mais extenso e mais dramatico; vê-se que os dois pastores, *Ergasto* (Bernardim Ribeiro) e *Laureno* (Sá de Miranda) tiveram egual iniciativa na introducção da Eschola italiana em Portugal, e como intimos amigos nenhum considera ter vencido o outro. Eis como termina o texto florentino, continuando a sentença de Delio:

Cantando Amor, cantando as Ninfas bellas,
Nenhum de vós venceu, nem foi vencido,
Ambos de Amor vencidos sois por ellas.

Até o peito no mar tem já metido
O sol, não tardará que o manto frio
Não seja sobre as terras estendido.

Vamo-nos, que he já tarde, e do sombrio
Valle recolheremos nosso gado;
A'manhã nos achemos n'este rio.

ERGASTO:

O meu copo, Laureno, que alcansado
Foi em premio do canto que alternei,
Em premio de cantar te será dado.

---

[1] Edição Juromenha, *Obr. de Camões*, III, 146.

LAURENO:

Mas eu o meu, Ergasto, te darei;
Não ser vencido, a mim premio me seja,
Que pois vencido aqui eu não fiquei,
Vencido de teus dons ninguem me veja.

Emquanto ao som do rio, ao pé da faia
Com doce flauta tento a Musa leve,
Favorecei, Senhor, a quem se ensaia
Para o verso, que a vós alto se deve.
Não queiraes que a louvar-vos inda saia
Meu engenho, que a tanto não se atreve,
E se por não poder vos não levanto
Levantae, pois podeis, meu baixo canto.

Vê-se que ha aqui um ensaio dos novos metros, conforme o revela Sá de Miranda na Ecloga *Aleixo*, incitando Bernardim Ribeiro á imitação do gosto italiano. Os versos da Ecloga são camoneanos, mas a situação descripta n'ella não condiz com o que se sabe da vida e relações litterarias de Camões, não tendo em volta de si a quem dar egualdade. Ha n'esta Ecloga uma referencia curiosissima no terceto:

Canta aquelle Soneto que começa:
Quantas vezes do fuso se esquecia,
Que digas um dos teus, não sei se o peça. [1]

---

[1] Ed. Juromenha, III, 140; ed. Caminha, 211.

Com o nome de Camões apparece este Soneto na edição das *Rimas* de 1595, e colligiu-o Faria e Sousa sob o numero XLI na primeira centuria dos Sonetos, achando-se tambem com variantes no *Cancioneiro* de Luiz Franco. Mas será tal Soneto effectivamente de Camões? Este traço pittoresco *Quantas vezes do fuso se esquecia*, já Faria e Sousa o notára no *Crisfal*:

> Em uma roca fiando,
> Mas, com o que ia cuidando,
> *Caía-se-lhe o fuso*
> Da mão de quando em quando. [1]

É uma reminiscencia classica, como notou Juromenha aproximando-a do logar das *Metamorphoses* (Ovid. IV):

> .... Pavet illa, metuque
> Et colus et fusus digitis cecidere remissis.

Bernardim Ribeiro, na Ecloga III em que é interlocutor Christovam Falcão sob o nome de Silvestre, allude a esta mesma circumstancia poetica:

> .... vinha sempre cantando
> Tão desejoso de vêl-a,
> E agora ando chorando,
> *Por que a achava fiando*
> E por que me fiei d'ella.

---

[1] *Obras* de Christovam Falcão, p. 6. — *Comm. ás Rimas de Camões*, t. I, p. 97, col. 2.

O Soneto pois allude a um effeito muito caracteristico da idealisação do poeta do *Crisfal;* e lido attentamente vê-se que descreve a situação moral em que ficou Christovam Falcão quando a sua namorada D. Maria Brandão casou com Luiz da Silva (Sylvio); eis o Soneto, que consideramos feito por Bernardim Ribeiro ao seu amigo:

Quantas vezes do fuso se esquecia
Daliana, banhando o lindo seio;
Outras tantas de um aspero receio
Salteado Laureno a côr perdia!

Ella que a *Sylvio* mais que a si queria,
Para podel-o vêr não tinha meio.
Ora como curára o mal alheio
Quem o seu mal tão mal curar podia?

Elle, que viu tão clara esta verdade,
Com soluços dizia (que a espessura
Inclinavam de mágoa a piedade):

— Como póde a desordem da natura
Fazer tão differentes na vontade
Aos que fez tão conformes na ventura?

Considerado como de Camões, o Soneto é incomprehensivel; como de Bernardim Ribeiro, exprime a sua situação moral confrontada com a de Christovam Falcão, o Delio ou Laureno da Ecloga. Na collecção florentina de 1623 vem uma outra Ecloga *Ergasto*, (que na edição de Juromenha traz a indicação de

inedita sob o n.º XVI, attribuida a Camões);[1] desde que a anterior assignada *D. B. R.* fôr reconhecida como de Bernardim Ribeiro, esta ainda é mais conforme com o seu estylo. É um monologo em que o pastor allegorisa sob o nome de *Galatea* D. Joanna Tavares Zagalo:

Que fallo, ou onde estou? a que perigo
Me põe esta cruel? se eu vivo n'ella,
Pera mim peço logo este castigo?

Vive, pastora, alegre, e uma estrella
Benigna, influa em ti tantos favores
Que sejas tão ditosa como és bella.

Ouças sempre soar em teus louvores
Esta nossa Ribeira, e largamente
Te dêm as plantas fructo, o prado flôres.

Commigo corra tudo differente,
Não me refresque a viração no estio,
Nem nos frios do inverno o sol me aquente.

Quero aqui n'um logar ermo e sombrio
Como nocturno passaro ficar-me,
De meus olhos fazendo um largo rio.

Pastores, que virão por consolar-me,
Vendo que seu trabalho em vão me cansa,
Por remedio melhor terão deixar-me.

---

[1] *Obras*, t. III, p. 158.

. . . .

Os passaros pelo ár de quando em quando
Param a meu cantar, mas em ouvindo
Teu nome, vôam logo e o vão cantando.

Estão estes salgueiros repetindo
Co' som do murmurar da verde rama
Os versos que em seu tronco estive abrindo.

. . . .

.... commigo, huma mortal chaga
Renovo com lembranças saudosas
Que o decurso do tempo não apaga.

Tambem guardadas tenho aquellas rosas
Que te off'reci, que m'engeitaste logo,
Parece que inda estão de ti queixosas.

Secou-as tua ausencia, e aquelle fogo
Que accendes em meu peito com fugir-me,
E com mais dura estar quanto eu mais rogo.

Como poderei eu de ti partir-me?
Se tua imagem dentro em mim faz guerra,
Sem nunca mais deixar de perseguir-me.

Buscarei com meu gado extranha terra,
Habitarei onde outro sol mais arde,
Ou onde a neve tem coberta a serra.

Mas, manda Amor dentro n'alma guarde
Esta dôr, por que a traga na memoria
Quando amanhece, e quando se faz tarde.

Quem me dissera estando em minha gloria
Que havia inda de vêr tão desprezados
Estes despojos da passada historia!

Doces despojos, por meu mal guardados,
Alegres n'outro tempo, agora tristes,
Que no seio d'amor fostes criados!

Quando a minha pastora irada vistes
Dar-vos o mal que juntos padecemos,
Como partir-vos d'ella consentistes?

. . . .

Aquelle tão contínuo pensamento,
Aquelles sonhos sempre em meu proveito,
Tudo lançaste furiosa ao vento.

Aquelle monte de firmeza feito,
Que me val já comtigo, ou que me presta,
Se tudo em nuvens vãs vejo desfeito?

Tanto segredo alegre, tanta festa,
Tanta conversação, sem prejuizo,
Em que passaste já commigo a sésta;

As historias, as práticas de riso;
As dissimulações por poder vêr-te,
Aquellas zombarias tão de siso,

Podem deixar agora de mover-te?
Ou com fingido esquecimento queres
Aprender pouco a pouco a esquecer-te?

. . . .

Está aqui impressa a emoção da realidade; D. Joanna Zagalo caíu n'esse esquecimento, que era a demencia aguda de que succumbiu. Como foram parar á Italia estes versos de Bernardim Ribeiro? Lá foram ter a Fer-

rara os Manuscriptos do poeta, e lá se imprimiram em 1554, por diligencia de sua prima, talvez; os que ficaram ineditos, por se destacarem das redondilhas, foram parar á mão do erudito medico portuguez Estevam Rodrigues de Castro, antes de 1586, que os levaria de Portugal com outros, e os imprimiu seu filho em Florença em 1623. Assim fica desenvolvido e explicado o problema da participação de Bernardim Ribeiro na inauguração da Eschola italiana.

A situação psychologica e moral que impellia Bernardim Ribeiro para a loucura e idiotia final, é hoje cabalmente explicada pelos conhecimentos scientificos da pathologia cerebral. Bernardim Ribeiro foi dotado de uma singular precocidade intellectual e emotiva, como se descreve na Ecloga *Alexo* (Era locura pensar — Cosas *que aun niño dezia.*) Essa precocidade foi devida á sensibilidade exquisita desenvolvida pelo isolamento e pelos prolongados terrores da perseguição que dispersou a sua familia, tendo vivido confinado desde a infancia na Quinta dos Lobos, em Cintra. A protecção que encontrou entre os Zagalos, parentes de sua mãe, justificava-se pela fulguração do talento que revelava. Escreve Maudsley, o grande alienista: «A imaginação precoce ou antes a phantasia da infancia deveria ser reprimida como um perigo em vez de ser animada como uma prova de talento. A creança deve ser habituada ás relações regulares com a natureza, de sorte que adaptando-se contínuamente ás impressões exteriores accumule no seu espirito um bom fundo de *materiaes*, e que por uma edu-

cação bem dirigida, o espirito possa moldar-se nas verdadeiras *fórmas* segundo as quaes uma imaginação repousando sobre bases solidas poderá collocar-se em uma verdadeira harmonia com a natureza.» [1] A extrema sensibilidade tomou o seu maximo relêvo na época da puberdade, e o amor foi para elle como uma fatalidade, uma doença invencivel que o subjugou para sempre. Sua prima deixou-se abrazar n'essa mesma chamma, ou suggestão dominativa. Os versos de Bernardim Ribeiro são esta rapida aurora de felicidade, e o lamento pungentissimo da desgraça da paixão contrariada. Pela sua leitura assiste-se á lucta d'aquelle espirito contra um desgosto que lhe devasta a existencia, que o desvaira e o leva á loucura.

A época em que a depressão mental de Bernardim Ribeiro o levaria a ser internado no Hospital de Todos os Santos póde fixar-se em 1546; por este tempo nomeou D. João III escrivão da sua camara o Dr. João de Barros, depois de ter exercido um logar de magistratura judicial no Porto. Junto do rei conservou a funcção de seu escrivão, passando d'ahi outra vez para a magistratura em 1549, despachado Desembargador dos Aggravos, conforme refere Barbosa Machado. [2] O Doutor João de Barros, auctor do curioso livro de moral *Espelho de Casados*, dado á estampa em 1540, era muito da privança do Cardeal Infante D. Henrique, e por sua ordem

---

[1] *Pathologia do Espirito*, p. 286. (Trad. fr.)
[2] *Bibliotheca luzitana*, t. II, p. 609.

exercera varias missões na coordenação dos documentos dos cartorios de varios mosteiros do Minho. Formára-se em Canones na Universidade de Salamanca, que começou a frequentar no principio do anno de 1522. O seu saber juridico, como a auctoridade de escriptor moralista, e a amisade do Cardeal D. Henrique, bastavam para o fazer notado de D. João III e chamal-o para o logar que deixára de ser occupado por Bernardim Ribeiro. Parece que o logar de escrivão da camara do rei exigia a habilitação de formatura juridica, e que dava accesso a desembargador dos aggravos. A tença concedida a Bernardim Ribeiro, no Mestrado de San Thiago por Padrão de 9 de novembro de 1549, era por ventura em compensação dos honorarios do logar que deixára, e um recurso para o seu tratamento no Hospital de Todos os Santos. Pelo documento judiciario de 6 de maio de 1642, se lê incidentemente: «he certo que... o Doutor Bernardim... o Senhor D. João 3.º que tanto o protegia e nem o desamparou da sua grande caridade nos ultimos annos da sua vida *em que a luz do entendimento já fraca desde muito* o veiu a desamparar de todo n'uma cella do Hospital de Todos os Santos, onde acabou...» Serve-nos esta secura tabelionica do documento judiciario para se avaliar a crueza da catastrophe do apaixonado poeta. Por elle se vê que *desde muito* se lhe alterára a intelligencia; poder-se-ha fixar essa data pela da composição da Ecloga *Alcixo*, em que Sá de Miranda, escrevendo-a em 1534, deixou consignada a sua primeira e dolorosa impressão. A concessão da tença em 1549 se-

ria para auxiliar o pagamento da cella no Hospital de Todos os Santos, quando o poeta perdeu de todo a consciencia.

Na symptomatologia da loucura, é a *melancholia* uma das manifestações fundamentaes, começando por uma sensibilidade exagerada, apprehensões terroristas, desconfiança infundada e depressão mental. A tristeza, expressa nos versos de Bernardim Ribeiro, a angustiosa saudade de um passado perdido, é um caracteristico do estado de melancholia em que ia gradativamente caíndo; n'este estado se conservou durante a elaboração da Novella ou *Livro das Saudades*, em que agrupou muitos dos episodios que se relacionavam com a historia dos seus amores com *Aonia*. Na Ecloga *Alcixo*, pinta-nos Sá de Miranda, em 1534, o apparecimento repentino do delirio no poeta seu amigo:

Io vengo como pasmado
I no sé lo que me diga,
Que el mi corazon letiga
Entre cuidado i cuidado!

. . . .

Dias ha que no me entiendo,
No percundo este mal mio:
Al sol muero me de frio,
A la sombra estoi me ardiendo!
En ninguna parte atiendo
Que pueda pensar que fuese?
Como si de otren fuiese,
Ansi de mi voi fuiendo. [1]

---

[1] *Poesias* de Sá de Miranda, p. 99. Ed. 1885.

E depois de um canto de desalento representa-o caíndo em um somno profundo, entre a relva junto de uma fonte encantada. Foi a invasão repentina da melancholia, provocada por algum acontecimento que veiu exacerbar ao ultimo extremo a sensibilidade do poeta; é presumivel que D. Joanna Tavares Zagalo se finasse por este tempo na clausura das Clarissas de Extremoz. Explica-se assim, como lêmos em Maudsley: «em alguns casos a melancholia apparece subitamente, em consequencia de um choque mental grave: tal como a noticia brusca da *morte de uma pessoa querida;* o individuo cáe instantaneamente em um estado de estupor apathico e de desespero, — uma especie de spasmo tonico de angustia mental, com paralysia de todas as outras funcções mentaes.»[1] Sá de Miranda pinta admiravelmente esta *melancholia attonita* do seu amigo; e não é sem relação com o apparecimento da *Ninfa da Fonte* (D. Joanna Zagalo) sob aspecto phantastico, que se manifesta essa depressão mental. Sá de Miranda descreve o que observára em Bernardim Ribeiro, coincidindo o que nota com o que se encontra em casos semelhantes colligido nos alienistas. Descreve Maudsley quasi o mesmo que se lê na Ecloga *Alcixo:* Elle não liga interesse algum á sua familia ou aos seus negocios; parece-lhe que uma nuvem se fixou sobre elle, que um véo o separa das outras pessoas, pois que as cousas já lhe não apparecem reaes como de antes, e que elle crê

[1] *Pathologia do Espirito.* p. 378.

mover-se em uma especie de sonho. Foje da sociedade, que lhe é penosa; não trabalha, descura a sua pessoa, cáe em uma phantasmagoria inactiva, e póde acabar, se lhe consentirem, por ficar na cama de dia. Durante este tempo está perfeitamente consciente da anomalia do seu estado, e prorompe em lagrimas lamentando-se; daria tudo para voltar a si proprio, e não póde comprehender por que é que se modificou de uma maneira tão miseranda.» [1] O facto da attribuição da morte do *Orphileno* (Pero Gato) ao amante de *Aonia*, na Novella, é esse phenomeno frequente, em que «o sentimento vago de uma miseria profunda tomou a fórma da ideia concreta de uma má acção» no crime illusorio de que se accusa. O desleixo das suas funcções de escrivão privado da camara de D. João III, fez com que o rei o substituisse; mas o monarcha reconhecendo que elle tambem descurava dos seus interesses, deu-lhe uma tença no Mestrado de San Thiago para ser tratado, e quando por ultimo caíu na inconsciencia, depois de 1549, mandou-o recolher piedosamente a uma cella no Hospital de Todos os Santos. O desgraçado amor de Bernardim Ribeiro tornava-o sympathico aos que o conheciam, e especialmente a D. João III, que se dava *pelo mais namorado* dos cavalleiros da sua côrte. A longa doença do poeta foi a melancholia chronica que absorveu todo o resto da sua existencia, (de 1534 a 1549) terminando pela fórma reconhecida em que «o

[1] *Ibid.*, p. 379.

enfraquecimento mental augmentou por modo que chegou á demencia »[1] e em que a depressão geral da tonalidade nervosa perturbando todas as outras funcções levou ao esgotamento e á morte.

No Rol das Tenças da Ordem de San Thiago extrahido do registo dos Padrões, certificado pelo escrivão da camara do rei e do Mestrado de San Thiago, Francisco Coelho, lê-se:

« *De São Joham de 49 em deante:*

« Item ....

« E *Bernaldim Ribeiro* tem por Padrão feito a 9 de Outubro de 49, doze mil reis. 12$000

« E mais dous moyos de trigo,

2 moyos. »[2]

Á margem d'este Rol está escripto em letra italiana « *faleçido;* » como o texto do Rol em

---

[1] *Op. cit.*, p. 419.

[2] Torre do Tombo, Gav. II, Maço 11, n.º 11; é o documento original. Na cópia d'este documento (Vol. 6 da reforma das Gavetas, a fl. 219 v.) a palavra « *faleçido* » está intercalada no texto, o que poderia levar a suppôr que fôra escripta antes do encerramento do Rol. Mas á vista do authentico, e pela differença das letras caduca tal inferencia.

Este Rol das Tenças começa com as de 1517 e vae até ás derradeiras que se inscrevem sob a rubrica: *De São Joham de 49 em deante,* no fim das quaes põe esta declaração: « D'estas Tenças abaixo decraradas *nam acho os Padrões no Registo, porque alguns livros se perderam.* » O Rol termina com o encerramento: « Certifico que estas tenças atraz d'este Rol per mim escrito são as que ha na Ordem de Santiago, e não sei outras nenhumas.... e portanto assinei aqui em Lisboa, a 4 de Outubro de 1552... » Encontra-se n'este Rol o nome de João Rodrigues de Lucena, e o de João Rodrigues de Sá.

letra allemã, está encerrado pelo escrivão em 4 de outubro de 1552, é facil a inferencia de que foi outra mão que escreveu a palavra «*faleçido*», dando baixa ao agraciado sómente depois de 4 de outubro de 1552. Mais uma vez se confirma o documento judicial de 1642, no qual faz-se referencia aos parentes de Bernardim Ribeiro que pleitearam a doação das Terras e Azenha de Ferreiros «*depois da morte d'elle, succedida no anno de 552,...*» Pelo Rol das Tenças, encerrado em 4 de outubro d'este anno, torna-se indubitavel que Bernardim Ribeiro falleceu por fins de outubro de 1552. O Padrão da tença de 9 de outubro de 1549, ainda existia no registo da Chancellaria do Mestrado de San Thiago á data do encerramento do Rol, posto que já faltassem alguns livros; hoje ha apenas a simples indicação. [1]

Na edição da Ecloga *Aleixo*, no texto de 1614, e ainda no Manuscripto Juromenha, vem uma Epistola dedicatoria a Antonio Pereira, senhor de Basto, que consta de seis outavas, allusivas a um successo d'aquella familia passado em 1553; ahi se allude á lou-

---

[1] Em outros Livros da Chancellaria da Ordem de San Thiago encontra-se ácerca do *homonymo* do poeta, o que aqui transcrevemos para evitar confusões:

«*Bernardim Ribeiro*, alvará do aforamento perpetuo de uma praia, no termo da villa de Alcochete, de 11 de maio de 1588: Liv. 2.º, fl. 263.

«*Bernardim Ribeiro Pacheco*, Carta de confirmação do aforamento em fateusim de uma praia para marinha no termo da villa de Alcochete, de 14 de setembro de 1588. Liv. 5.º, fl. 127 v. (Vid. retro, p. 6, n.º 1.)

cura de Bernardim Ribeiro, celebrada na Ecloga composta vinte annos antes:

> Entrar se ha aqui un zagal muerto d'amores
> Sin que el lo sepa bien. Mas no os turbeis,
> Que a mas ha sucedido que a pastores.
> Nunca de Amor, ni con Amor burleis;
> Quando no lo pensais, se alza a maiores,
> Desobligado de todas las leis.
> No ha i caso tan dudoso e incierto a ser
> Que aiudado de Amor se no haga crer. [1]

Quando Sá de Miranda mandou o caderno de seus versos ao principe D. João, em 1552, não tinha ainda composto esta dedicatoria; o successo celebrado na Casa do senhor de Basto foi o regresso de seu filho João Rodrigues Pereira, salvo da mortandade do Monte da Condeça em 18 de abril de 1553. Sá de Miranda teve então conhecimento de que Bernardim Ribeiro fallecera, e sob essa impressão é que deu a sua Ecloga *Aleixo* para ser representada no solar de Basto em uma festa intima. Essa outava da dedicatoria bem revela uma emoção recente, apezar de se referir á circumstancia de ser tal Ecloga um dos seus primeiros ensaios na eschola italiana:

> Estas nuestras zampoñas, *las primeras*
> *Que por aqui cantaran*, bien o mal
> Como pudieran, rimas estranjeras...

---

[1] *Poesias*, p. 454. Ed. 1855.

Bernardim Ribeiro falleceu no grandioso Hospital de Todos os Santos; no livro do Dr. Francisco de Monçon, *Espejo del Princepe Cristiano* vem uma minuciosa descripção d'este Hospital, que nos leva a conhecer a situação do poeta: «quando algunas personas honradas se vienen aqui a curar que acontece muchas vezes danles *aposentos apartados*, adonde son servidos segun la qualidad de sus personas. Ay en estas enfermarias dos conciertos muy dignos de notar: que cada cama tiene encima un aposento para guardar los vestidos y ropa de cada enfermo y tiene por de fuera por un corredor que va por las espaldas cada cama su puerta falsa, por donde sacan al que muere tan secretamente que no le siente el enfermo que está cabo el... y fuera, apartado d'estas enfermerias está *un aposento adonde recogen algunos locos:*» «Las rentas deste Hospital de necesidad han de ser muy grandes, por los excesivos gastos que ay y las expensas que hemos dicho: y assi les dieron los reyes christianisimos muchas herdades principales, y estabelescieron muchos juros de pan, vino, aves y dineros en las rentas reales, y les hazen ordinariamente muy crescidas limosnas... Toda la governacion deste Hospital y de sus rentas esta en poder de un padre de la Orden de Sanct Eloy de que es provedor, y tiene consigo otros dos o tres padres de su misma Orden, que tienē cargo de las expensas ordinarias, y de hazer dar de comer a los enfermos y de estar presentes al repartirselo y ordenarselo: que por esto visitan las enfermarias con los medicos y mandan dar todo lo que ordenan

para los enfermos.» No *Tractado contra el mal serpentino* de Ruy Dias de Ysla, falla-se do Hospital de Todos os Santos, e depois de engrandecer a sua riqueza, vem: «ha muitas casas separadas para pessoas honradas que se vão curar a elle, para que, se morrerem, ganhem as indulgencias e remissões que esta Casa tem em uma grande bulla; etc.» Vê-se pois que segundo as ideias religiosas d'aquelle tempo não era uma degradação o morrer no hospital.

No documento judicial de 1642, se lê que os parentes de Bernardim Ribeiro pleitearam a doação que em 1505 lhe fizera o rei D. Manoel das Terras e Azenha de Ferreiros, em Extremoz: «A doação que de Sua Alteza recebeu por essa occasião (i. é. quando o mandou cursar os estudos na Universidade, d'onde saíu com o gráo de Bacharel em Leys) das Terras e Azenha dos Ferreiros com seus termos, e que agora he requerida na Petição que veiu a informar a esta Junta (do Desembargo do Estado da Casa de Bragança), já *tambem fôra pleiteada por Gonçalo Ribeiro*, primo germano do dito Bernardim *e por outros lateraes*, depois da morte d'elle succedida no anno de 552; e visto que elle, como he provado no *Processo* que então correu e *que existe no Archivo d'esta Serenissima Casa*, não tinha herdeiros legitimos obrigados; e como o termo da dita Doação feita no anno de 505, o qual vae junto por cópia, declara mui formalmente que, no caso do amerciado não haver filhos legitimos, que os bens passem a esta Serenissima Casa, em virtude

de tal clausula já o Senhor Rey D. Sebastião indeferiu as petições citadas.»

Por este trecho da informação do desembargador Rodrigo Rodrigues de Lemos, vê-se que apoz a morte do poeta em 1552, logo seu primo *Gonçalo Ribeiro* requereu a posse da Doação que lhe fizera o rei D. Manoel. Este Gonçalo *Dias* Ribeiro (que assim se distingue de seu pae Gonçalo Ribeiro) era moço da camara do rei D. Manoel em 1517, e pela Carta que lhe escreveu de Paris seu irmão mais velho João Ribeiro, sabe-se que elle deixára o paço talvez para seguir a viagem da India. Foi casado com Isabel Calada, (e não seu irmão João Ribeiro, que frequentava o Collegio de Santa Barbara em Paris, onde regeu a cadeira de Dialectica em 1525, e era *Capellão* de El Rei em 1527; as genealogias estão todas em erro deante dos documentos irrefragaveis.) [1] Do seu casamento teve Gonçalo Dias Ribeiro dois filhos:

---

[1] Eis a carta, traduzida da redacção latina, que vem na *Histoire de Sainte Barbe,* t. I, p. 336, por J. Quicherat:

«João Ribeiro, olisipponense, a seu irmão Gonçalo Dias, attendendo á sua boa indole, e moço da camara do venturoso rei dos Portuguezes, saúda.

«Zenon, primeiramente simples negociante e depois chefe dos Stoicos, quando partiu da mercantil Phenicia para Athenas soffreu um tão horrendo naufragio, que, perdidos todos os seus cabedaes teve de acolher-se quasi nú ao mais proximo porto. Correndo-lhe depois favoravel a fortuna, virado para as letras, seguiu em Athenas as lições de Crates, philosopho insigne d'aquelle tempo; saboreando ahi em breve os dons da philosophia, tinha por uso confessar, que nunca nave-

— João Ribeiro (do qual se diz ter feito duas viagens á India);—Duarte Ribeiro Sodré,

---

gára com tão prospera monção como n'aquella viagem pela qual fôra levado não ao lucro de um commercio percario, mas á plenitude da perfeita disciplina.

« Eu, irmão querido, quando pela mente perpasso o meu destino, vejo que me coube em sorte o mesmo que aconteceu a Zenon, pois que tentando a carreira commum da vida, atraz da vã esperança de lucros, primeiramente fui á Ethiopia. D'ahi, como me sorria pouco a fortuna, deixei a vida do commercio, e vim parar a França, vindo depois para Paris, e reconciliando-me com as letras de que andava divorciado, encontrei um Professor tal, que o proprio Zenon nunca teve, nem eu outro egual. Posso, pois, como aquelle sabio, affirmar com verdade nunca ter viajado com mais felizes galernos do que n'essa viagem da Ethiopia, na qual crendo que a fortuna com o rancor de madrasta se revoltava contra mim, lhe experimentei maternal benignidade; nem cousa alguma me poderia acarretar tanto ouro ethiopico, quanto por via d'aquelle percalço me adveiu, pelo que tudo se me tornou em vantagem, com ajuda da clemencia celestial, como devo crêr. Costumo por tanto ser reconhecido á minha fortuna, tanto mais que me constou, que ausentado do serviço do paço do nosso monarcha, a cuja obediencia estavas, te achavas inclinado para as nossas Artes. Quiz a suprema providencia dispôr as cousas por fórma que nós dois, a quem um reciproco affecto e sympathia fraternal une, fossemos levados pela mesma oppressão do espirito a seguir ó mesmo horoscopo, tu arrancado do meio das ondas da côrte, como eu deixando o profundo e tormentoso oceano, lançamos amarras no mesmo porto da tranquillidade. Devemo-nos portanto felicitar por uma tal fortuna tua, quanto lamentar que em occasião conveniente não tivesses vindo para Paris, e que eu aqui te visse discipulo do meu illustradissimo Professor, cujo merecimento debalde encareço, quando actualmente em toda a Europa ninguem ha que siga os cursos de Artes a quem não tenha chegado o afamado nome de *Celaya*. Não falta quem — e é isso indispensavel para a relação presente, — quem tenha por

que tambem militou na India, tendo casado duas vezes, e em quem se continúa a successão.

---

diversos recursos desenvolvido as Artes, escrevendo muito e com erudição, mas quem as tenha esclarecido com tanto brilho e agudeza como Celaya, (consintamme dizel-o) ninguem. É sabido de toda a gente que nenhuns escriptos são mais vulgarisados entre os estudantes parisienses do que os seus; nenhumas doutrinas e erudição são recebidas em Paris com mais favor e applauso. Sempre que o acompanhei deante do publico, vi a multidão que o rodeava com os olhos pregados n'elle, apontando uns para os outros, como se acreditassem vêr n'aquelle homem mortal o quer que é de immortal, de um fastigio sobrehumano; é de presumir que por esta sua gloria crescente succederá em breve, que toda a estudantada de Artes, desprezando as apostillas dos outros, sómente se acingirá á doutrina de Celaya, bem digna (não m'o levem a mal) de ser preferida a todas as outras, e direi mesmo, de reinar em todas as escholas. Por que, além de todas as partes da *Dialectica*, que elle tratou admiravelmente em nove volumes, ahi estão os livros da *Physica*, e volumes de philosophia, nos quaes tão sapientemente quanto com felicidade dissertou, de modo que não só mereceu os louvores dos principaes escriptores, se não que não deixou ensejo para louvor dos vindouros. Quando me ponho a analysar o auspiciosissimo successo, chego na verdade a esperar que elle não porá fim aos seus trabalhos sem que nos deixe applanadas todas as difficuldades da *Philosophia moral* e todos os mysterios da Theologia, tanto quanto já alguem se tenha atrevido a esperar do mais erudito dos homens. Mas vê lá, peço-t'o eu, quam misera é a condição dos que não sabem mais do que corromper os elogios alheios; homens mediocres e mesquinhos achando-se immersos em trevas não soffrem vêr os outros na luz; nem para elles ha cousa mais obnoxia e desapercebida do que a virtude mesma e a doutrina, a qual por isso mesmo que mais refulge em Celaya, mais acremente é perseguida pelas ferroadas da inveja. Mostra este rancor do despeito o valor de um tal homem, pois bem sabido é que a inveja não se preoccupa com os insigni-

Este João Ribeiro «por morte de seu pae recomeçou a demanda sobre querer succeder

---

ficantes e humildes; mas como a labareda, o que está mais alto ou sublime. Porém, pelo que diz respeito aos teus estudos, nunca pedi ao Todo Poderoso cousa com mais empenho do que a tua vinda para este celeberrimo emporio das disciplinas, onde em breve realisarias as tuas aspirações. Em verdade, não se tendo effectuado o que tu desejavas, aprende com attenção o que só o talento de Celaya póde dar-te. Aconselho-te a que aproveites este ensejo, que agora miraculosamente se proporciona para o teu desenvolvimento, indispensavel, por que todo o corpo da *Physica*, primeiro concebido de um modo rude e inculto, orna-se hoje com o incremento das admiraveis doutrinas que os primeiros creadores da Philosophia não quizeram investigar, nem presentar nos primordios da incipiente doutrina. Por todos os modos, bondoso Gonçalo, e por todos os direitos que vinculam dois irmãos, supplico-te que te desenvolvas quanto puderes n'este determinado estudo de Artes. Tu podes o que quizeres; muito devemos n'isto á natureza, pois que ao grande esforço nada é impossivel. Adeus. Paris.»

A'cerca de João Ribeiro, irmão de Gonçalo Ribeiro e primo-coirmão de Bernardim Ribeiro, escreve Quicherat na *Historia do Collegio de Santa Barbara* (t. I, p. 138):

«Começou por dedicar-se ao commercio. Arruinado em uma viagem que fez á Abyssinia, pensou em congrassar-se com as letras, de que apenas tivera superficial cultura. Era no tempo do rei D. Manoel. Seguiu as lições de Coqueret, assistiu ás brilhantes estreias de Celaya n'este Collegio, e ligou-se desde logo ao professor valenciano, que foi para elle um idolo. Depois de ter repetido as suas lições de Dialectica em Beauvais, veiu recolher-se a Santa Barbara quando Celaya alli fixou domicilio, para melhor se impregnar da sua doutrina metaphysica. (Epistola de João Ribeiro a Jean Goutier, em continuação do PETRI HISPANI, *Summulae logicales cum Expositionibus Joannis de Celaya.*

no senhorio de que acima se trata, mas teve a mesma sorte que seu pae pelo indeferimento

---

Paris, J. Dupré, 1515.) Foi-lhe depois confiado o estandarte do *Celaysmo*, quando o seu mestre se retirou para a patria. Ribeiro manteve-o com mão firme durante os primeiros annos do principalato de Diogo de Gouvêa (cf. Jean Gelida, no prefacio do seu Tratado *De quinque Universalibus*) sendo secundado n'este seu fervoroso empenho por um professor champanhez de nome Jean Papillon, que primeiramente fôra seu creado e que morreu passados vinte annos no posto eminente de grão-mestre do Collegio de Navarra. »

O *Celaysmo* foi uma revivescencia do Scholasticismo, que decahia com o descredito que se ligava ás *Summulas* de Pedro Hispano; comprehende-se que o valenciano João Celaya se levantasse como paladino atrevido *(Doctor resolutissimus)* das distincções e requintes dialecticos, e que os estudantes hespanhóes e portuguezes o seguissem para salvarem a auctoridade secular que Pedro Hispano tivera sempre nas Escholas. João Celaya fundiu as doutrinas scotistas e thomistas por uma imaginosa improvisação, e os Collegios de Paris disputavam a sua regencia, sendo por fim attrahido para o Collegio de Santa Barbara aonde fez dous cursos philosophicos em sete annos; João Ribeiro foi por elle escolhido para o desdobramento de um curso, e enthuziasticamente o defendia, como vêmos na Carta a seu irmão Gonçalo, dos ataques acerbos do professor Waim, que o tinha por um charlatão. Na Bibliotheca de Evora existe a cópia de uma *Carta latina* de João Ribeiro a M.e Pedro Bantier, parisiense, e *Epigramma latino* de João Trufe a João Ribeiro, professor de Dialectica (do livro *Expositio magistri Joannis de Celaya, Valentiani, in Primum Tractatum Summulum magistri Petri Hispani*. Parisiis, 1525.) João Ribeiro veiu pouco depois d'este anno para Portugal, e em 20 de fevereiro de 1527 alcançou por opposição a cadeira de Logica na Universidade de Lisboa, da qual desistiu em 1530, sendo nomeado para ella o Dr. Pedro Nunes; foi agraciado em 1530 com uma commenda da Ordem de Christo, e concedeu-se-lhe um

do rei D. Sebastião, que mandou confirmar a decisão tomada pelo rei seu antecessor.» [1]

brazão, apparecendo tambem o seu nome como fidalgo e Capellão de Elrei.

Não deve pois confundir-se com o sobrinho João Ribeiro, que continuou a demanda depois da morte de seu pae Gonçalo Dias Ribeiro.

No livro de Diogo Pires Cinza sobre a *Trasladação do Martyr San Vicente*, vem uma Canção de João Ribeiro, a fl. 161 v., no gosto da eschola italiana; começa:

> Quando a cega e profana idolatria
> Livre, de toda a terra triumphava,
> Banhada em puro sangue de innocentes;
> Quando com ferro e fogo perseguia
> Os que a Esposa de Christo então criava,
> Pera luz, pera sol de varias gentes,
>   Com graças excellentes
>   Nascestes, gloria estranha,
>   Resplendor nunca visto
> Da verdade evangelica de Christo,
> Das victorias de hũa e outra Espanha,
>   O' Vicente hespanhol,
> Sol na doutrina, no martyrio sol.

A fl. 153 vem outra Canção no mesmo estylo, do mesmo poeta. Como n'este livro se acha tambem um poema em 5 cantos em outava rima (fl. 115 a 142): *Outavas ao invicto Martyr S. Vicente, feitas pelo P. F.* Paulo da Cruz *chamado o Fradinho da Raynha*, é admissivel que esse João Ribeiro seja o parente de Bernardim Ribeiro. No Ms. das *Flores varias de Poetas luzitanos* ha outra poesia sua.

[1] Na Genealogia de D. Flaminio de Jesus Maria, que confunde este João Ribeiro com Gonçalo Ribeiro, invertendo a linhagem. (Baena, p. 21.) Restabelece-se a ordem pelo documento judicial de 1642, que além de citar primeiro a Gonçalo Ribeiro, colloca o *segundo processo* já no tempo de D. Sebastião.

Nas Genealogias manuscriptas é frequente alludir-se a este processo do tempo de D. Sebastião, por 1564; mas não se tem entendido bem a referencia, confundindo a época do pleiteante com a data do documento de 1552 por elle allegado. Transcrevemos de um Nobiliario manuscripto, em que se trata dos Ribeiros, do Torrão: «João Ribeiro, filho d'este Gonçalo Ribeiro, mostrou por hũ instrumento que fez para huma demanda, que era primo com irmão de Bernardim Ribeiro, fidalgo principal e muito conhecido pelos seus versos a que chamou MENINA E MOÇA, o qual instrumento foi tirado no anno de 1552. Serviu na India onde o mataram...» [1] É a este *outro lateral*, que allude o documento judicial de 1642. Além d'isso, o proprio texto do genealogista revela-nos a época da demanda, quando diz de Bernardim Ribeiro: «muito conhecido pelos seus versos a que chamou MENINA E MOÇA...» A Novella assim denominada ficou inedita entre os papeis do poeta, até que se imprimiu passados annos depois da sua morte, succedida em 1552. Na edição de Colonia de 1559 é que traz o titulo *Historia de Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro... *com algũas Eclogas suas;* nas edições portuguezas de 1557 e 1578, de Evora, a Novella é descripta sempre: *Livro chamado*

[1] Ms. da *Coll. Pombalina*, n.º 396, fl. 268. Já se vê que este João Ribeiro não é o Capellão de D. João III, que foi lente de Logica na Universidade de Lisboa em 1530, de que desistiu; é sim esse que militou com D. Alvaro da Silveira na tomada das galés dos Rumes, e se achou em Dabul com Pedro Barreto Rolim.

As Saudades de Bernardim Ribeiro. Vê-se pois que as notas genealogicas referentes a João Ribeiro, denunciam por esta particularidade apparentemente insignificante a época do *segundo pleito*, quando estava bastante vulgarisada em Portugal a edição de Colonia, [1] e já sob o governo de D. Sebastião.

João Ribeiro não deixou successão, continuando a linhagem seu irmão Duarte Ribeiro Sodré, que «serviu na India ainda muito novo com o governador D. João de Castro e por este foi armado cavalleiro em Diu, no anno de 1546.» [2] Citamol-o aqui, por ter sido avô de Manoel da Silva Mascarenhas, o denunciante da conspiração do duque de Caminha, pelo que recebeu o governo da Torre de Outão em Setubal, e o que em 1645 reimprimiu o *Livro das Saudades* de Bernardim Ribeiro sobre o texto da edição de Evora de 1578. Manoel da Silva Mascarenhas dá-se como parente de Bernardim Ribeiro «*que era primo com irmão de meu avô.*» O interesse pela reproducção da Novella seria despertado por um *terceiro pleito* levantado em 1642 pelo tenente Francisco Ribeiro, para revindicar o senhorio das Terras e Azenha de Ferreiros

---

[1] Camillo, nas *Noites de Insomnia,* tambem colligiu egual nota genealogica, porém menos explicita. João Ribeiro «primo coirmão de Bernardim Ribeiro, fidalgo principal, *conhecido pelos seus versos intitulados* MENINA E MOÇA.» Doc. judicial de 1552. N'este tempo ainda a Novella estava inedita, e só depois da edição de Colonia em 1559 é que circulou com este titulo.

[2] Visconde de Sanches de Baena, *Bernard. Rib.*, p. 22, seguindo o precioso Manuscripto de D. Flaminio de Jesus Maria.

incorporado na Casa de Bragança, dando-se por descendente de Bernardim Ribeiro, seu *bisneto* por via de uma *filha* que o poeta tivera *de huma sua prima.* O caso obrigava a uma longa prova de filiações e comprovações de factos da vida de Bernardim Ribeiro; o processo talvez que não se guardasse então no Archivo da Casa de Bragança, mas sendo mandado ao desembargador Rodrigo Rodrigues de Lemos, por despacho de D. João IV, para dar a sua informação, foi ella apresentada em data de 6 de maio de 1642, em uma recopilação tão nitida e clara, que é por assim dizer a summa de todo o processo.

Acclare-se o facto allegado, de ter Bernardim Ribeiro tido uma filha dos amores com sua prima. Na Genealogia do conego regrante D. Flaminio de Jesus Maria, ao fallar de Joanna Tavares Zagalo, lê-se: «e segundo consta de varias memorias, era assás formosa, o que não deixou de concorrer para a sua desventura, por que *ha noticias d'ella se ter apaixonado por hum seu parente*...» Não diz o genealogista quem fôra esse parente, posto que tinha abundantes subsidios para sabel-o, mas não convinha divulgal-o. Camillo Castello Branco em investigações que fez em cartapacios genealogicos coévos de Bernardim Ribeiro, achou tambem uma vaga referencia ás consequencias dos seus amores: «Dizem que Bernardim Ribeiro, poeta, deixára *uma filha.*» [1] Tradição que foi incluida por Barbosa Machado na biographia do poeta for-

[1] *Noites de Insomnia,* Outubro, p. 33.

mada pela confusão de trez homonymos. Ao facto allegado pelo tenente Francisco Ribeiro, de ser *bisneto do poeta*, temos a contestação do desembargador do Estado da Casa de Bragança, em que se precisa a affirmativa do interessado: «Allega o requerente agora ser bisneto de Bernardim Ribeiro, allegação esta que he inteiramente estranha e nova, por que nem por via illegitima se póde fundamentar referida a Bernardim Ribeiro, escrivão privado do Senhor Rey D. João 3.º o qual nunca foi casado, nem consta de boas memorias haver tido descendencia bastarda de *huma sua prima*, como allega o requerente. E quando assim fosse, que se provasse ser essa a descendencia do requerente Francisco Ribeiro e por elle apresentada, nem isso lhe daria direito á emposse dos bens doados a seu presuposto bisavô, por quanto d'esse direito ficou excluida a descendencia não legitima.» Aproximando este documento da noticia genealogica de D. Flaminio e da tradição que chegou até ao seculo XVIII, vê-se que a *prima do poeta*, por quem se apaixonára, era Joanna Tavares Zagalo, e que a *filha* nascida d'esses amores da decantada *Aonia* é essa desolada e saudosa *Menina e Moça*, que escuta com tanto interesse a historia desgraçada dos *Dois Amigos* que foram tão apaixonados amantes, *Tasbião* e *Bimnarder*. O poeta idealisou essa filha na propria Novella, confundindo-a intencionalmente com *Arima*, para assim velar aos curiosos a sua existencia. Na Glosa ao Romance de *Belerma* elle justifica a sua afflicção, dizendo como quem vive das venturas passadas:

No me oyran dezir a mi
Que siete annos te servi
Sin de ti alcanzar nada...

E á medida que Joanna Tavares Zagalo se afundava na inconsciencia da alienação, o poeta olhando para essa filha creada em segredo, via-a como o ultimo alento de vida moral que lhe restava. Barbosa Machado fallando da *filha* que ficou ao poeta da sua viuvez (?) attribue á compunção que a creança lhe suscitava o Soláo pungentissimo que começa: «Pensando-vos estou, filha; — Vossa mãe me está lembrando...» O Soláo foi escripto para ser intercalado no capitulo XXI da Novella da *Menina e Moça*, descrevendo a orfandade de *Arima;* porém, Bernardim Ribeiro glosou-o em vinte e seis decimas da mais intensa emoção pessoal. Por ventura a filha dos seus desgraçados amores tambem se chamaria Maria, como a da Novella, apropriando a ella os versos do Soláo. No *Cancioneiro manuscripto* de Luiz Franco vem essa:

GLOSA DE: Pensando-vos estou, filha

A morte mais me matou
Por me deixar com a vida
E levar a quem errou,
Esta filha que deixou
De minha alma tão querida.
Como o mar cerqua a ilha
Cuidados me estão cercando;
Sam vivo por maravilha,
Pensando-vos estou, filha,
Vossa mãe me está lembrando.

Lembra-me a gloria passada,
Padeço o mal presente,
E sinto pena dobrada,
Muito penada e cansada
Como o que minha alma sente.
Meu cuidado é uma frágua,
Em que me estou queimando,
E de vós e de my magoa
Enchem-se-me os olhos d'agua,
N'ella vos estou lavando.

O desejo bem contente
Tinha eu, poucos dias ha,
Porém na vida presente
A fortuna sempre mente,
Bens promette, males dá.
A passada gloria pago
Com pena e dôr sobeja,
Meus olhos são fontes de agua,
Nascestes, filha, antre magoa,
Pera bem inda vos seja.

Lembra-me que a minha amada
Me estava dizendo um dia
Que se sentia pejada
E das dôres já tocada,
Dôres que eu não sentia.
Antes o meu pensamento
Teve gloria tão sobeja,
Foi tanto o contentamento,
Que no vosso naçimento
Vos houve fortuna enveja. [1]

---

[1] Variantes: (*Men. e Moça*, cap. XXI, ed. 1557.)

Pois em vosso nascimento
Fortuna vos teve inveja.

A ventura que guiava
Quantos males ordenou,
Com taes dôres afincava,
Que a morte se achegava,
Chegava e emfim chegou.
E levou-m'a n'um momento
Em que vós, filha, sorgistes,
Triste tinha o pensamento,
Morto era o contentamento,
Nenhuma alegria ouvistes.

De esposo muito amado
Fiquei viuvo e só,
De tristeza acompanhado,
Meu prazer já sepultado,
Alegria feita em pó.
Filha minha muito amada,
Se alegria não ouvistes,
Foi por que sendo vós nada,
Era vossa mãe finada,
Nós ambos fiquamos tristes. [1]

Eu fico e vós ficastes
E ambos bem descontentes;
Se em nascendo chorastes,
Tam bem chorando me achastes
Males por vir e presentes.
Veja-vos melhor fadada
Do que fostes no nasser,
Pois fostes mal festejada
Nada em dôr, em dôr creada,
Não sei isto onde hade ir ter.

---

[1] Nós *outros eramos* tristes.

Nacerdes em confusão
De grão desterro e morte
Dá pena a meu coração,
As planetas saberão
Vossa ventura e sorte.
Se houver de ser ditosa
Quem tiver bom parecer,
Vejo-vos mui graciosa,
Filha minha mui fermosa,
Com olhos verdes crescer. [1]

Ainda humanos tem por vêr
Em logar deshabitado
Taes olhos, tal parecer.
Como vos Deus quiz fazer,
Sobre-rosto alumiado.
Não ha hi quem saber possa
Se causou desdita, se erro
Nascerdes na serra d'Ossa,
Não era essa graça vossa
Pera nascer em desterro. [2]

Se em Amor rasão houvera
Vossa mãe me não deixára,
Por que ella não fenecera,
E eu, triste, ledo vivera,
Mais prazer me visitára.
Ella he na sepultura,
E vós em este desterro
Habitado de tristura;
Mal haja a desaventura
Que mais poz n'isto, que o erro. [3]

---

1 *Vejo-vos, filha.* fermosa.

2 Não era *esta* graça vossa

3 Que *poz mais* n'isto que o erro.

Foram mui mal celebradas,
Filha, essas vossas festas,
E em logar de festejadas
Foram de mi lamentadas
Em campinas de giestas.
Pelo qual nunca tristura
Deixarei nem deixeis vós,
Por que nossa desventura
Tinha aqui sua sepultura
Vossa mãe e magoa a nós.

Quando cuido no passado
Sam mais triste do que sam,
Bem posso dizer: Coitado!
Que eu só fui o mal logrado,
Magoado sem rasão.
Foi cruel de opinião
Morte que nos deixou sós,
Carecida de rasão;
Não ereis vós, filha, não,
Pera morrerem por vós.

Não era tal gentileza,
Nem tal graça e fremosura
Qual pintou a natureza
Pera causar mais tristura,
Ao triste sem ventura;
E este mal foi maldição,
Tivera de se executar
Em mim só, e outrem não,
Mas termos que os fados dão
Não se podem excusar. [1]

---

[1] *Não houve em fados rasão*
Nem se consentem rogar.

Os males se repartiram
Por vossa mãe, vós e mim,
A ella já consumiram,
E a vós tambem feriram,
Mas todos são meus, emfim.
Dóe-me muito vêr-vos só,
E vossa mãe o estar
No sepulchro feita pó,
De vosso pae hei mór dó,
Que de si se hade aqueixar.

Se eu nunca lealmente amára
Não chegára a ser querido,
E se vos eu não plantára,
Vossa mãe se não finára
Nem eu ficára sentido.
Vós me achastes tal qual Job,
Bem carecido do bem,
Sem haver quem m'haver dó,
Eu vos houve a vós só
Primeiro que outro ninguem. [1]

Ouvi mil lamentações
Que eu a mi pera mi dava,
E d'outras mil afflicções,
Paixões sam comparações
E as mais por que ficava.
Esta vida matadora
Não sei por que me detem,
Que se não fôra tredora,
Não foreis vós se eu não fôra,
Não sei se foi mal, se bem.

---

[1] Eu vos *ouvi* a vós só
Primeiro que *outrem* ninguem.

Deus, que vos fez estremada,
Quiz-vos bem muito em extremo,
Se fordes tão bem fadada
Sereis bem aventurada,
Mas arreçeo o que temo.
Oh filha, quam bem vos fôra,
Pera segura viverdes,
E da fortuna bem fóra,
Mas não póde ser, senhora,
Para mal nenhum nascerdes.

Lembranças, tristes logares
Em cuidar trago occupados,
Não cuidados par nem pares,
Mas contos de mil milhares,
E todos em vossos fados.
Porém como este erro nosso
Não póde deixar de serdes
Tal que me façaes ditoso
Com esse rosto gracioso
Que tendes sobrolhos verdes. [1]

Perfeita vos fez natura
Emquanto teve poder,
Sem terdes corpo e figura
Vos dotou de fremosura
Por se alegrar e vos vêr.
Pelo qual eu o cuidoso
M'alegro a furto de mi,
E me acho victorioso;
Conforto mais duvidoso
Não he isto que temo assy. [2]

---

[1] Com esse *riso* gracioso
Que tendes *sob* olhos verdes.

[2] Me he *este* que *tomo* assi.

A causa que me dá a vida
Só a de que mais me aqueixo,
É ficardes sem guarida
Ainda rasão nascida
Pelo qual penar me deixo.
Mas se este mal muito dura
Aturae-o vós sem mi,
Que vos conheça tristura,
Deus vos dê milhor ventura
Da que tiveste té aqui.

De longe vindes fadada
Para serdes combatida,
Pois que sois tambem sagrada
Como é recopilada
Da morte a humana vida.
Uns dizem que a ventura
Tem continuada alegria,
Outros com a profecia
Que a Dita da Formosura
Disse em pratica antiguia. [1]

E declara a figura
Em que esta figura vae,
Feita por mão da ventura,
Que esta Dita e Formosura
São ambas filhas de um pae.
Mas como o peccado cria
Presumpções por dar fadigas,
A estas tanto crescia,
Que pelejaram um dia
Sendo d'antes mui amigas. [2]

---

[1] *A* Dita *e a* Formosura
Dizem patranhas antigas.

[2] Sendo d'antes *muito* amigas.

Eu tambem creio que erraram
Os que d'isso tem aviso,
Que a vida vos tentearam
Florida mais vos acharam,
E formosa que narciso.
E muitos tem em porfia
Aggravos com que traz danos,
Creo como profecia,
Outros hão que he phantesia,
Eu que vi tempos e annos. [1]

Crerey quanto mal ouvir,
Por que o tenho e padeço;
Se algum me fica por vir
Não lhe ey, nem posso fugir
Posto que o não mereço.
Creo que o tempo é comprido
Ordenam por mais meus danos
Ter minha fé accedido,
Nenhuma cousa dovido,
Como he azo d'enganos. [2]

Não dovido que a morte
Por m'a fazer desejar,
Uma dôr muito mais forte
Me dá vida d'esta sorte
Por mais vezes me matar.
Já se quer fôra ouvido
D'alguem fôra consolado
Em mal tão mal merecido,
Mas hũ mal que não he crido
Só o bem é esperado. [3]

---

[1] *Muitos* hão que he phantesia

[2] Como *ella* he aso de *danos.*

[3] *Nenhum mal* não é crido,
O bem só é esperado.

O qual eu já desespero
Emquanto mais esperar,
N'esta vida que não quero,
Pois he mais cruel que Nero,
Mais tormentos me hade dar.
Nem quero ter confiança
Pois está feita cajado,
E na vida e na esperança
Em ambas ha hy mudança.
Em ambas ha hy cuidado. [1]

É d'esta filha de Bernardim Ribeiro, que se dá por neto o tenente Francisco Ribeiro, que em 1642 pleiteava a herança da doação das Terras e Azenha dos Ferreiros, incorporadas nos dominios da Casa de Bragança. Não sabemos se o processo existe no Archivo d'essa Casa; mas descobriu o snr. Antonio Maria de Freitas o Parecer ou Informação do Presidente da Junta da Casa de Bragança, o desembargador Rodrigo Rodrigues de Lemos, que resume os elementos essenciaes do processo. Esse documento tem valor juridico, tanto mais que os factos ahi allegados se comprovam por outros documentos historicos e litterarios e ainda genealogicos. Tendo até aqui transcripto apenas trechos d'esse documento judicial para esclarecer situações da vida de Bernardim Ribeiro, convem agora inseril-o na integra, quasi como uma nitida recapitulação da vida do poeta:

« Senhor. Em obediencia ao despacho lançado por Vossa Magestade no requerimento

[1] Estes dois versos estão invertidos na Novella.

do tenente de infanteria Francisco Ribeiro, e remettido a esta Junta, cumpre informar que, das diligencias a que procedi e a que mandei proceder para verificar a verdade das allegações n'elle apresentadas sobre ser bisneto do doutor Bernardim Ribeiro e da justiça que lhe assiste de ser empossado nos bens que d'este foram e passaram a esta Serenissima Casa, se conclue que Bernardim Ribeiro nasceu em 1482, e era filho de Damiam Ribeiro, creado dos Duques de Vizeu, que caído em desgraça por causa das desavenças de seu amo com El Rei D. João 2.º, teve de se refugiar em Castella e lá morreu pouco depois com suspeitas de morte violenta.

«Bernardim Ribeiro com sua mãe e huma irmã se socorreram do amparo de seu parente o desembargador da Casa da Supplicação Antonio Zagalo e de sua irmã D. Ines, a qual os levou para a Villa de Cintra e os trouxe recolhidos em segredo por algum tempo na Quinta denominada dos Lobos, té que sendo fallecido El Rei D. João e succedendo-lhe El-Rei D. Manuel, por mercê a D. Ines que depois foi ama da Senhora Infanta D. Britis Duqueza de Saboya lhe fez muitos favores e accressentamentos de fortuna e tomou o referido Bernardim sob sua real guarda, e o mandou cursar os estudos na Universidade, d'onde sahio com o gráo de Bacharel em Leys.

«A doação que de Sua Alteza recebeu por essa occasião das Terras e Azenha dos Ferreiros com seus termos, e que agora he requerida na petição que veiu a informar a esta Junta, já tão bem fôra pleiteada por Gonçalo

Ribeiro, primo-germano do dito Bernardim e por outros lateraes, depois da morte d'elle succedida no anno de 552, e visto que elle, como he provado no processo que então correu, e que existe no Archivo d'esta Serenissima Casa, não tinha herdeiros legitimos obrigados. E como o termo da dita Doação feita no anno de 505, o qual vae junto por cópia, declara mui formalmente que, no caso do amerciado não haver filhos legitimos, que os bens passem a esta Serenissima Casa, em virtude de tal clausula já o Senhor Rey Dom Sebastião indeferiu as petições citadas.

« Allega o requerente agora ser bisneto de Bernardim Ribeiro, allegação esta que he inteiramente estranha e nova, por que nem mesmo por via illegitima se póde fundamentar, referida a Bernardim Ribeiro, escrivão privado do Senhor Rey D. João 3.º, o qual nunca foi casado, nem consta de boas memorias haver tido descendencia bastarda de huma sua prima, como allega o requerente. E quando assim fosse, que se provasse ser essa a descendencia do requerente Francisco Ribeiro e por elle apresentada, nem isso lhe daria direito á emposse dos bens doados a seu presupposto bisavô, por quanto d'esse direito ficou excluida a descendencia não legitima.

« Esta nova allegação torna-se tanto menos acceitavel, apesar dos certificados que a acompanham, quanto he certo que se o Doutor Bernardim houvesse filho ou filha, o Senhor D. João 3.º, que tanto o protegia e nem o desamparou da sua grande caridade nos ultimos annos da sua vida em que a luz do entendimento já fraca desde muito o veiu a

desamparar de todo n'uma cella do Hospital de Todos os Santos onde acabou, não tivesse remediado qualquer falta da sua mocidade, e fizesse algum bem aos que d'elle ficassem.

«Ora, mandando Sua Alteza que se dessem por vagos os bens pretendidos e julgada a sua incorporação n'esta Serenissima Casa, he porque de certo ao tempo não se conhecia nenhuma das circumstancias apresentadas agora pelo requerente sobre a descendencia de Bernardim Ribeiro, a qual pezasse no animo de Sua Alteza para dispôr dos bens a favor dos seus filhos, em justiça de herança ou em acto de caridade.

«No entretanto, Vossa Magestade fará o que mui bem Lhe aprouver para galardoar os serviços de Francisco Ribeiro á causa da sua Acclamação.

«Deus guarde e conserve a preciosa vida de Vossa Magestade por dilatados annos.

«*O dez.or Rodrigo Rodrigues de Lemos.*

«Lisboa, 6 de maio de 642.» [1]

---

[1] Publicado pela primeira vez pelo visconde de Sanches de Baena no opusculo *Bernardim Ribeiro*, p. 40, e instruido com notas sobre a creação da Junta da Casa de Bragança, e biographia do desembargador Rodrigo Rodrigues de Lemos. Como se vê do final do documento, Francisco Ribeiro requeria a posse dos bens de seu bisavô, allegando serviços á causa da acclamação de D. João IV; foi-lhe em compensação dada a patente de capitão reformado: «Eu El Rei faço saber aos que este meu alvará virem, que havendo respeito ao tempo e bom procedimento com que me tem servido Francisco Ribeiro e a ser legitimamente reformado no posto de capitão d'infanteria, hei por bem e me praz lhe fazer mercê que elle vença o soldo de capitam reformado que são quatro mil reis cada mez de

O conhecimento das curiosas peças d'este processo veiu avivar o interesse pela dolorosa historia dos amores de Bernardim Ribeiro, e suscitar o desejo de explicar as intrigas contidas nas allegorias da *Menina e Moça*. Manoel da Silva Mascarenhas, governador da fortaleza de Outão, tratou logo de reimprimir a Novella com as Eclogas de Bernardim Ribeiro, e na dedicatoria ao conde de Penaguião datada de 15 de janeiro de 1645 pede a sua égide contra os que o culparem de «resuscitar as velhices de MENINA E MOÇA, *tão fóra do que agora chamam culto.*» A discussão das genealogias no processo de 1642, lembrou-lhe o seu parentesco com o poeta: «tratei de dar á estampa este livro: a huma pela obrigação de portuguez, e á outra pela *de parente do Autor d'elle, que era primo com irmão de meu avô.*» E como pela revelação dos amores de Bernardim Ribeiro se comprehenderam certas allegorias intimas da Novella, escreveu este parente: « *O assumpto do*

---

mais da sua praça ordinaria de soldado que hade gozar em qualquer das provincias deste reino em que servir aggregado á companhia que escolher ou se lhe nomear; e que este soldo se lhe assente nos livros a que tocar para delle haver pagamento nos seus devidos e costumados tempos, e deste alvará se tomará razão na Contadoria geral que assiste n'esta côrte e na provincia em que o dito Francisco Ribeiro servir. Marcos Velho o fez em Lisboa aos 22 dias do mez de agosto de 1646 annos, e eu Antonio Pereira o fiz escrever. Rei. Conde Castello Melhor—O Conde Camareiro-mór. Registado no liv. 8 da Secretaria da Guerra a fl. 240.

«Vá servir em Alemtejo. Lisboa, 23 de agosto de 646 com duas rubricas dos Senhores do Conselho de Guerra.» (*Op. cit.*, p. 41.)

Livro são amores do Paço d'aquella edade, e *historias que verdadeiramente aconteceram disfarçadas debaixo de Cavallerias*, que era o que mais n'aquelle tempo se usava escrever. O principal da historia he sobre cousa sua de certo amor ausente, cujas saudades lhe acabaram a vida. Os nomes dos que fallam no livro são as letras mudadas dos verdadeiros que se escrevem, como *Narbindel*, Bernardim; *Avalor*, Alvaro; *Aonia*, Joanna, e assim os outros. Intitulou-o *Menina e Moça*, e como o não compoz mais que para si, e foi parto de seus altivos e namorados pensamentos, como elle diz: Que o livro o não fez para nenhum ou para melhor dizer para hum só, *se não imprimiu em sua vida;* por sua morte se achou entre seus papeis.» Como sob essas allegorias amorosas de cavalleria sangravam ainda memorias desoladas que se ligavam á familia dos Zagalos, não se tratou de interpretar a Novella; n'este mesmo seculo XVII «D. Flaminio de Jesus Maria, conego regrante de Santo Agostinho, e *descendente por bastardia* da familia dos Zagalos,» apurou um estudo genealogico sobre esta familia, [1] em que se deparam todos os elementos que dão á Novella a sua plena realidade.

---

[1] Publicado pelo snr. visconde de Sanches de Baena no seu opusculo *Bernardim Ribeiro*, p. 25 a 31, authenticado com valiosos documentos historicos.

§ IV. Interpretação da Novella «Menina e Moça»

Durante os dois annos que Bernardim Ribeiro se conservou ausente de Portugal, como allivio das suas saudades pungentes foi escrevendo as recordações dos passados amores em um livro intimo, só para si, desabafando sob a fórma allegorica a narrativa das situações reaes, em que os nomes dos personagens eram velados em faceis anagrammas, e os logares descriptos com traços pittorescos que á primeira vista se reconhecem. Era o maior consolo que podia encontrar, o fixar na escripta a angustia que o acompanhava: «sabel-o-ha quem souber, *que magoa é manter verdade desconhecida.*» (P. I, cap. 3.) E no começo da Novella, em que ha um soliloquio que é como uma especie de prologo, justifica-se da situação de incerteza e falta de repouso para escrever: «que arrecear de não acabar de escrever o que vi, não era cousa pera o leixar de fazer: *pois não havia de escrever pera ninguem, senão pera mim só.* — Antes me pareceu que este tempo que hei-de estar aqui n'este ermo (como a meu mal aprouve) não o podia empregar em cousa que mais de minha vontade fosse... Se em algum tempo se achar este livrinho de pessoas alegres, não o leiam, que por ventura parescendo-lhe que seus casos serão mudaveis, como os aqui contados, o seu prazer lhe será menos prazer. — *Pera uma só pessoa podia elle ser;* mas, d'esta não soube eu mais parte depois que *as suas desditas e as minhas o le-*

varam pera longes terras extranhas, onde bem sei eu, que vivo ou morto o possue a terra sem prazer nenhum.» N'este monologo allude o poeta á sua ausencia de Portugal, e ao logar aonde esteve algum tempo desconhecido. Foi pois durante esses dois annos que começou a redigir o *Livro das Saudades*, em que até certo ponto tumultuariamente ia contando todas as amarguras da sua paixão: «Bem sei eu que não era pera isto que me eu ora quero pôr; *que o escrever alguma cousa pede muito repouso;* e a mim as minhas magoas ora me levam pera um cabo, ora pera outro. Trazem-me assim, que me é forçado tomar as palavras que me ellas dão... D'estas culpas me acharão muitas n'este livrinho; mas da minha ventura foram ellas. — O livro hade ser do que vae escripto n'elle. Das tristezas não se póde contar nada ordenadamente, por que desordenadamente acontecem ellas. Tambem, per outra parte não me dá nada que o não leia ninguem; que eu não no faço *senão pera um só*, ou pera nenhum; pois d'elle, como disse, não sei parte, tanto ha; mas, se ainda me está guardado, pera me ser em algum tempo outorgado, que *este pequeno penhor de meus longos suspiros vá ante os seus olhos*, muitas outras cousas desejo, mas esta me seria assás.» (Cap. I.)

A permanencia em Italia influiu tambem na fórma do *Livro das Saudades*, dando-lhe o caracter de Novella, simultaneamente cavalheiresca e pastoral, intercalando-lhe na prosa allegorica os mais deliciosos idyllios. Ha sobretudo no livro a emoção de uma sensibilidade excitada pela ausencia da patria, um

relêvo singular dado ás recordações passadas, uma nostalgia verdadeira, que tornam a desaffectada narrativa uma encantadora obra de arte; mas de certo ponto em deante a narrativa complica-se pela variedade dos episodios, as situações esfumam-se como em uma phantasia annuviada, a linguagem já não tem a vibração dolorosa de uma expressão viva. É um phenomeno extraordinario; a obra revela a alteração profunda que se deu no espirito do auctor. Estes dois aspectos do *Livro das Saudades*, explicaveis pelo que se sabe da vida do poeta que foi caíndo lentamente na loucura, representam egualmente as condições diversas em que Bernardim Ribeiro o redigiu. Emquanto esteve em Italia escreveu essa porção mais bella, que comprehende os trinta e um capitulos da parte primeira da Novella, e os dezasete capitulos que pertencem á segunda parte, ou propriamente as duas mimosissimas historias dos amores de *Aonia e Bimnarder*, e de *Arima e Avalor*. Nada mais artistico, ingenuo e sentimental. Em 1524 foi o poeta chamado a Portugal, como vêmos pelo documento em que D. João III o reintegrava nas funcções de escrivão privado da sua camara. Na Ecloga V tambem Agrestes lhe dera essa esperança:

Quem te poz n'esse cuidado
Te mandará ir d'aqui,
E serás remediado.

Prova-se que o poeta ao regressar a Portugal já levava a elaboração da Novella na

altura que indicámos, pelas seguintes inferencias: Sendo o *Livro das Saudades* escripto exclusivamente para si, fóra de Portugal se encontra uma redacção primitiva, escapada da sua mão e incompleta; essa cópia ou primeira redacção é o Manuscripto da Bibliotheca da Academia de Historia de Madrid, de que Gayangos deu noticia, e é tambem esse texto que se imprimiu na edição da Novella que se fez em Ferrara em 1554. Tanto o Manuscripto de Madrid como a edição de Ferrara são um fragmento que chega até á Parte segunda da Novella, e capitulo XVII, que termina: «E chegando onde meu pae estava, dizia elle, que com demasiada ira disse escontra a donzella que alli o trouxera, estas palavras:» Vê-se que ficou aqui o texto interrompido.

Como este fragmento, deixado no estrangeiro, não tinha titulo, quando o imprimiram em Ferrara em 1554 deram-lhe o nome tirado das primeiras palavras com que começava: *Menina e Moça.* E tambem com este titulo foi reproduzido na edição de Colonia de 1559. O poeta continuou em Portugal, depois de 1524, a redacção do seu *Livro das Saudades*, que sempre conservou secreto, por causa das allegorias a pessoas contemporaneas. Morrendo em 1552, diz Manoel da Silva Mascarenhas que se encontrára a Novella entre os seus papeis. Quando se imprimiu em Evora em 1557 a melancholica Novella, conservaram-lhe sempre o titulo que lhe dera o seu auctor: *Livro das Saudades* de Bernardim Ribeiro, e com este titulo apparece nas reedições portuguezas, completas, chegando a se-

gunda parte até ao capitulo cincoenta e outo. Com certeza, fallecido o poeta em 1552, não enviaram para fóra de Portugal uma cópia fragmentaria da *Menina e Moça* para ser publicada em Ferrara logo em 1554. É por que o Manuscripto, assim incompleto, ficára em Italia; e ás suas differenças de texto faz referencias a edição de Evora de 1557; foi esse texto esquecido no estrangeiro que tornou a servir na edição de Colonia de 1559, trazendo composições poeticas que se não encontraram em Portugal entre os papeis de Bernardim Ribeiro.

Comtudo, apezar do poeta escrever o *Livro das Saudades* sómente para si, e ter alli desabafado toda a magoa, conservando secreta a historia dos desgraçados amores até depois da sua morte, é certo que esse seu segredo intimo foi devassado, e causou os desgostos que mais lhe apressaram a decadencia da rasão. A cópia da Novella, que se conserva na Academia de Historia de Madrid é um indicio patente de que antes de 1552 se conheceu o fragmento que Bernardim Ribeiro deixára fóra de Portugal; n'esse fragmento da *Menina e Moça* (titulo que deve designar especialmente tal fragmento, impresso em 1554 e 1559) vem o caso do nascimento de *Arima*, (em que se viram allusões a uma aventura amorosa do rei D. Manoel) e os amores de *Avalor*, em que se referiria qualquer caso de D. Alvaro de Athayde, irmão do omnipotente conde da Castanheira. Assim se explica o *sentimento dos Athaydes*, nota escripta á margem da Ecloga de Sá de Miranda, *Aleixo*, em que vem relatada toda a historia de Bernardim Ribeiro.

Em que podia o poeta da *Menina e Moça* aggravar os Athaydes, e dos despeitos d'esses favoritos resultar-lhe a crise definitiva que lhe apressou a loucura? É o que explicaremos adeante ao interpretar o episodio encantador dos amores de *Arima e Avalor*. Na Ecloga *Aleixo*, escripta em 1534, é que D. Gonçalo Coutinho collocou o motivo que levou Sá de Miranda a abandonar a côrte de D. João III; é n'essa mesma Ecloga que Sá de Miranda nos representa Bernardim Ribeiro na phase mais aguda da sua hallucinação, e verdadeiramente perdido por causa da vida *palaciana*, a cujas intrigas não soubera fugir. Podemos por tanto fixar o termo da redacção do *Livro das Saudades* em 1534; a incoherencia da narrativa, em que os episodios fazem esquecer o plano primordial, e em que os capitulos que completam a primeira parte se acham baralhados e deslocados na segunda parte da Novella, são manifesto indicio da crise mental para que o poeta caminhava. Para se apreciar este livro, que é uma obra de arte e ao mesmo tempo um documento psychologico, torna-se imprescindivel a sua interpretação *autobiographica;* é d'ella que resultará a reconstrucção esthetica e logica da estructura da Novella. O proprio Bernardim Ribeiro indica o fio conductor para a realidade, nos *anagrammas:* «cuidou em trocar as letras de seu nome.» (Cap. XIV.) E Mascarenhas, na edição de 1645 ainda nota essa indicação: «Os nomes dos que fallam no livro são as letras mudadas dos verdadeiros que se escrevem, como *Narbindel*, Bernardim, *Avalor*, Alvaro, *Aonia*, Joanna, e as-

sim os outros.» Em Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão se deparam os primeiros anagrammas poeticos. Vulgarisou-se este artificio na época da Renascença, quando Pic de la Mirandola sustentava em Roma a superioridade da Cabala. Era então mais do que uma curiosidade litteraria, ligava-se-lhe quasi um sentido prophetico. N'este intuito explica Bernardim Ribeiro o seu anagramma *Bimnarder*, no caso do mateiro a que se lhe queimou a roupa ao cortar lenha, e lhe perguntaram: «— Queimado? Fallando gallego respondeu estas sós palavras: *Bim-n'arder*. Olhou o cavalleiro pelo barbarismo das letras mudadas na pronunciação de *B* por *V* e *R* por *M*, e pareceu-lhe mysterio; por que elle era aquelle que tambem se fôra arder, e quiz-se chamar assi d'alli avante.» Era o *anagramma* o mesmo que o *thimura*, a terceira parte da Cabala, sciencia que ainda no seculo XVII occupou a sério D. Francisco Manoel de Mello. Sendo o trabalho da Renascença o reatar á corrente da época as tradições da Antiguidade, esse espirito da sciencia esoterica passou tambem para as litteraturas; François Rabelais, um dos que mais penetrou a Antiguidade e a soube conciliar com a Edade média, fez o anagramma do seu nome em *Alcofribas Nasier*. Os anagrammas mais antigos são attribuidos a um contemporaneo de Theocrito, a Lycophon, que os inventou ou adaptou á poesia nos ocios dissolventes da côrte dos Ptolomeus. Reflecte-se este uso em Portugal justamente por via do genero *pastoril* do lyrismo siciliano. Na decadencia do humanismo pela absorpção que

os Jesuitas exerceram no ensino publico europeu, o uso dos anagrammas tornou-se uma moda e uma monomania, que veiu a acabar pela frivolidade.

Achados os nomes dos personagens da Novella sob o véo dos anagrammas, procura-se a sua realidade nas genealogias do poeta e da familia com quem estava aparentado. Penetra-se assim o sentido e verdade de muitas situações idealisadas. As descripções dos logares em que a principal parte da acção se passa, coincidem com a topographia de Cintra, confirmando o scenario encantador da Quinta dos Lobos, aonde voaram os dias mais felizes dos amores de *Aonia*. D'este conjuncto é que se tira completa luz para comprehender a estructura da Novella, implexa, complicada e por vezes desvairada já por interpolações dos cadernos autographos, já pelo estado mental da obnubilação em que Bernardim Ribeiro ia caíndo. Para interpretar o *Livro das Saudades* torna-se necessario apresentar o schema do seu argumento:

ELENCO DA NOVELLA

I. **Preludio**, ou quadro proemial:

  a) *Soliloquio da Menina.*

  b) *Colloquio da Senhora do tempo antigo*, que promette contar a:

II. **Historia dos dois Amigos:**

  A) *O Cavalleiro da Ponte*. (Amores de Tasbião com Romabisa.)

B) *Narbindel e Cruelcia.*

— 1.º Episodio: Do velho Cavalleiro que pede o guiem a Lamentor para ir libertar sua filha Belisa que está em poder de Fabudarão.

— 2.º Episodio: Chegada de Lamentor com Belisa e sua irmã Aonia. Belisa morre de parto, deixando uma filha, que é a *Arima.*

C) *Bimnarder e Aonia.* (Narbindel abandona Cruelcia por Aonia, e muda o nome em Bimnarder, seguindo a fatalidade da sua paixão.)

D) *Casamento de Aonia com Fileno.* (Fim tragico de Fileno ou Orphileno; morte de Aonia e Bimnarder.)

— 3.º Episodio: Creação de *Arima e seus amores com Avalor.*

— 4.º Episodio: Aventuras de Avalor depois do desapparecimento de Arima, mysteriosamente: soccorro á dama manietada: coadjuva os amores de Donanfer e Zicelia: de Loribaina e Jenao; de Fartasia e o Cavalleiro das Aguias.

III. **Conclusão da Historia dos dois Amigos:**

Lamentor patrocina o casamento de Tasbião com Romabisa, e morre confiando-lhes Arima ao seu cuidado.

Sirva-nos este rapido elenco de roteiro no labyrintho da phantasia do poeta, saltando capitulos e aproximando passagens incidentaes que são elementos generativos da acção da Novella.

I. *Preludio, ou quadro proemial*

Comprehende os primeiros quatro capitulos; é ahi que começa a situação que determina a narrativa dos desgraçados amores, e se descrevem os logares em que attingiram a sua intensidade. Exprime uma saudade vivissima de um passado não remoto, e melancholia de uma ausencia, por uma fórma vaga difficil de comprehender-se.

a) Soliloquio da Menina. — Começa o *Livro das Saudades*, pelo monologo que nas edições fragmentarias deu o titulo á Novella: «*Menina e moça* me levaram de casa de meu pae pera longes terras: qual fosse então a causa d'aquella minha levada, era pequena não na soube. Agora não lhe soube outra, senão que já então parece havia de ser o que depois foi. Vivi alli tanto tempo, quanto foi necessario pera não poder viver em outra parte. Muito contente fui eu n'aquella terra; mas coitada de mim, que em breve espaço se mudou tudo aquillo que longo tempo se buscou e pera longo tempo se buscava. Gram desaventura foi a que me fez ser triste...» (Cap. I.)

Quem é a *Menina* que falla? Pelo desenvolvimento d'este estudo póde já reconhecer-se que era *a filha* de Bernardim Ribeiro e dos seus mallogrados amores. Creada longe da casa paterna, quando o poeta se viu forçado a saír de Portugal, entregou-a a sua

mãe, D. Joanna Dias Zagalo, que ainda residia em Cintra, na Quinta dos Lobos. Descrevendo os logares, diz a Menina: «Escolhi pera meu contentamento (se antre tristezas e saudades ha algum) vir-me viver a este monte, onde o logar e mingoa de gente fosse, como pera meu cuidado cumpria;... Estando eu aqui só, tão longe de toda outra gente, e de mim ainda mais longe; *d'onde não vejo senão serras* de cabo, que se não mudam nunca, *e do outro aguas do mar*, que nunca estão quedas, onde cuidava eu já que esquecia á desaventura...» É n'estes sitios justamente que lhe são reveladas as causas intimas da sua tristeza: «por caso estranho *fui levada em parte onde me foram ante os meus olhos apresentadas em cousas alheias* todas minhas angustias; e o meu sentido de ouvir não ficou sem sua parte da dôr. Alli vi então *na piedade que houve d'outrem, camanha a devera ter de mim...*»

A ausencia de que a Menina se queixa tambem, explica-se pela saída repentina do poeta de Portugal: «Meu amigo verdadeiro, quem me a vós levou tão longe? Que vós commigo e eu comvosco, sós, sohiamos a passar nossos nojos grandes (e tão pequenos pera os de depois.) A vós contava eu todo; *como vós vos fostes*, tudo se tornou tristeza: nem parece ainda senão que estava espreitando já que vos fosseis. E por que tudo mais me magoasse, tão sómente *me não foi leixado em vossa partida o conforto de saber pera que parte da terra ieis.*» O poeta escrevia isto quando effectivamente se ignorava em Portugal para onde se ausentára.

A descripção de Cintra é evidente nos desabafos da Menina: «N'este monte mais alto de todos (que eu vim buscar pela suavidade de outros que n'elle achei) passava eu a minha vida como podia; ora em me ir *pelos fundos valles que os cingem d'arredor*, ora em me por do mais alto d'elles olhar *a terra como ia acabar ao mar;* e depois *o mar como se estendia logo apos ella*, pera acabar onde ninguem o visse.» — «E inda bem não foi alto dia, quando eu (parece que acinte) determinei ir-me pera o pé d'este monte, que *d'arvoredos grandes e verdes erras e deleitosas sombras* é cheio, *por onde corre um pequeno ribeiro de agua de todo o anno*, que nas noites caladas, o rogido d'elle faz no mais alto d'este monte um saudoso tom, que muitas vezes me tolhe o somno, etc.» É o chamado *rio de valle de Lobos*, que corre á falda da Quinta. (Vid. supra, p. 24.) Segue-se o bello idyllio da morte do rouxinol que estava cantando e é levado na corrente, quando a Menina sente um rumor entre a ramagem: «E estando assim olhando pera onde corria a agoa, ouvi bulir o arvoredo. Cuidando que fosse outra cousa, tomou-me medo; mas olhando pera alli vi que vinha uma mulher; e pondo n'ella bem os olhos vi que era de corpo alto, desposição boa, e o rosto de Dona, *senhora do tempo antigo; vestida toda de preto;* no seu manso andar e meneos seguros do corpo e do rosto e do olhar, parecia de acatamento; vinha só, na semelhança tão cuidadosa, que não apartava os ramos de si, senão quando lhe impediam o caminho ou lhe feriam o rosto;... E entre uns vagarosos passos que ella

dava, de quando em quando colhia um cansado folgo, como que lhe queria falecer a alma. É a mãe do poeta que vem ao encontro da Menina: «Sendo acerca de mim e me viu, ajuntando as mãos (á maneira de medo de mulher) um pouco, como que vira cousa desacostumada, ficou. — Mas não esteve ella muito, que parece conhecendo tambem como estava com uma boa sombra, começou a dizer: ... depois que a minha grande desaventura levou a todo o mundo *o meu* (e d'ahi a grande pedaço mesturado já com lagrimas disse) *filho!* Depois tirando um lenço começou a alimpar o rosto e chegar-se pera onde eu estava.»

Que interpretação mais clara se poderá dar a esta passagem? Evidentemente é a mãe do poeta, D. Joanna Dias Zagalo, que vae esboçar a historia dos desventurados amores de que aquella Menina é uma dolorida reliquia.

b) Colloquio da Senhora do tempo antigo. — A relação de filial respeito é logo revelada pela Menina ao approximar-se a Dona: «Alevantei-me eu então, fazendo-lhe aquella cortezia, que me ella com a sua e comsigo mesma, obrigava.» No seu aspecto de funda tristeza, a Senhora começa a alludir ás terriveis desventuras que a feriram como se viu pelas perturbações da época de D. João II, quando se refugiou na Quinta de valle de Lobos: «da *longa dôr que ha já muito tempo que eu passo*, tem o cansaço d'este meu corpo tão costumado a soffrer, que já agora vive

n'ella,—assim *ha já muitos annos que eu não vivo pera mim, e que vim pera estes ermos fugindo das gentes* pera quem só anoiteceu e amanheceu. Muito me aprouve acharvos tambem conforme á minha tristeza; por que nos consolaremos ambas desconsoladas;...» Não era só a dôr que as aproximava; parece que era o mesmo sangue: «*e quanto mais vos olho, mais acho que vos olhar.*» A Menina tambem se sentiu abalada com a tristeza d'aquella Dona: «maiormente da causa que foi das suas lagrimas, quando não pôde senão muito tarde dizer: *filho.* Ella, cuidando que pola ventura eu não queria dizer mais, disse:—Bem se vê n'isso, senhora, que *sois de outra parte*, e *ha pouco que estaes n'esta*, pois dos desastres que n'estes ribeiros acontecem vos espantaes. Já uma *historia muito fallada n'esta terra* por aqui derredor, muito ha que aconteceu; ... agora inda folgo de cuidar n'ella pelos grandes acontecimentos e desaventuras que n'ella houve.—De boa vontade, pois parece ainda que a não ouvistes, vol-a contarei;...»

É assim que se acha conduzida a narrativa para começar-se a Novella allegorica: «N'este conto não entram só os *dois amigos*, de que é a historia que vos eu d'antes prometti. N'elles só cuido que se encerrou a fé que em todolos outros se perdeu; e creio que por isso ordenaram outros homens de os matarem á traição mámente por que se não parecia com elles.—Mas se muito pera sentir foi a morte dos *dois*, muito mais pera sentir foi a das duas tristes donzellas, que a desaventura trouxe a tanta estreita, que não só-

mente conveiu aos *dois amigos* tomarem a morte por ellas, mas ainda conveiu ellas tomarem-nas per si mesmas. Os *dois amigos* no que fizeram satisfizeram a ellas, e a si mesmos a que eram tidos pela cavalleria que mantinham; ... Isto digo-vos eu pera vós, e pera mim, *por que meu filho tambem era homem como elles.*» Ha aqui o intuito de identificar o filho, que é Bernardim Ribeiro, com um d'esses dois amigos. E logo no capitulo IV descreve Cintra, e as transformações que soffrera depois de ter passado a época festiva e apparatosa de D. Manoel, tendo-se caído na tristeza semi-claustral da côrte de D. João III. Tendo alludido ao filho: «Com estas palavras começaram as lagrimas a correr polas suas faces abaxo, e ella soltando a falla, seguiu dizendo:—Perdoar-me-eis, senhora, que por minha edade bem vos posso chamar filha, se muitas vezes me virdes fazer isto, ainda que a vós não vos devem lagrimas ser estranhas, pois tanto folgastes de buscar *logares sós como estes* donde estais, *que já em outro tempo dizem que foram cheios de mui nobres cavalleiros e fermosas donzellas;* e ainda agora por aqui algures acham moças que guardam gado, *pedaços de armas e joias de grande valia*, o que parece que faz este valle de mais triste sombra que outro nenhum. Não sei este desconcerto do mundo onde hade hir ter; um tempo foram estes valles muito povoados, e agora muito desertos; ... *pera que eram tantas mudanças em huma só terra?* Mas parece que tambem a terra se muda como as cousas d'ella, e esta por que passou o tempo de quando foi leda, veiu este de

quando havia de ser triste. De muito povoada e de *edificios reaes nobrecidos*, tornou-se de altos arvoredos, como os a natureza produzia, a povoar. — Tudo quanto ha n'este valle *é cheio de uma lembrança triste, pera quem tiver ouvido o que dizem que aconteceu n'elle*, e o que foi já em outro tempo; etc.» O rei D. Manoel, nos dias alegres do seu governo, mandou ampliar as obras dos paços de Cintra, como se vê pelos documentos de 1507, 1508 e 1519; [1] n'este palacio se acha a sala dos Cervos, da qual escreve Coelho Gasco: «No grave tecto d'ella se vêem todos os brazões e insignias da Nobreza de Portugal, todos de fino oleo pintados, cujos escudos estão lançados aos pescoços de veados...» É em volta das armas reaes, que estão ao meio do tecto, cercadas das do princepe e infantes D. Luiz, D. Fernando, D. Affonso, D. Henrique, D. Duarte, D. Isabel e D. Brites, que se acham os brazões de setenta e quatro familias da fidalguia portugueza. Em letras palmares a ouro depara-se escripta ao longo da aba do forro a seguinte quadra, occupando cada verso uma das paredes da sala:

> Pois com esforços leaes
> Serviços foram ganhados,
> Com estes e outros taes
> Devem de ser conservados.

---

[1] Juromenha, *Cintra Pinturesca*, p. 41.

Entre esses escudos e brazões da fidalguia figuram os *Ribeiros*, os *Tavares*, e o que mais espanta os *Ribafria*, do nobilitado Gaspar Gonçalves, porteiro da camara e favorito do rei D. Manoel. Não é facil o explicar por que motivo não figuram alli os Zagalos. Outras obras sumptuosas fez D. Manoel em Cintra, como o mosteiro da Pena em 1511, dos frades de San Jeronymo. As antiguidades que appareciam por aquelle valle, como refere a Novella, acham-se tambem apontadas pelo visconde de Juromenha na sua *Cintra Pinturesca*: «Além das inscripções e urnas sepulchraes tem apparecido por estes sitios *medalhas e moedas antigas;* consta-me ter-se achado ha annos uma porção d'estas nas immediações do Castello. O Dr. Valentim da Cunha possuia uma de bronze como um patacão, com a effigie e legenda de Nerva por este modo: *Imperator Nerva Caesar Augustus Pontifex Maximus Tribunitiae potestate Cons. III. Prepositus Auguiti Fortuna S. C.*
«Junto á ermida de S. Sebastião em Collares achou um rustico em 1837 uma medalha de ouro do tamanho de um soberano com a effigie e legenda de Vespasiano, assim: *Vespasianus III. C.*» [1] As queixas da Senhora do tempo antigo sobre as grandes alterações sociaes *(tantas mudanças em uma só*

---

[1] *Cintra Pinturesca*, p. 200; em outra pagina: «O grande numero de inscripções romanas encontradas nos termos d'estas duas villas, não deixa a mais pequena duvida a julgar que estes conquistadores tivessem feito o assento n'este solo de mais de uma povoação consideravel. Encontram-se com frequencia *urnas*

terra) assentam sobre factos historicos: a dictadura de D. João II, submettendo a nobreza, depois dos esbanjamentos ou liberalidades de D. Affonso V; a restauração de muitos privilegios da nobreza no reinado faustoso e dissoluto de D. Manoel, e a tristeza um pouco cenobitica da côrte de D. João III. Voltando porém á sua preoccupação, a Senhora conclue: «Mas tudo é assim. Emfim, fazem-se umas cousas pera outras, pera que se não faziam. Mal cuidariam os *dois amigos*, quando acceitaram a empreza de guardar as aventuras d'este valle (pera só aprazer ás fermosas duas donzellas) que era pera tanto seu desprazer d'ellas. E tambem mal cuidaram ellas, quando aquelle dia (da grande desaventura) se vestiram e concertaram ricamente, pera vêrem os *dois cavelleiros amigos*, que era pera os não verem mais.» Para consolar a Menina e desabafar a sua immensa angustia, a Senhora começa a historia dos *dois amigos*, a qual constitue a trama fundamental da Novella. Por vezes perde-se o fio da narrativa através de complicados episodios, e difficilmente se encontrariam, sem o auxilio dos dados biographicos.

---

e lapides sepulchraes em varios sitios, especialmente em S. Miguel de Odrinhas, Morelino, Collares, Montelavar, onde tambem se vê uma pedra de portico de Templo, Jannas, que talvez tomou o nome de algum templo consagrado ao Deus Janus, além de outros sitios d'estes termos.» (P. 192.)

II. *Historia dos dois Amigos*

Quem eram os dois amigos? Pela leitura seguida da Novella (cap. V) apenas se sabe que era o *Cavalleiro da Ponte*, que sustentava um passo de armas por sua dama, que lhe impuzera um prazo de trez annos; e *Narbindel*, que galanteava *Cruelcia*, que o ia captivando com desejados favores, e depois a abandonou por *Aonia*, assim que o feriu a sua belleza deslumbrante. Que este seja Bernardim Ribeiro, não é admissivel duvida; mas o *Cavalleiro da Ponte?* Sómente no capitulo XXVI da segunda parte da Novella é que se sabe que era *Tasbião;* que amava uma irmã de *Cruelcia* (cap. XXXI) chamada *Romabisa* (cap. XLI): «agora sabei que as duas irmãs do castello, *Cruelcia* e *Romabisa* (que assim se chamava a outra) depois de partido *Bimnarder* de seu amigo *Tasbião* como lh'o rogára (de que *Cruelcia* foi tão arrependida), estiveram por algum tempo com tanta saudade, que nunca a fim mais fez, que esperança que lhe deu a morte.»

O poeta reconhece que se confunde no encadeamento d'esta narrativa: «contando-vos tantos desastres, como n'esta terra dizem que aconteceram *aos dois amigos*, de que é *a nossa historia, que vos já por muitas vezes comecei contar, e saltava n'outras mui differentes*. Mas já que sei que tanto folgaes de a ouvir, cumprirei n'isso mais com vosso desejo, que com a vontade que posso ter de vol-a encobrir. — Mas diz o conto; que parti-

dos os *dois amigos* ao castello da mãe de Cruelcia, e que estiveram n'elle alguns dias...» (Cap. XXV.) Por estes anagrammas e pela concordancia dos dados genealogicos, *Tasbião* e *Romabisa* são *Sebastião* Dias Zagalo e *Ambrosia* Gonçalves Ribafria, que vieram a desposar-se, e Bernardim Ribeiro que teve amores com a irmã d'ella, Lucrecia Gonçalves, como se refere no rapido episodio de *Narbindel* e *Cruelcia*. Eram os dois primos immensamente amigos; e *Bastião* Dias Zagalo era filho do herdeiro do morgado de Cintra e proprietario da Quinta dos Lobos, Alvaro Pires Zagalo. Ahi fôra creado o poeta e ainda vivia sua mãe. Ambos os amigos namoraram as duas irmãs do casal de Ribafria; era já fallecido o pequeno lavrador, que D. Manoel fizera fidalgo de sua casa, mas vivia seu filho Gaspar Gonçalves, que tambem soube captar o favoritismo do rei, ajudando-o nas suas livres aventuras amorosas. É elle que adeante figura com o nome de *Fabudarão* em uma d'essas aventuras.

A) O CAVALLEIRO DA PONTE

Logo no começo da Novella (cap. V) apparece o *Cavalleiro da Ponte* sustentando um passo pela sua amante; é vencido por Lamentor, e não se torna mais a fallar d'elle senão perto do fim da narrativa. O que ahi se descobre é que a namorada era extremamente esquiva: «por que a vontade (segundo ella mostrou) nunca foi d'elle; mas antes disseram algumas pessoas de sua casa, que o

dia que ella concedeu o prazo, chorou muitas lagrimas; e que nunca o concedera se não fôra por seu pae, que lhe era tão afeiçoado a meu senhor (e com rasão) que a cabo de longo tempo alcançou isto de sua filha, e ainda á hora de sua morte. Todos ficaram espantados de ouvir isto; por que o *Cavalleiro da Ponte* era fermoso, e o fizera na justa grandemente. Parece terminar aqui a historia d'este namorado, que: «ainda disse estas derradeiras palavras: — Oh Castello! quão perto agora estava de vós! E com isto leixaram-se-lhe os seus olhos ir cansadamente cerrando pera sempre.» Porém pelo decurso da narrativa, na segunda parte da Novella, volta-se no capitulo XXVI a uma situação inicial, quando *Narbindel* e seu amigo *Tasbião* estavam no Castello da Dona, mãe das duas namoradas *Cruelcia* e *Romabisa*. E através de complicados episodios, no capitulo XLI torna-se a fallar de Romabisa, que já se sente apaixonada por Tasbião, e vae á sua procura (capitulos XLII e XLIII) correndo tormentosas aventuras por causa d'elle (cap. LI e LII); pede auxilio a Lamentor para que a ajude a libertar Tasbião (cap. LIV a LVI), vindo finalmente a casar com elle. (cap. LVIII.)

Coincide este desfecho com a noticia genealogica.

B) NARBINDEL E CRUELCIA

Com este Cavalleiro dava-se o contrario; elle é que era amado por *Cruelcia*. Ha uma antithese sentimental, ou contraste entre os

dois amigos. Creado em Cintra de pequenino, Bernardim Ribeiro conviveu desde os primeiros annos com a familia do Ribafria, e com a intimidade se foi apaixonando pelo poeta Lucrecia Gonçalves, da sua creação. No capitulo IX da Novella, retrata-se o poeta, quando em uma jornada a Cintra foi alli surprehendido pela belleza de *Aonia:* «E era já manhã clara. E acertou assim, que aquella hora chegava um Cavalleiro á ponte, e vinha de longes terras buscar aquella aventura per mandado de *uma Senhora que lhe queria bem a elle, mas elle a ella devia-lhe mais do que lhe queria.*» Eis o momento supremo do drama psychologico: «viu a senhora *Aonia,* soltos os seus longos cabellos que toda a cobriam... *logo foi trespassado de amor por ella*... que *não sómente lhe esqueceu a outra,* mas não lhe lembrou mais, senão pera lhe pesar do tempo que gastara em seu serviço. N'esta materia *foi elle preso do amor da senhora Aonia: e depois veiu a morrer por ella.* Este foi um dos *dois amigos,* de que é a nossa historia.» D'aqui deriva a acção fundamental da Novella, que o poeta fecha n'este circulo de fatalidade: «E por isto sohia meu pae dizer, que tornára o amor d'este cavalleiro a morrer na paixão onde se levantára.» A frequencia com que na narrativa se emprega esta phrase *meu pae,* condiz com a interpretação que nos leva a considerar a Menina como a filha de Bernardim Ribeiro: «Tudo isto ouvi eu fallar *muitas vezes a meu pae,* que em camanho gráo alçava o amor d'este Cavalleiro, que jurava em sua fé nunca ouvir, nem vêr outro tão estremado

em bem querer.» (P. II, cap. VIII.) *Dizia meu pae...* (*Ib.*, cap. XVI, XXII, etc.)

Passava-se esta crise de um novo amor por *Aonia* ou Joanna Tavares Zagalo em 1503; Bernardim Ribeiro contava então os seus vinte e um annos, achando-se «*dos bens do mundo abastado*» por ter-lhe sido restituida a sua casa do Torrão. Lucrecia Gonçalves, irmã do favorito do rei D. Manoel, devera soffrer com esta repulsa. No capitulo XII pinta as desconfianças de *Cruelcia*: «assentou-se ao pé de um freixo que acêrca d'aquelle ribeiro e da parte estava; e por cuidar mais á sua vontade, mandou ao seu escudeiro arredado d'alli... que logo se temeu de elle o vêr assim, e caír em alguma suspeita que *fosse contar a Cruelcia (que era aquella por quem viera alli*, como ouvistes) por que muito lhe eram todos os seus affeiçoados; que *como ella quizesse a elle muito grande bem*... E como confessa o poeta: «pelo pouco que lhe queria» fundamenta no despeito de Cruelcia toda a desgraça: «assim por derradeiro lhe *foi isto causa a elle de triste fim*.» Está proposta a collisão da acção, entre o que deve a Cruelcia e á fascinação da formosura de Aonia. «Sohia dizer *meu pae* que... vencera a formosura, como quem de só o amor se pagava.» No capitulo XIII, confessa o poeta que era Cruelcia de boa formosura «que o endividou nas obras... não soffreu tardança de o ir obrigando pouco a pouco: *deu-se-lhe toda.*» Falla tambem do despeito: «E não foram vãos os rogos que Cruelcia fez com as mãos erguidas ao céo, pedindo d'elle vingança. Comtudo, *assentou elle per*

derradeiro de a leixar; por que além de lhe parecer a senhora Aonia a mais fermosa cousa que vira...»

É desde este momento em deante que o Cavalleiro troca o seu nome de *Narbindel* no de *Bimnarder*, feito pastor de vacas: «Conheciam-no, porém, já todos os de casa, e chamavam-lhe o pastor da frauta, por que elle acostumava trazel-a sempre, cá para remedio de sua dôr a escolhera, depois de se desconhecer. Tambem assim muitas vezes, ora pela ribeira d'este rio, e outras por aquestas altas assomadas (que fazem como vêdes, mais gracioso este valle) *andara tangendo e cantando em palavras pastoris.* Cá este só contentamento lhe era algum conforto pera o seu mal, e pera desabafar o seu coração, que tão occupado de profundos e muitos pensamentos trazia.» (Cap. XVII.) Bernardim Ribeiro liga a este periodo de seus amores por Joanna Zagalo a inspiração das apaixonadas Eclogas. No *Livro das Saudades*, assim como se quebrou o fio da historia dos amores de Tasbião e Romabisa, tambem se interrompe a narrativa do caso de *Cruelcia*, da qual se torna a citar o nome muito adeante (cap. XXVI da P. II); no capitulo XLI ha uma referencia ás duas irmãs, e no capitulo XLV descrevem-se os grandes sobresaltos de Cruelcia quando sabe dos desastres de Narbindel; é no capitulo L, que Cruelcia sabe da morte d'aquelle que tanto amára, e tendo-se recolhido a um mosteiro, alli mesmo foi ferida d'esse golpe: «Quando Cruelcia isto ouviu, tendo outra esperança do que ouvia, perdeu os sentidos, pondo uma mão na bocca, dizen-

do esta só palavra: Morto é Narbindel! — A triste velha de sua mãe, sentindo isto polo que lhe queria mais que a nenhuma, fazia por ella grande pranto, e por Romabisa, que com isto lhe renovou sua dôr. E a cabo de quinze dias, falecendo-lhe todo o sentido e os espiritos, faleceu d'esta morte, tão magoada dos que a conheceram e a viram morrer; que grande tempo *as freiras a choraram* e lhe fizeram honradas obsequias; e consolavam sua mãe n'aquella tristeza em que sempre viveu, até que veiu Romabisa, da qual vos quero contar. Cá parece que teve melhor ventura que *estas, que assim haviam tão tristemente de acabar suas fermosuras.*» Eram *estas*, Lucrecia Gonçalves Ribafria e Joanna Tavares Zagalo.

Até aqui esboçámos apenas incidentes passageiros da Novella dos *dois amigos;* a parte viva e interessante começa no episodio em que *Lamentor* apparece com *Belisa* acompanhada de sua irmã *Aonia*, cuja vista determina a paixão repentina e invencivel de *Narbindel*. Mas este episodio capital deriva de um outro, que se acha perdido no meio da Novella, e que se lê desapercebidamente. É n'elle que está o nó de toda a acção, a base de toda a intriga.

1.º EPISODIO: *O pae de Belisa vem pedir soccorro contra o Cavalleiro que a furtára.* — Pelo que sabemos da leitura dos anagrammas e das noticias genealogicas, *Belisa* é Isabel Tavares Zagalo; a ella se refere a noticia de um velho Manuscripto: «que o rei

D. Manoel tivera uma filha *n'uma dama alemtejana*, a qual veiu morrer a Cintra.» [1] Todo o episodio de *Lamentor*, que acompanha *Belisa*, que morre de parto (cap. V, VIII e IX) é a historia d'esta intriga e aventura palaciana, em que figura *Fabudarão* (o *Barão d'Ufa*, o favorito Gaspar Gonçalves.) O seu começo só se esboça na Parte II, da Novella, no capitulo XXVI:

«Estando *Narbindel* e seu companheiro *Tasbião* no castello da Dona, veiu tarde, a horas de vespera, um *Cavalleiro velho*, que parecia anojado em sua barba e vestido; e apeando-se, perguntou se estavam alli dois Cavalleiros de que muito se fallava n'aquella terra, onde desfaziam muitos aggravos? Tasbião, como mais solto do cuidado de seu companheiro, quiz tomar o do velho Cavalleiro, que em sua prezença mostrava que alguma grande tristeza tinha. Assim com elle se partiu. Pedindo a Narbindel, que alli o esperasse...» O velho Cavalleiro relatou-lhe a sua queixa: «Senhor Cavalleiro, inda que assim me vejaes, a edade me tirou as forças... mas já agora não posso com mais trabalho, que este em que me puz em vos buscar; e o caso é este: Eu *tenho uma filha* (eu, segundo minha ventura, tive) das fermosas que n'este tempo nasceram; o que causou muita dôr á minha velhice, e sua mocidade; e que um dia, em que devera morrer, a levei á Cidade de *Boslia* (Lisboa) a umas festas que se faziam; e como ella as nunca visse, mostrei-lh'as pera

---

[1] Vide supra, p. 53.

a nunca mais vêr. *Um cavalleiro a viu.* E por que breve diga minha desventura, *passou o rio* e veiu a meu castello (sc. Extremoz) *dissimulado*, com um seu amigo ou sobrinho, em trajos de homens trabalhadores; *tomaram minha filha* em huma hora, e pola porta da cêrca (que parece por máo recado, ou por alguma traição, estava aberta) a levaram a um batel que tinham prestes. E como era sobre tarde, e o rio largo como sabeis, primeiro que eu acudisse, que era longe, quando já cheguei os não vi. Mas bem sei onde está contra sua vontade.

Quem assim fallava era o velho Sancho Tavares, pae da menina raptada por ordem do rei D. Manoel. Na Ecloga *Alcixo*, tambem allude Sá de Miranda a este desgosto do velho Sancho, em cuja bocca põe:

> *Con el hijo juntamente*
> *Te nace cuita e fatiga.*
> Pero costume es antiga
> Que ande tras su mal la gente.
> Buen descanso me fue dado
> Del mi hado,
> Ochenta años quando menos,
> *Mal con hijos que he engendrado,*
> Mal con los hijos ajenos. [1]

Na variante da edição de 1595 repete Sá de Miranda a queixa de *Sancho pastor, el viejo:*

---

[1] *Poesias*. p. 105, ed. 1885.

Juntamente con el hijo
Te nacen muchos enojos,
No nos deja abrir los ojos
Uno i otro regosijo...

O facto de se dirigir o *velho* Cavalleiro a *Tasbião* (Bastião Dias Zagalo, que namorava uma irmã de Gaspar Gonçalves Ribafria) explica-nos quem era o raptador da menina: «Perguntou-lhe: Como se chamava o cavalleiro? — Chama-se *Fabudarão*, lhe disse. É valente, e de linhagem de gente soberba; eu sei que minha filha será morta em seu poder.» Tasbião assegura-lhe que elle não a matará, e receando outro accidente, «ainda que o amor faz grandes erros» lembra-lhe que Fabudarão como pessoa poderosa e abastada poderá tudo reparar. [1] «A isto o *honrado velho* abaixou os olhos, como que cuidava um pouco, e disse: — Bem dizeis, senhor cavalleiro, mas cuido que *ella tem a vontade em outra parte*, contente como o eu não sou... e *essa desconfiança tenho eu da muita valia de sua pessoa...*» É patente aqui a allusão ao rei D. Manoel; *Fabudarão*, o que raptou

---

[1] O favorito Gaspar Gonçalves instituiu em 1536 o morgado de Cabris, em Cintra, e era ainda *solteiro*. Este rapto não fôra para elle, mas para o monarcha que o engrandeceu, ao qual consagra duas missas cantadas e quatro resadas na carta da instituição do morgado. Em 1541 D. João III fel-o fidalgo de cota de armas e solar, mudando o titulo do morgado para a Quinta de Ribafria. Em carta de 9 de setembro de 1552 é concedido o Dom para sua mulher Maria Luiz de Sá. (*Privil. de D. João III*, Liv. I, fl. 31 v.) Era já fallecido em 1563.

e tem guardada *Belisa*, é apenas o alcoviteiro. D'isso tirava a sua importancia. O velho cavalleiro diz que o que a poderá salvar é em um soccorro, por mandado de el rei, como o sabeis: este que digo é *Lamentor*...» Encerra este anagramma o nome de Manoel Tavares (em abreviatura *Tr.*˜) filho primogenito de Sancho Tavares e irmão de Isabel. Assim fallando chegaram ao castello do velho cavalleiro. E outra filha pequena, que elle tinha, (que na fermosura bem parecia a sua irmã) veiu chorando. Dizia que já Fabudarão levára Belisa para outro castello.»

O velho cavalleiro e *Tasbião* indo á procura de *Lamentor*, chegam á Berberia; sabemos que D. Maria Alvares Zagalo, tia de *Belisa* e de *Aonia*, casára com um fidalgo hespanhol D. Alvaro Velez de Guevara, e notando que os Velez de Guevara eram Almoxarifes em Tanger (D. Diogo Velez em 1507) comprehende-se como Manoel Tavares alli se achasse. Quando elle soube do rapto, ficou profundamente perturbado: Perdeu Lamentor a falla uma grande hora, e encostou a cabeça sobre a mão esquerda; e esteve até que no cabo, com um grande supito d'alma, disse: Que cuido? em que gasto o tempo?... *não tem vingança, nem satisfação camanha dòr.* Referia-se ao arbitrio affrontoso do rei D. Manoel. Lamentor pede a Tasbião que fique em seu logar n'aquella fronteira de Africa, e segue na caravella, para vir acudir á sorte de sua irmã, a qual em certas situações da Novella passa dissimuladamente por esposa. Não se allude directamente ao rei Dom Manoel, mas sente-se um personagem pode-

roso na penumbra dos acontecimentos. Transcrevemos aqui um perfil do rei D. Manoel, de um Manuscripto dos fins do seculo XVI, que nos explica o seu genio aventuroso: «Foy el Rey D. Manoel de mean estatura, cahidos os braços lhe chegavam os dedos abaixo dos joelhos, e bem os havia mister assim, quem havia de abraçar tanto; o cabello pouco escuro, que trouxe grande como seus antecessores, e n'isto foi o ultimo; os beiços grossos e vermelhos, o animo verdadeiramente real e bellicoso, e logo affable e alegre, inclinado á caça, á musica e ás letras. Muito o agradavam festas pomposas, mas por que seus vassallos se não despendessem n'ellas, tinha innumeraveis galas e arreos preciosos que lhe mandava dar em occasião de festa; todos os dias punha alguma gala nova, quando saya fóra era sempre com grande apparato, e o precediam alguns Elephantes e outros animaes differentes, com córos de varios instrumentos.» [1] Estão aqui os traços sufficientes para julgar o dissoluto e vaidoso monarcha, que se retratava «com corôa na cabeça, espada baixa e núa, armado, e sobre as armas manto bordado com bordadura de perolas.»

É crivel que a chamada de Ignez Alvares Zagalo, mãe da formosa *Belisa*, para vir ser ama da infanta D. Beatriz, fosse já um pretexto do rei para a aproximação da deslumbrante donzella; na Ecloga *Aleixo*, põe Sá de Miranda na bocca do *velho Sancho* (Sancho Tavares) esses versos: «No nos

[1] Manuscripto n.º 279, fl. 18 *(Coll. Pombalina.)*

deja abrir los ojos — *Uno i otro regosijo.* O pae da menina não se conformou com essa homenagem régia; em um Manuscripto do seculo XVI encontramos uma anecdota, que nos revela uma situação excepcionalmente angustiosa, a que não parece extranho Gaspar Gonçalves:

«Huma noite já tarde, estando el Rey para se despir, bateu á porta da Camara hũ fidalgo pobre que servira em muitas partes, e *Gaspar Gonçalves* abrindo-lhe e conhecendo-o disse a el Rey:

« — Senhor, está aqui D. d. s. que se tem capa para andar de noite, não a tem para de dia.

«E el Rey mandou-lhe que o deixasse entrar; sentou-se o fidalgo de giolhos e começou a fallar; *chegou-se o guarda-roupa a el Rey* para lhe tirar as botas, *com que o fidalgo pareceu que se enleou, e fugiu-lhe da memoria tudo o que levara determinado de dizer.* E disse a el Rey:

« — Senhor, tudo o que trazia imaginado para dizer a V. A. me esqueceu. Sey-o servir, e não lhe sey pedir.

«E el Rey respondeu-lhe: — Pois bem, lembrae-vos ámanhã, e senão, ao outro dia; e se vos não lembrardes, lembrar-me-ei eu. [1] Parece que a figura do rafeiro das aventuras amorosas do rei influira depressivamente no animo do fidalgo.

---

[1] *Memoria dos Ditos e Sentenças dos Reys, Princepes e Senhores portuguezes*, fl. 40. Na Torre do Tombo, Ms. n.º 1126.

Pelo decurso da Novella, *Belisa* foge de casa de *Fabudarão*, (cap. XXVII) e *Lamentor* encontra-a (cap. XXIX) depois de muitos trabalhos; «tomado com lagrimas de muita dôr, e prazer d'ambos juntamente, não aguardando alli mais, se foram. — Assim chegaram ao *mosteiro que ella desejava*. E Lamentor, que em nenhuma cousa queria enojar seu pae *a poz n'elle*, e mandou logo recado a seu pae onde estava e como.» Era estylo que toda a dama que tinha relações sexuaes com um rei entrasse inevitavelmente para um convento, no caso de não lhe fazerem o casamento. O estado de gravidez de Belisa complicou o caso: «*E não se pôde encobrir ao velho de seu pae;* e com a edade e paixão falleceu. Diz, que antes, estando assim doente, escreveu a Lamentor a magoa com que morria, como que lh'o culpava; e lhe encommendava sua filha, por que já n'este tempo Aonia ficava mór e muito fermosa, *do que muito o pae levara outro muito cuidado.*» (Cap. XXX.) É ao que se allude na Ecloga *Aleixo:* «*Mal con los hijos ajenos*» por ter sido Bernardim Ribeiro creado de pequenino em sua casa.

N'este capitulo se esboça rapidamente a situação de *Belisa*, que constitue o delicioso quadro com que começa a Novella. (P. I, cap. V.) Transcrevemos essa passagem, que é a natural transição para se chegar á aventura principal, que é a dos amores de *Bimnarder* e *Aonia:* «a fermosa *Belisa* agastava-se alli onde seu pae falecera, topando sempre com cousas pera chorar. *Lamentor*, receiando d'isso algum perigo, e tambem *por se arredar de seus parentes*, veiu a este logar que vos digo,

com determinação de fazer alli estes paços. Parece que a vontade desejava logar saudoso e triste, pera passar o que lhe aconteceu; *que não tardou muito que Belisa pariu uma filha*, que Deus quiz que nascesse pera os apartar, *que logo em nascendo, sua mãe faleceu.*

É este o quadro com que abre propriamente o *Livro das Saudades*, e por isso mal se comprehendem as peripecias da Novella, que derivam dos casos anteriores, que temos disposto em ordem directa de successão.

2.º EPISODIO: *Chegada de Lamentor com Belisa e sua irmã Aonia.* — Manoel Tavares acompanhou sua irmã Isabel Tavares para Cintra, aonde ella foi ter o fructo dos régios amores: «Aportou cerca d'aqui em uma grande náo carregada de muita riqueza, e sobretudo de *duas fermosas irmãs*, e uma a que elle mais que a si queria. E por que ella não sentisse a saudade da terra, trouxeram outra irmã donzella, mais pequena que aquella por quem elle vinha buscar terras extranhas. Cá *contam que eram filhas de um alto homem*... como elle viesse da maneira que vinha, *não queria fazer assento em nenhum logar povoado;* e saíndo um dia pela manhã, começou a caminhar por este valle arriba (que pera tudo tinham já seus criados o concerto necessario). Em umas ricas andas, que Lamentor na náo trouxera iam as duas irmãs; por que *a maior vinha prenhe de dias.* — Cá tudo buscava Lamentor pera que sua senhora e a donzella sua irmã, em alguma maneira perdessem a saudade de sua terra e o nojo

do mar.» (P. I, cap. V.) Parece que dissimuladamente Lamentor se dá como esposo de *Belisa;* mas ao poeta por vezes escapa-lhe a verdade, e chama-lhe descuidadamente *irmão.* Deixando o episodio já conhecido do Cavalleiro da Ponte, chega o momento em que Belisa é assaltada pelas dôres de parto: «Vinda a noite, repousando já todos, *Belisa* se começou a agastar levemente; mas crecendo-lhe a dôr cada vez mais, houve de chamar por sua irmã. Acordou ella, que perto em uma cama dormia, lhe contou Belisa de como a dôr lhe ia em crecimento. A senhora *Aonia* (que assim se chamava a irmã) acordou as mulheres de casa, e uma dona honrada que de parteira sabia muito e pera isso a trouxera Lamentor, *por que quando já partira Belisa era prenhe,* e *se não fôra por que se não podia encobrir, não a trouxera elle assim a terras extranhas;* mas na necessidade o amor não achou outro melhor remedio que desterro.— Gram parte da noite passaram em fazer remedios para a dôr de Belisa; mas a Senhora Aonia, que via *sua irmã* cada vez com mais agastamentos: Quereis, *senhora irmã,* lhe disse, *que chamemos meu irmão?*» (Cap. VIII.) Não transcrevemos todo esse lance angustioso do parto, e a morte de Belisa; basta-nos o final da scena, que é germen da nova historia de Arima: «N'este meio tempo, ouvindo a dona honrada chorar uma creança na cama, e cuidando o que era, attentou; e achou *uma menina* nascida, que chorava muito. E tomando-a então nos braços (com os olhos não enchutos) disse assim: Oh, coitadinha de vós, menina, que chorando vossa mãe nasceis!»

Explica de uma fórma cabal a referencia do velho Manuscripto: «*que o rei D. Manoel tivera uma filha n'uma dama alemtejana, a qual veiu morrer de parto a Cintra.*» O poeta trata este thema com um sentimento extraordinario, por que identifica esta filha nascida dos amores de Belisa com a filha que teve do seu desvairamento por *Aonia;* a glosa que fez ao Soláo da Ama que tratava a menina, foi exclusivamente applicada ao seu affecto pessoal. Lamentor trata de fazer um palacio n'aquella terra, por que na Quinta dos Lobos se recusaram a dar couto á aventura dos régios amores. A menina é entregue aos cuidados de *Enis* (anagramma de Ignez) que é sua propria avó Ignez Alvares Zagalo, que fôra nomeada ama da infanta D. Beatriz.

É quando Aonia está lamentando a morte de sua irmã, que Narbindel «ouvindo perto d'alli tão grande pranto» e entrando, viu a donzella *que em grande extremo era fermosa,* e ficou logo preso do seu amor. A paixão que Bernardim Ribeiro canta nas Eclogas é narrada na prosa encantadora da Novella, constituindo a parte fundamental d'esta obra prima.

c) BIMNARDER E AONIA

Nos capitulos XII e XIII, Narbindel resolve abandonar os amores de Cruelcia, apezar do que lhe devia, deixando-se vencer da formosura incomparavel de *Aonia;* é então que adopta o nome de *Bimnarder:* «soube como Lamentor tinha ordenado fazer alli uns paços

grandes, e morar n'elles toda sua vida. Algum repouso mais deu isto a Bimnarder, que d'antes, a pouca certeza que tinha da estada de Aonia n'aquella terra, lhe dava grande fadiga ao pensamento.» (Cap. XV.) Para melhor se entregar ao seu cuidado, faz-se Bimnarder pastor de vacas, e pelas proximidades aonde Lamentor está construindo os paços «*andava tangendo e cantando em palavras pastoris.*» — «Por certo que assim o ordenou a ventura pera que *Aonia* fosse sabedor do seu cuidado, já quando elle de todo andava desesperado.» (Cap. XVII.) É pela poesia que Bernardim Ribeiro se apossa da alma de sua prima; a velha ama é que lhe repete a cantiga que escutára: «A senhora *Aonia* (que ainda era donzella d'antre treze ou quatorze annos) sem saber que cousa era bem querer, de umas lagrimas piedosas regou as suas fermosas faces, e sobre ellas, os sentidos primeiro lhe inclinou; tanto podem as suas cousas ouvindo-as; e se não fôra que ella era moça, ligeiramente a entendera logo; mas não no entendendo, mil vezes n'aquelle dia lhe tornou a pedir lhe dissesse, ora a cantiga e ora como estava. E por acerto perguntando-lhe uma vez de que feições era, lhe disse a ama: Eu já outras o vi, *de bom corpo, e de boa disposição; a barba um pouco espessa e um pouco crescida que elle a traz, parece aquella a primeira ainda. Os olhos brancos, de um branco um pouco nublado*, na presença logo se enxerga que alguma alta tristeza lhe sogiga o coração.» — «Não no conhecia Aonia, por que nunca saíra fóra; mas como então logo poz na sua vontade olhar por elle,

e de buscar maneira pera isso, *camanho dó lhe fez ouvir d'elle o seu canto, enganada assim d'aquella falsa sombra de piedade*, que toda aquella noite seguinte não pôde dormir; mas não que ainda fosse declarada comsigo, nem debaixo d'aquelle desejo determinasse nada, porém ardia em fogos de dentro de si.» (Cap. XIX.) Depois que Bimnarder correu o perigo do assalto de um touro, quando estava olhando pensativo para o eirado de Aonia, é que ella começou o verdadeiro bem querer: Vêdes aqui como se namorou esta donzella de Bimnarder, que pareceu cousa feita acinte; *por que ambos se começaram a querer bem sob uma sombra de piedade;* (Cap. XXI.) «A velha honrada da Ama, que com o que suspeitou entendeu o desasocego de Aonia, que differente foi logo pera que atentasse n'isso, andava triste e anojada, em parte de si, polo que lhe contára d'elle; e por isso o sentia muito mais...» Deprehende-se que a mãe de Joanna Zagalo encarecendo o merito de Bernardim Ribeiro influira algum tanto na paixão da filha. E lembrando-lhe o caso tragico de sua irmã *Belisa*, diz-lhe: «Não dormis, senhora Aonia? E que será, senhora, se não podeis dormir? Parecendo-me vae que esta nossa vinda aqui pera desastres foi e não mais;... Por isso cumpre a todalas pessoas (e ás donas, senhora, muito mais cumpre, pois são as que aventuram mais) que ao principio das cousas olhem onde ellas podem ir parar;» (Cap. XXIII.)

Para Joanna o amor ia-se tornando uma invencivel fatalidade, e *ainda tão moça e tão guardada*, era ella que procurava agora fa-

zer conhecer o seu amor a Bernardim: «e pondo cofres sobre cofres, fechando a porta da camara, primeiro dissimulando fazer alguma cousa, se subiu á fresta. E ainda bem não era n'ella, viu Bimnarder, que não estava longe d'alli, nem tão perto que a conhecesse logo; polo que se leixou estar um pouco pera se afirmar melhor. *Ella, que não supportou* já aquella tardança, lançando uma manga da camisa fóra da fresta, *fez que o chamava*. Chegou elle asinha, que *vendo-a ficou assim sem lhe poder dizer nada. Mas*, *Aonia*, que já estava determinada comsigo, *ousou fallar-lhe*, mas não o que ella quizera, que não pôde tanto comsigo.—Essa fresta, lhe respondeu elle, não está ahi, senhora, *de noite tambem?* Aonia, que o entendeu, muito lhe tornou: —*Está*, ajudando a palavra com o abaxar dos olhos, que de todo então ao dizer d'aquello, poz n'elle,—mas logo n'aquellas palavras que lhe o pastor dissera, *entendeu que era pera que tambem olhasse de noite por elle;* e com esta esperança que se deu a si mesma, passou aquelle dia, que tambem Bimnarder passou com sua esperança que tomou d'aquella *palavra derradeira que lhe ella fallou com os olhos*, que com outra cousa. (Cap. XXIV.) Falta este trecho na ed. de 1578.

Era uma paixão absoluta, como a de Julietta com Romeu; como a de Marianna Alcoforado pelo conde de Chamilly. A arte e a realidade encontram-se no mesmo ideal. Estes pequenos nadas ligaram-os até á morte: «Mas, não cuidára elle... que *havia de ser pera tanto como lhe saíu, polo pouco que antre ambos era passado.*» No segredar amo-

roso á fresta do aposento, teve Aonia de recolher-se á pressa para não ser vista: «não se pòde ter, que lhe não *desse de si alguma presença*, e disse-lhe: Polo que fiz por vós, julgae o que tinha pera vos dizer... (Cap. XXV.) Bimnarder conservou-se junto á fresta aquella noite; parte de cansado e parte de contente, transportou-se, parece, tanto em seu cuidado, que se lhe foram per sonhos os pés e as mãos, e caíu no chão... muitos dias esteve mal depois... esta queda foi causa de Bimnarder vèr o que pola ventura nunca vira.» (Cap. XXVI.)

Aonia deu pelo ruido e suspeitou o que seria; a Ama, logo de manhã foi revistar em derredor da casa, e receando-se dos trabalhadores, mandou tapar a fresta a pedra e cal: «Mas este remedio tolhido, Aonia deu-lhe causa pera buscar outro maior, e chamando a uma mulher da casa, que *Enis* se chamava, avisada e de quem se podiam bem fiar grandes cousas, e assegurada no segredo, polas melhores maneiras que pôde, contando-lhe seu coração, lhe disse que fosse vèr se andava pola ribeira d'aquelle rio o pastor da frauta...» *Enis*, é Ignez Alvares Zagalo, que sabia o segredo dos amores de sua filha; foi procurar o poeta «e ficando elles ambos sós, que assim buscou ella maneira, lhe descobriu inteiramente ao que ia. Bimnarder, que logo a creu por que era mulher, sobre a cabeceira, onde pobremente estava encostado, se lhe leixaram caír umas ralas lagrimas causadas, d'antre contentamento e muita dôr, que de ambas as duas sóem ellas ás vezes vir, *as quaes fizeram certo a Enis do grande*

bem que elle a Aonia queria; e não lhe esqueceu ella contal-o depois.—Tornada ella onde Aonia estava, lhe contou tudo, cousa por cousa, que não ficou nada.» (Cap. XXVII.)

É commovedora a scena em que Aonia vae visitar Bimnarder, que estava doente: «Veiu assim acerto que *perto d'alli havia uma Capella de uma Sánta de grande romagem*, e era então o outro dia a vespera do seu dia; e a Ama e as mulheres de casa ordenaram de ir lá; e havida licença de Lamentor pera *Aonia*, e póstas no caminho, (que a pé podiam bem andar) ao passar pelo monte se chegou Enis a Aonia, e disse-lhe que era alli, por que assim iam já concertadas.» (Capitulo XXVIII.) Esta particularidade topica condiz com a Ermida de *Santa Eufemia da Serra*, em Cintra; descreve-a Juromenha: «Defronte do Castello, em um monte visinho, que fica da parte do sul, está a Ermida de *Santa Eufemia*, muito antiga, e pouco afastada da dita Ermida para a parte do norte se acha uma fonte que lhe pertence, *em cujas aguas se vêm banhar varios enfermos* que por meio da sua virtude conseguem melhorar de suas enfermidades.

«Proximo d'esta Ermida, está o Convento da Pena situado em outro monte, cujo mosteiro teve principio (1503) em uma Ermida de Nossa Senhora, que segundo a tradição appareceu n'este logar, onde foi venerada muitos annos com o titulo de Nossa Senhora da Penha.» [1]

---

[1] *Cintra Pinturesca*, p. 136. Tambem era de grande romagem a Ermida da Senhora da Pena, á qual fo-

A pretexto d'esta romagem á serra, é que Aonia procurou encontrar-se com o namorado poeta; só o conseguiu destacando-se da comitiva na volta: «Entrada Aonia deteve-se um pouco, e sentiu que chorava e suspirava baixo; ... elle com pensamentos muitos que sobrevinham ao choro, mais accrescentava do que o diminuia. *Assentando-se então Aonia na borda d'aquella sua pobre cama*, lhe poz a mão, e quizera-lhe dizer alguma cousa, mas não pôde que lhe faleceu o espirito. Virando-se Bimnarder e vendo-a, tambem lhe faleceu o seu. Estiveram assim ambos um grande pedaço sem se dizerem nada um ao outro; e elle com os olhos postos em Aonia, e Aonia postos os seus no chão, que em se virando Bimnarder, tomou vergonha; levando-os assim á terra cobriu-se-lhe o seu fermoso rostro de uma tamalavez de côr além da natural... que não parecia senão que viera aquella côr como por ajudar ainda Aonia escontra Bimnarder, tão fermosa a ella fermosa fizera. Mas estando assim n'isto elles ambos, e não estando elles ambos alli, chegou Enis muito rija á porta, dizendo que se queriam já ir... Mas Aonia que bem via os olhos de Bimnarder como ficavam, tomou uma manga de sua camisa, e rompendo-a, pera remedio de suas lagrimas lh'a deu, significando na maneira só de como lh'a deu o pera que lh'a dava.

---

ram em promessa em 1493, o rei D. João II e D. Leonor, sua mulher, demorando-se alli em novena alguns dias. A designação de uma *Santa* de *grande romagem*, parece-nos comtudo referir-se melhor a *Santa Eufemia da Serra*, do que á Senhora da Penha.

Cá parece que a dôr grande que sentia, não lh'o leixou dizer palavra...» (Cap. XXVIII.)

Quanto mais intensa se vae tornando a paixão, mais rapidamente vem aproximando-se o momento da desgraça: «N'isto passou aquella doença, em que grandemente foi visitado de *Enis*... E d'aqui até que lhe aconteceu a desaventura que vos contarei, se passaram tempos e outras cousas; por que *os paços de Lamentor acabaram-se*, e polo apartamento do logar onde elles estavam, Aonia e a Ama com outras mulheres de casa *iam passar tempo á ribeira d'este rio*, onde Bimnarder sempre andava.» *(Ibid.)* Este longo periodo que vae de 1504 a 1517, em que o poeta frequenta a Universidade de Lisboa e depois a côrte de D. Manoel, é aquelle em que se passaram os deliciosos momentos da Quinta dos Lobos; mas «aquella grande segurança em que Bimnarder estava em logar tão ermo, lhe não pôde durar...» Sobrevem a catastrophe inesperada:

D) CASAMENTO DE AONIA COM FILENO

«E succedeu no castello um filho de *um cavalleiro muito valido e rico* n'esta terra, que por meio de visinhos *desejou a Aonia por mulher:* o que *foi asinha acabado pola igualança de ambos*, n'aquello em que quizeram aquelles em que estava o prasmo do casamento. Mas, polo nojo de Lamentor e polo apartamento de sua vida, *não no soube Aonia* senão no dia d'antes que a havia de levar pera o castello...» (Cap. XXIX.) Vê-se

que houve uma determinação superior, a que a familia de Joanna Zagalo obedeceu; refere-se a isso Sá de Miranda no verso: «Inimigo, senhor, que tal consente.» Não influiria n'este golpe Lucrecia Gonçalves *(Cruelcia)* aproveitando-se do favoritismo de seu irmão *(Fabudarão)* junto do rei D. Manoel? Pela genealogia dos Zagalos, sabe-se que o casamento fôra feito com Pero Gato, filho do Contador de Çafim, tambem muito querido do rei. No capitulo XXX da Novella, chama-se-lhe *Fileno* (anagramma de *felino*, adjectivo exprimindo as qualidades de *gato*.) Tambem se lê na Novella: «era bem aposto cavalleiro e dos bens do mundo abastado...» [1]

Como Aonia recebeu a nova do seu immediato casamento: «toda aquella noite passou em um grito. Se não fôra por *Enis*, que do seu segredo era sabedor, morrera, ou se fôra por esse mundo; mas ella a consolou...» A consolação leva a suppôr que Bernardim não perdera tudo: Enis dizia-lhe: «que segundo os casamentos occupavam os homens, *pode-*

---

[1] Já no Nobiliario do Conde D. Pedro figura este nome de *Gato* na principal fidalguia; no *Cancioneiro da Ajuda* é celebrada Guiomar Affonso *Gata*, filha de Affonso Pires Gato; e ainda no seculo XV, no *Cancionero general*, apparece um poeta João Alvares Gato. — O Contador de Çafim, Nuno Gato, era filho de Gaspar Gato e de D. Guiomar da Cunha. Encontramos no Ms. n.º 379, fl. 123 *(Collecção pombalina)*:

«Foy pessoa de grande valor em tempo de el-rei D. Manoel, em cuja Chronica se faz d'elle repetidas vezes menção; foi em companhia do Capitão Gonçalo Mendes Çacoto soccorrer a Diogo d'Azambuja na tomada de Çafim, onde ficou por Contador da Cidade.

ria ella ter a liberdade que quizesse; e com o *resguardo faria o que sua vontade fosse,* o que não poderia na casa onde estava.» (Cap. XXIX.) Quando Bimnarder passava junto dos paços em que vivia a sua amada, viu uma cavalgada apparatosa fazendo maneiras de prazer: «E porém olhando *viu Aonia e com ella da outra parte esquerda o seu esposo,* que conhecido ia nos trajos e na communicação da pratica que antre ambos levava...» (Cap. XXX.) A dôr insondavel da alma de Bimnarder é sem exclamações, uma simples phrase: «D'ahi a mais de uma hora não cuidou nada. E a cabo d'ella, virando-se pera outra parte, se foi; e não no viram mais.» Aonia bem procurou justificar-se: «E tornada pera casa, *ordenou dilatar sua ida per alguns dias, pera vêr se sabia novas de Bimnarder.*»

No capitulo XXX, que consta de bem poucas linhas, vem este desolador desfecho: «Mas era esposada de então, e umas cousas e outras não a leixaram nunca só; espalhavam-se

---

Nuno Fernandes de Athayde, capitão da dita Cidade, fez tanta confiança d'elle, que todas as vezes que fazia entrada em terra de Mouros lhe deixava entregue o governo. Foi em tempo de D. Nuno Mascarenhas, governador da dita praça, Adail da gente de guerra, e com este cargo se achou em muitas occasiões onde se houve com grande valor, e dizem que trez vezes fôra governador da dita praça...» No Ms. 258, fl. 182, se lê: «Nuno Gato foi homem esforçado e de bom serviço, Contador de Çafim em tempo de Elrei D. Manoel. Casou com Ignez Corrêa da Silva (filha de João Corrêa de Sousa).» Cita quatro filhos: Gaspar Gato, Manoel Corrêa, D. Anna da Silva e D. Isabel Gato.

os cuidados. Assim ella pouco a pouco foi-se avesando a viver de outra maneira; que as occupações da casa, e a desconfiança, ou desesperança que foi tendo de Bimnarder, lhe fizeram indo nas cousas passadas uma sombra de esquecimento, em que podera viver todalas horas de sua vida descançada...»

N'este ponto interrompe-se o *Livro das Saudades*, começando a Parte II *a qual é declaração da primeira parte* d'este livro. Mas, coincidencia notavel, a historia interrompida no capitulo XXXI da primeira parte da Novella, prosegue no capitulo XXXII a L da segunda parte. Vê-se que foram cadernos, já escriptos no regresso a Portugal, que se baralharam entre os papeis do poeta encontrados depois da sua morte.

No capitulo XXXII (P. II) continúa: «esteve gram tempo da noite cuidando como Aonia fizera camanha mudança em tempo que lhe parecia não havia cousa que a mudasse. Alli lhe correu pela memoria *como elle se mudára do amor de Cruelcia* sendo homem, que não era muito mudar-se Aonia sendo mulher, e não podendo comsigo acabar de a culpar... amor e desamor o tinham em meio.» Pela noticia genealogica de D. Flaminio, sabe-se que: «Pero Gato, dizem, que *falleccra pouco tempo depois do seu casamento, e que essa morte fôra violenta.*» No capitulo XLVIII da Novella confirma-se esta noticia resumida na rubrica: «*De como Aonia se viu, depois de casada, com Bimnarder*, e de como foram mortos por *seu marido Orphileno, que* tambem com elles *acabou sua vida a mãos de Bimnarder.*» Como o *Livro das Saudades*

era uma memoria intima, não destinado ao publico, ousou o poeta consignar ahi essa confidencia, ou mesmo segundo o seu estado mental, confissão de crime imaginario. Com auxilio de *Enis*, continuou Aonia a encontrar-se com o poeta: «seu marido (que cheio andava de suspeitas) dissimuladamente saíu por outro caminho, vindo sempre a olho d'ella a viu desviar pera aquelle cabo, e chegando *a viu que estava abraçada com Bimnarder sobre a herva verde*, debaixo d'aquelle freixo, (que parece que pera sepultura de ambos foi creado). *Onde estando tão enlevados, Bimnarder com Aonia nos braços*, em seu amor cada vez mais se accendia, trazendo pola memoria um ao outro quanta fadiga tinham passado sem causa; e sem se poderem de verdadeiro amor culpar, com o mais que com o tempo puderam, esperando de o lograr d'alli por diante, se sua morte lhe não estivera batendo á porta.» Aonia ia morrer na clausura, e Bimnarder, tambem como ella, depois de amargos dias de exilio perdia a rasão. A morte de Pero Gato (*Orphileno* ou Pero-*Felino*) seria em algum d'estes duellos na sombra: «Teve seu marido de Aonia logar de chegar sobre elles; e vendo-os estar assim lançou mão da espada e deu uma ferida grande a Bimnarder na cabeça, que mui asinha foi em pé, levantando seu cajado... e quiz a ventura... que lhe acertou na cabeça... veiu o sangue com os miolos juntamente.—Tudo isto foi tão supito, que Enis, nem o escudeiro não lhe poderam valer... foram dar esta nova a Lamentor... o qual como sesudo... *dando culpa a Bimnarder, por que lhe não desco-*

brira sua vontade...» O Ermitão de que se falla n'este final era Gaspar Dias Zagalo, tio do poeta, e *Godiro* seu sobrinho, é Diogo Dias Zagalo, quarto senhor de Villa Fernando, e moço da camara de D. João III. [1]

O poeta ainda pôde acabar a narrativa dolorosa dos seus amores, na segunda parte do *Livro das Saudades*, mas já a mente se lhe entenebrecia, e as situações novellescas tumultuavam-lhe confusamente na phantasia. Chegámos, nos nossos primeiros estudos a considerar esta segunda parte como aprocrypha, um commentario extranho, tanto o seu estylo é embrulhado e por vezes falho d'essa ingenuidade pittoresca dos primeiros capitulos. Hoje, pelas novas descobertas genealogicas penetra-se o intuito da *declaração* ou explicação das peripecias da primeira parte. De facto ahi se conhece mais claramente o contorno da historia dos *dois amigos*, e se com-

---

[1] No Ms. 421, fl. 386 *(Coll. Pombalina)* cita-se entre os irmãos de Sancho Tavares, «Britis Tavares casada com oliv. e houve *Joanna Tavares*, que casou com Christovam Corrêa da Silva, *que foi degolado por que a matou mal.*» No Ms. 357 confundiram esta Joanna Tavares com sua prima Joanna Tavares Zagalo, escrevendo: «D'estes foi filha *Joanna Tavares*, mulher de Christovam Corrêa da Silva, *que morreu degolado em Evora pola matar mal.*» E logo adeante: «*teve uma filha freira em Extremoz.*» Os linhagistas identificaram as duas primas; é natural que Bernardim Ribeiro descrevendo no capitulo XLVIII Aonia assassinada por Orphileno, rememorasse assim aquella tradição de familia, facil de confundir pelos linhagistas, por que Pero Gato era filho de D. Ignez *Corrêa da Silva*, por certo parenta d'esse outro Christovam Corrêa da Silva.

prehende a origem da viagem forçada de Belisa e de Lamentor, para se occultar uma gravidez, e como a menina nascida do parto que victimou a infeliz e formosa senhora, teve depois tambem uma sorte desditosa. É por tanto a segunda parte um documento psychologico digno de estudo, que bem merecia ser reduzido á sua ordem natural. O interesse da segunda parte do *Livro das Saudades* ainda se sustenta nos primeiros doze capitulos, que foram conhecidos em vida do poeta por traslados manuscriptos. Essa vulgarisação não deixou de influir na sua vida, amargurando-lhe os annos que conviveu no paço.

3.º EPISODIO: *Creação de Arima e amores com Avalor.* — Pelo anagramma de *Arima*, reconhece-se que se chamava Maria a filha que o rei D. Manoel tivera de uma dama alemtejana que veiu morrer a Cintra. Coincide esta lenda genealogica com as peripecias de *Belisa*, ou propriamente com Isabel Tavares Zagalo. A creação da menina fez-se em casa de seu tio Manoel Tavares, *(Lamentor)* que segundo as genealogias morreu solteiro, passando em Cintra por pae d'aquella creança. Na segunda parte do *Livro das Saudades* vem a historia de *Arima;* começa no momento em que o rei pede ao pae d'ella que a traga para a côrte como dama da rainha: «*Arima*, (que assim se chamava a menina...) n'este meio tempo fez-se a mais fermosa cousa do mundo. — A sua mansidão nos seus ditos e nos seus feitos, *não era cousa natural. A sua falla e tom d'ella*, soava de outra ma-

neira que voz humana. — Não parece senão que se ajuntaram alli todas as perfeições que se não haviam ajuntar mais nunca. — havia um Rei n'aquella sezão, que *sustinha côrte no mais alto estado que podia.* Mantinha-se usança, que todalas donzellas filhas d'algo, como eram em edade pera isso, se levavam á côrte da Rainha, e d'ahi sahiam honradamente casadas. — Lamentor, que por fama *era já de el Rei conhecido e accei to a elle* pola sua maneira differente de todos e pola sua nobreza de sangue... foi mandado polo Rei que quizesse honrar sua côrte com *Arima;* — Lamentor, que bem sabia que os pedidos do Rei mandados eram, não lh'o pôde negar. Concertado tudo o que era necessario pera aquella ida (vindo muitos parentes seus, já por parte do *casamento de Aonia;*) vestida Arima ainda de dó, por que *dado que muito houvesse que era fallecida sua mãe*... e tambem por que *por costume n'aquella casa nenhum outro vestido parecia melhor*... foi-se só áquella camara onde seu pae sohia sempre de estar depois da morte de *Belisa*... Vê-se que a chamada de Maria para a côrte fôra por 1517; os lutos na familia seriam pela morte de Sancho Tavares, ou mesmo pelo assassinato de uma sobrinha do rico proprietario de Extremoz por seu marido. Na despedida para a côrte dá Lamentor alguns conselhos a Arima: « Guardae-vos, filha, de cousas pequenas, que d'ahi se fazem as grandes;... *Riquezas e estados de vosso rei cumpre que os hajaes*... » Saíu Arima no séquito que a conduzia para a côrte; ia ella « naturalmente triste de uma tristeza lá em

si branda, que escassamente se podia desenxergar de honestidade. Cá ambas ellas tinha, e antre ambas sua fermosura que parecia melhor. Soube-o quem no ouviu, e só o sentiu quem o viu ou creu.» Arima foi vista n'esse momento por *Avalor:* «Era elle conhecido do pae de Arima, quando andava pelo mundo seguindo aventuras, e ainda amigos grandes, pera que aquello que havia de vir a acontecer, sem se cuidar, tivesse nascimento de longe não cuidando...» (P. I, cap. III.) «Arima, (que ia tão fermosa como o ella era,)... muitas vezes ouvira já fallar bem d'elle; e o olhou de seus olhos, e depois d'ahi a um pouco os abaxou, com aquelle modo de mansidão que a ella só por dom especial foi dado. — Camanho poder sobre elle só foi dado, a um só pôr dos olhos e abaxar.» (Cap. IV.)

É ingenuo este quadro da paixão nascente de *Avalor*. Mas, sendo este anagramma do nome de Alvaro, quem seria este personagem, na intriga amorosa da côrte manuelina? Na propria Novella achamos elementos para resolver este enigma. Não tendo podido *Avalor* dormir na preoccupação d'aquelle cuidado, attribuia-o a «querer bem a Arima, *pois era então preso de amor em outro logar.*» Esses outros amores são descriptos no capitulo V: «Era assim que na côrte andava n'aquelle tempo uma Senhora, a quem por morte de seu pae tomaram terras que ella devia de herdar; e viera alli pedir ajuda a cavalleiros pera escontra quem camanho mal lhe tinha feito. Avalor *a servia encuberta e muito secretamente*, que *pola honra que o Rei lhe fazia, parecia caso de menos acatamento que-*

vel-a servir de amores cavalleiro que fosse vassalo seu. E era esta Senhora mais fermosa pera antre homens, que pera antre mulheres: de umas feições grandes n'aquella grandeza bem posta; porém sobrava na graça do seu ár, que derramava per tudo que ella fazia ou dizia, de maneira que a quem visse, mal que lhe pez, lhe havia de aprazer. (Cap. v.) Correspondia este retrato a uma realidade; na rubrica do capitulo chama-se-lhe a *Senhora desherdada*, nome que se repete. « Assim, estando muito mettido por este pensamento, em uma só cousa se acabou de confirmar de todo, por que aquella *Senhora desherdada*, que assim se chamava, nunca lhe lembrava senão por que desejava de a vêr; e não cuidava n'ella senão por que a não podia esquecer, e não era outro seu cuidado senão como a veria. Porém, comtudo, por que lhe tinha embaraçada a fantesia, não podia cuidar comsigo de todo ainda então que poderia deixal-a per outrem; mas na verdade ella só era a que o não leixava perder, e por isso durou tão pouco como durou. (Cap. vi.) Pelas intrigas que agitavam a côrte de D. Manoel, vê-se que a *Senhora desherdada* é D. Guiomar Coutinho, filha unica do riquissimo conde de Marialva; o rei D. Manoel, como se diz em uma Satyra contemporanea, para *joeirar o thesouro do gram Marialva*, determinou que ella não succedesse em toda a casa de seu pae senão com a condição comminatoria de se effectuar o casamento de D. Guiomar Coutinho com o infante D. Fernando. [1] Por

---

[1] Vide este caso no vol. *Sá de Miranda*, p. 223.

este elemento de realidade vamos descobrir quem era *Avalor*, em relações de galanteria com a *Senhora desherdada;* achámos a seguinte anecdota na *Memoria de Ditos e Sentenças de Reis e princepes:* «Fallando D. *Alvaro* de Athayde com a infante D. Breatiz, perguntou a infante a hũa sua Dama chamada D. Guiomar Coutinho se queria casar com D. Alvaro; e ella respondeu:—Que se não queria carpir tão azinha. E por que esta Dama andava sempre chea de posturas, disse-lhe D. Alvaro:—Culas faces, Dona Guiomar.» [1] Ha aqui um azedo despeito entre os dois. D. *Alvaro* de Athayde era um filho bastardo do celebre conspirador contra D. João II, D. Alvaro de Athayde, que estivera refugiado «em Castella até reynar D. Manoel, que o restituiu *com sentimento do Reyno, de vêr perdoadas tão grandes culpas.*» [2] Comprehende-se o valimento que tinham na côrte o bastardo D. Alvaro de Athayde, e seu irmão legitimo D. Antonio de Athayde, primeiro conde da Castanheira, que foi «Vedor da Fazenda del Rey D. João 3.º, com o qual valeu muito; e durou a privança em quanto el rei viveu.» [3] A scena de intimidade da infanta D. Beatriz, que era a mãe do rei D. Manoel, com D. Alvaro de Athayde é explicavel pelo reconhecimento ao serviço de seu pae «que foi cumplice da traição contra el Rey Dom João 2.º» como diz o linhagista. Pelas ambi-

---

[1] *Mem. dos Ditos e Sentenças,* etc., fl. 51. Ms. 1126, na Torre do Tombo.

[2] Ms. Pombal. n.º 279, fl. 174 v., na Bibl. nac.

[3] *Ibid.,* fl. 175.

ções dos Athaydes na côrte, é natural que D. Alvaro primeiramente dirigisse as suas vistas para D. Guiomar Coutinho *(a Senhora desherdada)*, e depois para a recem-chegada menina D. Maria *(Arima)*, filha bastarda do rei D. Manoel. [1] Em uma das viagens da côrte, fallou Avalor com Arima, e toca-se esta collisão dos dois amores: «Chegando-se Avalor pera ella com grande acatamento, ella o recebeu gasalhosamente, começando-lhe por dizer que *sabia já muitas cousas*. Respondeu-lhe Avalor, que d'elle não podiam ellas já ser, pois eram muitas. Abalou a Rainha n'isto, e começaram a caminhar. Aqui passaram muitas cousas... que emfim lhe viera Arima a descobrir que eram cousas da *Senhora desherdada.*» (Cap. VIII.) Elle não se atrevia a declarar-se: «Entre tanta duvida o traziam amor e temor.» A paixão por Arima passa-se em silenciosas contemplações de Avalor; mas de repente é-lhe revelado um segredo. «Depois, mandando-o chamar afincadamente uma Senhora sua grande amiga, foi elle lá, e ella, tomando-o á parte, lhe disse: —Promettei-me segredo, *e dir-vos-hei cousas em que vae muito a vós*, e a outrem de que

---

[1] Tambem D. Antonio de Athayde, que *casára por amores com D. Anna de Tavora*, preparava o seu valimento junto do princepe D. João (III) pela fórma que revelou o Dr. Alvaro Mendes da Motta, no seu *Mare Magnum*, p. 323, v., no assento: «*Memoria de certo homem:* foi... seu grande privado um D. Antonio de Athayde, que o serviu de alcoviteiro, e dizem que por seu consentimento lhe tocava el rei na mulher, que era formosa; depois o fez Conde da Castanheira, de juro...» (Ms. 445, da Bibl. do Porto.)

vos ha mais de pesar. O segredo, lhe respondeu elle é devido a todalas cousas vossas, e por isso sobejo seria prometter-vol-o eu...» Diz-lhe a senhora (que conforme a anecdota que transcrevemos póde ser a infanta D. Beatriz, mãe do monarcha): «segundo a *aspera empreza que tomastes*, em que arreceo eu muito de não aproveitar nada... Cá polo que tenho aprendido da longa e mui estreita conversação da senhora Arima (em que vos sois culpado, ou não sois culpado, não digo nada) vim eu a saber que não senhorêa vontade nenhuma; nunca tão livre cousa vi.—Verdade é que ella é fermosa e muito acabada; *mais é tanto do outro mundo, que não é pera ninguem se namorar d'ella*... A vós só aprouve entrar em guerra desesperada; e não m'o negueis, que *bem parece que sem esperança lhe quizestes bem*...» (Cap. IX.) E depois, mais explicitamente: «Contam que então se chegou ella á orelha de Avalor, e o que lhe disse ou não disse, não se soube então; mas d'ahi a poucos dias o que elle por isto fez, ouvi eu dizer...» (Cap. X.)

Fica tudo vagamente esboçado na Novella, saíndo *Avalor* da côrte; mas pela lenda genealogica se vê que no segredo communicado a Avalor, se lhe revelou que *Arima* era filha do rei, e que lhe não competia casar com um bastardo. Segundo a mesma lenda genealogica, conta-se que a filha que o rei D. Manoel tivera da dama alemtejana «*foi mandada pelo mesmo rei e pae para o convento de Odivellas.*» Confirma-se isto pela Novella: «nasceu um avorrecimento á senhora Arima, de uns modos que hi ha no Paço, que *o dese-*

jar outra vida mui desviada, a foi inclinando muito. E de sua longa determinação se fallou, e se leixou depois de fallar.» (Cap. XI.) É de uma belleza sentidissima o romance da partida desolada de Avalor, em que Bernardim Ribeiro intercala esta barcarola melancholica:

Que frias eram as aguas,
Quem as haverá de passar?

Senão quem a vontade poz
Onde a não póde tirar.

Onde magoas levam alma
Vão tambem corpo levar.

Tral-a barca levam olhos
Quanto o dia dá logar,

Pola ribeira de um rio
Que leva as aguas ao mar.

De *Arima* só torna o poeta a fallar vagamente, depois de ter envolvido *Avalor* em complicadas aventuras cavalheirescas; é no capitulo XXII, que apparece *Arima*, não se tornando depois a fallar mais n'ella. [1] E esse apparecimento mysterioso condiz com a sua

[1] No cap. LVIII, lê-se: E tomando comsigo a ama e *Arima*, (que pouco havia que chegaram *do mosteiro onde seu pae a mettera*).

situação na clausura de Odivellas: «E começando a convallescer, indo já pera melhor, determinou *Avalor* tornar a seu caminho... se metteu por antre uns espessos arvoredos que alli estavam de mui graciosas sombras, e correntes aguas; e pondo-se ao pé de uma fonte com o pensamento todo occupado n'aquella agua, se lhe affigurou que vira n'ella um vulto de mulher, tão proprio ao parecer de Arima, que lhe vieram as lagrimas aos olhos. Chorando esteve a maior parte d'aquelle dia, sem poder determinar *que poderia significar aquelle mysterio*, que tão grande lhe pareceu. Estando elle assim embaraçado n'aquella visão, correndo pelo pensamento cousas passadas que renovadas o faziam tão triste como nunca fôra por cousa nenhuma, desejando saber o fim do que vira, ouviu fallar-lhe de dentro d'agua, como mulher, dizendo:—Não sei que buscas, Avalor, aqui?—Busco (disse elle) o que minha ventura me nega tanto tempo ha... Se és Arima, não no negues. Havei por bem mostrar-vos a quem só vive na esperança de vêr-vos; e não queiraes encobrir-vos de quem vos tanto merece servir.—Embalde trabalhas, respondeu ella, que só na vontade me poderás vêr; e por que tarde ou nunca me tornarás a vêr n'este logar te digo isto: por que tua perda me pésa assás. Ficou Avalor tão cortado d'aquellas palavras, que não teve que responder, nem ficou de maneira que o pudesse fazer,—tornado que foi em suas forças, determinou logo comsigo mesmo partir-se d'aquelle logar...» (Cap. XXII.) A paizagem descripta, em que *Arima* apparece represen-

tada na agua corrente, coincide com esta descripção antiga do Mosteiro de Odivellas: «Está o valle de Odivellas duas legoas de Lisboa para o norte, e o Convento fica situado em uma planicie, que trez montes visinhos acommodam, a saber: o de Nossa Senhora da Luz, lançado ao meio dia; o dos Tojaes, entre o meio dia e o oriente, e o de San Diniz, ao occidente. Junto a este *corre um rio pequeno, o qual entra na cêrca do mosteiro e lava o seu jardim de Val de Flores*, e depois fóra d'elle algumas quintas dos logares visinhos, até que em pouca distancia se mistura com outro que corre ao pé do monte de Nossa Senhora da Luz e ambos se vão recolher no esterio do mar junto a Lisboa.» Pela descripção que fez o chronista Fr. Francisco Brandão, com a circumstancia do rio que corre junto ao monte de S. Diniz entrar na cêrca de Odivellas, comprehende-se a allegoria de Bernardim Ribeiro, na Novella. Não se torna mais a fallar de *Arima* no *Livro das Saudades*, nem tão pouco ficou memoria historica de D. Maria, a pouco venturosa filha bastarda do rei D. Manoel. Comtudo, visitando-se o Mosteiro de Odivellas, alguns vestigios se encontram do seu desapparecimento n'aquella clausura; no Convento de Odivellas se recolheu uma filha bastarda de D. Diniz, chamada *D. Maria* (fallecida em 1320, segundo o chronista Brandão); com esta se confundiu na tradição *a Maria*, bastarda do rei D. Manoel. O tumulo d'aquella estava na parede do claustro correspondente á capella de S. João Baptista; o d'esta D. Maria Zagalo está «ao fundo da abside lateral da banda da epistola

ou Capella de San Pedro, occupando o local do antigo altar.» [1]

Escreve Borges de Figueiredo: «Este tumulo sem epitaphio é um enigma.

«Muitas vezes, eu alli sósinho, encostado á lagea tumular, *onde avulta uma figura de mulher*, passei longas horas contemplando o *formoso semblante da estatua sepulchral*, pedindo-lhe que me revelasse *o segredo de uma existencia.*

«A expressão d'aquelles labios graciosos, a serenidade constante d'aquelle rosto gentil fizeram-me pensar n'uma creança martyr, *as figuras que sustentam o sarcophago confirmam a minha suspeita.* [2]

«Ora o tumulo pertenceu a uma mulher, como o indica a estatua da tampa... A ausencia do epitaphio demonstra tambem que era da primeira nobreza a pessoa n'elle encerrada; sabe-se que os moimentos grandes e antigos de *pessoas de sangue real* não tinham geralmente letreiro, por se considerar desnecessario.

---

[1] Borges de Figueiredo, *O Mosteiro de Odivellas*, p. 193.

[2] Como Borges de Figueiredo desconhecia esta D. Maria, filha do rei D. Manoel, esforça-se para demonstrar que este tumulo é de D. Maria Affonso, bastarda do rei D. Diniz: «Diz Brandão, e com elle Jorge Cardoso, (que a final o segue quasi passo a passo) que a sepultura de D. Maria Affonso estava no seu tempo na parede do claustro correspondente á capella de S. João Baptista, e parece á primeira vista que *isto invalida o ser o tumulo, de que se trata, da filha do rei;* mas toda a duvida cáe perante a consideração de ter sido mudado (?) para o logar em que se acha.» (*Op. cit.*, p. 200.)

«A estatua representa uma *mulher muito moça*, póde dizer-se uma creança. O rosto oval é formoso; os labios têm uma expressão graciosa e de resignação, que parece ter querido dar-lhe o artista. Enquadram o rosto os cabellos, divididos ao meio e caíndo em anneis na almofada, que sustenta a cabeça, e sobre os hombros. O collo, descoberto no alto, e logo occulto pela tunica longa descendo em prégas até aos pés, que se apoiam em dois pequenos cães olhando em sentido opposto. Por sobre a tunica ou habito, mas deixando vêl-a ao centro, desce naturalmente o manto dos hombros até aos pés. As mãos estão erguidas sobre os peitos.

«Em cada um dos lados da arca, e ladeados por nichos com figuras bem esculpturadas, ha dois escudos perfeitamente eguaes entre si, e em cada um dos topos reproduz-se o mesmo escudo, todos elles rodeados de um paquife composto de folhas de hera. = *Escudo esquartelado: no primeiro quartel*, Leão rompente para a esquerda; *no segundo e terceiro*, as Quinas; *no quarto,* Castello de trez torres. =

«As Quinas no segundo e terceiro quartel provam evidentemente que nas vêas de quem alli jaz *correu sangue real portuguez*. O castello do ultimo quartel nada tem de extraordinario; os castellos são parte integrante das armas portuguezas, e os *filhos bastardos dos reis os usaram, com as quinas, em seus brazões*, como se vê dos sellos conhecidos de D. Affonso Sanches e de outros.» [1]

---

[1] *Op. cit.*, p. 201.

Em outra passagem ácerca d'este tumulo de Odivellas, escreve Borges de Figueiredo: «Era costume medieval (herdado dos antigos, e ainda hoje seguido frequentemente) o representar nos tumulos algumas scenas mais ou menos notaveis da vida das pessoas que deviam conter.» [1] Se recordarmos a passagem da Novella de Bernardim Ribeiro (P. II, cap. XXVII) em que o velho Cavalleiro se lamenta do rapto de sua filha *Belisa* e vae pedir auxilio para que a salvem do poder de Fabudarão, então comprehender-se-ha a representação do tumulo de Odivellas; descreve ainda Borges de Figueiredo: «O moimento de *D. Maria* assenta sobre duas figuras. — Não são leões ou cachorros os supportes do tumulo, mas figuras humanas. Uma, que se vê do lado da cabeceira, representa um frade, com seu habito cingido pelo competente cordão, sandalia nos pés, apoiado nos joelhos e nos cotovellos, debruços. A cabeça desappareceu. O outro supporte é composto de *duas figuras*, *um homem e uma mulher. Elle*, *corpulento como o frade; ella*, *franzina*, *uma verdadeira creança.* O homem, cuja cabeça desappareceu tambem, tem trajo de cavalleiro; do cinto lhe pende a bainha da espada, cobre-lhe o trajo de cavalleiro um habito, podendo suppôr-se que quizeram representar o freire de alguma ordem militar.

«A creança apenas veste uma curta camisa, e tem os cabellos cingidos por uma faixa roliça e torcida... *As attitudes das duas fi-*

[1] *Ibid.*, p. 205.

guras mostram uma scena terrivel. O homem quiz roussar a creança. Colheu-a desprevenida, n'um banho, no leito, descuidada, intemente. Opprimida pelo infame, a pobre creança grita, tenta com suas mãos repellil-o, mas os seus esforços são baldados, e só póde gritar por soccorro. E então o algoz, raivoso de não poder satisfazer os seus bestiaes appetites, e enfurecido contra a victima que brada, com a mão crispada e sanhuda a segura violentamente pelos cabellos e lhe enterra a sua espada no lado esquerdo do peito.

O esculptor representou optimamente a scena. — Debalde procurei nas nossas chronicas e nobiliarios, em livros impressos e em Manuscriptos, alguma allusão ao facto; nada absolutamente descobri.» [1]

Accrescenta o auctor da valiosa monographia do Mosteiro de Odivellas: «O tumulo de D. Maria já não encerra as suas cinzas. Havendo sido aberto em certa occasião, acharam n'elle um caixão de madeira já desconjuntado... Uma moeda de cobre, que parecia ser um *ceitil de D. Manoel*, appareceu tambem no sarcophago.» [2] A scena representada referia-se ao nascimento de *Arima* pelo rapto e violencia de que foi victima sua mãe *Belisa*.

---

[1] *Op. cit.*, p. 203. Borges de Figueiredo aproximava-se da verdade, quando confundia D. Maria Affonso, filha do rei D. Diniz, com D. Maria Zagalo, filha do rei D. Manoel.

[2] Este facto fixa-nos aproximadamente a época em que se encerrou no sarcophago a pessoa finada. Segundo os costumes populares portuguezes, é o *dinheiro funerario*, ou *dinheiro de cruzes* que se lança

A morte violenta é allegorica á morte da infeliz creança do parto que foi ter escondidamente a Cintra. O *ceitil de D. Manoel* achado no sarcophago torna-se aqui um documento. Recolhida a Odivellas *Arima* ou D. Maria, para onde se retiravam pessoas reaes, ella ahi morreu na flôr da mocidade e no esquecimento completo; esses epitaphios que se encontram no pavimento da nave meridional do Mosteiro: «*Sepultura de... noviça de dezenove annos.* Outra: *Faleceu de 18 annos, sendo professa de 5 semanas.* Outra: *Faleceu sendo noviça de 17 annos.* E tambem: *Faleceu de 15 annos, sendo noviça...* Por ultimo: *Faleceu de 13 annos, sendo noviça,*» [1] estes epitaphios fazem-nos sentir a pezada atmosphera em que foi asphyxiada aquella alma delicada. Pobre *Arima!* idealisou-te Bernardim Ribeiro, sentidamente, por que bem conhecia o mysterio do teu nascimento. É esta uma das narrativas episodicas mais bellas do *Livro das Saudades.*

Como já observámos, um fragmento da Novella, conhecido pelo titulo de *Menina e Moça*, circulou manuscripto ainda em vida de Bernardim Ribeiro (apographo de Madrid, e texto da edição de Ferrara.) N'esta parte

---

no caixão do morto (Guifões junto a Mattosinhos) para *passar a barca* ou *a ponte* (Cimbres, concelho de Mondim da Beira, e Sinfães no Minho) e que dá entrada no céo (Bragança). Egual costume se conserva ainda em França, (no Jura e no Dorvam.) Vid. *O Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições,* vol. I, p. 205.

[1] *Op. cit.*, p. 85.

contém-se a aventura amorosa de *Arima e Avalor;* sendo conhecida na côrte de Dom João III, quando o Conde da Castanheira estava na omnipotencia do seu favoritismo e orgulho, não admira que desagradasse a referencia allegorica a D. Alvaro de Athayde, e que provocasse um certo resentimento contra o poeta. D'aqui a insistencia de Sá de Miranda em attribuir, em 1534, na Ecloga *Aleixo*, a causa da ruina mental de Bernardim Ribeiro, ao ter voltado á vida de *palaciano*, em ter-se deixado envolver pelas intrigas do *paço*. E por que motivo alludiria Sá de Miranda ao favoritismo de D. Antonio de Athayde, ao representar na sua Ecloga a historia desgraçada dos amores de Bernardim Ribeiro? No texto de 1595 vem uma manifesta allusão ao neto da *Maria Pinheira*, visado pelas Satyras anonymas da côrte:

> *A la sombra de aquel Pino*
> *Que a tal dicha se plantó,*
> No lia por mucho, no,
> Que tido el campo vezino,
> De la su rama asombró.

Nas anecdotas da côrte havia uma certa malicia ao fallar na genealogia de *Pinheiros*, como encontramos na *Memoria de Ditos e Sentenças de Reis e Princepes:* «Vindo hũ fidalgo no paço a tratar como nas mais das fidalguias de Portugal tinham entrado gerações mais baixas, vendo chegar o Regedor, disse o Conde da Castanheira, que era um dos da congregação: — Aqui vem o senhor

Regedor, que dará seu voto n'isto; posto que lá com os seus *Silvas* tem uns *Lemos.*

«E por que o Regedor sabia que *a avó do Conde fôra uma molher chamada* Catharina *Pinheira*, respondeu-lhe:

«—Antes eu para o meu jardim tomara hũa limeira, *que hũ pinheiro.*» [1]

Junto do verso de Sá de Miranda: «*De aquel gran pino à la sombra*» escreveu mão curiosa uma cota, em letra do seculo XVII: «*inde a occasião do sentimento dos Athaydes.*» D. Gonçalo Coutinho tambem attribuira á Ecloga *Aleixo*, o ter «concitado em seu dano *hũa pessoa muito poderosa daquella éra.*» [2] Mas Sá de Miranda era bastante prudente para fazer uma provocação ociosa; no seu intimo pezar pela alienação de Bernardim Ribeiro, ligou irreflectidamente á omnipotencia do valido de D. João III a sobreexcitação do poeta, a quem tomariam contas do quadro dos ambiciosos e frustrados amores de D. Alvaro de Athayde por D. Maria, a filha bastarda do rei D. Manoel, recolhida em Odivellas e já a esse tempo sepultada. Todo este conjuncto de circumstancias nos aproxima quanto possivel da realidade e verdade da historia de *Arima e Avalor.*

4.º EPISODIO: *Aventuras de Avalor depois do desappareeimento de Arima.*—Como o fragmento da *Menina e Moça* só chegava até

---

[1] Ms. 1126, fl. 69. Arch. nac.

[2] Vid. *Sá de Miranda e a Eschola italiana*, p. 198.

ao capitulo XVII da segunda parte (no apographo de Madrid, e edições de 1554-9), infere-se que o poeta continuára a escrever a Novella até ao final da historia dos *dois amigos*, secretamente para si, podendo fixar-se o termo da sua elaboração em 1534. As aventuras de *Avalor* resentem-se no seu entrecho da decadencia mental do poeta; os amores de *Donanfer* (anagramma de Fernando) com *Zicelia* (Cecilia) que elle abandona por *Olania* (Oriana) e que Avalor torna a restituir á antiga sympathia, encobrem por certo casos reaes, que não interessa investigar, pois que não esclarecem a vida do poeta. Outras aventuras, como as de *Lamberteu* (Bertlameu) com *Loribaina* (Briolania) a qual amava *Jenao* (Joane) com quem veiu a casar, tambem em nada aproveitam á investigação litteraria.

III. *Conclusão da Historia dos dois Amigos*

No capitulo XXVI da segunda parte do *Livro das Saudades*, é que se falla em *Tasbião*, que estava no castello da Dona (a mãe dos Ribafria) e que vae em soccorro do pae de *Belisa*, que fôra raptada por *Fabudarão*. Romabisa, que até então o não amava, depois da partida é que se apaixona vehemente por elle. Ha depois um grande salto na historia de Tasbião, tratando-se dos amores saudosos de Romabisa nos capitulos XLI, XLII e XLIII. *Romabisa* vae á procura de Tasbião, (cap. LI) reconhece-o em um combate, (cap. LII) e pede a Lamentor que o liberte (cap. LIII a

LVI); e por influencia d'este cavalleiro casa a final com Tasbião. (Cap. LVII e LVIII.) Quando Lamentor estava nos paroxismos, diz a Tasbião: «vos peço, como verdadeiro amigo, que á senhora Romabisa deis o galardão que sua tanta virtude merece, e seja com *vos casardes ambos*, e por que sei que o fareis, por quem ella é, e vos merece. Quero que olheis polos de minha casa, pagando-lhe seus serviços, *recolhendo* pera a vossa, *minha filha... que* se lhe Deus der vida, *bem herdada fica pera a casardes;* e senão, seja vosso, que bem mereceis tudo o que vos fizerem. — E Tasbião e Romabisa, que morto viram Lamentor, fizeram por elle tal sentimento... tomando comsigo a Ama e a *Arima (que pouco havia que chegaram do mosteiro onde seu pae a mettera)*, fazendo tudo o que lhe encommendára... fazendo da fazenda de Lamentor como sua, etc.» Segundo as noticias genealogicas, Manoel Tavares *(Lamentor)* morreu novo, e solteiro; pela Novella se deprehende que Arima, a filha de sua irmã D. Isabel Tavares, saíra temporariamente de Odivellas, mas a herança dos bens por Sebastião Dias Zagalo e sua mulher D. Ambrosia Gonçalves, bem provam que *Arima* pouco sobrevivera, morrendo na clausura. Na historia dos *dois amigos*, Tasbião «viveu tão contente por escapar de tantos desastres que correra...» E Bimnarder? D'elle, disse Lamentor: «que se namorou de Aonia,... e *não na quiz pedir por mulher, que lha não negára...»* Triste consolação para mais lhe amargurar o passado.

§ V. A lenda amorosa de Bernardim Ribeiro

Quanto mais se procurasse obliterar os traços de realidade que resaltam das Eclogas e Novella de Bernardim Ribeiro, tanto mais a imaginação suscitada pelas emoções vivas procurava descobrir a verdade velada sob essas allegorias pastoraes e cavalheirescas. Tratavam-se ahi *amores do paço*; e segundo a tradição dos trovadores, que amavam princezas e morriam por ellas, Bernardim continuando a exaltação do lyrismo occitanico, com certeza lançára muito alto os seus olhos, e o seu ideal tomava a vaga apparencia de uma princeza. A prohibição da *Menina e Moça* no *Index Expurgatorio de 1581*, parecia obstar á revelação de alguma intriga de côrte. Ao seculo XVII chegou a lenda de que fôra a infanta D. Beatriz, filha do rei D. Manoel, a eleita dos pensamentos de Bernardim Ribeiro; consignou esta lenda com a maxima boa fé Manoel de Faria e Sousa, na *Europa portugueza* e no Discurso dos Sonetos, da *Fuente de Aganipe*. [1] D'elle se vulgarisou extremamente até

---

[1] Lê-se na *Europa portugueza:* «Oygamos un de los más raros exemplos de amor en un pecho, y de pena en un amante. Bernardin Ribeyro, hombre noble, y de nobilissimo ingenio, amava cordeal y puramente a esta Princeza (D. Beatriz), por que ella, como apreciadora de la Poesia benemerita, le honrava y favorecia con escuchar cuidadosamente sus versos, por que no eran ellos en lo afetuoso para oyrse con descuydo.

Costa e Silva, e até Garrett, deslumbrados por uma impressão em vez de discutirem a lenda, que não resiste á critica. A' primeira investigação se reconhece, que a dama idealisada não podia ser a infanta D. Beatriz, que saíu de Portugal aos dezesete annos, quando o poeta contava trinta e nove annos de edade. De mais, como se sabe pela *Historia de Genova*, por Spon (t. I, p. 359), D. Beatriz era de tal fórma enfatuada da sua aristocracia, que para não ser insultada pelos burguezes em Genova, foi preciso declarar-lhes, que eram assim os costumes em Portugal. Como é que uma dama com esta hombridade insupportavel poderia acceitar o amor de um

---

Viendo él agora que se le ausentava ella, corriò a ponerse en la mas alta cumbre de la roca de Sintra, adonde, con los ojos inmobles en el baxel que la llevava (como el Aguila en el Sol que la examina) estuvo elevado hasta que le perdió de vista. Pareciole que para quien avia perdido tal amparo se avia acabado el mundo: y olvidado de todo lo que no fuesse el dolor de aquella ausencia, se dió á la vida solitaria en aquel propio sitio. Alli compuso aquel *Libro* tan estimado que intituló *Saudades:* ya por las que Beatriz le dexó a él de su estimacion, ya por las que llevava ella de su patria. Passó de hermitano en esta Sierra a peregrino en Italia. Vió todas sus grandezas, y teniendo por mayor que todas su pena, y el motivo della, bolvió por Saboya. Sabiendo alli que Beatriz (no perdiendo la piedad de princepes portuguezes, aunque perdiesse el vivir entre ellos) salia en horas señaladas a ponerse en una puerta para dar limosna a los pobres, introduxose entre ellos para verla; y ella, reconociendole, mandole que no se detuviesse en la Ciudad, por que ya eran passados los dias de los entretenimientos antigos de Palacio. Obedeciola en esto, mas no en acetar un socorro gruesso que le ofrecia para bolverse;

fidalgo de provincia e poeta dos serões do paço? A lenda era incongruente; mas em todas as tradições existe um fundo de *verdade*, que importa destacar d'entre os complexos aspectos subjectivos, com que as impressões e credulidades individuaes se vão syncretisando com os factos reaes. Obscurecem-os totalmente, mas ainda assim conserva-se sempre o residuo de uma realidade. É este residuo uma das grandes descobertas da critica moderna, que tem feito com que a luz historica penetre profundamente no passado humano, lendo a verdade contida nos seus mythos, nas suas tradições, nos seus poemas. Não desprezemos as tradições; saibamos lêl-as.

---

y, buelto a la patria, fue fin de la vida el de la peregrinacion. Deviose un escrito tan afetuoso a tan elevado amor: un amor tan notable a tan virtuosa Princeza; un vivir tristissimo a tanto sentimiento; y un morir de puro sentido a tanta pérdida.» (T. II, P. IV, cap. 1.)

Na *Fuente de Aganipe o Rimas varias,* diz tambem de Bernardim Ribeiro: «Era natural de la Villa del Torram, hidalgo de nascimiento, i jurista de professiõ. Diose tanto a las amorosas passiones, i tristezas, i soledades, que de noche se quedava algunas vezes por los bosques, i a las margenes de los rios, gimiendo i llorando. Resultóle esto de aver dado en el desatino de enamorar-se profundamente de la Infanta D. Beatriz, hija del Rey D. Manuel, i ella, con irle dando cuerda (burlas de Palacio) le acabó de rematar. Escribio sus Eglogas, i otros versos a estos amores: i sus prosas intituladas la *Menina i moza* ó *Saudades* de Bernardin Ribeiro, despues que perdió de vista la Infanta, que fue quando la llevaron a su marido, el Duque de Saboya IX en el titulo, i III en el nombre de Carlos. Sucedió esta ausencia el año 1521 i a ella escribió la Cancion, que empieça assi: *Desque o meu sol,* etc. (P. I, Disc. de los Sonetos, n.º 4.)

Qual o fundo de *verdade*, na lenda dos amores de Bernardim Ribeiro com a infanta Dona Beatriz?

A coincidencia da saída de Bernardim Ribeiro de Portugal, pouco depois da partida da infanta para Saboya em 1521, viria com os vagos rumores do tempo em que os acontecimentos se foram obliterando, a explicar-se por um mysterioso amor. Hoje, pelo conhecimento que ha, de que a ama da infanta, Ignez Alvares Zagalo, era a mãe de *Aonia*, e que ella a acompanhou para Saboya com sua filha mais nova Francisca Tavares Zagalo, reconhece-se que em volta da infanta se fallaria muitas vezes no amor exaltado de *Bimnarder*. Ignez Alvares Zagalo bem sabia o segredo dos amores de sua filha Joanna, que até certo ponto protegera; é pois natural que tendo ido Bernardim Ribeiro á Italia, como se declara na Ecloga *Alcixo*, fosse a Saboya visitar aquella que tanto o protegera de pequenino, e melhor do que ninguem conhecia a irremediavel decepção dos seus affectos pela desgraçada senhora então recolhida em um Convento de Extremoz. Com certeza a infanta D. Beatriz teve conhecimento da visita do poeta em Saboya, por via da sua ama. Porém, como estes elementos de verdade se confundiram nas imaginações enthusiasticas! O drama de Garrett, *Um Auto de Gil Vicente*, sobre esta lenda que se tornou banal, é apesar de tudo sempre bello; ficava verdadeiro com um leve retoque, substituindo a peripecia final de ir despedir-se da infanta, por — ir saber se Joanna Zagalo, que desapparecera, occultando-se no Convento de Ex-

tremoz, acompanhava com sua mãe a infanta para Saboya.

Herculano procurou fortalecer a lenda com um vislumbre de realidade historica, e no *Panorama* publicou uma relação manuscripta da Bibliotheca real, da primeira metade do seculo XVI, que tratava da ida da infanta D. Beatriz para Saboya. Eis o trecho com que sustentava a hypothese: «Em Niça estiveram outo dias, nos quaes alguns justaram, e o duque deu banquete aos portuguezes; e ao cabo de outo dias partiu com a infanta para Piamonte; e á partida a infanta se achou só em uma faca, com dois moços de estribeira; e como ia de cá costumada a andar de outra maneira, achava-se corrida, e não soube que fazer senão tornar-se ás lagrimas, por que a mór parte dos portuguezes eram já tomados para se embarcar. E alguns outros, que por a servir aqui se iam acompanhar, não o consentiram, que assim lhes era ordenado do duque, e ao passar da ponte, uns cem alabardeiros lhes puzeram as alabardas nos peitos, e não consentiram que passassem ávante. D'este documento, que explica a indisposição contada por Spon, quiz Alexandre Herculano «deduzir violentas suspeitas dos amores da infanta com o poeta. A má vontade com que ella desembarcou, mostra que este casamento não lhe era demasiadamente grato;... Mas como se explicará o procedimento d'aquelle princepe (sc. o duque) depois de desposado com a infanta, para possuir a qual, tantas diligencias fizera por alguns annos? Que causa poderia haver para affrontar os senhores e cavalleiros portuguezes, e, o que mais é de

admirar em uma época na qual as tradições de cavalleria não tinham acabado de todo, para maltratar tão indignamente não só a infanta, mas as damas do seu sequito? Um motivo houve, por certo, para tão repentina mudança de proceder; a noticia dos amores da infanta com um cavalleiro portuguez teriam chegado aos ouvidos do senhor de Vallaison (Claudio) que revelaria a seu amo, depois das nupcias o terrivel segredo que levára de Portugal, e que por ventura o receio de que entre os que na viagem a acompanhavam existisse o seu rival, e de que algumas das damas o favorecesse, viesse a accender o ciume do duque, e o obrigasse a partir logo para o Piemonte, embargando tão asperamente o passo aos cavalleiros, que iam apoz ella com intenções cortezes. A leitura attenta da memoria parece dar grande peso á conjectura que fazemos.» [1]

É uma hypothese explicando outra hypothese; não o interpretaria Herculano assim, se conhecesse então as luctas da Reforma nas cidades burguezas da Italia, e o desagrado em que este casamento caíu em Genova. Por outro lado temos outros documentos, como a carta do licenciado Alvaro Annes, na qual descreve os costumes italianos, que deviam tornar a infanta de uma soberba insupportavel. Lêse na referida carta: «A' noite *os castiçaes da mesa das damas são pães, e mettem candeas de cebo n'elles; e assim estão tambem*

[1] *Panorama*, vol. III, p. 276-8.

na mesa do Duque.» [1] Que impressão em quem vivera na côrte opulenta de D. Manoel, aonde se fazia o estendal das riquezas da India! Estes costumes eram caricaturas provocadas pela differença observada por fidalgos catholicos e cesaristas que aborreciam as ideias da Reforma e a independencia burgueza da Italia. É crivel que o duque de Saboya visse mallogrados os seus planos politicos com a subida ao throno de D. João III, partidario e instrumento de Carlos V, que absorveu a independencia da Italia. A publicação do documento achado por Herculano e as suas illações ainda sustentaram a lenda, que se dissolveu em soláos sensiveis e melancholicos romances. A lenda dos amores da infanta D. Beatriz caíu deante dos documentos historicos publicados por Claretta, pelos quaes a vêmos bondosamente resignada á mediocridade da Casa de Saboya, n'essa terrivel época das luctas entre Francezes e Imperiaes, e extremamente dedicada a seu esposo. [2] O nome de *Joanna*, expresso nas Eclogas, e o seu anagramma *Aonia*, preponderante na Novella, affastavam toda a identificação com a infanta D. Beatriz; bem como o retrato accentuado nos versos de Bernardim Ribeiro da maviosa *Aonia*, os bellos olhos verdes, os louros cabellos ondados, diverge completa-

[1] *Corpo Chr.*, P. I, Maço 27, doc. 65, na Torre do Tombo.

[2] Vejam-se as *Notizie storiche intorno alla vita ed ai tiempi di Beatrice di Portogallo, duchesa di Savoia.* (Turim, 1863.)

mente do retrato authentico de D. Beatriz, que se conserva em Turim. [1]

Garrett, com o seu fino criterio acceitando a lenda do seculo XVII como poeta, separa em uma nota do poema *Camões* os factos reaes implicitos n'ella: «A sua morada na serra de Cintra, a sua ida de peregrino aos Alpes, i. é, a Turim, onde se achava a infanta D. Beatriz casada com o duque de Saboya, são factos;» [2] e promettendo esclarecer este ponto no *Auto de Gil Vicente*, ahi diz: «Mas não me atrevo por ora a cumprir tal promessa. — Se elle foi ou não a Saboya, *como já cuidei averiguado*, se *andou doudo* pela serra de Cintra, tambem me não atrevo a certificar.» Agora a influencia da leitura da *Bibliotheca luzitana*, confundindo Bernardim Ribeiro com um homonymo: «O que parece mais certo é que *não morreu de paixão*, por que depois foi feito commendador da Ordem de Christo, e governador de San Jorge da Mina, onde talvez morresse de alguma carneirada: materialissimo e mui prosaico fim de tam romantica, saudosa e poetica vida. Aprendei aqui oh Beatrizes d'este mundo.» [3]

Barbosa Machado deturpára a lenda poetica de Bernardim Ribeiro com a confusão de dois homonymos, acrescentando aos dados phantasistas de Faria e Sousa, que o poeta viuvára de D. Maria de Vilhena, «de quem lhe ficou uma *filha* unica, e para testemunhar

---

[1] D. José Pessanha, ed. 1891, p. XXXIV.

[2] *Camões*, cant. IX, nota E.

[3] *Um Auto de Gil Vicente*. Nota K. Vide os homonymos de pag. 6 a 10.

o excessivo affecto que teve a sua esposa, nunca quiz passar a segundas vodas, alludindo a esta sua resolução aquelles seus versos: *Pensando-vos estou, filha,— Vossa mãe me está lembrando.*» Ha aqui tambem um facto confirmado pelo processo de 1642, a referencia ao nascimento de uma *filha* dos amores de sua prima. Porém o nome de *Joanna*, imposto pelos textos do poeta, a *hierarchia princepesca* mantida na tradição dos amores, e o appellido de *Vilhena* apontado por Barbosa, conduziam a formar uma hypothese tanto mais plausivel quanto estes elementos se concordassem.

Com tão rigorosas exigencias, com o appellido de *Vilhena* encontrámos uma *Dona Joanna*, da qual diz Garcia de Resende:

> *Uma de sangue real*
> *Que se creou em Castella...*
>
> (*Canc. ger.*, III. 576.)

De facto D. Joanna de Vilhena, terceiro fructo do casamento de D. Alvaro de Portugal com D. Philippa de Mello, fôra levada para Castella, quando seu pae se homisiou por causa da conspiração contra D. João II, e seu tio o duque de Bragança fôra executado em Evora. De Castella regressou D. Joanna de Vilhena, quando D. Manoel succedeu no throno, vindo ella por camareira de D. Isabel, esposa do novo monarcha. Davase esta circumstancia particular de D. Isabel, filha dos reis catholicos, ter morrido de par-

to, como a *Belisa* da Novella; e de mais a mais o rei D. Manoel é que fizera o casamento de *sua prima* D. Joanna de Vilhena com o conde de Vimioso. Para completar outras analogias com as allegorias de Bernardim Ribeiro, tambem D. Joanna de Vilhena, depois de viuva, em 1549, tomou o habito de freira mantelata na Ordem de Santo Agostinho em Evora. Quadravam de mais estes elementos com o fim da época de D. João II, representada pelas tristezas da Dama de lucto, que suspira pelo seu filho, e o caso da morte do princepe D. Affonso por um desastre, ao fim do passo de armas ou das terçarias. Tal foi a interpretação que démos á Novella de Bernardim Ribeiro em 1872; pareceu plausivel, e só podia ser combatida pela incongruencia de datas, aliás difficeis de fixar. [1] Mas como todas as hypotheses, estava destinada a desfazer-se ao mais leve contacto da realidade. Cumpriu comtudo o seu destino, pro-

---

[1] Na edição das *Poesias* de Sá de Miranda (p. 769) escrevia D. Carolina Michaelis: «A base em que Th. Braga assenta *a sua interpretação (aliás muito engenhosa e convidativa)*, todo o idyllio com D. Joanna de Vilhena, cáe por terra, se B. R. nasceu, como crêmos, em 1500, sendo por tanto mais novo que D. Joanna, que já era casada em 1516. Que figura deverá substituir esta dama? Uma outra D. Joanna (Aonia)? mas qual? Ou teremos de acceitar de novo a antiga legenda da infanta D. Beatriz? Não o sabemos.»

D. José Pessanha, na edição da *Menina e Moça* de 1891, resume esta interpretação, dizendo: «Figura-se tambem destruidor da *brilhante hypothese* de Theophilo Braga, o facto de ter sido a condessa de Vimioso uma esposa dedicadissima, e de se ter consagrado exemplarmente ao governo de sua casa. Isto, porém,

vocando o interesse pelas investigações historicas que conduziram a resultados definitivos.

N'este mesmo anno de 1872, publicou o diplomata brazileiro F. A. Varnhagen no seu livro *Da Litteratura dos Livros de Cavallerias* um systema de interpretação da Novella de Bernardim Ribeiro, engendrando outra lenda dos seus amores com uma dama de *hierarchia real*, e egualmente chamada *Joanna*. Diz o diplomata: «Não duvidamos que na vida d'este poeta andassem envolvidos mysteriosos amores com alguma alta personagem da côrte. Mas custa-nos a admittir que a dama fosse a que se aponta (Infanta D. Beatriz).» [1] Depois de expender o argumento das coplas de Bernardim Ribeiro incluidas em 1516 no *Cancioneiro* de Resende, e de apresentar a decifração de alguns anagrammas, expõe esta phantasmagorica interpretação:

Seja como fôr: o certo é, que decifrados os anagrammas, apparece Bimnarder apaixo-

---

não prova que por quinze ou dezoito annos, na côrte esplendorosa de D. Manoel, — n'aquella atmosphera penetrante e estonteadora de galanteria, de arte e de fausto, — D. Joanna de Vilhena se não tivesse deixado impressionar, embora fugitivamente, pelo amor de um poeta. (Pag. LIII.) E termina: Apesar de tudo, torno a dizel-o, — hesito, por ora em seguir a hypothese... (P. LIX.)

Antonio Maria de Freitas, escrevia, que se lhe affigurava «por em quanto mais plausivel a interpretação... que designou todos os personagens por nomes que, *se não são verdadeiros, são pelo menos verosimeis*, conferindo o papel de Aonia a D. Joanna de Vilhena: — *interpretação aliás a mais acceitavel de todas...*» (*Reporter*, n.º 53, anno de 1892.)

[1] *Op. cit.*, p. 117.

nado de certa dama, irmã de Isabel, mulher de Lamentor. Ora, se admittirmos que este fosse el-rei D. Manoel, resultariam os amores de Bernardim não com a filha d'este rei, mas sim com uma sua cunhada D. Joanna, a mãe de Carlos v, mulher de Filippe o Bello, e filha (como a rainha D. Isabel sua irmã) dos reis catholicos Isabel e Fernando. Em tal caso o mesmo *Filippe* corresponderia ao *Fileno* e *Orphileno* (marido de Aonia, da Novella) e o pae das duas irmãs Belisa e Aonia — um cavalleiro velho que parecia anojado em sua barba e vestido — não podia ser senão o rei Fernando o Catholico, já viuvo.» E prosegue depois de banaes considerandos: «Se a essa princeza se referem os amores, se o poeta, á maneira dos antigos trovadores, a *filhara* por senhora, em virtude de alguma mirada um pouco mais aguda, por ella menos discretamente lançada, só tal poderia haver tido logar sendo ella mui joven e antes de casar-se. Nascida em 1479, passou a Flandres a reunir-se ao seu esposo, embarcando-se em Laredo em 22 de agosto de 1496. E se bem que por duas vezes veiu a Castella, era muita a paixão que tinha pelo marido, para a podermos suppôr, durante esse tempo, capaz da mais innocente coquetaria. Acompanhára por ventura Bernardim Ribeiro a D. Alvaro, quando em 1496 passou a Castella a cuidar a possibilidade de pedir o rei D. Manoel a mão da viuva (D. Isabel), nóra de D. João II? A Novella envolve episodios de um Alvaro *(Avalor)*. Falta examinar se a infeliz desterrada de Tordesillas tinha olhos verdes, tão celebrados pelo poeta. — Se esses

amores foram reaes, ou se pelo menos o publico chegou a acredital-os, bem poderia isso haver sido a causa do despacho do poeta para governar a fortaleza de Mina, em Africa.» (P. 125.) Varnhagen n'esta interpretação verdadeiramente inconciliavel pelas datas, acabou por caír na confusão da individualidade do poeta com um dos seus homonymos do seculo XVI. Fez reparo no *velho cavalleiro anojado em sua barba e vestido*, que era pae de *Belisa* e de *Aonia;* porém o soccorro que elle pedia contra o que lhe raptára sua filha desfazia toda a identificação com Fernando o Catholico. Só mais tarde pelos dados genealogicos é que se determinaria que era Sancho Tavares.

A inanidade ou insegurança d'estas varias lendas e interpretações tanto dos amores como das Eclogas e Novella de Bernardim Ribeiro provinha de se procurar em uma *hierarchia principesca* a dama idealisada pelo poeta. Começou-se a determinação da realidade em 1886, quando o visconde de Sanches de Baena teve conhecimento do Manuscripto do regrante D. Flaminio de Jesus Maria sobre a genealogia da familia dos Zagalos: «observei que desde o reinado de D. João II, os Zagalos se prendiam por allianças de parentesco com os Ribeiros do Torrão, e figurou-se-me que a origem da Novella da *Menina e Moça* andava alli representada n'uma D. Joanna Tavares Zagalo, parenta do poeta Bernardim Ribeiro; mas, desviado então por affazeres que me absorviam todo o tempo, puz de lado essa investigação para mais tarde, ou para quando um feliz acaso me deparasse o

celebre fio de Ariadne.»[1] Em principios de 1892, escrevia o professor Antonio Maria de Freitas, conhecedor d'estas primeiras pesquizas, e tomando *Aonia* como ponto de partida para a interpretação da Novella: «Talvez mesmo, que a improficuidade dos trabalhos feitos n'esse sentido... provenham de se ter procurado pelas mais altas regiões a mulher amada por Bernardim Ribeiro.

«Suggere-me esta reflexão o facto de uma parenta d'elle, *D. Joanna Tavares*, dos Zagalos do Torrão ter ido com a duqueza de Saboya para a Italia (confundiu-a com a irmã D. Francisca Tavares, collaça da infanta) e casada lá, sob a protecção da mesma duqueza, com João Duyn, barão de Vala-Ilera, senhor de Cambefort e visconde de Tarentaire.

«*Aonia* seria o anagramma d'esta Joanna? Ignez Zagalo, mãe d'ella, será a *Enis* da Novella, que parece não ser contraria aos amores de *Bimnarder* (Bernardim com *Aonia*)?

«Talvez que por aqui se possa abrir caminho mais viavel.»[2] Por um extraordinario capricho da sorte, coube ao professor Freitas (Nicoláo Florentino) a ventura de descobrir o documento judicial de 1642, que projecta um fóco de luz sobre a vida de Bernardim Ribeiro. Esse documento veiu comprovar os dados genealogicos já achados e conjunctamente com estes converter em realidades as apaixonadas allegorias do poeta.

---

[1] *Bernardim Ribeiro*, p. 15. Lisboa, 1895. (É as genealogias dos Ribeiros e Zagalos documentadas.)

[2] *Reporter*, n.º 53, de 9 de março de 1892.

É então que se reconhece sob a efflorescencia das mentirosas lendas os residuos de verdades obliteradas pelo tempo e pelo syncretismo de impressões subjectivas: é explicavel a entrada da figura da infanta D. Beatriz n'este drama amoroso, por que a mãe de *Aonia*, Ignez Zagalo a acompanhou para Saboya e lá viveu com ella, escrevendo a D. João III a favor de suas filhas e obtendo por vezes a intervenção da propria infanta-duqueza. Tambem com relação á viagem de Bernardim Ribeiro á Italia é falso o motivo dos amores da infanta, mas verdadeiro o facto de ter-se ausentado de Portugal, depois do casamento de *Aonia* com outro. Não admira que fosse a Saboya, achando-se ahi a mãe de Joanna Zagalo, favoravel aos seus amores e conhecedora de todos os segredos d'essa paixão. Sob a confusão do poeta com o capitão Bernardim Ribeiro Pacheco (que teve muitos filhos) consignou Barbosa Machado a lenda do nascimento de *uma filha unica*, que os linhagistas attribuem aos amores com sua prima. Mesmo a lenda da hostilidade do rei D. Manoel contida na noticia do *assassinato* do poeta pelos moços do monte de el-rei, adquire uma certa verdade observando que o casamento de Joanna Zagalo com Pero Gato foi por uma determinação superior, expressa por Sá de Miranda no verso: «Inimigo senhor, que tal consente...»

Penetrar a verdade das Tradições, reconstruir os factos através das impressões subjectivas que produziram, tal é o processo delicadissimo da Historia, em que se patentêa a alma do passado.

§ VI. Historia externa do texto das Obras de Bernardim Ribeiro

Em vida do poeta appareceram algumas composições lyricas suas no *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende, de 1516, das quaes sete foram conservadas entre o grupo das Cantigas e Esparsas de Christovam Falcão, que com as obras de Bernardim se imprimiram depois de sua morte, em Ferrara, em 1554. É natural que outras muitas composições de Cancioneiro se perdessem ou ficassem manuscriptas em collecções hoje desconhecidas. Ainda em sua vida appareceu a Ecloga *Trovas de dois Pastores*, publicadas em 1536, texto que diverge fundamentalmente do que se achou depois da sua morte entre seus papeis, que vem na edição de Evora de 1557. Perderam-se tambem algumas composições lyricas em que elle ensaiára a metrificação e estylo da Eschola italiana, facto comprovado por Sá de Miranda e por uma Canção até hoje inedita. Além dos versos do *Cancioneiro* de Resende, mais alguns se reuniram na collecção que serviu á edição de Colonia de 1559, mas que foram desconhecidos nas duas edições portuguezas quinhentistas; e ainda no seculo XVII appareceu inedito o romance: *Ao longo de uma ribeira*. Que muitas composições de Bernardim Ribeiro ficaram dispersas, se confirma pela Glosa que colligimos do *Cancioneiro* de Luiz Franco. As Eclo-

gas, pela successão n'ellas mantida, revelam-nos uma disposição systematica, por ventura começo de uma colleccionação tentada por Bernardim Ribeiro. Mas, a sua decadencia mental obstaria á realisação d'esse trabalho; assim os seus papeis foram encontrados sem ordem, como se lê no prologo da edição de Evora de 1557, o que se reflectiu na interpolação de alguns capitulos da Novella. Apresenta esta obra um *fragmento*, que foi publicado com o titulo de *Menina e Moça*, que parece ter circulado em vida do poeta; e a fórma integral, publicada duas vezes em Evora, em 1557 e 1578, intitulada *Livro das Saudades*. Esta ultima edição foi deturpada pela censura ecclesiastica, cortando-lhe por vezes largos trechos de capitulos; por ella se fizeram as edições de 1645 e 1785. A edição de 1852 reproduziu a primeira de Evora. Em rasão da extrema raridade das trez edições quinhentistas, tem de se aproveitar para o estudo comparativo estas duas edições accessiveis e baratas. É lamentavel que a livraria portugueza não possua uma edição critica das Obras de Bernardim Ribeiro, como este poeta tanto merece; n'ella se devera incorporar algumas composições avulsas, no genero castelhano, que se acham no Cancioneiro de Evora e em outras collecções.

Bibliographia das Obras de Bernardim Ribeiro

A) Impressas

1516

Cancioneiro geral, ordenado e emendado de Garcia de Resende, por Herman de Campos. Lisboa 1516. — A fl. 192, vem as coplas: *De Bernaldim Ribeiro a huma molher que servia e vam todas sobre* MEMENTO. (Ed. Stuttgard, t. III, p. 389.) E: *De Bernaldim Ribeiro a huma senhora que se vestiu d'amarello.* — *Cantigua sua a senhora Maria Coresma.* Outra sua: *Antre tamanhas mudanças;* Esparsas: *Sospeitas veedes m'aquy* — *D'esperança em esperança* — *Chegou a tanto meu mal.* Vilancete seu: *Antre mim mesmo e mim* — *Com quantas cousas perdy,* — *Esperança minha, hys-vos;* — *Cuidado tão mal cuidado.* (*Ibid.*, t. III, p. 539 a 544.) D'estas composições, sete vem na edição de Colonia de 1559, no grupo das de Christovam Falcão: *Antre tamanhas mudanças* (fl. CLXVII) e *Antre mim mesmo e mim* (fl. CLXI); e *Senhora n'esse amarello* (fl. CLXII, *v.*); *Com quantas cousas perdi* (fl. CLXIX); *De esperança em esperança* (Ibid. *v.*); *Chegou a tanto o mal* (fl. CLXIX, *v.*); *Cuidados do meu cuidado* (Ibid.)

Outras composições de Cancioneiro não colligidas nas edições vulgares, e que escaparam a Garcia de Resende, se encontram na

edição de Colonia, de 1559; e na edição de 1645 ainda se publicou um Romance, que ficára inedito. É acceitavel a presumpção de que no *Cancioneiro d'Evora* certas Cantigas que precedem a do *Capitão Bernaldim Ribeiro*, sejam do poeta, pela belleza e especialidade do assumpto idealisado.

1536

Trovas de dous Pastores, s. Silvestre e Amador. *Feytas por* Bernaldim Ribeyro. *Novamente empremidas. Com outros dous romãees com suas grosas*, que dizem: *O' Belerma*. E *Justa fué mi perdicion*. E *Passando el mar Leandro*. Semi-gotico.

Folheto in-4.º de quatro folhas a trez columnas não numeradas. Consultámol-o na Bibliotheca nacional; descreve-o a edição de 1852, mas sem lhe ter examinado o texto: «tem por frontispicio uma gravura tosca, com dous pastores Silvestre e Amador em attitude de conversarem junto a uma ermida, que collocada no centro dos interlocutores os separa um do outro.» (P. 316.) É a primeira edição da Ecloga III de Bernardim Ribeiro nas edições de 1557 e 1559, tendo a mais uma *Canção em eccos*, ligada pela seguinte rubrica: *Aqui vae bradando e responde-lhe um Ecco.* Como é patente, saíu impressa ainda em vida do poeta, mas não por sua consciente vontade; elle achava-se em um gráo muito adiantado da melancholia que o levou á alienação incuravel. É natural que o livreiro ajuntasse a esta Ecloga outras peças extranhas para

completar o folheto. As glosas do romance *Oh Belerma*, e da Volta *Justa fué mi perdicion*, condizem com a situação amorosa de Bernardim Ribeiro; mas o Soneto da terceira e ultima columna, para caber na qual foi preciso quebrar os versos endecasyllabos, não lhe pertence. Começa:

Passando el mar Leandro el animoso

Apparece este Soneto nas Obras de Boscan, (Ambers, Martin Nucio, 1556, a fl. 121.) mas pertence a Garcilasso, seu verdadeiro auctor, ao qual foi restituido na edição das suas Obras (Salamanca, 1577, fl. 68 *v.*) Como se sabe, as Poesias de Garcilasso foram encontradas pela viuva de Boscan entre os papeis de seu marido; não admira pois, que na edição das Obras de Boscan (Barcelona, 1543) se lhe attribuisse este Soneto, que é um desenvolvimento do Epigramma de Martial:

Dum peteret dulces audax Leander amores

É para admirar como em 1536 se imprimia em Portugal este Soneto de Garcilasso, morto desgraçadamente n'este mesmo anno. Colligira-o Bernardim Ribeiro na época em que esteve na Italia? Tambem Sá de Miranda lia por esta época as Poesias de Garcilasso em collecção inedita; e elle proprio tratou este thema delicadamente em um Soneto que andou manuscripto por Hespanha. Nas *Flores de Poetas illustres de España*, por Pedro

Espinosa (ed. de Quiros de los Rios, t. I, p. 336) vem uma extensa nota sobre as differentes composições ácerca do thema de *Leandro e Hero*, em Sonetos, Romances e Poemetos de varios poetas castelhanos. Falta-lhe apontar o *Soneto viejo:* «Hero del alta torre do mirava» que vem no *Cancionero general* de Hernando del Castillo, fl. CCCC *v.*, com uma Glosa em outavas.

As *Trovas de dous Pastores* divergem fundamentalmente do texto da Ecloga III nas edições completas. Não se podem aqui apontar todas as variantes, por que seria preciso reproduzir as 53 estrophes de que consta a Ecloga. Consignaremos alguns factos mais extraordinarios: Logo depois da estrophe 4.ª, vem esta a mais na folha volante:

Pois que sam tã magoado
nam quero nunca prazer,
já sam mais que sepultado
tam certo de me perder,
sem perder hũ só cuidado.
De todo bem desesperado,
pois me desespera quem
me quer mal que nã lhe quero
nam lhe quero se nam bem
se nam bem que nam espero.

E a estrophe 5.ª apresenta mais variantes:

Todos fogem já de mi
todos me desempararam,
meus males *só se dobraram*
para me darem a fim,
com que nunca se acabaram.

Nam sey já polo que espero,
nem que espero de fazer,
perco-me polo que quero,
nam m'acabo de perder,
por que mais perdas espero.

Em compensação, faltam na folha volante de 1536, as estrophes 6.ª e 7.ª da Ecloga III:

— Oh meus desditosos dias, etc.

— Acceitei ser namorado, etc.

Na estrophe 9.ª ha troca de versos; a 11.ª antepõe-se á 10.ª, na folha volante. A' estrophe 20.ª seguem-se a 23.ª, 21.ª, 22.ª; depois da estrophe 30.ª seguem-se a 32.ª, 33.ª, 34.ª e 31.ª, na folha volante; e a estrophe 35.ª apresenta as variantes:

Pêsa, mas que aproveita
esta vontade *engeitada,*
a verdade he enganada
mas a vontade sogeita
nam póde ser magoada.
Nam cures de t'aqueixar
que nam t'ade aproveitar
por que mal tam desigual
nam ha nelle menor mal
nem bem pera s'esperar.

Falta na folha volante de 1536 a estrophe 51.ª:

Tempo é de vos deixar

A estrophe 52.ª tem a rubrica *Amador*, que diz, alterando por isso o sentido do dialogo:

> *Já não* verei vir *berrando*
> os novilhos furiosos,
> seus pescoços *coleando*...

E a estrophe 53.ª tem como rubrica fóra do dialogo *Fim*. Os dois Pastores fallam em varias circumstancias. Na estrophe 20.ª não vem o nome de *Amador*, que falla na estrophe 23.ª; na 24.ª *Diz Silvestre a Amador;* na estrophe 30.ª não vem o nome de *Amador*.

Ha constantes alterações de versos e frequentes transposições nos dois ultimos versos de muitas estrophes. É indispensavel colligir estas variantes para uma edição critica. Deprehende-se d'este exame, que as *Trovas de dois Pastores* são a primeira redacção da Ecloga III, que foi insistentemente retocada pelo auctor, imprimindo-se como fôra encontrada entre seus papeis. A folha volante de 1536 perdeu-se por muito tempo, e já era desconhecida em 1557.

1554 (1.ª Edição)

Hystoria de Menina e Moça, por Bernaldim Ribeiro, agora de novo estampada e com summa diligencia emendada, e assi al-

gũas Eclogas suas... Em Ferrara. 1554. Pequeno in-8.º

Cita esta edição como rarissima Brunet, no *Manuel du Libraire*, t. IV, col. 1273 (Ed. 1863.) Depois da transcripção do titulo, escreve: «A edição de 1554 é muito rara, e vendeu-se um bello exemplar d'ella encadernado em marroquim rôxo, por 80 fr. 50 c. em dezembro de 1822; por 3 libras e 1 sh. outro encadernado em marroquim vermelho, Hanrott; faz suppôr que houve outro mais antigo não citado pelos bibliographos. Nem o auctor do *Summario* (sc. da *Bibliotheca lusitana*) nem Antonio (sc. Nicoláo Antonio, *Bibliotheca nova*) conheceram esta edição.»

Apesar de Brunet não a descrever como ella merecia, deixa as seguintes aproveitaveis indicações, ao fallar da edição de 1559: «n'ella se acha, *como na de 1554*, uma longa Ecloga de Christovam Falcão, chamada *Crisfal*, contemporaneo de Ribeiro;... o resto do volume é preenchido por poesias do mesmo Falcão.» E fallando das edições que se reproduziram até á de 1785, accrescenta: «póde, ao que parece, applicar-se tambem á de 1554, que tivemos á vista, mas de que nos descuidámos de fazer a descripção.» Cita mais a opinião de Sismondi ácerca do seu texto incompleto: «*mais il n'est qu'un fragment.*» É mais uma parecença com o texto de Colonia, que termina abruptamente no capitulo XVII da segunda parte.

Sabe-se que a *Menina e Moça* não se publicou em vida do poeta; no processo que se debateu depois da sua morte em 1552, diz-se d'elle: «conhecido *pelos seus versos intitula-*

dos MENINA E MOÇA.» Esta phrase mostra que justamente se conhecia o poeta, mas não se formava ideia da sua Novella *em prosa*, encontrada então entre os seus papeis.

N'esta edição de 1554 a phrase *de novo estampada* significa pela primeira vez, e *com summa diligencia emendada*, exprime o trabalho de trasladar a Novella dos borradores e pôr em ordem capitulos baralhados, e de difficil leitura.

Por que se faria esta primeira edição em Ferrara, na Italia, pouco menos de dois annos depois da morte do poeta? Como se sabe, D. Francisca Tavares Zagalo, irmã de D. Joanna Tavares (a decantada *Aonia*), acompanhou sua mãe, ama da infanta D. Beatriz, para Saboya em 1521, e lá casou com João Duyn, barão de Vala-Ilera, senhor de Cambefort, visconde de Tarentaire. Seria pela communicação aos Zagalos ausentes de Portugal, que se imprimiram as obras de Bernardim Ribeiro em Ferrara.

1557 (2.ª Edição)

Primeira | e segūda parte do | livro chamado as | saudades de Ber | nardin Ribeiro | com todas suas o | bras Treladado | de seu proprio ori | ginal Novamen | te impresso

1557. (A la fin) *Imprimiose estas obras de Bernaldin Ribeiro na muito nobre e semp.~ leal cidade de Evora em casa de Andre de Burgos cavaleiro e imprimidor da casa do Cardeal iffante nosso señor: aos trinta de Janeiro de MDLVIIJ.* in-8.º pequeno, semi-

gothico, fl. CCLXXXI e mais 5 de index não numeradas.

(Bibl. nac. — Reservados, n.º 24.)

«Aos lectores

«Foram tantos os traduzidores d'este livro, e os pareceres em elle tam diversos, que nam he de maravilhar que na *primeira impressam desta historia*, se achassem tantas cousas em contrairo de como foram pello auctor delle escriptas. Porque natural he ho que cada hum comsigo determina (dado que errado) isso cree, e nisso assenta: ho que paresce que foy causa de *andar este livro tam vicioso e com palavras tam differentemente postas das que deviam ser.* E por que ha dor desta chaga se nam podia curar sem se buscar ho madronho, conveo tirarse a *limpo do proprio original seu*, esta primeira e segunda parte todas enteiras (lê-se: *enteriras*) pera que muy certo *conheça quē ler huã e outra ha differença dambas.* Tambem cumpre muito, as pessoas que ha lerem, que seja com aquella preeminencia que obra tam saudosa e triste merece. Porque se a todos (em seu gráo) he devido este dechoro, a esta mais que a outra nhũa he necessariamente forçada.» (Fl. II.)

As Eclogas começam a fl. CCXVIII. A Ecloga V, traz a rubrica: «*ha qual dizem ser do mesmo auctor.*» (fl. CLXI *v.*) — É signal de que não foi achada entre os originaes, mas communicada ao compilador.

Não traz esta edição o Romance: *Ao lon-*

go de uma ribeira, que só appareceu na edição de 1645; nem as composições de Cancioneiro, que se acham na edição de 1559, as sextinas, *Hontem poz-se o sol e a noite;* e as Cantigas, *Não sam casado, senhora;* e *Pera mim nasceu cuidado.* Comtudo o compilador refere-se a uma primeira edição incompleta, que é indubitavelmente a de Ferrara de 1554, (reproduzida em 1559 na de Colonia, segundo Brunet), que traz 17 capitulos na Segunda Parte, emquanto que a de Evora tem 58 capitulos.

Não foi amputada pela censura ecclesiastica por ser anterior a ella; por esta se fez a reproducção da *Bibliotheca portugueza*, de 1852, tendo de abandonar as folhas já impressas sobre a edição deturpada de 1785.

1559 (3.ª Edição)

Historia de Menina e Moça de Bernardim Ribeiro, de novo estampada... e assi algũas Eglogas suas. Em Lisboa, por Francisco Grafeo, a 20 de Março de 1559. Peq. in-8.º de CLXXI fl. numeradas, comprehendendo o titulo. No verso da ultima folha vem a marca e nome do impressor. Colonia, por Arnald Birckimann, 1559.

Conhece-se o exemplar que pertenceu á Livraria de Gomes Monteiro, e que se conserva no Museu Britanico. Citou-o o Diccionario da Academia no seculo passado. Brunet equipára-a á de Ferrara de 1554, por ter tambem o *Crisfal* e outras poesias de Christovam

Falcão, que completam o volume. (Faltam na edição de Evora.)

A Novella da *Menina e Moça* chega até á fl. LXXX, e fica incompleta no cap. 17 da Parte II, com um *Laus Deo*. D'ahi até á fl. CXXX vão as *Eclogas;* e até ás fl. CXXXII, acham-se a sextina: *Hontem poz-se o sol, e a noite* e as *Cantigas com suas Voltas que dizem ser do mesmo Autor: Nam sam casado, senhora*. Outra: *Para mim naseeu cuidado*. (Tambem faltam na edição de Evora.)

Desde a fl. CXXXII *v.* até á fl. CL, estão as cem decimas da Ecloga *Crisfal;* a fl. CLI, a *Carta do mesmo estando preso*, e de fl. CLIII a CLXXII, Cantigas, Esparsas, de que se diz no Indice (do v. do frontispicio): «*E outras cousas que entrelendo se poderam vêr.*» Quererá isto dizer, que lendo mais facilmente se poderam aproveitar d'entre os papeis deixados pelo poeta? Entre estas Cantigas achamse sete que já figuram no *Cancioneiro geral* de Resende com o nome de Bernardim Ribeiro, e começam: *Antre camanhas mudanças* (fl. CLXVIII); *Antre mim mesmo e mim*. (fl. CLXI); e *Senhora, n'esse amarello* (fl. CLXII *v.*); *Com quantas cousas perdi* (fl. CLXIX); *De esperança em esperança* (fl. CLXIX *v.*); *Chegou a tanto o meu mal (ib.); Cuidado de meu cuidado (ib.)* Com variantes no *Cancioneiro* de Resende (t. III, 538, 540 a 544.) Outras duas Cantigas já apparecem em nome de Francisco de Sá de Miranda no *Cancioneiro geral*, e são: *Coitado, quem me dará;* — *Commigo me desavim*. Leva isto a suppôr que n'esta parte se encontrarão composições d'estes trez amigos por que tiveram uma certa intimidade artistica.

Traz esta edição a seguinte nota: «Vende-se a presente obra em Lisboa, em casa de Francisco Graffeo; acabou-se de imprimir a 20 de março de 1559 annos.» No *Indice Expurgatorio* de 1581, fl. 21, prohibiu-se especialmente esta edição, por não ser o seu texto mutilado como o da segunda edição de Evora. Na censura da edição de 1645, diz o Qualificador Frei Francisco de Paiva: «Sou de parecer que se lhe dê licença, que pede, para se tornar a imprimir sob titulo de *Saudades* de Bernardim Ribeiro, riscando-lhe o outro que põe por cima de cada huma das folhas, que diz MENINA E MOÇA, pelo qual foi já prohibido, como por algumas palavras que vão riscadas e não se devem imprimir.» Sómente as edições de Ferrara e de Colonia é que têm o titulo de *Menina e Moça;* as de Evora são sempre designadas *Saudades.* Vê-se pois a que texto visava a censura.

Diz Brunet, que d'esta edição de 1559 se vendeu um exemplar da collecção De Bure, por 30 francos.

Apesar de se encontrarem n'esta parte sete composições de Bernardim Ribeiro, tiradas do *Cancioneiro geral*, podemos concluir que a sua maioria pertence ao auctor do *Crisfal*, com quem tinha intimidade. Ao percorrer essa collecção de Cantigas e Esparsas logo se encontra a seguinte que comprehende cinco versos da estrophe 53.ª da Ecloga III de Bernardim Ribeiro:

Deixae-me, cuidados vãos,
desejos desesperados,
olhos mal aventurados
quanto me foreis mais sãos
se vos tivera quebrados.

— Trabalho por não ser vosso,
cada dia e cada hora,
e entam fico, senhora,
contente, quando não posso. —

Não liga esta quadra final com a quintilha de Bernardim Ribeiro; como tambem ha mais duas Esparsas confundidas com Cantigas: *Nada quero, tudo engeito* (n.º XIV), e *Se meus cuidados perdesse* (n.º XVIII.) Com certeza resultou a compilação de uma leitura laboriosa sobre apontamentos e rascunhos *(que entrelendo se poderam vêr)* que estavam juntos com os manuscriptos que Bernardim Ribeiro deixou na Italia.

1578 (4.ª Edição)

Primeira e segunda parte do livro chamado As Saudades de Bernardim Ribeiro... Em Evora, em casa de André de Burgos. 1578.

É uma reimpressão da de 1557, porém com amputações e deturpações da censura ecclesiastica. Cita-a Barbosa Machado, mas Innocencio no *Dicc. bibliographico* considera-a um equivoco do auctor da *Bibliotheca lusitana* com a primeira edição de Evora, que tem na ultima folha 1558. Não tem rasão Innocencio; por que ás *duas edições* de Evora se refere Manoel da Silva Mascarenhas na edição de 1645, e explica por que reproduziu o texto alterado: «Gastaram-se *duas impressões*, esta ultima se defendeu (quer dizer: foi prohibida)... Algumas palavras se lhe tira-

ram: no mais vae todo assi como na segunda impressão tirada do seu antigo original.» (Prologo.) Como o texto da edição de 1557 foi reproduzido na de 1852, e o de 1578, reproduzido n'esta de 1645 tornou a ser impresso na edição de 1785, que é muito accessivel, é facil a qualquer comparar e vêr a grande differença dos dois textos das edições quinhentistas de Evora. Em parte este trabalho está feito na edição de 1852, a p. 377-382; e das *Observações* das differenças encontradas conclue: «Nem nos *periodos truncados*, nem nas *orações substituidas*, nem nos *versos emendados*, achamos motivos para desculpar, de alguma fórma este crime de lesa nacionalidade, commettido pela censura nas obras de um prosador e poeta, que mais que todos devia ser respeitado.»

Esta edição de 1578, a primeira mutilada pela censura, ainda assim foi prohibida no *Index Expurgatorio de 1581*, fl. 21, conforme a referencia especial que a ella faz Manoel da Silva Mascarenhas: «*esta ultima se defendeu.*»

O livreiro André de Burgos era suspeito de christão novo, e esta circumstancia actuaria na revisão da censura ecclesiastica dos livros que publicava. No depoimento de Damião de Carvalho, prior de Villa Nova d'Anços, em 1624, com setenta e seis annos de edade, disse: «que conheceu em Evora a André de Burgos, avô d'este André de Burgos, de que se trata, advogado n'esta cidade, e irmão que foi d'esta Santa Casa, e agora deitado da irmandade, o qual André de Burgos, seu avô, era castelhano de nação, e sempre

na dita cidade fôra tido e havido por christão novo, e que elle testemunha o teve sempre por christão novo, e assim foi sempre publica voz e fama; e declarou que assim era tido e havido na cidade de Evora. E al não disse.» (Doc. ap. *Conimbricense*, n.º 5103, de 1896.) Não admira que a animadversão fanatica contra o livreiro se estendesse contra a sua edição.

Na parte poetica da obra de Bernardim Ribeiro as amputações foram por vezes exageradas; assim na Ecloga II, eliminaram nove estrophes, desde a que começa: *Depois que ellas foram idas* até á que termina: *Mas pois assi é, seja assi.* É o gracioso quadro do encontro de Joanna na ribeira.

N'esta mesma Ecloga II, os versos:

Aos que hão de acaecer
Não póde homem resistir,
Que o que hade ser, hade ser,
Não se lhe póde fugir,
Defender, nem esconder.

Vem alterados assim na edição de 1578, talvez por uma nova elaboração:

Não te posso encarecer
A grande dôr que me obriga
A calando padecer,
Por que de minha fadiga
É só descanso morrer.

Com certeza provinha esta redacção de um outro texto, por vezes omisso, como se vê

no fim da Ecloga II, a que falta esta estrophe:

E ponham na sepultura
Letras que digam d'esta arte:
A da alma está em outra parte.
Se aprouver aos longos annos
E aos tempos que hão de vir,
Que d'estes graves meus danos
Venha Celia parte ouvir,
Lá onde triste estiver,
Se ella comsigo apartada
Lagrimas ter não poder,
Será minha alma pagada
Ou o que então de mim houver.

O final da Ecloga apresenta uma outra redacção, differente d'esta da edição de 1557:

Mas se a alma e entendimento
Não morrem com o corpo, a magoa
Me ficára. Vamo-nos, que sento
Que é tempo do gado ir á agoa,
Tambem tem tempo o tormento.

A substituição de 1578 é menos significativa, fazendo suspeitar mão extranha:

Mas pera poder amor
Sustentar mais minha magoa
Entre o fogo e seu ardor
Conserva dos olhos a agoa
Eternizando-me a dôr.

Como as alterações principaes são apenas n'esta Ecloga II, infere-se que seria um texto tomado de outros manuscriptos.

Entre as amputações da Novella, a que mais se destaca pela sua importancia é a do capitulo XXIV, em que se descreve Aonia, pondo cofres sobre cofres para subir á fresta. E no capitulo XXVIII, quando Aonia vae visitar Bimnarder, que estava doente, e se assenta na cama d'elle, foi tal scena tambem estupidamente eliminada.

1595

As Obras do celebrado lusitano, o Doutor Frãcisco de Sá de Miranda. Collegidas por Manoel de Lyra. Anno de 1595. Com privilegio real por dez annos.

1 vol. in-4.º Encontra-se a fl. 154 *v.* um *Dialogo que mandaram os fidalgos ás damas*, no qual Bernardim Ribeiro replicou a D. Leonor de Mascarenhas: *A mim me heide tornar eu*, etc. E figura com Sá de Miranda em *Outro Dialogo que lhe tornamos a mandar*. Falta nas outras edições á excepção da de 1804, e vem na edição de 1885, conforme aos manuscriptos mandados ao principe D. João, pela época do fallecimento de Bernardim Ribeiro.

1623

Rimas de Estevam Rodrigues de Castro. Florencia, por Zenobio Pignone. 1623. 1 vol.

Reimpressas sobre uma cópia do exemplar

da bibliotheca de José Pedro Hasse de Belem, por Antonio Lourenço Caminha. N'esta reedição vem a Ecloga *Ergasto, Delio e Laureno*, com as iniciaes D. B. R. (*D*e *B*ernardim *R*ibeiro, segundo a informação de Barbosa Machado.)

Hoje, que ha a certeza de ter Bernardim Ribeiro cultivado o verso endecasyllabo da Eschola italiana, não custará a admittir a attribuição de Barbosa; ha porém uma estrophe, que se refere a um soneto publicado por Faria e Sousa em nome de Camões (XLI da Primeira Centuria) que traz o verso: *Quantas vezes do fuso se esquecia*. E no texto de B. R. canta Delio:

> Canta aquelle soneto, que começa:
> *Quantas vezes do fuso se esquecia*
> Que digas um dos teus, não sei se o peça.
>
> (Ed. Caminha. p. 211.)

Com as iniciaes D. B. R. vem a p. 165 o Soneto: *Não era mortal cousa o seu passeio;* e a p. 192, umas Balatas: *Violante, a rede foram teus cabellos*, e *Violante, sejas tu imiga minha*, etc. Podem considerar-se como de Bernardim Ribeiro, pela tenuidade graciosa e sentimento da linguagem. Estevam Rodrigues de Castro nasceu em 1559 e saíu de Portugal antes de 1586, quando ainda as Poesias dos nossos Quinhentistas estavam ineditas. As *Rimas* são propriamente um Cancioneiro.

1645 (5.ª Edição)

Menina e moça ou Saudades de Bernardim Ribeyro. Dedicado a D. Francisco de Sá, Conde de Pena-Guião, Camareiro-mór que foy del Rey... Lisboa, por Pedro Crasbeck. 1645.

O editor Manoel da Sylva Mascarenhas, fidalgo da casa real e Governador da Fortaleza de Outão, defende-se na dedicatoria de «resuscitar as velhices de Menina e moça, *tão fóra do que agora chamam culto.*» E no Prologo justifica-se pelo parentesco com o Poeta: «e com este pensamento tratei de dar á estampa este livro: a huma, pela obrigação de portugues, e a outra pela de *parente do Autor d'elle, que era primo com irmão de meu avô.*»

Mostra ainda conhecer a tradição de Bernardim Ribeiro, a que allude em poucas linhas. Diz que a Menina e Moça «*se não imprimiu em sua vida;* por sua morte se achou em seus papeis.» D'aqui se infere que a edição de Ferrara de 1554 é verdadeiramente a primeira. O texto seguido é o da *segunda impressão*, isto é, o de 1578, por que Mascarenhas só conheceu as *duas edições* de Evora. No soneto com que o Dr. Guadalupe louva Mascarenhas, dá como motivo «por haver feito imprimir *estas Obras que já estavam quasi esquecidas.*» Mascarenhas tambem outra vez retocou o texto já deturpado pela censura, dizendo: «Algumas palavras se lhe tiraram...» Existe um exemplar na Bibliotheca nacional. Traz pela primeira vez o bello Romance: «*Ao longo de uma ribeira.*»

1785 (6.ª Edição)

Menina e Moça ou Saudades de Bernardim Ribeyro. Dedicado a D. Francisco de Sá, Conde de Pena-Guião, Camareiro-mór, etc.... Lisboa, na Offic. de Domingos Gonsalves. Anno MDCCLXXXV. Com licença da real Meza Censoria.

In-8.º Reproducção exacta da antecedente de 1645; tem como ella a mais do que as outras o Romance, que começa:

Ao longo de hũa ribeira
Que vae pelo pé da serra...

(Pag. 353 a 358.)

Apontaram esta differença os editores de 1852: «um Romance que não achamos na primeira, e sim na de 1785.» (p. 7.) Se tivessem logrado examinar a de 1645, notariam que é n'ella que se depara este inedito.

1852 (7.ª Edição)

Obras de Bernardim Ribeiro. Lisboa. Escriptorio da Bibliotheca Portugueza. 1852.

1 vol. in-16.º Fórma um volume da Collecção intitulada *Bibliotheca portugueza ou Reproducção dos Livros classicos portuguezes*, na qual foram publicadas as Obras de Gil Vicente, Camões, Francisco de Moraes, Francisco de Andrade, Rolim de Moura e Cava-

lheiro de Oliveira. Dizem os editores, que não tendo encontrado as antigas edições «haviamos principiado a reimpressão servindo-nos da edição de 1785, que o sr. José Maria da Costa e Silva nos dá como mais correcta que as precedentes, quando conseguimos haver á mão a primeira edição. (1557) Achámos, pela confrontação d'ellas tão truncada e alterada a de que nos serviamos, que julgámos conveniente, e até mesmo um grande serviço ás letras patrias, *começar de novo a sua impressão*, regulando-nos unicamente pela primeira.—Os nossos assignantes podem confrontar as duas edições e acharão a primeira (sc. 1785) tão cheia de erros e por tal fórma mutilada, que em varios sitios fica escuro o sentido e suspenso o *leitor.*» (P. 13.)

Traz esta edição o conteúdo da edição de 1557, e as composições da folha volante de 1536, de cujas importantissimas variantes se não aproveitou; tambem traz o *Romance* da edição de 1785, e as *Trovas* de Bernardim Ribeiro que vêm no *Cancioneiro* de Resende, com mais duas, que antecedem o *Crisfal*, estas copiadas dos extractos de Bouterwek, na *Historia da Litteratura portugueza*. Termina com as Observações sobre as differenças das duas edições de 1557 e 1785. Os editores no seu prologo revelam fracos estudos de historia litteraria; a pag. 363 inserem sob o nome de Bernardim Ribeiro o soneto de Garcilasso *Pasando el mar Leandro el animoso*, e deturpado pelos córtes dos versos endecasyllabos pela estreiteza das columnas na folha volante de 1536. Não foram aqui incorporadas a Sextina: *Hontem poz-se o sol, e a noite*, e

as Cantigas *com as suas voltas que dizem ser do mesmo Autor: Para mim nasceu cuidado*, da ed. de 1559, por que faltam nas duas edições de Evora.

1875

Cancioneiro d'Evora, publié d'après le Manuscrit original et acompagné d'une Notice litteraire et historique, par Victor Eugene Hardung. Lisboa. Imprensa Nacional. 1875, in-8.º, 78 pp.

Este codice não tem frontispicio; algumas composições vêm assignadas, e na maior parte são anonymas. Em uma Cantiga, n.º 28, encontra-se um verso do *Crisfal:* «Os tempos mudam ventura» (str. 10); e varias imitações das Cantigas que andam juntas a essa Ecloga. N'este codice vem um Mote do *Capitão Bernaldim Ribeiro* (n.º 71); leva-nos a inferir que o copista sabendo que uma parte das Cantigas, Vilancicos e Esparsas pertenciam ao poeta das *Saudades*, ajuntára em seguida esse Mote, pela confusão que no fim do seculo XVI se dava entre os dois homonymos. As Eclogas em que Bernardim Ribeiro conta os seus amores, têm apesar do seu subjectivismo, um caracter narrativo; faltavam as composições intimas, trocadas entre o poeta e a sua dama, as epheméridês do amor, a idealisação das situações vividas entre ambos, emfim, uma continuação d'aquelle grupo de redondilhas começadas a colligir no *Cancioneiro* de Resende. Parece-nos encontrar no *Cancioneiro de Evora* essa parte, em que se

conta o casamento da namorada com outro, e o retiro do poeta de Portugal. A belleza e realidade viva d'essas composições é surprehendente; quem podia attingil-as assim, a não ser Bernardim Ribeiro? Transcrevemos algumas, que completam e dão mais relêvo á vida do poeta:

— Carillo, quieres
Bien a Joana?
« Como la mi vida,
Como la mi alma.

Es tanto o que le quiero,
Que no lo sabré decir!
Sé que por ella muero,
Quiero le como el vivir.

(N.º 35.)

Cuidados tam sem medida,
a que vos aventuraes,
que se mui alto andaes
d'alto se dá gram caída. [1]

VOLTAS:

Se não tem par de fermosa
a que causou minha dôr,
como porei meu amor
em parte tam perigosa?

---

[1] Esta ideia vem no cap. IX, P. II da Novella de Bernardim Ribeiro: «lhe mandou então por um pagem perguntar, que lhe mandasse dizer de que tão alto cahira, que camanho estrondo fizera? Respondeu-lhe Avalor: Que do seu cuidado.»

Cuidados de minha vida,
desejos meus immortaes,
vejo-vos tam desiguaes,
que temo vossa caída.

Quem emprega seu cuidado
em cousa que o merece,
em que nam espere interesse
todo he bem empregado.
E em esperança tam subida
que meio terão meus ais,
pois vejo certos sinaes
de sua grande caída.

(N.º 8.)

VILANCICO:

— Desposó-se tu amiga,
Juan pastor!
« Ay que si, por mi dolor.

— Di-me, si perdes amiga
que sintirás en perdela?
« Sintiré tan gran fatiga,
qual es el goso de vel a.
— Mucho deves de querel-a,
Juan pastor!
« Ay que si, por mi dolor.

— Di-me, si tanto le quieres,
como tan presto te olvida?
« Por que amor de mugeres
es candela derretida.
— Y amor derrite la vida,
Juan pastor?
« Ay que si, por mi dolor.

— Di-me, triste, que hade ser
de ti, puesto en tanto olvido?
« Vivir como suele hazer
la tórtola sin marido.
— Enojado has Cupido,
Juan pastor!
« No sé en qué, por mi dolor.

— Di-me, Juan, si se caza,
irás á verla, zagal?
« Si, pera ver como pasa
la sentencia de mi mal.
— El amor dá pago tal,
Juan pastor.
« Ya lo ves en mi dolor.

— Quando otorgare el = si =
que sintirás, digo yo?
« Sintiré lo que sinti
quando a mi me otorgó el = no! =
— O que mal pago te dió,
Juan pastor!
« Malo fué, por mi dolor.

— Quando váian á oferecer,
di-me, que le oferecerás?
« Lá fé que tuve en querer,
pues que no me queda mas.
— Grande ofrenda le darás,
Juan pastor!
« Grande, de parte de Amor.

— Pues, di-me, que comerás,
quando de la boda vengan?
« Sospiros que me mantegan,
y de comer ya de oy mas.
— Pocos prazeres tendras,
Juan pastor!
« Bien pocos, por mi dolor.

— Quando al tálamo subiere,
di-me, saldrás a baylar?
« No baylar, mas a cantar,
como el cisne quando muere.
— Mas la quieres que te quiere,
Juan pastor!
« Mucho mas, por mi dolor.

(N.º 44.)

Alguno piensa que amada
tiene, y no tiene nada.

O quantos enamorados
viven en esto enganados,
en pensar que son amados
de su amada,
y no tienen nada!

Esa que quereis querer
os pergunta se es muger?
Se es muger a se torcer,
es olvidada,
y no teneis nada.

La muger por muchos muere,
buenos, malos, quantos viere,
no ay nadie de quien no quiere
ser festejada;
y no teneis nada.

(N.º 46.)

Es condicion d'esta gente,
segundo las hé notado,
querer más cuerpo presente,
que no servicio pasado;
luego se les ha olvidado
toda obra que es pasada,
ansi que no teneis nada.

Nadie fie en gentileza,
ni en gracias con estas dueñas,
pues dadivas quebrantan peñas,
y á hermosas la riqueza!
tener con ellas firmeza
es cosa mui mal pensada,
pues no le tienen en nada.

(N.º 46 A.)

« Carillo, por que te vas
de las tierras donde eres?
— Zagala, tu bien podrás
hazer-me quedar, si quieres.

« Por qué te vas, di, pastor?
— Voy-me sin aver por qué,
ya te dexo a cá mi fé,
qu'es lo que devo al amor.

« Escucha! no me dirás
por que te vas de donde eres?
— Zagala, por que de hoy mas
no me engañaran mugeres.

« Tienes te por engañado,
di, por tu vida, zagal?
— Si, pero no de mi mal,
por que estoy bien empleado.

« Si bien empleado estás,
quien ganó es el que referieres?
— Ver qu'el galardon que dás
mostra quan poco me quieres.

« No te vaias donde mueras,
escusa, pastor, tu ida!
— Escusal-a, era mi vida;
mas no lo dizes de veras.

« Que desconfiado estás!
no te vaias, se quizeres.
— Zagala, no puedo mas,
a morir pues tu lo quieres.

(N.º 55.)

« Di, mi bien, por que te vás,
y me lexas
tan llena de quexas?

Mortales son pera mi
estas quexas de perdier-te,
y por no merecer-te
quieres tu que sea asy.
Por qué te vás, me lo di,
y sin consuelo me dexas
tan llena de quexas.

(N.º 31.)

— Di, zagala, que harás
quando veres que soy partido?
« Carillo, querer-te más,
que a mi vida t'he querido.

— Despues que d'aqui partiere
que haras, zagala, di?
« Estaré fuera de mi
el tiempo que no te viere.

— Pues, di-me, en que pasarás
tiempo tan aborrecido?
« En pensar se olvidarás
a mi, que nunca te olvido. [1]

(N.º 25.)

---

[1] Não admira que se encontre nas collecções hespanholas o typo mais completo d'esta Cantiga anonyma:

Partir não me atrevo
que me lembram magoas;
se me levam agoas,
nos olhos as levo.

— Zagala, di, i qué harás
Cuando veas que soy partido?
« Carillo, quererte mas
Que en mi vida te he querido.

— Antes de mi despedida
Di si sientes lo que siento?
« El dolor de la partida
Te dirá mi sentimento.

— Di me lo que sentirás,
Descanso de mi sentido?
« Carillo, quererte mas
Que en mi vida te he querido.

— Despues que partido sea
Qué harás, di gloria mia?
« Contemplar por que te vea
Los logares do te via.

— Si no me ves, i qué harás
Allá en tu pecho escondido?
« Carillo, quererte mas
Que en mi vida te he querido.

— Como te daré creencia
Que ames mas entónces que antes?
« Zagal, no ves que la ausencia
Causa que ame mas la amante.

— Pues bien informada estás
No me pornas en olvido?
« Antes te querré muy mas
Que en mi vida te he querido.

(D. Car. Mich., *Antologia españ.*, p. 56.)

Se vou ao Tejo
pera me partir,
não me posso ir
sem ver meu desejo.

E quando o vejo
partir não me atrevo;
se me levam agoas,
nos olhos as levo.

(N.º 17.)

A tierras ajenas
quien me traxa a ellas?

Yo vivo moriendo
por ver me estrangero,
y en ver que no muero,
mas muero viviendo.
No alcanso ni entendo
a tierras ajenas
quien me traxa a ellas!

(N.º 23.)

Si solo de oir tu gala
mi coraçon por ti muere,
que hará, di-me, zagala,
se algun tiempo te viere?

En ausencia estoi templando
solo de pensar en ti,
vivo sin ti, ni sin mi,
mi triste vida pasando.

(N.º 34.)

Ten por fé, linda zagala,
que aun que estoi lejos de ti,
que tu no lo estás de mi.

Pága-me lo que te quiero,
zagala, no con querer-me,
si no con solo creer-me;
que es'otro ja mas espero.
Y tiene por verdadero,
que aunque estoi lejos de ti
que tu no lo estás de mi.

En la parte que se encierra
amor cierto, firme y puro,
ni mira en leguas ni tierra,
ni tiempo claro ni escuro.
Ten por fé lo que te juro,
que aunque estoy lejos de ti,
que tu no lo estás de mi!

(N.º 45.)

Corázon, pues que queziste
querer a quien no te quiere,
calla, sufre, pena y muere.

Y pues que queziste querer
a quien no quiere ver-te,
lo que mas hade valer-te
esto te ten sin plazer.
Y para mas merecer
si querer no te queziere,
calla, sufre, pena y muere.

Y pues queziste tan deveras
al que te dá a entender
que ni te quiere querer,
ni quiere que tu la quieras,
sabe, si quiere que mueras,
y sabido se lo quiere,
calla, sufre, pena y muere.

(N.º 48.)

A grande quantidade de fragmentos de composições de Garci-Sánchez de Badajoz, Jorge Manrique, Cartagena, Cardona, Soria e outros poetas do *Cancionero general* de Hernan de Castillo, bem nos revela que este de Evora foi colligido quando essa eschola era muito imitada em Portugal e no periodo da actividade de Bernardim Ribeiro.

É possivel mesmo que na edição do *Cancionero general* de 1557 já entrasse alguma composição anonyma de Bernardim Ribeiro; ahi encontramos uma Canção que se acha imitada no *Cancioneiro de Evora:*

Zagala mas que las flores
blanca rubia y ojos verdes,
si piensas seguir amores
pierde te bien, pues te pierdes.

Busca, señora, tu ygual,
si piensas ser piadosa,
y un hombre tan principal
quanto tu eres hermosa;
y se hazes otra cosa,
a fé que de mi te acuerdes,
si piensas seguir amores,
pierde te bien, pues te pierdes.

Zagala mas que divina
no te ciegues brevemente,
quien presto se determina
muy mas presto se arrepiente;
mira con amor la gente,
abre esses ojuelos verdes,
si piensas seguir amores
pierde te bien, pues te pierdes.

(Fl. 396. v.)

Variante do *Cancioneiro de Evora:*

Menina de los *ojos verdes,*
mui *mas* fresca *que las flores,*
se hasde tomar *amores*
pierde te bien, se *te perdes.*

Si los tienes de tener,
pues no se puede escuzar,
procura de te emplear
do te sepan conocer;
y al fin se te has de perder,
yo te ruego que te acuerdes,
pierde te bien, se te pierdes.

Aunque á mi me ha parecido
que es vocablo mal usado
poderse llamar perdido
el que está bien empleado,
toma fiel enamorado,
menina de los ojos verdes,
ganarás mas que no pierdes.

(N.º 50.)

Bernardim Ribeiro celebrava os *olhos verdes* da sua namorada; no Romance do seu regresso ainda consigna a ultima impressão: «*Seus olhos verdes, rasgados...*» No *Cancioneiro* Ms. do visconde de Juromenha, fl. 89 *v.*, vem esta quadra glosada, que bem merece ser attribuida a Bernardim Ribeiro:

Uns olhos verdes rasgados,
que com brando olhar matavam,
oh, com que graça mostravam
estar dos meus agravados!

1876

Na *Antologia portugueza*, trechos selectos coordenados sob a classificação dos generos litterarios, Porto, 1876: vem a pag. 166 a *Glosa* de *Pensando-vos estou, filha por Bernaldim Rib.*ʳᵒ, extrahida do *Cancioneiro manuscripto* de Luiz Franco, fl. 98 e 99. São vinte e seis decimas encantadoras, que devem ser incorporadas em uma edição definitiva das Obras de Bernardim Ribeiro. Acham-se no presente volume. (Vid. supra, p. 188.)

1886

As Eclogas de Bernardim Ribeiro. Lisboa, Typographia Elzeviriana. 1886. «Edição primorosa, composta de cento e onze exemplares, numerados no prélo e assignados tanto pelo revisor (Xavier da Cunha) como pelo editor (Alfredo de Carvalho.)»

Não foi reproduzida a Novella em prosa; póde-se considerar como uma Separata dos versos, com mera intenção artistica.

1891 (8.ª Ed. frag.)

Bernaldim Ribeiro — Menina e moça (Saudades). Edição dirigida e prefaciada por D. José Pessanha. Porto. Lugan & Genelioux. 1891.

1 vol. in-8.º Diz o enthuziastico editor: «Segui a edição impressa em Evora, por An-

dré de Burgos, em 1557-8; mas, para não difficultar sem vantagem a leitura e a execução typographica, ortographei á moderna, sem comtudo alterar uma só fórma... Apenas, quando a edição de 1559, ou um Ms. da Bibliotheca da Real Academia de la Historia, de Madrid, me deram a conhecer variantes que, sem hesitações, devia seguir, me afastei da edição de Evora.» (P. VIII.)

Comprehende esta edição de 1891 apenas os XXXI capitulos da *Primeira parte* das *Saudades;* diz o editor: «N'esta edição entram só os *capitulos authenticos.*» (P. 239.) Ficou assim uma edição fragmentaria e incompleta para os estudiosos. Em nota justifica o emprego do nome de *Bernaldim* no frontispicio da obra: «Devia ter escripto *Bernardim*, por que na portada da edição de 1557-8, está: —«*Primeira e segunda parte do livro chamado* As Saudades de Bernardim Ribeiro...» E sobre o texto diz: «Foi meu empenho alterar o menos possivel a edição de 1557-8. No emtanto, apesar de ser esta a mais perfeita de quantas pude comparar, e a unica que traz a declaração de ter sido *treladado do seu proprio original*, tive de aproveitar algumas das variantes que o Ms. de Madrid e a edição de 1559 offerecem...» (P. 247.)

Trouxe esta edição de vantagem para o estudo o facto da inscripção do nome de Bernardim Ribeiro no Livro primeiro da Universidade de Lisboa (p. 248, nota I) e a carta de 23 de setembro de 1524, em que o poeta é nomeado escrivão da Camara de D. João III. (P. 253, nota I.)

No prologo (p. XI a LXXIX) discute-se a in-

terpretação dos elementos historicos da Novella, mas sem resultado definitivo.

É pena que n'esta edição de 1891, que procurou reproduzir a de Evora de 1557, não se incluissem depois do cap. XXXI da Primeira parte, os capitulos XXXII a XXXIX, e XLVIII a L, em que se completa a historia dos amores de *Bimnarder* e *Aonia*.

Depois d'este exame bibliographico, tornase urgente uma edição critica das *Obras de Bernardim Ribeiro*, comprehendendo:

Parte I — As Poesias:

1. *Esparsas* e *Cantigas*, (do *Cancioneiro geral*, de 1516.)
2. *Sextina* e *Cantigas*, da edição de Colonia, de 1559.
3. *As cinco Eclogas*, da edição de Evora, de 1557; e a Variante da III Ecloga (*Dialogo de dois Pastores*, de 1536.)
4. *As Glosas* do Romance: *Oh Belerma*, e de *Justa fué mi perdicion.* — Glosa de: *Pensando-vos estou, filha*, do Canc. de Luiz Franco.
5. O Romance: *Ao longo de uma ribeira*, da edição de 1645.

6. Os Versos endecasyllabos: do Ms. de Hollanda; das *Rimas* de Estevam Rodrigues de Castro; e Fragmentos, colligidos por Faria e Sousa.
7. Attribuidas. Excerptos do *Cancioneiro de Evora.*

Parte II — O Livro das Saudades.

Destacando a *Historia dos dois Amigos* e coordenando os Episodios, segundo o Elenco da p. 210 do presente estudo.

---

1) Manuscriptos

1.º Menina e Moça, Ms. da Real Academia de la Historia, de Madrid (Colleccion Salazar, Est. 7.ª, grada 2.ª, n.º 76, de p. 1 a 39; letra dos fins do seculo XVI.) Em 1885 é que vulgarisámos a noticia d'este Manuscripto no *Curso de Historia da Litteratura portugueza*, p. 244, not. 1. Mandou-se depois extrahir uma cópia para a Bibliotheca nacional de Lisboa, (Y-5-125.) a qual serviu de base de recensão critica para a edição do Porto de 1891. Concorda o seu texto com o da edição de Colonia de 1559, (e portanto com a edição de Ferrara de 1554), mais correcta em geral, terminando tambem como elle no cap. XVII da Segunda parte, e assim mesmo incompleto. Deriva de um texto que Bernardim Ribeiro deixou fóra de Portugal, na época da sua viagem.

2.º *O Livro das Saudades, treladado do seu proprio original*, etc. Serviu de texto para a edição de Evora de 1557, em casa de André de Burgos. A Novella apresenta na Segunda parte mais quarenta e um capitulos; comtudo, por este texto vê-se pela interpolação de alguns capitulos que o Manuscripto original não estava em ordem. Falla-se na edição de Evora em outras cópias discordantes.

3.º *Las Saudades e tristezas*, de Bernardim Ribeiro, Ms. in-4.º apontado por D. Thomaz Tamaio, e citado na *Bibliotheca Nova*, de Nicoláo Antonio, no t. I, p. 219.

4.º *Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão.*—Manuscripto da Bibliotheca do Conde de Vimeiro, de que deu noticia o Conde de Ericeira em communicação á Academia de Historia portugueza em 1724: *Cartas de homens celebres;* e sob o n.º 180, aponta: *Obras em prosa e verso* de Sá de Miranda; e logo em seguida: *Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão*, inferindo-se por esta união que seria um Manuscripto como o que serviu para as edições de Ferrara e de Colonia.

5.º Poesia: *Ecco, pois pelo meu mal...* No *Cancioneiro manuscripto* do P.^e^ Pedro Ribeiro, de 1577, que se guardava na Livraria do Cardeal Sousa, segundo Barbosa. Não se acha inclusa na Canção em eccos, da folha volante de 1536.

6.º Poesia: *Pensando-vos estou, filha*, com Glosas. No *Cancioneiro* de Luiz Franco, fl. 98 e 99. Manuscripto da Bibliotheca nacional de Lisboa. Foi esta poesia reproduzida na *Antologia portugueza*, em 1876.

7.º Canção de Bernardim Ribeiro: *Esconde Diana bella os raios bellos*. Nas *Flores varias de diversos Autores luzitanos*, Manuscripto do meado do seculo XVII, a fl. 160 *v.*; tem o excepcional merecimento de ser em *lexapren*, comprovando-se a sua authenticidade pelo mesmo artificio poetico empregado por Sá de Miranda *(como si Ribero fuese)* na Ecloga *Aleixo*. Possue este Manuscripto o bibliophilo Annibal Fernandes Thomaz.

8.º Canção: *Desque o meu sol*, etc. Dá noticia d'esta composição de Bernardim Ribeiro o commentador Faria e Sousa, na sua *Fuente de Aganipe*, P. I. Disc. de los Sonetos, n.º 4. Madrid, 1646. Está perdida.

II

Christovam Falcão

§ I. Os amores de Chrisfal e Maria

Debalde se percorre a vasta collecção do *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende, e não se encontra ahi o nome d'este poeta, cuja vida se identifica com uma sentida lenda de mallogrados amores, e cujas obras são a expressão ardente e exaltada d'essa paixão, que tanto impressionou o seu seculo. Na côrte de D. Affonso v e D. João II figuram poetas da familia de Christovam Falcão; a ausencia do seu nome significa pois, que pertencendo ao ramo pobre dos Falcões de Portalegre, não frequentára os serões do paço. É certo que teve relações intimas com Bernardim Ribeiro, na época em que elle começou a idealisar em Eclogas o seu amor por *Aonia;* mas a sua obra poetica conservava-se anonyma, velada sob esse segredo até 1559, em que ainda se manifestava a incerteza de quem fosse o auctor d'ella: « *Uma mui nomeada e agrada-*

vel Ecloga, chamada CHRISFAL... *que dizem ser de Christovam Falcão, o que parece alludir ao nome da mesma Ecloga.*» Esta mesma tradição apparece muito transcripta nos livros genealogicos, todas as vezes que tentam separar o poeta dos seus numerosos homonymos; adeante do nome de Christovam Falcão, escrevem: *que foi trovador; o Chrisfal,* ou *que fez os versos do Chrisfal.* O chronista Diogo de Couto referindo-se a elle, diz: «*aquelle que fez aquellas antigas e nomeadas* TROVAS DE CHRISFAL»; e Fructuoso, resumido pelo P.e Antonio Cordeiro: — «*famoso poeta* Christovam Falcão, *que fez a celebre Ecloga Chrisfal, das primeiras syllabas do seu nome...*» Comprehende-se que Garcia de Resende não obtivesse as composições d'este poeta, que chegaram a influir na inspiração de outros que frequentavam os serões manoelinos, como vêmos por esses versos: *Casada sem piedade,* imitados por Diogo de Mello da Silva; e nas trovas de D. Rodrigo Lobo: *Querem-me desenganar,* do *Cancioneiro* de Resende, que foram glosadas por Christovam Falcão em seis estrophes. [1] Mostra-nos isto, que estava na corrente do gosto palaciano, e apparecendo a sua Ecloga, Carta e outras composições meudas junto das obras de Bernardim Ribeiro, é por que elle só as communicava áquelle intimo amigo, tambem quebrado por um desventurado amor. E pela identidade da situação moral, aproximaram-se confidenciando sobre os seus mutuos des-

[1] *Canc. ger.*, t. III, p. 360; e Chr. Falcão, *Cantiga* XLI.

gostos (Ecloga I e III), e idealisando os mesmos desalentos chegaram por vezes a confundirem os seus versos. Estas primeiras indicações bastam para localisal-o na sua época e determinar-lhe o periodo de actividade; o melhor criterio para comprehender um escriptor, um artista, é descobrir as relações que elle teve com o seu tempo, pelo que lhe deveu ou pelo que n'elle influiu.

Aquella simples referencia á Cantiga XV: *Casada sem piedade — vosso amor me hade matar*, glosada por Diogo de Mello no *Cancioneiro* de Resende, publicado em 1516, quasi que nos leva a fixar aproximadamente a data do seu nascimento. Pelo estribilho da Cantiga vê-se que a sua namorada estava já casada com outro em 1516; e tendo Christovam Falcão estado em carcere privado durante *cinco annos* (ausencia que serviu de pretexto para a resolução do casamento) colloca-nos a phase mais intensa dos seus amores em 1511. Tinham os dois amantes casado a furto, ella em uma edade quasi infantil, roçando pelos *doze annos* (o que legitimava ulterior arrependimento) e elle contando os quatorze annos completos, não podendo nem querendo eximir-se á sua responsabilidade. Não é sem fundamento o deprehender-se que nascera em 1497, ou pouco antes, caso se recue a vulgarisação da Cantiga para áquem da publicação do *Cancioneiro* de Resende. Documentos authenticos ácerca do poeta, que chegam até 1551, tornam admissivel esta data.[1]

---

[1] Sua tia D. Branca de Sousa, casou em 20 de junho de 1492; aproxima-nos da época do casamento do pae do poeta.

Lendo-se os versos de Christovam Falcão, acham-se admiraveis, impressionando-nos por aquella graça e sentimento caracteristico de uma inimitavel ingenuidade primitiva; as suas descripções lembram os traços do pincel de Giotto, e a figura de Maria contorna-se como uma virgem de Cimabue, com a casta graciosidade de um extasis dos pintores pre-raphaelicos. Aqui a pintura ajuda a comprehender o gosto e belleza expressiva do poema: *ut pictura poesis.* A muita mocidade de Christovam Falcão é que o fez achar aquella simplicidade pittoresca. Elle estava sob o influxo da poetica palaciana e dos Cancioneiros hespanhoes; e obedecendo a essa corrente, pela expressão da propria subjectividade soube conservar-se original. É crivel mesmo que elle precedesse Bernardim Ribeiro no desenvolvimento do Villancico peninsular na Ecloga octonaria. Os versos de Christovam Falcão, pelo bucolismo e emprego exclusivo do verso octosyllabo, pela fórma das Cantigas, Voltas e Esparsas, pertencem á poetica do fim do seculo XV, a que os cultores da metrica italiana do segundo quartel do seculo XVI chamaram *Eschola da Medida velha;* como Gil Vicente, Garcia de Resende, Jorge Ferreira de Vasconcellos e ainda Gregorio Silvestre, sustentou Christovam Falcão o lyrismo de Cancioneiro, e as velhas fórmas da redondilha; mas pela verdade do sentimento, pela realidade de que se inspira, destaca-se dos Trovistas como o ultimo ecco do alahude provençal, ou melhor trobadoresco, modificado pelo gosto hespanhol de Padron, de Stuniga e de Garci-Sánchez. Parece ter-se callado

muito cedo; o seu periodo de actividade litteraria e sentimental, pela franca amisade com Bernardim Ribeiro e pela influencia que exerceram um sobre o outro, circumscrevemol-o pouco antes de 1516 e não muito longe de 1527. Elle cede o campo aos novos metros, á pleiada Quinhentista, que se impõe e avassalla o gosto. Deu-lhe a verdade do amor a primasia sobre o artificio, fel-o sempre actual, tornando-o um consolador das almas apaixonadas e doridas desde a sua época até aos que ainda hoje soffrem. Os seus versos têm a juventude eterna do bello.

A vida de Christovam Falcão, ou propriamente o seu idyllio amoroso era completamente desconhecido. Como todos os poetas portuguezes do fim do seculo XV e parte do seculo XVI pertencia á principal fidalguia; por isso a felicidade de se encontrar nas numerosas collecções de manuscriptos genealogicos valiosas indicações sobre a sua linhagem. Os dados genealogicos esclarecem as situações da Ecloga; e os documentos historicos, que por vezes se tornam confusos por causa da frequente homonymia de Christovam Falcão, são discriminados pelas varias relações de parentesco definidas n'esses manuscriptos. Barbosa Machado foi o primeiro que se serviu das noticias genealogicas, estabelecendo a sua naturalidade e filiação, e mesmo apontando o nome da sua namorada. Caíu n'um ou outro erro, como confundil-o com um seu filho natural *Christovam Falcão, Capitão da ilha da Madeira*, devendo attenuar-se a phrase desabrida de Innocencio, que escreve ácerca do poeta: « A sua bio-

graphia é hoje pouco menos do que desconhecida, e o que d'ella nos diz Barbosa, abunda em faltas e incoherencias taes, que é sobremaneira difficil chegar a conclusões seguras.» [1] Vencem-se essas incoherencias seguindo a série genealogica, pela qual chegamos ao conhecimento da sua familia e meio domestico, e mesmo á fatalidade amorosa que o subjugou. Eram os Falcões poetas e apaixonados. Começa esta familia em Mossen *João Falcão*, cavalleiro que viera de Inglaterra, em 1386, na comitiva de D. Filippa de Lencastre, desposada por D. João I; casou com D. Catherina de Abreu (filha de Gonçalo Eannes de Abreu, senhor de Castello de Vide e de Monforte) nascendo d'este consorcio, João Falcão e Alvaro de Abreu. Sobre esta origem escreveu João Rodrigues de Sá nas suas *Quintilhas heraldicas:*

> Co Duque mui afamado
> d'Alencastro nomeado
> reynando el rei Dom João,
> veyo Mossen *João Falcão*
> hum cavalleiro estremado.
>
> (*Canc. ger.*, t. II. 370.)

João Falcão, com seu irmão D. Alvaro de Abreu, bispo de Evora, passou com os infantes ao cêrco de Tanger, em 1436, levando a bandeira da cruzada; [2] foi Alcaide-mór de

---

[1] *Dicc. bibliographico*, t. II, p. 68.
[2] *Chronica de D. Duarte*, cap. 10.

Mourão, e casou com D. Branca de Sousa (filha do Mestre de Christo, Lopo Dias de Sousa) tendo os seguintes filhos: Fernão Falcão, Gonçalo Falcão, João de Sousa Falcão, D. Leonor de Sousa e D. Maria de Sousa.

D'estes filhos trataremos apenas de Gonçalo Falcão, simplesmente para esclarecer alguns *homonymos* do poeta, que figuram em documentos historicos, [1] e de João de Sousa Falcão, seu avô.

---

[1] Gonçalo Falcão, casou com D. Margarida da Cunha, da qual teve:

I. *Christovam Falcão;*
II. *João Falcão de Sousa;*
Sancho de Sousa Falcão;
Uma filha, fallecida.

Por carta de 14 de setembro de 1468 foi concedida a Gonçalo Falcão, alcaide-mór do Castello de Mourão, uma tença de 39$400. (*Chancell. de D. Manoel*, Liv. 27, fl. 26.) E por carta de 18 de fevereiro de 1477, datada de Evora, foi-lhe feita doação da Villa de Pereira: prohibindo que Gonçalo Falcão vivesse em Mourão pela lucta em que andava com os povos: «fazemos pura doação por fallecimento de João Vaz de Almada, rico-homem e do conselho do dito senhor, da sua villa de Pereira, que é no campo do Mondego, pera elle (sc. Gonçalo Falcão) e pera *Christovam Falcão*, seu filho maior, moço fidalgo de nossa casa, e pera hum filho maior que o dito *Christovam Falcão* tiver ao tempo do seu fallecimento.» (Vid. *Chancell. de D. João III*, Liv. 7, fl. 21; Liv. 21, fl. 67 *v.*; encontra-se esta doação registada no Liv. 2.º da Extremadura, fl. 283.)

I. Muitos são os documentos registados nas Chancellarias referentes a este *Christovam Falcão*, tio-avô do poeta.

Por carta de 6 de maio de 1462 é-lhe concedido o couto de umas herdades no termo de Moura. (*Liv. 1.º da Guarda*, fl. 219.)

Foi este o terceiro filho d'esse João Falcão, porta-estandarte na expedição de Tanger; apparece nas Moradias de D. Affonso v,

---

Carta de privilegio de fidalgo em 17 de dezembro de 1467 (já concedida a seu pae Gonçalo Falcão; *Chancell. de D. Manoel*, Liv. 30, fl. 68) que lhe foi renovada por carta de 21 de maio de 1497, datada de Evora (*Ibid.*, Liv. 37, fl. 75; e na *Chancell. de D. João III*, Liv. 17, fl. 109 *v.*)

Pela carta de 1 de dezembro de 1486, datada de Lisboa, vê-se que era este Christovam Falcão, casado com D. Isabel de Albuquerque, cujas arras ahi se lhe seguram. (*Chancell. de D. Manoel*, Liv. 1, de Misticos, fl. 229 *v.*)

Lê-se nas genealogias manuscriptas que casou *segunda vez á sua vontade* com D. Violante Pereira. Na *Chancellaria de D. João III* é nomeado fidalgo da casa d'el-rei por carta de 11 de agosto de 1529; e não póde haver duvida sobre a sua personalidade, por que essa confirma a carta de 21 de maio de 1497, datada de Evora. (*Chancell. de D. Manoel*, Liv. 37, fl. 75; e de *D. João III*, Liv. 17, fl. 36.) Por carta de 13 de abril de 1529 fôra-lhe concedida carta de conselho, confirmando outra.

Emfim, acha-se confirmada por carta de D. João III, de 24 de fevereiro de 1524 uma tença de 58$333 reaes brancos (*Chancell. de D. João III*, Liv. 41, fl. 62 *v.*; e Liv. 48, fl. 22 *v.*) a qual já fôra confirmada por D. Manoel por carta datada de Evora, de 28 de fevereiro de 1497 (*Chancell. de D. Manoel*, Liv. 27, fl. 16); e no tempo de D. João II, por carta datada de Santarem de 5 de maio de 1486. Recebera a graça d'esta tença em 19 de fevereiro de 1481, por carta datada de Almeirim, quando era fidalgo da casa do Princepe.

O ultimo documento que encontramos sobre este Christovam Falcão é a carta de Feitor e Capitão da Fortaleza de Aguim, por trez annos, datada de Evora, em 21 de março de 1545. (*Chancell. de D. João III*, Liv. 66, fl. 192 v.)

Vê-se por esta data quanto era facil confundil-o com o poeta. Não admira que Barbosa Machado, refe-

com matricula de 1477 e trinchante d'el-rei. Casou com D. Mecia de Almada, filha de João Vaz de Almada, Védor da casa de

---

rindo-se ao poeta, escrevesse que *fôra viver para Evora;* e que o assento do seu fallecimento em 24 de maio de 1550, encontrado na Misericordia de Evora, tambem fosse referido ao poeta, erradamente.

Do seu segundo casamento teve este fidalgo Christovam Falcão, os seguintes filhos:

— Martim Falcão;

— Gonçalo Falcão (Embarcou para a India em 1537; como se vê no Ms. 123 da *Coll. Pombalina*, fl. 54; e em 1553 vae por Capitão de Sofala; (*ibid.*, fl. 120.)

— João Falcão;

— Ayres Falcão;

— Pascoal Falcão (Embarcou em 1538 para a India na náo commandada por D. Garcia de Noronha; Ms. 123 da *Coll. Pombalina*, fl. 64; ahi se lê: fidalgo escudeiro, *filho de Christovam Falcão e de D. Violante Pereira*.)

— D. Brites; D. Branca e D. Anna Peres.

II. *João Falcão de Sousa*, já figura nas Moradias da Casa de D. Affonso V, de 1479, com o assento: *João Falcão, filho de Gonçalo;* foi *captivo no escalamento de Tanger*, d'onde lhe ficou a honrosa antonomasia de *Cativo*, por que era conhecido na côrte. Lê-se em uns versos de Pedro Homem a D. João Manoel:

> Cá por saber se vam
> nam sey se vivo,
> e tambem se *Jam Falcam*
> *se he já cativo.*
>
> (*Canc. ger.*, I, 463.)

Na resposta de D. João Manoel vem uma allusão á arrojada empreza d'este cavalleiro, que era entrar em Tanger pelos canos da cidade:

D. Affonso V, ou da rainha D. Leonor, mulher de D. Duarte; residia em Alter do Chão. Foram seus filhos:

No feyto de *Joam Falcam*
aynda agora se sonha
taforeas capitam...

(*Ibid.*, 466.)

E tambem verseja João Gomes de Abreu ácerca d'elle:

Troux'aqui o seu peccado
hum dominguo *João Falcam.*

(*Ibid.*, III, 373.)

Encontramos figurando João Falcão como poeta no Apodo que se fez na côrte em 1482, contra os cavalleiros portuguezes que trouxeram de Castella a moda das carapuças de veludo:

A tesoyra do Judeu
que cercea mil pelotes,
por dar mais logar a motes,
ainda n'ella não deu.
Da volta só se faria
hum faixam
que cercasse o calação.

(*Ibid.*, III. 125.)

Casou João Falcão, o *Cativo*, com D. Cecilia de Mendonça (filha de Duarte Furtado de Mendonça, commendador do *Torrão*, e de sua mulher D. Genebra de Mello) e tiveram:

—*Luiz Falcão*, que tambem tem uma terrivel lenda de amores; reproduzimol-a segundo as palavras textuaes de Christovam Alão de Moraes: «andou muito tempo na India, para onde foi com Antonio da Silveira

— Pero de Souza Falcão;[1]
— João Vaz de Almada Falcão;
— D. Branca de Sousa;[2]

---

por Guarda-mór del-rei de Ormuz. Serviu bem n'aquelle estado, e estando por Capitão, o mataram á traição e á espingarda. Dizem que por mando de Manoel de Sousa de Sepulveda, por intentar casar com D. Leonor de Sá, que era mulher formosa, filha de Garcia de Sá, de quem o Sepulveda andava enamorado, e se casou depois, e todos foram esperar o castigo de Deus á terra do Natal. (*Pedatura Luzitana.* fl. 485, Ms. n.º 441 da Bibl. mun. do Porto.) No Livro *Memoria das Pessoas que passaram á India nos annos de 1504 a 1628... que tiramos dos Livros da Casa da India.* (Ms. 123 da *Coll. Pomb.*) ahi encontramos Luiz Falcão embarcando para a India em 1537, como capitão da náo *S. Maria da Graça.* (fl. 57) Percorrendo esta *Memoria.* encontramos partindo para a India em 1553, Ayres Falcão, filho de Luiz Falcão (fl. 120) e outra vez em 1564: Ayres Falcão, vae provido na Capitania de Baçaim, *filho bastardo de Luiz Falcão.* (fl. 182) Em 1604 e 1608 embarca-se para a India João Falcão *fidalgo cavalleiro, filho de Ayres Falcão*, (fl. 353.) e na Armada de 1626, que partiu para a India em 18 de abril, segue *Christovam Falcão de Sousa.* fidalgo cavalleiro, filho de João Falcão — por mez 1$500 rs. (fl. 418.) É um homonymo, que se destrinça do filho natural do poeta, que figura ainda no seculo XVII.

— Gonçalo Falcão, é talvez um d'esses, que embarcou para a India em 1537 ou 1553.

— D. Maria de Mendonça, que casou com o marquez de Astorga.

[1] Foi instituidor de uma Capella de Missas em Alter do Chão, á qual estavam applicados os rendimentos da Torre Gem, e um quinhão de um pisão, sendo duas partes para as missas e uma para o administrador, com que foi amerceado seu sobrinho Barnabé de Sousa.

[2] Fallando do segundo Capitão donatario da Ilha de S. Maria (Açores) João Soares de Albergaria, escre-

— D. Catherina;
— D. Guiomar.

D'estes filhos, o segundo, João Vaz de Almada Falcão, é aqui memorado como pae do celebrado poeta. O seu caracter probo e integro reflectiu-se nas noticias genealogicas, onde se lê: «*foi Capitam da Mina e por bem servir não troixe dinheiro, e por isso viveo e morreu pobre.*» [1] Era homem de caracter inflexivel, como se verá pela auctoridade que exerceu sobre o poeta, que tambem foi contrariado nos seus amores por essa honrada pobreza paterna. Casou o austero Capitão da Mina com D. Brites Pereira, filha de Ruy Fernandes Pereira, homem honrado de Portalegre, da qual teve os seguintes filhos:

— Christovam Falcão *(que foi trovador; o Chrisfal; assás poeta celebre; o que fez as Trovas que chamam do Chrisfal; famoso poeta*, que fez a *celebre Ecloga Chrisfal*, e outros epithetos que o distinguem nos manuscriptos genealogicos e livros historicos.)

---

ve o P.e Cordeiro, compilando Gaspar Fructuoso: Já viuvo pois o segundo Capitão de Santa Maria e seu filho herdeiro, voltou da Madeira a Lisboa, e el-rei logo o casou com *D. Branca de Sousa*, filha de João de Sousa Falcão, fidalgo da casa de el-rei, *que residia em Alter do Chão*, e era parente mui chegado ao Barão velho, e do famoso poeta Christovam Falcão, *que fez a celebre Ecloga Chrisfal*, das primeiras syllabas do seu nome, e por sua mãe era a dita D. Branca, filha de D. Mecia de Almada, prima co-irmã do conde de Abrantes. Foi celebrado este casamento em Lisboa, a 20 de junho de 1492.» *Historia insulana*, p. 113. Esta data é um seguro ponto de referencia.

[1] Ms. C. 1. 8 (Bibl. nac. de Lisboa.) Ap. Epiph.

— Damião de Sousa Falcão; [1]
— Barnabé de Sousa Falcão; [2]

---

[1] Damião de Sousa Falcão, foi casado com D. Jeronyma Coutinho. Na *Memoria das Pessoas que passaram á India nos annos de 1504 a 1628.* (Ms. 123 da *Coll. Pomb.*), achamos na Armada que foi para a India em 1550, levando D. Affonso de Noronha: «*Damião de Sousa,* filho de João Vaz de Almada, moço fidalgo — por mez 1$800 réis.» (Fl. 105.) Em 1564 encontra-se: *Damião de Sousa,* partindo como Capitão da náo *Flor de la mar,* da Armada que largou em 20 de março, indo por capitão-mór D. Antonio de Noronha, nomeado Vice-rei. (Fl. 178.) E na Armada que partiu para a India em 1568 levando o Vice-rei D. Luiz de Athayde, ia commandando a náo *Remedios, Damião de Sousa Falcão.* (Fl. 192.)

D'este irmão do poeta falla tambem Diogo de Couto na *Decada VII* (cap. 34) ao narrar uma invasão de indios: «A primeira cousa que fizeram foi queimarem as nossas cruzes, que estavam pelos caminhos em cima dos montes, e profanarem os templos divinos, que não foi possivel defenderem-se, e as gentes d'aquellas aldêas se recolheram a Salsete, onde estava por Capitão Damião de Sousa Falcão, irmão de *Christovam Falcão, aquelle que fez aquellas antigas e nomeadas Trovas de Chrisfal,* e parte se recolheram a Gôa.» Passou-se este facto, narrado por Diogo de Couto, em 1571; é natural que Damião de Sousa sobrevivesse a seu irmão. Do seu casamento houve uma filha, D. Maria de Castro, que foi a primeira mulher do filho natural do poeta, Christovam Falcão de Sousa, de quem teve trez filhos. D'este sobrinho e genro de Damião de Sousa Falcão apontaremos adeante algumas datas.

[2] Ácerca de Barnabé de Sousa, sabe-se que casára em Portalegre com D. Brites de Oliveira; elle herdára a Capella de Missas de Alter do Chão, instituida por seu tio Pero de Sousa Falcão. No Alvará de 25 de junho de 1576, lê-se: «de que fizera mercê a *Barnabé de Sousa,* parente do instituidor»; falleceu sem filhos e no testamento deixára que pedisse esta mercê seu sobrinho Christovam Falcão de Sousa. (*Privilegios de D. Sebastião,* Liv. 13, fl. 23.)

— D. Braçaida de Sousa. [1]

Não é indifferente para a critica historica a indicação d'estes irmãos do poeta; por elles com toda a segurança se poderá conhecer quaes são os documentos que se referem ao auctor do *Chrisfal*, conseguindo-se assim projectar alguma luz sobre a sua vida. Com todos esses trez irmãos teve relações, que nos authenticam certos factos biographicos.

Comecemos pela lenda dos seus amores; lê-se no manuscripto genealogico de Christovam Alão de Moraes, intitulado *Pedatura luzitana hispanica:* «Christovam Falcão, foi o que fez as Trovas que chamam do *Chrisfal.* (Este nome foi deduzido das primeiras syllabas do nome e sobrenome d'este Christovam Falcão). *Não casou por que não foi com sua dama*, que segundo dizem, *foi D. Maria Brandão*, filha de João Brandão, de Coimbra, *e foi-se para a India, onde morreu;* e houve illegitimo Christovam Falcão de Sou-

---

[1] De D. Braçaida de Sousa sabe-se que fôra casada em primeiras nupcias com Antonio Vaz Mergulhão, homem honrado de Portalegre, de quem houve dois filhos, tendo o mais velho 6 annos em 1542. Casou em segundas nupcias com Heitor de Figueiredo, tambem viuvo com duas filhas, e era já fallecida em 1548. (*Corpo chronologico*, P. I, Maço 72, Doc. 146. Torre do Tombo.) Uma carta de março de 1548 e outra de 7 de novembro do mesmo anno, são documentos em que o poeta figura ácerca de questões sobre seus sobrinhos orfãos, que elle defende contra o padrasto.

Na consulta d'estes documentos fomos auxiliado pela muita competencia e boa vontade do snr. Pedro Augusto de Azevedo, sollicito official da Torre do Tombo.

sa.» [1] Este drama de um amor desgraçado foi celebrado pelo poeta na Ecloga tão *nomeada* no seculo XVI, pela intensidade de sentimento e relêvo de realidade que ainda hoje nos impressionam. Christovam Falcão velou com allegorias a sua dorida historia, conservando o anonymo, para não suscitar o escandalo, e demais estando já a sua namorada casada com outro. Pela leitura da Ecloga se deduz, que sendo ainda muito novo o assaltou essa paixão invencivel, e que D. Maria Brandão era ainda mais joven do que elle:

> *Sendo de pouca edade*
> nam se ver tanto sentiam,
> que o dia que se não viam
> se via na saudade
> o que ambos se queriam.
>
> (Str. 2.)

> E com quanto *era Maria*
> *pequena*, tinha cuidado
> de guardar melhor que o gado
> o que lhe Chrisfal dizia;
> mas, emfim, foi mal guardado.
>
> (Str. 3.)

E mais adeante, justificando-se de nunca ter pensado na riqueza da familia dos Brandões, diz o poeta:

---

[1] *Pedatura*, fl. 485 *v*. Ms. n.º 441 da Bibliotheca do Porto.

Quando vos dei a vontade
ynda *vós ereis menina,*
e eu de pouca edade;
mas cahiu minha mofina
sobre a minha verdade.

(Str. 84.)

No arrebatamento do seu primeiro amor as duas creanças *casaram a furto*, por um facil recurso usado no seculo XVI, e que bastantes perturbações causava na sociedade civil. Pelas Constituições do Arcebispado de Lisboa (tit. VIII, const. 1) e outras leis do reino, para que estes casamentos clandestinos ou *a furto* fossem validos, bastava ter o noivo quatorze annos e a noiva doze: «Porém se ho homem for de quatorze e a molher menos de doze; ou a molher de doze e o homem menos de quatorze; *aquelle que he em edade perfeita nam se deve arrepender*, e deve esperar até que venha o outro á sua edade perfeita; e se ho contradisser poderá cada hũu fazer de si ho que lhe bem vier. E se o nom contradisser e constar que persevera na mesma vontade, entam fica ho matrimonio valioso de hũa parte e da outra, salvo se a malicia supre a edade.» A este *casamento a furto* allude a rubrica da Carta que se succede á Ecloga *Chrisfal;* mas nas estrophes 88 a 90 toca o poeta esse episodio, por onde se vê que a Maria diziam que se podia *arrepender* (por não ter então os doze annos feitos); narra o poeta, referindo-se á indissolubilidade do casamento:

Mas que fosse assi e mais,
que remedio vos dão,
com quem conselho tomaes
á grande obrigação
em que a Deus me estaes?
que não são casos pequenos
pera que a alma não dòa?»
Respondeu: — Essa é boa!
Dizem que *isso é o menos*,
que Deus, que tudo perdoa.

E dizem, que *eu moça era*
ao tempo que isso foi ser,
como tempo de crecer
tinha, que assi justo me era
tel-o de me arrepender.
Isto e mais se me diz,
crê que te fallo verdade,
que não tinha liberdade
pera fazer o que fiz,
por minha pouca edade.

Então me mandam que meça
amor com quam longe estamos,
pera que mais não me empeça,
e se prazeres passamos,
os dissimule e esqueça...

(Str. 88 a 90.)

Quanto tempo duraria este delicioso sonho, attendendo ao caracter inflexivel de João Vaz de Almada Falcão, e ao orgulho do opulento Contador do Porto, João Brandão, incompativeis entre si! O poeta conta ingenuamente:

Que depois de *assi viver*
n'esta vida e n'este amor,
depois de alcançado ter
maior bem pera mor dôr,
em fim se houve de saber
por Joanna, outra pastora
que a Chrisfal queria bem.

(Str. 4.)

A qual logo aquelle dia
que soube de seus amores,
aos parentes de Maria
fez certos e sabedores
de tudo quanto sabia.

(Str. 5.)

Esta Joanna, que denunciou os amores de Chrisfal e Maria, era D. Joanna Pereira, sua irmã mais velha; Maria era a mais nova, de cinco filhos que tinha o Contador João Brandão. [1]

Estes amores foram timidos e escondidos,

---

[1] Transcrevemos da *Pedatura luzitana*, fl. 90 *v.*, (Ms. n.º 441 da Bibl. do Porto) algumas noticias sobre este João Brandão, que auxiliam o esclarecimento d'este drama amoroso. Era filho de Alvaro Gonçalves Brandão, do qual herdou o officio de Contador do Porto; casou com D. Brites Pereira (filha de Diogo Peixoto e D. Branca Pereira) e teve os seguintes filhos:

— Diogo Brandão,
— Fernão Brandão,
— *D. Joanna Pereira,* mulher de Ruy Leyte.
— D. Filippa Pereira, mulher de João de Sá, de Coimbra, filho de João Gonçalves de Miranda, avô do Bispo do Porto, D. Simão de Miranda.
— *D. Maria Brandão, mulher de Luiz da Silva, Capitão que foi de Tanger.*

como na edade da candura; uma vez conhecidos surgiu um impossivel, opposto pela familia de Maria áquelle arrôbo infantil; como vimos, o Capitão da Mina, *por bem servir nam troixe dinheiro*, e

Chrisfal não era então
dos bens do mundo abastado...

E como em a baixeza
do sangue e pensamento
he certo esta certeza
cuidar que o merecimento
está só em ter riqueza,
enqueriram que teria,
e do amor não curaram,
em que bem se descontaram
riquezas que faleciam
por males que sobejaram.

(Str. 5, 6.)

Os dois irmãos mais velhos, de Maria, são dois valiosos poetas do *Cancioneiro geral*. Diogo Brandão foi Contador da Fazenda real no Porto, depois de 1497; era intimo amigo de João Rodrigues de Sá, e um dos primeiros que imitou em Portugal os *Poemeti* com assumpto historico. Na lista dos Cavalleiros do conselho de D. Manoel, em 1518, figura o outro poeta, Fernão Brandão, como camareiro e guarda-roupa do infante D. Fernando.

Pelo casamento de João de Sá, em casa de quem vivia Sá de Miranda em Lisboa, com uma irmã de D. Maria Brandão, conheceu o renovador do lyrismo estes amores do *Chrisfal*, e mais tarde veiu a ter relações com Christovam Falcão, que juntamente com Bernardim Ribeiro se representam n'esse trio bucolico, *Ergasto, Delio* e *Laureno*.

Como não era conveniente este enlace precoce aos interesses da familia dos Contadores da fazenda, foi a menina D. Maria Brandão levada para casa dos seus parentes de Evora, como para distrahil-a ou subtrahil-a áquella fascinação. Christovam Falcão põe na bocca da encantadora Maria:

> Quando eu comtigo falei
> aquella ultima vez,
> o choro que então chorei,
> que o teu chorar me fez,
> nunca o eu esquecerei.
> *Foi esta a vez derradeira,*
> *mas começo da paixão,*
> passando-me eu então
> para o *Casal da Figueira*
> do *Val de Pantalião.*
>
> (Str. 97.)

Pelo Manuscripto já citado de Alão de Moraes acha-se noticia do aqui chamado *Val de Pantalião:* D. Joanna, tia-avó de D. Maria Brandão, casára a primeira vez com João *Pantalião;* foi o *Casal de Pantalião* herdado por seu sobrinho Fernão Brandão, de Evora, por ventura o poeta que figura no *Cancioneiro* da Bibliotheca de Evora (ed. Hardung, n.º 69), o qual andou muito tempo homisiado em Castella, por excessos que commettera. N'elle se extinguiram os Brandões de Evora. Tambem pela *Pedatura luzitana*, se sabe que um antepassado d'esta familia, Fernão Martins Brandão, recebera em tempo de D. Fernando «certas herdades em Monte-Mór (o Novo) onde chamam *a Silveira.*» É crivel que

na redacção ou cópia do verso: Para o *Casal da Figueira* houvesse intuito de mascarar a realidade, tendo sido Maria levada para *a Silveira*.

Trataram os parentes de Maria de indispôr-lhe o espirito, dizendo que o joven Christovam Falcão só visava á riqueza do casamento; e prohibiram os irmãos de Maria que ella lhe apparecesse:

> defendem-me meus parentes
> que te não fale nem veja.

> E Chrisfal, he-me forçado
> fazer *a vontade* sua,
> por que lh'o tenho jurado
> e tambem *por que da tua*
> *o certo me tem mostrado:*
> Por que me dão a certeza
> por que fazem conhecer-me,
> o que eu hei por gram crueza,
> *o amor que mostras ter-me*
> *ser só por minha riqueza.*
>
> (Str. 79 e 80.)

Deprehende-se por estes versos que Christovam Falcão ia vêl-a, através de todos os embaraços, crente na mutua fé com que se tinham desposado. Mas a austeridade e orgulho de João Vaz de Almada Falcão, que se julgava mais nobre que os Brandões, interveiu oppondo-se com todo o rigor paterno á vontade de seu filho; submetteu-o durante *cinco annos* a carcere privado, em sua propria casa, em Portalegre. Ao descrever o seu apartamento de Maria, o poeta accrescenta:

Além da dôr principal,
pera mór pena lhe dar,
puseram-no em logar
máo pera dizer seu mal,
mas bõo pera o chorar.

(Str. 7.)

Era o carcere domestico, como se declara mais explicitamente na rubrica tradicional, que serve de epigraphe á *Carta* que acompanha a Ecloga: «*Do mesmo,* estando preso, *que mandou a uma* Senhora com quem era casado a furto *contra vontade de seus parentes d'ella, os quaes a queriam casar com outrem, sobre que fez (segundo parece) a passada Ecloga.*» Outros casos de casamentos a furto produziram na sociedade do seculo XVI, em Portugal, ruidosos escandalos, como o do Duque D. Jorge de Alencastre, e o de seu filho o Marquez de Torres Novas, a que se allude na Ecloga *Chrisfal.* Na Carta começa assim:

Os presos contam os dias
mil annos por cada dia,
mas os meus, sem alegria
como os contarei eu,
verdadeiro amor meu
a quem por meu bem conheço?
pois *como preso* padeço,
e como a quem vos não vê,
mal cuja dôr se não crê
de prisão e *de ausencia;*
pois, sem peccar, penitencia
faço de traz de hũa grade...

. . . .

Bem se enxerga de meus damnos
que estou preso ha cinco annos
afora os que heide estar
passando em desejar...

Chrisfal queixa-se de não ter obtido resposta de outras cartas; lembra-lhe as palavras que trocaram no seu casamento a furto, e que não digam que ella o abandona por um outro mais rico:

Nada, senhora, me val,
não sei em que me sostenho
pois que vos escrito tenho,
por que não vejo reposta?
Quem vos poz no que estaes posta?
Que palavras vos disseram,
que mais que a rezão poderam
que já entre nós posemos?
Cuidae quanto nos quizemos,
e não vos possa mudar
dizer que vos podem dar
outrem que tenha mais que eu.

Em uma estrophe que só se encontra na edição sem data das *Trovas de Chrisfal*, diz o poeta que os parentes de Maria: «*Muytos pastores buscaram*», que por diversos motivos se foram excusando ás propostas do casamento:

mas o com que se despediram
he já mostrar que temiam
que o sabor dos teus beijos
na minha bocca achariam.

Mallogrados os primeiros projectos de um casamento de conveniencia, os irmãos de D. Maria Brandão trataram de quebrar-lhe a vontade, mettendo-a abruptamente em um

convento remoto; Barbosa Machado teve noticia, dizendo da namorada de Chrisfal: «foi recolhida no Convento cisterciense de Lorvão.» O poeta relata esta crua arbitrariedade:

> Então descontentes d'isto
> levaram-na a longes terras,
> *esconderam-na antre serras*
> *onde o sol não era visto,*
> e a Chrisfal deixaram guerras.
>
> (Str. 7.)

> Chorando a lembrança d'ella
> virada foi minha face
> pera onde o gado pace,
> da grande Serra da Estrella
> da qual o Zezere nace.
>
> (Str. 36.)

E n'esta viagem phantastica do poeta ao retiro onde lhe occultaram Maria, elle chega a declarar aonde é a mysteriosa clausura: *Lor-Vam:*

> Indo não com menos dôr,
> em que já com mais socego,
> os ventos me foram pôr
> depois de passar Mondego
> sobre as serras de *Lor.*
> *Vão* alli grandes montanhas
> de alguns valles abertas,
> todas de soutos cubertas...
>
> (Str. 51.)

Christovam Falcão descreve o sonho em que é levado pelos áres ao sitio em que en-

cerraram a sua Maria; ella apparece-lhe como Beatrice, aéria, vindo ao seu encontro, como em uma visão extactica:

> Muito a vi eu mudada,
> mas comtudo conheci
> ser a minha desejada
> a quem, assi vendo, vi,
> a vista no chão pregada,
> com o seu ár pensoso
> e passadas esquecidas
> ao tõo d'ellas medidas,
> vestida vir de arenoso,
> as mãos nas mangas mettidas.
>
> (Str. 69.)

A vista no chão pregada indica o ár monachal; vestida de *arenoso*, ou da côr amarellada dos habitos de lã branca da Ordem de Cistér, com as mãos mettidas nas mangas, são toques de um effeito artistico com que pinta a clausura lorbanense. Com que magoa lhe falla a ingenua Maria:

> Por ti vim eu desterrada
> a estas extranhas terras
> de donde eu fui criada,
> e por ti antre estas serras
> em vida sam sepultada,
> onde a se me perderem
> a frol dos annos se vão;
> ora julga se he rezão
> das minhas lagrimas serem
> menos d'aquestas que são.
>
> (Str. 77.)

A poesia sáe-lhe a jorros da alma; a verdade do sentimento fal-o passar incolume pelos defeitos do genero bucolico, e reanimar as velhas e esgotadas fórmas de Cancioneiro. Na Cantiga VI, pinta esta separação forçada:

> Quem me vos levou, senhora,
> tam longas terras morar?
> olhos que vos viram hir
> nunca vos verão tornar.

Conseguiria o apaixonado poeta escapar-se ao carcere domestico ao fim de cinco annos, e ir matar saudades da sua namorada, visitando-a no mosteiro de Lorvão? Em uma romagem assim deliberada, e n'esta angustiosa situação moral, é que elle poderia escrever a Cantiga XXIX, que põe na bocca da graciosa reclusa:

> Nam passeis vós, cavalleiro,
> tantas vezes por aqui,
> que abaixarei meus olhos,
> jurarei que vos não vi.
>
> Se me quereis de verdade,
> nam n'o deis a entender;
> folgai muito de me vêr
> dentro na vossa vontade;
> merecey-me em soydade,
> mas, se passaes por aqui,
> pois nam tenho liberdade,
> jurarei que vos não vi.
>
> Quem tanto mal por vós sente,
> nam lhe deveis causar mais,
> e, pois em minha alma estaes,
> nam deis que fallar á gente.

Inda que estejaes ausente
sempre vos vejo em mi;
mas, se mais vos vir presente,
jurarei que vos não vi.

É então que Maria lhe dá a provar o trago mortal, quando diz que elle a amava pela sua riqueza, e pede que se vá embora:

Não te veja aqui ninguem;
vae-te, Chrisfal, d'esta terra,
nam quero teu querer bem,
por que me nam dê mais guerra
da que jaa dado me tem.

(Str. 92.)

A um golpe assim, o poeta accrescenta na incomparavel eloquencia da emoção vivida: «Então cahi como morto; oxalá perdera a vida!» Maria conheceu a sua dureza:

E dizendo: O' mesquinha!
como pude ser tão crua?
bem abraçado me tinha,
a minha bocca na sua,
e a sua face na minha.
Lagrimas tinha choradas
que com a bocca gostey,
mas, com quanto certo sei
que as lagrimas são salgadas,
aquellas doces achei.

(Str. 94.)

Que haverá de mais bello na poesia universal, do que este quadro! O amor é como

a creança, que quanto mais se ameiga mais se sensibilisa; Chrisfal debulha-se em lagrimas n'este extasis subito:

> Entam ella assi chorosa
> de tam choroso me vêr
> jaa pera me socorrer
> com hũa voz piadosa
> começou-me assi dizer:
>
> Amor de minha vontade,
> ora não mais, Chrisfal manso,
> bem sei tua lealdade;
> Jesu, que grande descanso
> he falar com a verdade!
>
> (Str. 95 e 96.)

A ingenua D. Maria Brandão uma vez recolhida á vida claustral, achou-se submersa em pleno fóco de prostituição; o que era a abbadia lorbanense, vêmol-o pela extraordinaria descripção mandada ao papa pelo proprio D. João III em 1543. Não nos admira pois que n'esse escandaloso lupanar a que arrojaram a pobre creança, ella se esquecesse rapidamente dos seus primeiros amores e acceitasse outro homem, que a familia lhe impoz. [1] Entre essas cento e sessenta freiras

---

[1] Eis o notavel documento: Direis ao Santo Padre, de minha parte, que n'este reyno de Portugal, no bispado de Coimbra, estaa huum moesteiro de monjas da ordem de Cistér, o qual he muito antiguo, e fundado e dotado pelos reis d'estes reynos meus antecessores, e casa de mayor renda que neles ha de molhe-

dissolutas, facil foi apagar o pudor ou o senso moral da apaixonada menina e leval-a a considerar o passado como uma leviana aventura, sem mais consequencia.

A clausura no convento de Lorvão prolongava-se, e D. Maria Brandão para conseguir a liberdade teve de acceder á proposta de seus irmãos, acceitando um marido, da cidade de Elvas. Consigna o facto Barbosa Machado, mas ignorou-se sempre o nome d'esse rival imposto em logar do poeta; no *Sonho de Chrisfal*, por Frei Bernardo de Brito, tambem se memora esse desastrado casamento:

---

res, que val a renda dela de quatro mil cruzados pera cima, e valeria muito mais, se as propriedades quintãas e granjas dela se não alienaram e emprazaram pelas abadessas que pelo tempo foram; e que ha na dita casa *cento e sessenta molheres, antre professas, e noviças e conversas*, e ha sessenta annos e mais que nela sam abadessas molheres de linhajem dos de Eça, em modo que grande parte das monjas da dita casa sam da dita linhajem, e *algũas filhas de monjas* da dita linhajem, *que já naceram na dita casa*. E do dito tempo pera cá no dito moesteiro nom se guardou a religiam e observancia dela em nenhum dos votos sustanciaes, como por regra e constituições da ordem se devera fazer; antes *na dita casa se viveo muito tempo muy dissolutamente, e muitas monjas dela emprenharam e pariram, e tem filhos e filhas; e isto he muito notorio no reyno*, e causa de muita infamia da religiam e escandalo do povo. É datada esta carta de Cintra em 31 de agosto de 1543; em seguida a este assombroso preambulo, relata-se o romanesco escandalo da eleição da abbadessa D. Filippa d'Eça: monja que com ellas se criou na dita dissoluçam; e pera as conservar em seus maaos costumes e husos a elejeram por abbadeça... (*Corpo diplomatico portuguez*, t. v, p. 206.)

E depois que me chegou
a perder vida e sentido,
escolheu outro marido
que n'ella o premio gosou
do meu amor merecido.

Na *Pedatura luzitana*, Alão de Moraes declara esse nome: «*D. Maria Brandão, mulher de* Luiz da Silva, *Capitam que foi de Tanger.*» Tomemos relações mais intimas com esse que iniquamente possuiu a decantada Maria; era Luiz da Silva filho de Tristão da Silva, poeta do *Cancioneiro geral*, e de D. Margarida d'Arça, filha do Dr. Lopo de Arça, Chanceller do reino. Altas influencias de dinheiro e importancia social determinaram este casamento. Lêmos em uma memoria genealogica: «Luiz da Silva foi Capitão de Tanger, e em uma entrada que quiz fazer no campo de Larache, o mataram os mouros. Casou com D. Maria Brandão, filha de João Brandão, Contador do Porto, a amante de Christovam Falcão; d'ella teve tres filhos: Francisco da Silva, D. Magdalena da Silva, D. Angela da Silva. Quando se conhece a crúa decepção dos amores de Christovam Falcão, comprehende-se essa Cantiga XV:

Casada sem piedade,
vosso amor me hade matar.

. . . .

Se vos eu vira casada
com quem bem vos conhecera,
já em vos vêr descansada,
algum descanso tivera;

mas o vosso máo casar
dobra minha saudade;
casada sem piedade
vosso amor me hade matar.

. . . .

Pera sempre vos casastes
pera sempre o sentirei;
e pois no casar errastes,
dae-me parte do que errei;
nam vos engane o casar,
pois nam tolhe a liberdade;
casada sem piedade
vosso amor me hade matar.

Este estribilho vulgarisou-se, como vêmos pela Esparsa XVI, com a rubrica *D'outrem*; tambem o poeta do *Cancioneiro geral*, Diogo de Mello da Silva, voltando de Azamor e achando a sua dama casada, glosou esses dois versos em que Christovam Falcão immortalisou a sua dôr. Publicado em 1516 o *Cancioneiro geral*, vê-se pelo conhecimento d'esse estribilho que já então estava realisado o casamento de D. Maria Brandão. A Ecloga de *Chrisfal* foi escripta muito depois d'esta época, como se conhece pelas referencias a alguns factos historicos. Essa desolada paixão, conhecida por Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda e outros poetas da côrte, chegou a produzir certa impressão; o poeta declara que mais o consolaria o desconhecimento da sua dôr:

Em desconto do meu mal
não queria maior bem
que não no saber ninguem.

(Cant. XIX.)

Comprehendem-se bem as palavras do genealogista Alão de Moraes: «*Não casou, por que não foi com sua dama.*» E continuando a lenda amorosa, accrescenta: «*e foi-se para a India, onde morreu.*» [1] A realidade historica contradiz a lenda n'este ponto; todos os individuos que passaram á India com o nome de *Christovam Falcão*, são:

Na Armada de 1574, composta de seis náos, tendo por Capitão Ambrosio de Aguiar Coutinho, e que partiu em 21 de março: «*Christovam Falcão*, fidalgo escudeiro, filho de Christovam Falcão, por mez 850 reis.» (Ms. 123, fl. 218, *Collec. Pombal.*)

E na Armada de 1589, que partiu a 4 de abril, tendo por Capitão Bernardim Ribeiro Pacheco: «*Christovam Falcão de Sousa*, embarcado na náo *Santo Alberto.*» (*Ib.*, fl. 272.)

Vê-se que o linhagista confundiu o poeta com o seu filho natural Christovam Falcão de Sousa; [2] tambem o Ms. do Abbade de Perezello attribue ao poeta os dois casamentos de seu filho, e Barbosa Machado laborou no mesmo equivoco, fazendo-o Governador da ilha da Madeira e general da Armada.

O primeiro documento historico que en-

---

[1] Ms. 441, fl. 485 *v.* da Bibl. municipal do Porto.

[2] Ha outros homonymos: um *Christovam Falcão* apresentado na egreja de S. João de Anciães por carta de 27 de outubro de 1540 (*Chancel. de D. João III*, Liv. 50, fl. 219 *v.*) Outro, capellão do Cardeal Infante, do seculo XVI. E nas Armadas da India, em 1625, *Christovam Falcão* Cotta (*Ms. Pomb.* 123, fl. 417); e na de 1626, *Christovam Falcão*, filho de João Falcão. (*Ib.*, fl. 418.)

contramos ácerca do poeta, de um modo irrefragavel, é datado de 1517; é uma graça régia, motivada talvez pela sympathia que suscitava a sua desgraçada paixão, ou apparentemente pelos serviços de seu pae. Em um alvará ao Almoxarife de Coimbra foi passada ordem para que dê o rendimento d'este anno de 1517 a *Christovam Falcão:* 97$000 reis. Recebeu-os o seu procurador Mestre Jorge. [1]

E para que não haja duvida sobre a personalidade do agraciado, entre tantos homonymos, lê-se na Ementa:

Item, *Xpouão Falcão*, filho de João Vaz de Almada, haverá todo este quartel por mercê, sem cevada ao respeito: m̅ rs. (isto é, 3$000 reis.)

Recebeu em Lisboa a 20 de janeiro de 1527, por Simão Lopes por uma procuração de seu pae, pera mais os trez mil reaes. [2]

E no *Livro das Addições que se pagaram ás pessoas*, etc. (anno de 1529):

Item, Christovam Falcão, haverá seis dias de maio sómente a 1.840 reis por mez, com cevada alqueyre por dia ...... iiii^cR. reis os quaes lhe nom pagarom por os dever a Gonçalo Vaz portador que foi dos mandados que foi dos annos passados. [3] Vêmos esta generosidade régia, mas não nos illudamos; D. João III dava tenças, mas ao mesmo tempo pedia dinheiro emprestado aos agra-

---

[1] *Corpo chronologico*. P. II, Maço 69, Doc. 60. (Torre do Tombo.)

[2] *Ementa*, Maço 1, Liv. 7, fl. 127 *v*. (Torre do Tombo.)

[3] *Ibid.*, Liv. 1, fl. 90, *v*.

ciados, o que provocava algumas ironias. [1] Por estas datas de 1527 e 1529 vêmos a época em que Christovam Falcão frequentaria a côrte, aproximando-se dos dois poetas que tanto impulsionavam a poesia portugueza. A convivencia entre elles trez deu-se, como se observa pela communhão de algumas das suas Cantigas. [2]

---

[1] Pelo testamento de Mem de Sá, de 22 de julho de 1569, sabemos que D. João III ficára devendo certo dinheiro que pedira de emprestimo a Francisco de Sá de Miranda: «e assi arrecadei 20$000 rs. de hũ emprestimo que fez *Francisco de Sá* meu irmão a Sua Alteza, se não são pagos, pagar-se-hão.» E no Ms. *Memoria dos Ditos e Sentenças*, encontramos: «Pedindo el Rey aos senhores ricos do reyno para hũ negocio importante algum dinheiro, disse ao Conde (de Vimioso), que lhe emprestasse tantos mil cruzados, que tambem o Conde da Castanheira lhe emprestára outros tantos. E por que o Conde da Castanheira era o mayor privado que el Rey tinha, e a quem nenhuma cousa que lhe pedisse negava, respondeu elle: — Eu, e meus filhos, e fazenda, he tudo de V. A.; mas dizerme que o Conde da Castanheira lhe empresta, não he consequencia, por que o seu emprestimo he como agoa de barrella, que se lança por cima e recolhe por baixo.» (Fl. 70, v.)

[2] No *Chrisfal*, estancia 17, vem a allusão a uma Cantiga de Bernardim Ribeiro:

> Dando uns mui doridos brados,
> saídos do coração,
> a Cantiga vinha entam:
> *Em meus olhos aggravados*
> *vereis se tenho razam.*

E no Ms. Juromenha (fl. 89 *v.*) vem este mote:

> Huns olhos verdes rasgados
> que com brando olhar matavam,
> oh com que graça mostravam
> estar dos meus aggravados!

A união dos trez poetas mostra-se-nos representada na Ecloga no gosto italiano, em que debatem Ergasto e Laureno, tendo por juiz Delio; quer dizer, que pelo influxo de Sá de Miranda, ensaiavam os novos metros Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão. Parece que a côrte se ia animar outra vez; de repente manifesta-se a loucura de Bernardim Ribeiro, por qualquer conflicto palaciano que lhe aggravou a crise mental em que mal se equilibrava, e Sá de Miranda resolve deixar o bolicio do paço e recolher-se á socegada vida de provincia, em 1534. Este concurso de circumstancias affastou Christovam Falcão da poesia, e pela intimidade em que estava com D. João III foi occupado na vida diplomatica, encontrando-o em serviço na embaixada portugueza em Roma em 1542. É natural que as *Trovas de Chrisfal*, que se imprimiram anonymas, em um folheto avulso sem data, (attribuimol-o a 1536) saíssem das cópias particulares e intimas por causa da ausencia de Christovam Falcão, de Portugal; o mesmo aconteceu ás *Trovas de dois Pastores*, (Ecloga III) de Bernardim Ribeiro, n'esse mesmo anno, por que o poeta se achava em completo estado de inconsciencia.

Apresentamos uma carta de Christovam Falcão, datada de Roma, em 1 de outubro de 1542, e dirigida a D. João III, na qual se nos mostra o homem conhecedor dos negocios diplomaticos e de certas questões azedas da época, as quaes tocavam directamente o monarcha. Por essa carta sabemos que já se achava em Roma Christovam Falcão, quando o embaixador de Portugal Christovam de

Sousa entregou as suas credenciaes ao papa Paulo III e saía de Roma em 10 de março de 1542. [1] Declara o poeta, que escrevera antes da partida do embaixador, ao rei. Qual o motivo por que se achava Christovam Falcão em Roma? Que fôra como embaixador em 1542 dizem memorias avulsas confundindo-o com o embaixador, que era Christovam de Sousa. Seria elle *um gentilhomem* mandado pelo rei *sobre o caso do bispo de Viseu?* Debatia-se então o caso de ter o papa concedido o barrete cardinalicio a D. Miguel da Silva, bispo de Viseu e antigo embaixador do rei D. Manoel, antes de o conceder ao infante D. Henrique! Foi esse o motivo da despedida do embaixador portuguez, succedendo-se-lhe o Dr. Balthazar de Faria, que chegou a Roma em 1 de julho de 1542. O poeta falla ao rei com certa ironia do Cardeal *sem* Višeu, alludindo a achar-se privado de todas as suas rendas pelo despeito de Dom João III. Christovam Falcão não assistia na embaixada portugueza, mas em casa do marquez de Aguilar, embaixador do imperador Carlos V, ou em casa de um primo segundo co-irmão, *que é onde serve o rei.* Talvez o Dr. Manoel Falcão? Em Roma devera encontrar-se com D. Manoel de Portugal, outro poeta imitador da eschola italiana, e com todos os que andavam envolvidos na lucta dos christãos novos e intrigas dos nuncios contra a Inquisição em Portugal, nos trabalhos preparatorios do Concilio geral, e com os varios

---

[1] *Corpo diplomatico.* t. V, p. 54.

despeitados pela nomeação ao cardinalato do bispo de Viseu, D. Miguel da Silva. A carta é digna de mais extensos commentarios, mas afastava-nos do campo litterario; eil-a:

Senhor. — Antes que de cá partisse o Embaixador Christovão de Sousa escrevi uma carta a V. A. em que lhe dava conta do que lhe tinha feito em meus negocios, e fazia folgando acertar n'isso a vontade de V. A. ainda que tambem me pezasse por querer que V. A. queria acreditar que em no querer assi fazia a vontade de meus contrairos; na mesma carta lhe dei conta de como estou em casa do marquez de Aguilar embaixador do Imperador como em casa de meu primo segundo co-irmão, que é onde eu sirvo a V. A. n'aquellas cousas que o servir posso, como lhe póde dizer Christovão de Sousa e os mais que qua são em seu serviço, se o quizerem fazer, e como quem tem esta vontade quiz fazer estas regras a V. A. nas quaes póde ser que o servirei. O papa, senhor, saíu de Roma os dias passados a visitar a cidade de Perosa e algumas terras outras do Estado, foi o marquez co elle e estando em Perosa me pidia o marquez fosse ao cardial Farnes, que estava em quamarinho com uma cousa de importancia; fui e no caminho passei pola cidade de Assis onde está o corpo de Sam Francisco na pousada onde fui pousar achei o Trombeta frances mal vestido, quizera-o tomar para o marquez, que havia mister hum e fallando-lhe sob isto me veiu a dizer que era frances e que fôra de França ao Brasil de Portuguall em huma náo, a quall náo carregaram no Brasil, elle e os que na náo iam, e de outras

que na terra havia, e que vindo-se a estas partes de Levante com detreminação de irem vender a merquadoria a Custantinopla dera um tempo n'elles que os faz tomar um porto da Pulha onde lhe foi tomada a náo com quanto traziam por um governador do Emperador, entre as quaes cousas disse que lhe tomaram seiscentos papagaios e que elle vinha fugindo, despois que tornei a Perosa preguntei ho secretario do marquez se tinha aviso d'isto, dixeme que si, e que fôra avaliado o que na náo vinha em vinte e sete mil cruzados, e que n'ella vinham judeus que parece que tomaram pola costa, que cria que eram os mais portuguezes, detreminei escrevel-o a V. A. por que creo que n'esta fazenda tem mais direito que o Emperador nem que ninguem por ser tudo o que n'ella vinha seu, e tão bem póde ser que aproveitará pera os negocios que V. A. traz com el rei de França que aqui esta o Turco tomado ás mãos quando pera nada aproveitar V. A. tome a vontade que de o servir tenho, que eu faço aquillo que cuido que devo a quem sam, ainda que nunca ninguem achei que pera commigo oulhasse obrigaçons. Fernão Coutinho, senhor, se foi tambem d'aqui, dias ha a Veneza mal com o cardial *sem Viseu* foi com detreminação de se ir a França, fallei ao marquez n'elle pedindo-lhe que lhe estrovasse aquella viagem, o marquez ho fez e trabalha a pòr em serviço do Emperador e creo que o porá com algum bom cárrego, quil-o fazer saber a V. A. por que segundo n'isso levar gosto assi o fará o marquez. As reaaes mãos de V. A. beijo a quem estado e vida Deus

prospere. De Roma 1.º de Outubro de 1542 — Christovão Falcão de Sousa. [1]

A phrase ironica de Cardeal *sem Viseu* explica-se em todo o seu alcance em uma carta do Dr. Balthazar de Faria a D. João III: «Soube que Dom Miguel passava gram trabalho, e que já em casa nam ha hi mais de XII pratos, que os demais sam comidos. Os criados vam se-lhe cada dia. Os acredores matam-no. Por caminho ou come co papa, e, se vem tarde, manda á cosinha por uma ave. Anda a cousa de modo que se fala nisso pubricamente. Poucos dias ha que, indo o papa pera a mesa, estando nós presentes Santiquatro e eu, se lhe lançou hu mercador aos pés, que lhe pedia justiça de dom Miguel, que lhe nam pagava seiscentos cruzados. Ao banco de Senhorim deve tres mil. E com tudo isto anda engalado, e perdido por se mostrar acceito ao papa. Estes christãos-novos me dizem que o sustentam. Sempre cuidei que tinha dinheiro, e que de industria se fazia pobre por mover a compaixam; mas, como digo a Vossa Alteza, vim a saber da grande miseria que passava em sua casa. — *Antonio Ribeiro* tambem passa grande desaventura. Mandou-me dizer que estava determinado de se ir lançar aos pés de Vossa Alteza sesta feira d'endoenças a pedir misericordia. Nam sei como o fará... [2] Esta carta é datada de Roma, de 15 de outubro de 1543; já em uma carta de 8 de dezembro de 1541, o embaixa-

---

[1] *Corpo Chron.*, P. I, Maço 72, Doc. 124.
[2] *Corpo diplomatico*, t. V, p. 221.

dor Christovam de Sousa, dando conta da elevação de D. Miguel da Silva ao cardinalato, que tanto feriu a vaidade de D. João III, diz: «Hum dos que qua negociaram esta boa obra foi *Antonio Ribeiro*, que já foi culpado no aviso de Alcobaça; e se Vossa Alteza ha de desnaturar o Bispo pera que nam pósa haver quanto vagar d'esse reyno, asi o hade fazer a todo o que o servio, português, por que pera os seus averá quando nam puder pera si.»[1] Em carta de Roma de 2 de dezembro de 1541 escreveu Antonio Ribeiro extensamente e com o maior enthuziasmo ao conde de Portalegre, por ter sido elevado ao cardinalato seu irmão, o bispo D. Miguel da Silva.[2] Fizemos estas transcripções para accentuar a personalidade de *Antonio Ribeiro*, citado por Barbosa Machado como auctor da *Bucolica de dez Eclogas pastoris*, in-8.º, publicada em Lisboa em 1586. Nenhum bibliophilo até ao presente conseguiu vêr esta obra poetica. Pela época em que vive e reside em Roma, sendo Antonio Ribeiro o poeta bucolico, as suas dez Eclogas seriam já em endecasyllabos, na fórma do tercetto, e imitando o gosto virgiliano. O silencio que no seculo XVI se fez sobre este poeta derivaria do rancor á causa do cardeal D. Miguel da Silva, que elle tanto coadjuvára.

Christovam Falcão voltou a Portugal em breve tempo; frequentava a côrte em 1548, e por essa circumstancia se defende da accusa-

---

[1] *Ibid.*, p. 418.
[2] *Ibid.*, p. 384 a 388.

ção de que é incriminado em uma devassa, de ter mezes antes ferido o meirinho de Portalegre. Esteve preso, e foi julgado por este feito; sendo de novo envolvido em outra devassa, excusa-se de estar então na côrte, referindo-se *ao pouco que tem de seu e que o forçam gastar sem causa de culpa.* Refere-se tambem a seus dois irmãos. O rei mandou passar-lhe carta de perdão em Almeirim, a 16 de junho de 1551, que apresentamos em seguida:

Dom João etc. — A todos os Corregedores, Ouvidores, Juizes e Justiças, Officiaes e pessoas de meus Reinos e Senhorios, a que esta minha carta de perdão for mostrada, e o conhecimento d'ella com direito pertencer, saude. Faço-vos saber, que Christovãm Falcão, fidalgo de minha casa me enviou dizer por sua pitição, que em uma devassa que se tirou sobre o ferimento de Antonio Fernandes, Meirinho que foi de Portalegre, no mez de março de 1548 (ĩbᶜRbiij) o culparam algũas testemunhas dizendo que havia já muitos dias ou mezes que viram a elle supplicante fallar com o Meirinho e pôr a mão na barba, como que o ameaçava pela qual ameaça elle supplicante foi já preso e accusado e sentenciado solto e livre por minha Relação, e sem embargo d'isto, se teme pelo caso de que he já livre de minhas Justiças não parecer diante, por quanto elle de tal caso he innocente, que ho tal tempo estava n'esta corte residente, antes e depois muito tempo sem d'ella sahir, como se verá por estrumentos de testemunhas; e por o dito Meirinho saber que elle e seus irmãos eram innocentes n'isto, deu

o perdão que aqui offerecia, e a sentença do livramento da ameaça, e estormento de como estava n'esta corte de tal tempo; enviandome elle supplicante pidir por mercê por assi passar em verdade, havendo respeito ás justas causas que allegua, e ao pouquo que tem de seu, mandar que pela tal devassa se não proceda contra elle, e lhe não façam gastar sem causa de culpa, maiormente que eu já tenho perdoado aos culpados, e declarava elle supplicante que se teme e pede perdão do ferimento e salto que se fez ao Meirinho de Portalegre no caminho da dita villa vindo pera esta corte, como se verá per o perdão da parte que está offerecido com sua pitição por quanto o culpam na devassa que se tirou sobre o dito ferimento, na qual pitição vinha sprito um meu Alvará per mim asinado, do qual o theor é o seguinte:

«— Desembargadores do Paço, amigos. Eu hei por bem de perdoar e relevar livremente a Christovam Falcon (*riscada a linha* fidalgo de minha casa) contendo na pitição atraz sprita, do caso de que n'ella faz menção pelo modo que na dita pitição declara, mando-vos que lhe passeis Carta de perdão em forma do dito caso; por quanto me praz de lhe perdoar e relevar livremente como dito he. Baltezar da Costa o fez em Almeiri, a xiiii de junho de 1551. (ībeli)»

«E vista per mi a dita pitição e alvará se assi he como diz e hy mais não ha, e querendo-lhe fazer graça e mercê, tenho por bem e me praz lhe perdoar livremente o caso conteudo em sua pitição polo qual vos mando que d'aqui em diante o não prendaes, nem

mandeis prender, nem lhe façaes nem consintaes ser feito mal nem outro algum desaguisado, quanto he por rezão do conteudo em sua pitição, em esta minha carta declarada, por que minha mercè e vontade e de lhe assi perdoar pela guisa que digo he, o que assi cumpri hums e outros e al não façaes. Feita em minha villa de Almeirim, aos xbi dias do mez de Junho. Elrei o mandou por D. Gonçalo Pinheiro, bispo de Tangere, e per o Doutor João Monteiro, chanceller do mestrado de Nosso Senhor Jesus Christo, ambos do seu conselho e desembargadores do paço e pitições. Francisco Martins a fez por o lecenciado Jeronymo Luiz, anno do nacimento de nosso senhor Jesu Christo, de mil bᶜli annos. Jeronymo Luiz a sob privi. Não faça duvida a antrelinha que diz — *já* e os riscados que dizem — *in* depois *fidalgo de minha casa*, e o mal sprito que diz *Falcon*, por que tudo se fez por verdade. [1]

A lenda do apaixonado *Chrisfal*, que vae morrer desalentado na India, fica um tanto prejudicada com estes documentos; o poeta abandonára a poesia e deixára-se envolver pelos interesses e conflictos mundanos. Pelo fallecimento de sua irmã D. Braçaida (talvez *Briseida*, pela moda dominante dos nomes homericos) em 10 de outubro de 1548, dirigiu o poeta Christovam Falcão uma carta a D. João III em favor de um seu sobrinho, cuja fortuna o padrasto queria capciosamente apa-

[1] *Perdões e Legitimações de D. João III*, vol. 15, fl. 322.

nhar por um casamento. Este documento é bastante elucidativo da vida do poeta; era ainda vivo seu pae João de Almada Falcão, cuja auctoridade constantemente pesava:

«Senhor. — Minha irmã D. Braçaida falleceu da vida presente a dez dias d'este mez passado (Outubro) estando eu n'essa côrte em serviço de V. A. onde me foi a nova pera que viesse prover em algũas cousas da sua alma por me ella deixar por seu testamenteiro com seu marido Eitor de Figueiredo. Fiquou-lhe um só filho e d'outro marido, que d'este não houve nenhum, e tam riquo que me dizem que foi posta a fazenda de seu pae quando falleceu, que eu não era no reino, em doze contos; fez meu pae antes que eu d'ella partisse petição a V. A. que lhe mandasse entregar seu neto e tirar do poder de seu padrasto; saíu-lhe na petição que requeresse ao juiz dos orfãos da villa donde o moço está, que é Borba, donde seu pae é natural e Alcaide mór pelo Duque de Bragança; e que elle proveria, e que não no fazendo, proveria então V. A., a qual diligencia eu tenho feito, que requeri ao juiz que lh'o tirasse do poder e que fosse loguo, por que eu tinha sabido que Eitor de Figueiredo detreminava casar o moço com sua filha no fim d'este mez em que lhe diziam que o moço faz quatorze annos, pera o matrimonio ser valioso; mandou o juiz dar vista de meu requerimento a Eitor de Figueiredo, e visto em elle responder passaram outo dias e n'estes me fizeram muitos aggravos alongando-me o tempo e me fizeram perdidiça uma petição de aggravo na qual aggravava pera V. A. apresentando-a

eu em audiencia onde foi lida, e isto tudo por elle ser Alquaide-mór, e ser toda a villa de seus parentes e criados; e por que d'aly não passam os aggravos senão pera o Ouvidor do Duque, onde tambem me deteriam pera o moço chegar ao termo dos quatorze annos, detreminei deixar a causa n'este termo, e fazel-o saber a V. A. pera que proveia n'isto como lhe parecer serviço de Deus e seu, que melhor será pois tem tal fazenda que V. A. o case com quem houver por seu serviço, que não que o orfão seja assi roubado, no que V. A. deve logo provêr como pae dos orfãos que he, quanto mais que carrega isto sobre conciencia de V. A. por um alvará que V. A. passou a Eitor de Figueiredo ao tempo que casou com minha irmã pelo qual tirou a titoria de meu pae a seu neto per lha dar a elle, ao qual agora ainda se pega como se não fosse caçada a causa por obito de minha irmã, e o que me parece que se deve fazer é passar V. A. logo alvará por esta carta que pode servir de petição, polo qual mande a um dos Corregedores de Extremoz, Elvas ou Portalegre, que qualquer d'elles vá a Borba e tire o moço do poder de seu padrasto, e entregue sua pessoa a meu pae seu avô, ou a meu irmão Barnabé de Sousa, que tem fazenda pera o melhor manter, que vive em Portalegre, onde o moço tem parte de sua fazenda, e onde morreu seu pae e se fez o inventairo da fazenda e lhe é já dado por tutor em esta fazenda; e depois do moço tirado proverá V. A. em quem seja seu tutor, e será ouvido Eitor de Figueiredo das rezoens que diz ter pera que o moço case

com sua filha; mas isto deve lá ser ante V. A. que qua, nom sei quanto se gardará justiça, e ho alvará pode V. A. mandar dar a Damião de Sousa, meu irmão que lá anda, que elle ho fará vir com muita diligencia que eu fiquo qua esperando pera o requer e apresentar, e lembro mais a V. A. que mande ao mesmo Corregedor que entenda nas partilhas e inventairo, que d'outra maneira será roubado o orfão, e assi que o tempo acaba por fim d'este mez, e eu Senhor, n'este trabalho não pretendo mais que fazer ho que devo e tenho deixado os requerementos que trago com V. A. em mão de Fernão d'Alvarez; peço a V. A. que não perqua por ausente de ser despachado, a quem Deus a vida e real estado acrecente. de Portalegre, 7 de Novembro. As reaes mãos de V. A. bejo. *Xpovão Falcão de Sousa.*» [1] (Sem anno, mas é de novembro de 1548, por outro documento, que lhe fixa uma particularidade.) [2]

Pelos documentos que deixamos transcriptos, os quaes alcançam até 16 de junho de 1551, o poeta não foi para a India, como contava a lenda. Teve um filho natural, a

---

[1] Gaveta 20, Maço 5, n.º 10. (Torre do Tombo.)

[2] Em uma Carta do Duque de Bragança ao rei, em 21 de outubro de 1542, pede que Eitor de Figueiredo, como tutor de dois filhos de D. Braçaida de Sousa, seus enteados, não obstante não poder residir na ilha de S. Thomé, aonde tem fazenda, possa ser considerado como assistente na dita ilha. N'esta data de 1542, o filho mais velho de D. Braçaida tinha oito annos; e no requerimento de seu tio Christovam Falcão, allega-se o facto de que esse seu sobrinho vae entrar na puberdade, querendo o padrasto casal-o com uma

que poz o nome de Christovam Falcão de Sousa, que devera ter nascido por este tempo. Fallecendo seu irmão Barnabé de Sousa Falcão sem filhos, passou a Capella de Missas, de Alter do Chão, para este sobrinho, por mercê concedida em 25 de junho de 1576, e alvará aos desembargadores de 1577. [1] Este Christovam Falcão, filho natural do poeta, casou em primeiras nupcias com sua prima D. Maria de Castro, filha de Damião de Sousa Falcão, e da qual teve trez filhos, João, Antonio e Jeronymo; em segundas nupcias casou com D. Maria d'Eça, filha de Ayres Corrêa, de que não houve descendencia. Datas ácerca d'este filho do poeta, são a sua partida para a India em 21 de março de 1574, e uma nova partida na Armada que largou em 4 de abril de 1589; achamol-o, mais tarde, por patente de 20 de abril de 1600 nomeado Governador do Archipelago da Madeira, funcção que exerce até 1603, [2] e foi tambem Commendador de Nossa Senhora dos Casaes na Ordem de Christo. Na matricula das Moradias da Casa de D. Sebastião, encontra-se o assento em 1576: « *Christovam Falcão, filho*

---

sua filha logo que faça os 14 annos; é pois o documento de 1548, como se obtem ajuntando aos 8 annos (de 1542) mais 6 annos, que com os anteriores prefazem a puberdade. A importancia do documento exigia o descobrir-lhe a sua data. Este sobrinho nascera portanto em 1534, do primeiro casamento de D. Braçaida com Antonio Vaz Mergulhão. (*Corpo Chron.*, P. I, Maço 72, Doc. 146. Na Torre do Tombo.)

[1] *Privil. de D. Sebastião*, Liv. 13, fl. 23. Torre do Tombo.

[2] Ms. F. 2. 21. (Bib. nac. de Lisboa.)

de Christovam Falcão. [1] Nas mesmas Moradias apparece inscripto um mancebo *Chrisfal Dias;* vê-se que a impressão d'essa maravilha poetica chegára a influir no onomastico civil. [2]

§ II. Influencia litteraria de Christovam Falcão

A Ecloga *Chrisfal*, admirada em um pequeno circulo de amigos pela verdade do sentimento e pelo conhecimento que tinham da realidade d'esse drama intimo, não podia deixar de provocar uma certa curiosidade, que foi satisfeita na edição das *Trovas de Chrisfal*, em folha volante, anonyma e sem data. É natural, mesmo, que as *Trovas* fossem publicadas contra a vontade do poeta, attendendo ás allusões sobre assumptos e casos da vida palaciana, que se continham n'ellas e que se prestavam a interpretações desagradaveis e então perigosas. Parece que o ecco d'essas interpretações chegou a Faria e Sousa, que as colligiu, como um pouco adiante veremos. A influencia litteraria no lyrismo, apesar da preponderancia da eschola italiana, foi capital; a Ecloga de *Chrisfal* era tão conhecida e sabida de Camões, que elle usava muitos dos seus versos como proverbios. Na Carta II, escripta por Camões da India, encontramos ahi quatro referencias intencionaes

---

[1] Sousa, *Provas*, t. VI, p. 640.
[2] *Ibid.*, p. 598.

á Ecloga de Christovam Falcão, as quaes, por andarem inclusas no texto em prosa passaram desapercebidas a todos os editores. Transcrevemos o trecho da Carta, destacando as passagens tomadas do *Chrisfal:* «Quão mal está no caso quem cuida que a mudança do logar muda a dôr do sentimento! E se não, diga-o quien dijo que la ausencia causa olvido. Por que, em fin *en la tierra queda*, e o mais *a alma acompanha.* [1] Ao alvo d'estes cuidados jogam meus pensamentos á barreira, tendo-me já pelo costume, tão contente de triste, que triste me faria ser contente; *por que o longo uso dos annos se converte em natureza.* [2] Pois *o que he para mór mal, tenho eu para mór bem.* [3] Ainda que, para vi-

---

[1] É uma reminiscencia da strophe 85 do *Chrisfal:*

Não sei em que se encerra
ser esquecida e estranha
esta verdade tamanha,
cá fica o aver na terra,
o amor a alma acompanha.

[2] Reminiscencia da strophe 10:

Não mudam dias nem annos
ao triste a tristeza,
antes tenho por certeza,
que o longo uso dos danos
se converte em natureza.

[3] Dois versos da strophe 12:

Comtudo olhos de quem
não vive fazendo al,
chorae mais que os de ninguem,
que o que he pera mór mal
tenho eu pera mór bem.

ver no mundo, me dubruo de outro panno, por não parecer coruja antre pardaes, fazendo-me um para ser outro, sendo outro para ser um; mas *a dôr dissimulada dará seu fruito*, [1] que a tristeza no coração é como a traça no panno.» Pelo exame das variantes d'este texto (na str. 10, *annos* por *danos;* e na 12, *eu* por *já*, e *mór* por *maior*), vê-se manifestamente que a edição sem data das *Trovas de Chrisfal* é que fôra conhecida de Camões, muito antes da sua partida para a India em 1553; durante o seu longo desterro é que escreveu a maior e a mais importante parte dos seus versos, e com frequencia imita certos versos do *Chrisfal;* temos uma prova manifesta no bello episodio do Adamastor, em que aproveita as rimas da estrophe 53 da Ecloga:

Cuberta era a fonte
de tão fresco arvoredo,
que não sei como o conte,
mui quieto e mui *quedo*
VAR.: *(estar junto de hũ penedo)*
por ser antre monte e *monte.*

No grito do Adamastor, emprega Camões o verso: «*Oh*, que não sei de nojo como o

---

[1] Acham-se na strophe 43:

anda a dôr dessimulada,
mas ella dará seu fruito,
a minha alma traz o luito;
de pouco sam esposada,
mas descontente de muito.

conte! E depois de contar como se viu abraçado com um duro *monte*, termina com o conceito eloquente, que ficára «mudo e *quedo*, e *junto de um penedo* outro penedo.» Este verso revela-nos tambem o conhecimento da edição sem data das *Trovas*. Faria e Sousa traz muitos outros paradigmas; commentando o Soneto XVII, põe como símile do verso: «*D'este* passado *bem que nunca fôra*» os seguintes de Christovam Falcão:

> ouve um pastor e pastora,
> que com tanto amor se amaram,
> como males lhe causaram
> *d'este bem, que nunca fôra,*
> pois foi o que não cuidaram.
>
> (Str. 1.)

Faria e Sousa commentando o Soneto XLI, da primeira Centuria: «Quantas vezes do fuso se esquecia» [1] cita de memoria a estrophe 41 do *Chrisfal*, por esta fórma que não se acha nas edições conhecidas:

> Em uma roca fiando
> *Porém* cahia-lhe o fuso
> *Dos dedos* de quando em quando.

Faria e Sousa, commentando o verso de Camões: «Sobre os montes da Arrabida viçosos» da Ecloga VII, aproxima-o do começo

---

[1] *Comm. ás Rimas*, t. I, p. 27; e p. 52.

do *Chrisfal*, interpretando a Ecloga segundo as tradições correntes no seu tempo. E n'este sentido parece que a Cantiga do *Velho malo*, a que allude a Ecloga na estrophe 48, tambem se acha referida por Camões no *Auto de el rei Seleuco*.

Já vimos como Diogo de Couto, na *Decada VIII*, falla em 1571 na gloriosa antonomasia «*d'aquelle que fez aquellas antigas e nomeadas Trovas de Chrisfal;*» o seu perstigio continuava ainda nos fins do seculo XVI, como vêmos por uma especie de continuação, publicada por Frei Bernardo de Brito, em 1597, na *Sylvia de Lisardo*. Tem ahi o titulo: *Sonho de Lisardo, que he quasi como a Segunda parte de Chrisfal.* [1] Depois de um preambulo em versos endecasyllabos com rima *encadeada* do segundo para o primeiro hemistychio, ao gosto italiano, *Começa o Sonho* em decimas, imitando com certa felicidade o estylo de Christovam Falcão. O cantor de Maria está encantado em Val de Flores, até que appareça um outro namorado desprezado pela sua dama; é assim que apparece a Lisardo:

> Eu fui o pastor Crisfal
> (se algũa hora d'elle ouviste)
> que em rima chorosa e triste
> cantey a força de hum mal
> semelhante ao que sentiste.
> E por que sei que é sabido
> o que passei com Maria,
> junto de uma fontę fria,
> quando mudado o vestido
> a encontrei certo dia.

[1] *Sylvia de Lisardo*. p. 72. Ed. 1784.

. . . .

Por que crendo alcançaria
com ella um fim descansado,
emfim deixou-me frustrado,
julga tu que fim teria
quem se viu tam enganado.
Trocou-me o bem que esperava
em cruel encerramento,
meteu-se em certo convento;
e a mim que ao vento gritava
deixou-me gritar ao vento.

E depois que me chegou
a perder vida e sentido,
escolheu outro marido,
que n'ella o premio gosou
de meu amor merecido...

Este *Sonho de Lisardo* appareceu appensado á Ecloga de *Chrisfal*, sem o nome de Fr. Bernardo de Brito, nas edições avulsas da obra de Christovam Falcão de 1619 e 1721; falta-lhes a parte que tem a rubrica *Despedida de Silvia e de Lisardo*, comprehendendo as suas vinte e duas decimas. Com certo desvanecimento ligava Frei Bernardo de Brito ao mosteiro de Lorvão a memoria dos amores de D. Maria Brandão, por que era aquelle mosteiro dependente da grande abbadia cisterciense de Alcobaça. Mais tarde Fr. Fortunato de S. Boaventura pretendeu negar que Fr. Bernardo de Brito fosse o auctor da *Sylvia de Lisardo*; o P.e José Agostinho de Macedo em uma carta intima refuta a escrupulosa negativa do chronista alcobacense, e descreve-nos como nos claustros eram lidos esses poemas amorosos de *Chrisfal* e de *Li-*

sardo, cujos versos confunde, e como elle mesmo apaixonado por uma freira do convento de Coz se deliciava com essas composições, de que conservava trechos de memoria. [1]

---

[1] Eis a carta inedita do P.^e José Agostinho de Macedo dirigida a Fr. Joaquim de Santa Cruz, procurador geral da Ordem de Sam Bernardo, datada de 28 de janeiro de 1830:

«o Frei Assustado (sc. Fortunato) de Sam Boaventura diz e grita que o Dr. Fr. Bernardo de Brito não compozera a lindissima *Sylvia de Lisardo*. É boa teima! Eu vi em Braga um exemplar, impresso na vida do auctor, enquadernado em pergaminho dourado, e com as folhas tambem douradas, e uma nota manuscripta, que me excitou a idéa — Coz —, que eu, na edade de dezenove annos que para alli me mandaram a uma cadeira, não conhecia, e a que por amor da boa de Sylvia fiquei affeiçoado. A nota era a estes versos, que nunca me esqueceram, e já lá vão os sessenta e quatro e cinco mezes!

> E no verão pela sesta
> Aqui se virá sentar,
> Bem alheia de cuidar
> Que a sua vista lhe empresta
> Agua para se lavar.

Um ribeirinho que atravessa a cêrca, povoado de salgueiros, e um freixo,

> Um freixo que alli fazia
> Tamalavez da corrente,
> Que impedia de um penedo
> Que no meio d'ella estava,
> Ao repouso convidava.

Mas Fr. Escrupuloso (sc. o mesmo S. Boaventura) não quer que um rapaz como elle era, compuzesse tão suaves e tão namoradas cousas! Fr. Bernar-

A nova edição da Ecloga *Chrisfal* de 1619, a que se ajuntou a pretendida Segunda parte, o *Sonho de Lisardo* por Frei Bernardo de Brito, e ainda a reimpressão de

---

do era de Almeida, que é fria, mas tinha o coração quente. A boa da *Sylvia* supponho que era menos ciosa que as Sylvias de agora, e lá, por que a pinta delicadamente fiando n'uma roca á janella:

> Em uma roca fiando,
> Mas o fuso lhe cahia
> Dos dedos de quando em quando.

Este cahir do fuso, para quem tem o pensamento no amante, que tambem a requestava, é o quadro mais bello e natural que eu vi e que eu li ainda. Elle, elle, o fradinho da minha alma, foi para Madrid, e é bem de presumir que a Sylvia do meu coração ficasse chorando (logo se calava, que n'isto se parecem todas as Sylvias velhas e moças), e assim falla o discretissimo e delambido chorão:

> E por quanto certo sei
> Que as lagrimas são salgadas,
> Aquellas doces achei.

Eu tambem, *in illo tempore*, fazia versos, e muitas d'estas lamurias, e tive inveja dos versos, e muito mais inveja de uma verdade que elles declaram: o rapazinho que as achou doces, é certo que se chegou muito para os campos de rosas por onde ellas corriam. Tanto não diria eu, se ao pé d'estes campos e d'estas pérolas liquidas visse um papeliço de abobora, com que me fosse entretendo; por que sou mais amigo d'estes bens solidos, do que d'aquellas doçuras passageiras. Se este unico exemplar estiver ainda na livraria do Collegio de Populo de Braga, eu desenganarei com elle o beatissimo antiquario servo de Deus, Fr. Fortunato. »

1639, tornaram accessivel essa obra prima de Christovam Falcão, sendo estudada por Manoel de Faria e Sousa para o seu exame comparativo do texto de Camões. No *Chrisfal* encontrou Faria e Sousa allusões ao grave caso da côrte de D. João III, a declaração do casamento clandestino do marquez de Torres Novas com a grande herdeira da casa de Marialva, D. Guiomar Coutinho; lê-se na Ecloga:

Em um valle descontente
estar Natonio vi,
d'estes assaz differente,
que casi e não conheci,
sendo meu bem conhecente;
— aquelle he o pastor
que já veiu aqui buscar-me
nom mais que por consolar-me,
e vi-o com tanta dôr,
que dôr me dá o lembrar-me.

Chorando lagrimas mil
estava commigo só,
ao modo pastoril
de dó bem para haver dó
tinto o habito vil...

Quisera-o eu consolar,
mas em cujo poder ia
não me deu a mais lugar
que ouvir-lhe que dezia:
Oh Guiomar, Guiomar,
em vós puz minha esperança,
e quanto ella encobre
agora em dôr se descobre;
perigos de confiança
fizeram do rico pobre.

. . . .

Deus lhe dê contentamento,
pois que nos fez a ventura
companheiros na tristura;
em que seu e meu tormento
cada vez tem menos cura.

(Str. 32 a 35.)

Já as serranas ao abrigo
se vão, os prados deixando,
as mais d'ellas sospirando;
hũa dezia: Ai Rodrigo!
outra dezia: Ai Fernando!

(Str. 39.)

Ao commentar o verso de Camões: «Sobre os *montes da Arrabida* viçosos,» escreve Faria e Sousa, interpretando estas passagens do *Chrisfal*: «Casi que esto solo puede ser prueba, de que sin duda el Duque (de Aveiro, Marquez de Torres Novas) es quien habla con D. Guiomar, por ser cierto, que estos montes llamados Sierra de la Arrabida estan eminentes à la Villa de Setubal, y à la de Azeitan, donde el Duque haze su principal habitacion: y a esta vivienda sin duda se iria, quando por el pleito con D. Guiomar contra el Infante (D. Fernando) o desterraran de la côrte.»[1] O Marquez de Torres Novas e Duque de Aveiro, como se expoz no exame da Ecloga *Andres* de Sá de Miranda, era tambem poeta; não admira que Christo-

[1] *Commentario ás Rimas*, p. 336.

vam Falcão alludisse no verso *ao modo pastoril* ao seu gosto litterario. Em um Manuscripto da Ecloga VI de Camões, encontrou Faria e Sousa uma esparsa castelhana d'este fidalgo. [1] Faria repete: « Este successo del Duque con D. Guiomar parece *fué assumpto de los poetas de aquel tiempo.* » O odio dos Brandões, irmãos de Maria, pelo apaixonado Chrisfal, é tambem explicavel por ser o poeta amigo intimo do Marquez de Torres Novas; Fernão Brandão era camareiro-mór do infante D. Fernando e seu guarda-roupa. O verso: « Outra dezia: *Ai Fernando!* » refere-se ao infante que veiu a casar com D. Guiomar Coutinho.

Na Ecloga falla-se em outra pastora, *Elena*, que era confidente de Maria; pela intelli-

---

[1] Transcrevemol-a:

> Alma mia no te veo,
> No me veo a mi, ni sigo;
> Alla estoy siempre contigo,
> Que no consiente el deseo
> Estar yo sin ti conmigo.
>
> No puedo conmigo hallarme,
> Por qué me hallo sin ti;
> En ti me voy á buscarme,
> Mas por de ti no mudarme
> No me buelvo mas a mi.
>
> Por qué despues que el deseo
> Me llevó de mi contigo,
> A ti sola sin mi sigo
> Que pues contigo me veo
> No quiero ver me contigo.

gencia das particularidades do texto da Ecloga se nota que a sua realidade historica corresponde a D. Maria Manoel, dama da rainha, menina de dezeseis annos, pretendida pelo velho Duque D. Jorge de Lencastre, pae do Marquez de Torres Novas. Contava elle então, setenta annos. Lê-se na *Memoria de Ditos e Sentenças de reis e principes*: «Depois que o Mestre (de S. Thiago, D. Jorge) viuvou, sendo já muito velho, affeiçoou-se demasiadamente a hũa Dama da Raynha, e dizendo aos filhos que *era casado com ella em segredo*, agastaram-se por que era o pae mal disposto, e havendo que lhe não estava bem, pediram a el Rey que se o casamento não estava feito, que S. Alteza não consentisse; e el Rey mandou o Mestre, que se fosse para Setubal, donde não sahiria sem seu mandado, e fazendo-lhe além d'isso outros dissabores. E dizendo-se ao Mestre, que o filho que o mais azedára contra elle fôra o Duque de Aveiro, mandou-lhe perguntar: Que pay fizera nunca milhores obras a filhos das que elle tinha feito, lhe respondeu, que elle não tivera nenhuma culpa no que lhe fizera el Rey. Disse o Mestre a quem lhe deu o recado: — Ora dizei ao Duque, que se elle não tem culpa, como não está já em Castella aggravado de vêr as sem razões que me faz el Rey?» E logo em seguida, no mesmo Manuscripto: «No tempo que o Mestre andava muito desejoso de casar com esta Dama, e sentido dos filhos, porque lh'o contrariavam, perguntou-lhe hũ fidalgo seu parente: — Por que queria casar, e aventurar-se a encurtar a vida? — E elle respondeu: Que por vêr se

podia haver outros filhos tão virtuosos como os que já tinha.» [1] Na Ecloga *Chrisfal* reuniu o poeta a referencia a estes dois revezes de Natonio, o ser desprezado por D. Guiomar Coutinho, e a louca paixão de seu pae o velho Mestre de S. Thiago por D. Maria Manoel. Parece que essa tardia paixão do bastardo de D. João II deu origem a certas cantigas satyricas, como a do *Velho malo*, com muitas analogias com as *Maravilhas do meu velho*, ainda vulgar na tradição. O Duque morreu de desgosto, por não consentir o rei no seu casamento; e a pastora *Elena* vem a queixar-se: «Troquei amor por riqueza — por que m'o trocar fizeram; *meu esposo aborreço*, quando me á lembrança vem.» Ao que exclama Chrisfal:

> Quando eu assi ouvi
> doer-se de minha pena,
> com novos olhos a vi,
> e então que era *Elena*,
> minha amiga, conheci.
> Esta pastora e dama
> certo que milhor lhe ia,
> quando a cantar ouvia
> dando fé que *em sua cama*
> *o velho não dormiria*.
>
> (Str. 48.)

É evidente a allusão do poeta aos loucos amores do velho e rico Duque D. Jorge de

[1] *Mem. de Ditos e Sentenças*, fl. 48. (Ms. 1126, na Torre do Tombo.)

Lencastre; a essa cantiga, ainda allude Camões no Auto de *El rei Seleuco*, quando diz:

> Ouviste vós cantar já
> *Velho malo em minha cama?*

Esta D. Maria Manoel era filha de D. Fernando de Lima; parece que effectivamente existiu o casamento clandestino com o velho Duque, por que para casar com ella foi a Roma Manoel de Sousa da Silva solicitar dispensa, e quando voltou a Portugal já ella fallecera. Depois de Faria e Sousa só tornamos a encontrar referencia a Christovam Falcão no *Enthusiasmus poeticus* do P.^e Antonio dos Reis, e na *Bibliotheca luzitana* de Barbosa Machado, com poucos elementos biographicos, sendo tambem o texto da Ecloga consultado por Pedro José da Fonseca para o *Diccionario da Academia*. Já no nosso seculo, o P.^e José Agostinho de Macedo, que se deliciava com o *Chrisfal*, mas ao mesmo tempo o confundia com o *Sonho de Lisardo*, recommendava em 1824 a Antonio Feliciano de Castilho o estudo d'esta obra prima. Transcrevemos essa carta inedita, documento pittoresco de historia litteraria, por onde se vê que a obra do genio subsiste na admiração através de todas as variações do gosto e das épocas.

Escrevendo o P.^e José Agostinho de Macedo a Antonio Feliciano de Castilho ácerca das suas *Cartas de Ecco e Narciso*, em data de 13 de agosto de 1824, recommenda-lhe a leitura dos nossos bucolicos, principalmente Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão. Eis a preciosa carta:

Ill.mo Snr. Antonio Feliciano de Castilho. — Tive a satisfação de lêr e admirar as suas *Cartas d'Eccho a Narciso*, que me foram enviadas para a censura: a approvação e o louvor já vinham na primeira pagina, apenas se chegava a lêr o seu nome. Desde que li seus primeiros versos impressos, conheci que a natureza quiz fazer uma aberração da sua marcha ordinaria, vendo que principiava por onde os outros, e mais perfeitos, acabam; e esperei sempre que em cada producção nos désse um maior prodigio; e onde parará isto? Com suas poesias vejo que não podem marcar limite a perfectibilidade do sêr humano. Sendo pois tão seu admirador, não posso ser seu amigo, quando me considero procurador dos poetas portuguezes, que floreceram no tempo dos portuguezes. Concedo que a poesia romantica é a primogenita de todas as poesias; os quadros campestres e o amor foram os primeiros folles d'esta gaita, hoje tão destemperada; concedo que Theocrito, Bion e Moschus eram os modernos de outros antigos, como nós somos os modernos d'estes gregos velhos, mas não concedo que os allemães e suissos fossem os primeiros reproductores d'esta antiguidade de antiguidade, como diz a tal senhora; fomos nós os portuguezes, e só nós os portuguezes: e primeiro escreveu Bernardim Ribeiro que Sannazaro, primeiro Christovam Falcão que Bernardino Rotta, que Ludovico Paterno, primeiro Jorge de Monte-Mór, que Marco Leo, que Jeronymo Benerini, e primeiro o mimoso, o delicado e natural Francisco Rodrigues Lobo, e o *sentimental* Fernão Alvares do Oriente, que to-

dos os pandos e bojudos allemães, por que o mesmo Haller, de quem tenho o retrato, mostra maior cabeça e mais vasta corpulencia que Vitelio. Não posso chamar caracter, porém manha ou mazella, a dos portuguezes não fazerem caso de cousa nenhuma: um poeta e a India é para elles o mesmo, e perder ambas estas cousas é perder cousa nenhuma: e para elles é mais bem feito um cavallinho allemão com seu assobio no rabo, que o cavallo de bronze com el-rei D. José em cima. Todas as traducções da collecção Huber não valem um Christovam Falcão, *auctor d'aquellas namoradas trovas*, como diz um historiador nosso: este Christovam Falcão achou-se com Affonso de Albuquerque na conquista de Malaca, e era capitão de um terço, que vem a ser cousa que por certo valia trinta tenentes-generaes dos nossos de dragonas grandes. Ora, meu amigo, eu julgo que n'essa velha Coimbra ainda ha algum ginja como eu, que conheça e prese as cousas de Portugal velho, por que o moderno não tem cousas; e as *Trovas* ahi foram impressas, como diz o Padre Antonio dos Reis no *Enthuziasmo Poetico;* veja se lá descobre um exemplar, e verá os allemães como fogem ou se mettem a compôr *assomantes* volumes de direito. Olhe que os ante-diluvianos não eram mais chorões que *Chrisfal*, quando diz:

E por quanto certo sei
Que as lagrimas são salgadas,
Aquellas doces achei...

Em uma roca fiando,
Mas o fuso lhe cahia
Dos dedos de quando em quando.

«Veja se toda a melodia e sentimentaria dos romanticos allemães eguala a sentimental melodia d'esta prosa de Bernardim Ribeiro, que com muitos, e com elle todo conservo na memoria: = Um freixo, que algumas das ramas estendia sobre a agua que alli fazia tamalavez de corrente, que impedido de um penedo, que no d'ella estava, se dividia, para um e outro cabo murmurando. Eu que os olhos levava alli postos, comecei de tomar algum conforto, no meu mal, vendo como aquella pedra imiga de seu curso natural o empecia, bem como as minhas desaventuras sohiam em outro tempo fazer a tudo o que mais queria, que agora já não quero nada. = Todos os circulos d'Allemanha, toda a confederação do Rheno, todos os cantos ou canções das vaccas dos cantões suissos, não valem metade das naturaes lamurias de Francisco Rodrigues Lobo:

Se ficas atraz,
Como esta alma teme,
Guiarei o leme
Para onde vás.

D'onde lhe veiu esta rez,
Que ella poucas vaccas cria?
Ganhou-a n'uma porfia,
Nas festas que Ergasto fez.

«Meu amigo, persuado-me que á excepção de um castelhano velho, chamado Castilhegos, ninguem eguala os portuguezes no espirito e letra da poesia primitiva. Está mui moço, em boa edade, e é, e deve ser saudado poeta: basculhe esses pulverulentos bacamartes, que por certo não são monturos de Ennio, e tenha de lá mão n'esta caraminhola, chamada *poesia*, que se vai a terra.

Inte omnis domas inclinate recumbit.

«Já para mim não ha a gaita de Pan, nem a trombeta de Calliope; para lhe escrever esta carta deitei agua no tinteiro, por que a tinta estava reduzida a polme; um giz me basta para lavrar atraz da porta o rol da roupa.

Ha quatro annos sem interrupção, refazia, polia e alargava o poema *Oriente*. Já renunciei á mania de o tirar do cahos dos borrões. Fique cá para os futuros Saumaises. É tolice cantar a surdos. Tive minhas cocegas de passar dois mezes de inverno em Coimbra, e fazer algum contrabando em letras, por que n'este meridiano de Lisboa não são fazendas de lei

Folgaria de vêr-me as cans e a fronte
Esse negro esquadrão que entulha a ponte.

Mas como ahi Minerva é Pallas, e tudo é pancadaria, um arcabuz ou um cajado não me parecem muito azados para bater o com-

passo ás endechas das Musas, que como raparigas têm muito medo e muito pouca vergonha. Vá continuando com o seu *Eccho*, que elle retumbará pelo universo:

> Por que eu se em verso aos grandes exclamára
> Olhai, que o dom das Musas não se herda,
> Logo o *eccho* dos grandes me tornára
> Vae tu e os versos teus beber da...

«Perdoe esta caduquice de um velho, e creia que é

Seu amigo

J. A. de M.»

Lisboa, 13 de Agosto de 1824.

§ III. Historia externa das Obras de Christovam Falcão

A Ecloga *Chrisfal*, que encantou o seculo XVI, andou anonyma desde a sua publicação em folha volante, sem data (1536?) até á nova reproducção em Ferrara e Colonia (1554 e 1559), em que já é attribuida a Christovam Falcão. Os seus varios textos accusam Manuscriptos differentes; mas só apparece noticia de um como tendo existido na livraria do conde de Vimeiro no seculo XVII. Foi publicada em vida do poeta, que nos Nobiliarios manuscriptos para o distinguirem de outros homonymos lhe chamam o *Chrisfal*. Por certo não foi esta Ecloga a sua primeira composição; pela logica dos acontecimentos

do intimo drama amoroso, revelou-se o seu genio poetico em Canções, Esparsas, Sextinas e outras fórmas da velha poetica de Cancioneiro. Não figurou com ellas no *Cancioneiro* de Resende, talvez por que os Falcões de Portalegre, que não eram ricos, não frequentassem o paço; mas as suas composições na *medida velha*, ou em redondilha, foram parar ás mãos do seu particular amigo Bernardim Ribeiro, que era mais velho, sendo publicadas entre as composições do auctor da *Menina e Moça*, como constituindo um grupo á parte. Como os trez poetas Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão (*Delio*, *Ergasto* e *Laureno*) mantiveram certa intimidade, é natural encontrarem-se na collecção d'este ultimo composições dos outros dois. As obras de Christovam Falcão, a Ecloga, a Carta, as Cantigas e Esparsas não foram organisadas por elle para a publicidade. Resentem-se da variedade dos manuscriptos, uns differenciados pela elaboração do proprio auctor com estrophes a mais, outros mais ou menos deturpados pelos copistas. É já possivel fazer uma edição critica digna de tão apaixonado poeta.

Bibliographia das Obras de Christovam Falcão

1536 (*Sem data;* 1.ª ed.)

† *Trovas de Chrisfal* † e como subtitulo: — *Trovas de hum pastor per nome Chrisfal.* Folheto, in-4.º, a duas columnas, em typo gothico, contendo 8 paginas não numeradas. *(Sem data, nem logar.)*

O unico exemplar conhecido existe na Bibliotheca nacional de Lisboa, na Collecção dos reservados, junto ás Comedias de Chiado. Sómente o estudámos em 1872, quando pela entrada no magisterio fixamos residencia em Lisboa; dos resultados do estudo d'esse texto alguma cousa se consignou na *Bibliographia critica de Historia e Litteratura*, p. 38:

« A edição avulsa do seculo XVI é em papel de linho, em 4.º, em typo gothico, corpo 12, a duas columnas, constando de outo folhas innumeradas. Tem ao alto da primeira pagina duas vinhetas representando uma Dama e um Pastor com cajado e capuz, e o titulo de *Trovas de Crisfal* entre duas flores de liz. Esta edição differe fundamentalmente da edição de Colonia, por que além das variantes e a estancia desconhecida, tem certas revelações indiscretas que ajudam á reconstrucção da vida de Christovam Falcão, e que os editores cortaram por não serem lisongeiras á familia dos Brandões. A edição gothica pertenceu á livraria do Cabrinha, e está junta

em um volume com as Comedias do Chiado. Eis a estancia e as transposições que alli se acham a mais.

Depois da estrophe

— E, Crisfal, he-me forçado (st. 80)

segue-se:

— E eu de mi esquecida
vou-lhe saír ao contrairo!
a ser tal culpa sabida
ser certo que esse desvairo
pagarei com minha vida.
E todo ser assi
assás de resam seria,
pois tam mal n'aquelle dia
o seu mandado cumpri
como quem a mi cumpria.

Esta estrophe está collocada dez estrophes abaixo (n.º 81) do logar que occupa na edição gothica.

Depois da estrophe:

Entam me mandam que meça (st. 90)

segue-se esta, completamente ignorada:

Muitos pastores buscaram,
mas ũ pastor por ser-te amigo,
e outro por ser-te enemigo
um e outro se escusaram;
e dam-lhe logo commigo

gado que farão mil queijos;
mas o com que se despediam
é já mostrar que temiam
que o sabor dos teus beijos
na minha bocca achariam. (st. 91)

As estrophes:

— Quando comtigo fallei (st. 97)

— Minha fee te é verdadeira (st. 98)

estão transpostas na edição gothica.»

Falta tambem nas edições em folha volante de 1619 e 1721 essa estancia 91, o que leva a inferir que derivam de uma outra folha volante do seculo XVI. Ha por vezes versos invertidos e aperfeiçoamentos do verso com intuito de lhe dar sentido intelligivel, embora alterando o texto.

N'esta folha volante não vem a *Carta*, nem as *Cantigas* e *Esparsas* incluidas na edição de Colonia. Parece mais uma vulgarisação popular, talvez uma das muitas que tornaram a Ecloga *muy nomeada*, e de que a reproducção de 1571, feita em Lisboa (existiu na Livraria de Joaquim Pereira da Costa) seria o typo que serviu para a reproducção de 1619, em que apparecem elementos só conhecidos pela edição de 1559.

A folha volante *sem data* diverge do texto de Colonia profundamente; basta observar as variantes entre as lições das estrophes 51 e 52. Attribuimos a impressão das *Trovas de*

Chrisfal, a 1536, quando appareceram tambem em folha volante as *Trovas de dois Pastores* (Ecloga III) de Bernardim Ribeiro.

A vinheta do Pastor com capuz e cajado no *Chrisfal* é a mesma que serve nas *Trovas de dois Pastores*; o typo gothico corpo 12 do titulo do folheto de 1536 é o empregado no texto do *Chrisfal*. Tambem a vinheta da Dama, que vem no titulo, apparece empregada em outra folha volante de 1536, intitulada *Tragedia de los amores de Eneas y de la reina Dido.*

Foi uma violação do segredo em que andavam estas composições; Bernardim Ribeiro estava decahido em loucura, e a Ecloga de Christovam Falcão apparecia anonyma. Ha relação entre as duas Eclogas. Nem de outra fórma se explica a phrase de Diogo de Couto, dizendo *as antigas e nomeadas Trovas de Chrisfal*, referindo-se a uma composição que circulava desde muito tempo; e na edição de Colonia de 1559, tambem se allude á sua antiguidade no titulo: «*Uma mui nomeada* e agradavel Ecloga chamada Chrisfal, *que dizem ser* de Christovam Falcão.» Indica-se assim que até esse anno andára *anonyma.*

1554 (2.ª Ed.; 1.ª int.)

Na *Hystoria de Menina e Moça por Bernaldim Ribeiro*... Ferrara, 1554: *(Egloga de Cristouam Falcam chamada Crisfal.)*

Brunet examinou esta edição, e comparando-a com a de 1559, diz: «*n'ella se acha, como na de 1554, uma longa* Ecloga *de*

Christovam Falcão, chamada CRISFAL... o resto do volume é preenchido por poesias do mesmo Falcão.» (*Man. du Libr.*, t. IV, col. 1273.) Por esta noticia se vê que esta é a primeira edição incorporada em volume; e além d'isso pela alta competencia de Brunet se confirma á simples inspecção do volume, que as poesias lyricas, Cantigas e Esparsas que se seguem á Ecloga são de Christovam Falcão.

1559 (3.ª Ed.: 2.ª int.)

Na *Historia de Menina e Moça* de *Bernardim Ribeiro*... Colonia, por Arnold Birckiman. 1559: *(Egloga de Cristouam Falcam chamada Crisfal.)*

Para a descripção d'este livro, vide retrò na Bibliographia de Bernardim Ribeiro. Desde as fls. CXXXII *v.* até á fl. CL, vem as decimas da Ecloga *Chrisfal*. A fl. CLI a *Carta do mesmo estando preso*; e de fls. CLIII a CLXXII as Cantigas e Esparsas, na quasi totalidade de Christovam Falcão. Póde-se considerar como uma reproducção do texto de 1554, proveniente de Manuscriptos que estavam fóra de Portugal, quando foram achados por occasião da morte de Bernardim Ribeiro esses que serviram para as edições de Evora. É pois o texto de Colonia o que deve ser considerado como fundamental, corrigindo-se apenas por leves variantes das folhas avulsas.

N'esta edição da Ecloga *Chrisfal* faltam algumas estrophes, que se encontram na folha volante do seculo XVI sem data; tal como:

— Muitos pastores buscaram (st. 91)

e estas da folha volante de 1619:

— Mas que fosse assi e mais...

— Por me isto alembrar...

Na successão da Ecloga faltam as rubricas: *Falla Chrisfal*, e depois a designação de *Cantiga* e *Voltas*, que tanto acclaram a narrativa, e a relacionam com as Cantigas e Esparsas do fim do livro. As composições lyricas de Christovam Falcão só apparecem n'estas duas edições de 1554 e 1559: na Ecloga faz referencia a ellas:

Eu o treladei d'alli
donde mais estava escrito,
que aqui não escrevi...

Pelo facto de se encontrarem entre essas cincoenta composições lyricas umas poucas de Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda, surgiu a infeliz lembrança de negar todas as outras a Christovam Falcão. Um poeta como o do *Chrisfal* não podia deixar de ter produzido outras idealisações, e de mais a mais em convivencia com poetas como Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda.

Das poesias lyricas que se seguem ás duas composições de Christovam Falcão, na edição de Colonia, diz Epiphanio: «nenhuma d'el-

las apresenta caracteres, quanto aos pensamentos ou quanto á fórma, pelos quaes haja de attribuir-se ao nosso poeta.» (Ed. 1893, p. 12.) Causa extranheza como se podem fazer affirmações assim cathegoricas; em quanto aos *pensamentos*, essas composições lyricas são em grande parte a historia dos amores, de que a Ecloga é a phase pathetica; em quanto á *fórma*, dentro do proprio *Chrisfal* se acham intercalados similes de Cantigas e Esparsas. Basta uma simples leitura para se conhecer a identidade da paixão, e a das fórmas metricas.

Deduz mais Epiphanio, que essas Cantigas que na edição de Colonia vem de fl. CLIII a CLXXI, o livreiro não lhe deu por auctor Christovam Falcão: D'aqui se vê que *o editor allemão estava longe de haver estas poesias por sahidas de uma mesma pena.* Não é pois licito invocar a auctoridade de Birckman para attribuir a Christovão Falcão aquellas composições.» (Ed. 1893, p. 11.)

O livreiro de Colonia reimprimiu o texto de Ferrara de que o encarregaram; esse texto provinha de uma origem muito proxima do poeta, e tanto, que lhe conhecia a sua tradição amorosa. No indice (verso do frontispicio) lê-se:

«*Hũa muy nomeada e agradavel Egloga chamada* CRISFAL, *que diz:* Antre Sintra a mui prezada, *Que dizem ser de Christovam Falcam, ho que parece alludir ho nome da mesma Egloga.*

«*Hũa Carta do dito:* Hos presos contam os dias. Mil annos por cada dia. *E outras cousas que entre lendo se poderam vêr.*»

Depois de citar o nome de Christovam Falcão, emprega a referencia o *dito*, incluido n'este mesmo paragrapho: *E outras cousas*, etc., de que apenas se recommenda a leitura.

Não serão ellas de Christovam Falcão? O indice, tão explicito deveria designar então — *de varios*. Não o fez; e não se comprehende que um poeta que sentiu tão profundamente, e que cantou os seus amores já desalentado, não tivesse escripto alguma Esparsa ou Cantiga á sua dama, na intimidade da mutua paixão. O facto de se acharem entre essas Cantigas, composições de Bernardim Ribeiro, mais confirma o nosso modo de vêr, por que os dois se conheceram, foram confidentes, e os seus amores foram por egual desgraçados; a edição de 1554 e de 1559 fez-se sobre Manuscriptos que pertenceram a Bernardim Ribeiro, que perdeu ou de que se esqueceu ao regressar a Portugal, e a parte referente a Falcão não se lhe ajuntou para fazer uma collecção de Obras amatorias, como crê Epiphanio, mas por que estavam em poder do seu amigo Bernardim, e ao imprimir-se o fragmento da Novella e Eclogas depois da sua morte, completaram o volume com o mais que estava no Manuscripto.

Outras questões suscita o exame d'esta edição de Colonia; mas convem para mais clareza expendel-as nas suas reproducções do Porto, em 1871 e 1893, e 1896. A edição de Colonia é tambem extremamente rara; vimos e consultámos o exemplar que pertenceu ao falecido José Gomes Monteiro; existe hoje no Museu britanico, onde por duas vezes o examinou attentamente Epiphanio da Silva.

Da comparação d'este texto com o das *Trovas de Chrisfal*, sem data, conclue Epiphanio: «As duas impressões mais antigas que se conhecem da Ecloga, derivam ou directamente ou (por intermedio de edições desconhecidas) indirectamente de *duas copias manuscriptas independentes uma da outra.* Eram ambas estas copias, bem que em gráo diverso, muito incorrectas, sendo que não foram tiradas do archétypo, aquella em que assenta a edição sem data, fóra de toda a duvida, e a que serviu de base á edição de Birckman, com grande probabilidade.» (P. 15.)

Esta edição foi compulsada em 1793 pelo erudito Pedro José da Fonseca para o *Diccionario da lingua portugueza*, da Academia das Sciencias.

1571 (4.ª Ed.)

Trovas de Crisfal........................
Lisboa, 1571.

Folheto. Dá noticia d'esta edição, Innocencio Francisco da Silva, no *Dicc. Bibliographico*, como tendo existido na Livraria de Pereira da Costa. Contando um facto succedido em 1571, quando Damião de Sousa estava por Capitão em Salsete, diz d'elle Diogo de Couto, na *Decada VIII*: «irmão de Christovam Falcão, aquelle que fez *aquellas antigas e nomeadas* TROVAS DE CRISFAL.»

Vê-se que fazia referencia especialmente á folha volante, pelo titulo, e suggerido talvez pela edição d'esse anno. Não duvidamos da existencia d'esta edição, de que se perdeu o

rasto; por que faltando a estrophe 91 (ed. 1893) nas outras edições de 1619 e 1721, signal é de que seguiram um outro exemplar do seculo XVI a que essa estrophe faltava. Esse exemplar não foi o de Colonia, de 1559, por que as estrophes 88 e 102 (que vem a mais na folha volante de 1619) tambem faltam n'esta de Birckmann. Logo, é uma realidade a edição apontada.

1619 (5.ª Ed.)

Primeira e segunda parte de Crisfal. Lisboa, em casa de Antonio Alvares. 1619.

Folheto de 24 pp. Depois da Ecloga de Christovam Falcão, traz sob o titulo *Segunda parte das trovas do Sonho de Chrisfal*, uma composição de Fr. Bernardo de Brito, o celebre chronista de Alcobaça, publicada pela primeira vez em 1597 no livro de versos *Sylvia de Lisardo*, e que se intitula: *Sonho de Lysardo que he quasi como a Segunda parte de Crisfal.* Tem um proemio em verso endecasyllabo, seguindo-se as decimas octonarias; foi incorporada n'esta folha volante como obra anonyma.

Segue-se depois a Carta: *Os presos contam os dias*, á qual faltam dois versos entre os seguintes:

este bem sendo terreno
. . . . eno
. . . . esmo
que quer estê em mim mesmo.

Faltam tambem na edição de Colonia de 1559, signal de que foi presente para esta reproducção. E termina com a Cantiga: *Vi o cabo no começo*, como na edição de Colonia, mas sem reproduzir as Voltas, interrompendo-se talvez por não caberem nas proporções da folha volante. Na Ecloga de *Chrisfal* ha variantes aproveitaveis, mas faltam-lhe cinco estrophes, com certeza por negligencia do copista; são:

Alli os dias passava (VIII)

Comtudo olhos de quem (XII)

Todos os contentamentos (XIV)

Não devo eu mal querer (XXI)

Vendo-me em logar tal. (XXIX)

Traz tambem duas estrophes que faltam na edição de Colonia; é uma:

Mas que fosse assi e mais (LXXXVIII)

De facto conhece-se na edição de Colonia que falta uma ligação entre o sentido da estancia: *Pois se ysto é assi*, e a que ahi se lhe segue: *E dizem que eu moça era*. Tudo se acclara com a estancia a mais da edição de 1619.

A outra estrophe, vem ao finalisar a Ecloga:

Por me isto alembrar (CII)

Segundo o estudo comparativo de Epiphanio: «a copia manuscripta de que a edição de 1619 deriva... *é independente das duas copias* de que fallamos, e ainda mais imperfeita.» (P. 15.)

1639

Primeira e segunda Parte de Crisfal. Lisboa, em casa de Antonio Alvares. 1639. Folheto.

Reproducção da anterior; dá noticia d'ella o P.e Antonio dos Reis, no *Enthusiasmus poeticus*, annotando o verso:

In Monte sedile
Occupat excelsum Falco

(P. 140.)

Não ha motivo para consideral-a um engano d'este auctor, errando o anno de 1619.

1721 (6.ª Ed.)

Primeira e segunda Parte de Crisfal. Lisboa. Na Officina de Bernardo da Costa Carvalho, impressor do Serenissimo Infante. 1721.

Folheto no gosto das edições de cordel; tem 24 paginas não numeradas e a duas columnas, com quatro figuras tristemente gravadas, debaixo do titulo. Existe um exemplar na Bibliotheca do Porto (N-8-74) e outro na Livraria da Torre do Tombo. Innocencio no *Diccionario bibliographico* não a cita, dizendo das outras em folha volante: «Tenho para mim, que ha ainda muitas *edições em separado* da Ecloga de que se trata; porém, o certo é que são todas mais ou menos raras, e que até agora não pude haver á mão exemplares de alguma.» (T. II, p. 69.)

Tem todos os defeitos e merecimentos da edição de 1619, de que é uma reproducção servil; é aproveitavel para o estudo comparativo do texto da Ecloga, por ser mais accessivel. Assim na estrophe XLII, na edição de Colonia, o verso: *A Mengua la del boscal*, vêm na avulsa: *Manga larga no bocal*, o que é uma emenda inacceitavel, como outras modernisações do texto. D'esta edição escreve Epiphanio: «é uma pouco esmerada reproducção, com leves modificações da edição de 1619.» (P. 15.)

1871 (7.ª Ed.: 3.ª int.)

Obras de Christovam Falcão, contendo a Ecloga de Chrisfal, a Carta, Cantigas, Esparsas e Sextinas, com um Estudo sobre a sua vida, poesias e época, por Theophilo Braga — Edição critica reproduzida da edição de Colonia de 1559, com a Segunda parte apocrypha de 1721. Porto — Imprensa portugue-

za Editora. 1871. 1 vol. in-4.º de 24 pp. de introducção, e 40 de texto, a duas columnas.

Foi feita esta edição em condições extraordinarias, que influiram na revisão typographica pela impossibilidade da recensão e comprovação do texto. Teve porém a vantagem de tornar accessivel a obra desconhecida quasi do apaixonado poeta, e de interessar a critica no seu estudo. Póde-se pôr em balança este serviço com o de uma boa revisão typographica, e ser-nos-hão perdoados erros que outros puzeram á minha conta.

No exame minucioso que fez Epiphanio d'esta edição com o exemplar de Colonia, no Museu britanico em 1893, apontou-lhe defeitos, que seriam inexplicaveis em condições normaes. Transcrevemol-os, para salvaguarda dos estudiosos:

« A Sextina: *Hontem poz-se o sol*, e a Cantiga: *Para mim nasceu cuidado*, as duas ultimas das composições attribuidas a Christovam Falcão pelo Dr. Th. Braga, segundo o exemplar da edição de Birckmann existente no Museu britanico, não pertencem a este poeta. A folhas 130 d'este exemplar, em seguida á quinta Ecloga de Bernardim Ribeiro vem aquella Sextina com o titulo de *Sextina de Bernaldim Ribeiro;* depois da Sextina, separada pela palavra *Finis*, lê-se: *Cantiguas com suas Voltas que dizem ser do mesmo Autor;* após esta rubrica vem em primeiro logar a Cantiga: *Nam sam casado, senhora*, em segundo logar tendo por titulo *Outra*, a Cantiga: *Para mim nasceu cuidado*. (Em seguida, no verso da folha 132 começa a Ecloga de Christovam Falcão.)

E mais adiante: «Da sua edição das *Obras de Christovam Falcão*, diz o Dr. Th. Braga ser reproducção da de Birckmann. De feito, á primeira vista parece quasi uma edição diplomatica. Depois de mais demorado exame, porém, reconhece-se que a reproducção está muito longe de ser exacta, sendo que, além de nem sempre seguir, por vezes desarrazoadamente, a lição da edição de Birckmann sem todavia fazer a devida advertencia, por um lado não escasseião omissões de palavras ou de letras, e até de um verso inteiro na estancia 60 da Ecloga, trocas de letras ou de palavras e accrescentamento de palavras, e por outra não foi bastas vezes respeitada a orthographia da edição de Birckmann até em casos em que á differença de graphia correspondia differença de pronunciação. Demais, em dous logares o Dr. Th. Braga errou estranhamente a leitura.» (P. 13 e 15.)

Narremos como se fez esta edição das *Obras de Christovam Falcão*, que tornou accessivel o estudo do desconhecido poeta. Regressáramos de Coimbra, do concurso de 1871, em que por uma votação fraudulenta se me fechou a entrada no magisterio. O proprietario da Imprensa Portugueza, que ia publicando, nas falhas de serviço na typographia, alguns volumes da *Historia da Litteratura portugueza*, assim que me viu no Porto veiu para mim: — Tenho ahi cinco resmas de papel de um formato tão desageitado. que não sei o que fazer d'ellas? Tem meu compadre lá por casa alguma cousa que deseje imprimir n'ellas?

Occorreu-me logo a ideia de reimprimir

alguma raridade bibliographica, como em situação identica fiz com a reproducção do poemeto *Gaia*, de João Vaz. Respondi-lhe, que essas cinco resmas de papel davam uma urgentissima reproducção do *Chrisfal* e outras poesias de Christovam Falcão. Mas como obter o unico exemplar existente em Portugal, da edição de Colonia, de 1559? Possuia-o José Gomes Monteiro, que o guardava como um thezouro, e com o afferro de quem projectava escrever um romance em prosa dos amores de *Chrisfal e Maria*. Não o deixava vêr a ninguem; e além de tudo, eu cortára as minhas relações com elle, chegando o seu azedume a não admittir á venda na sua livraria os volumes da *Historia da Litteratura portugueza*. Era impossivel por meios ordinarios poder trasladar as poesias de Christovam Falcão da edição de Colonia. Mas a difficuldade não me pareceu invencivel; Gomes Monteiro tinha um amigo que muito acatava: o visconde de Azevedo, possuidor de uma opulentissima livraria. Nada mais natural do que pedir-lhe o exemplar de Colonia por alguns dias para um qualquer exame de bibliophilo. Tinha então Tito de Noronha grande entrada em casa do visconde de Azevedo, trabalhando com enthuziasmo na pequena typographia que ahi havia, e restaurando-lhe o texto de alguns livros raros falhos de paginas; Tito de Noronha prestou-se a trazer-me á mão o exemplar de Colonia. Repentinamente n'um sabbado apparece-me Tito de Noronha: — Cá está o exemplar de Colonia; mas com uma condição terrivel: tem de ser restituido irrevogavelmente na segun-

da-feira! Não desanimei com a condição. Puzme logo ao trabalho, sobre o jantar, pela noite adiante; no domingo, já cansado, revesou-me minha mulher, e meus dois cunhados. Na segunda-feira eu restituia a preciosa raridade bibliographica, que o visconde de Azevedo foi pessoalmente entregar a seu dono, e n'esse mesmo dia eu mettia na Imprensa Portugueza o texto de *Chrisfal* e todas as outras poesias de Christovam Falcão. Por esta edição de 1871 se vê que as cinco resmas foram bem aproveitadas. Escuso dizer que fiz esse violento trabalho gratuitamente. E' natural que entre tantos copistas acontecessem esses percalços apontados por Epiphanio, que repousadamente sobre a minha agitada cópia, e no remanso de uma viagem de recreio a Londres, só teve olhos para fixar erratas, mas não para vêr o muito que devia a essa vulgarisação. Não foi possivel fazer uma comprovação da reproducção typographica da Imprensa Portugueza com o texto de Colonia; em taes condições de trabalho, quem seria tão mechanicamente exacto que não se esquecesse de uma virgula ou lêsse imperfeitamente uma palavra semiapagada? Feita esta confissão, serão esses erros perdoados, e estando já o livro esgotado. Com mais razão não gostou Gomes Monteiro que o texto de Colonia se vulgarisasse. Mas emquanto cada um vae servindo as suas emoções antipathicas, pela nossa parte sacrificamos sempre a actividade a um interesse ideal, movido por motivos puros.

Deixamos apontados os erros da reproducção do *Chrisfal;* os que foram perpetra-

dos na reproducção das Cantigas quem os conhecia? Por pedido de D. Carolina Michaelis, conferiu Epiphanio em 1896 no Museu Britanico, essa parte com o exemplar de Colonia. Foi a sua revisão publicada na *Revista luzitana*, vol. IV, p. 142 a 179. Que horror! Que tropelias n'essas cincoenta Cantigas e Esparsas; na Cantiga XII, falta um verso e uma estrophe inteira; na Cantiga XIV, falta um verso; outro, na Cantiga XVII; faltam as Cantigas XLIII a XLVI. E no fim d'este texto por cumulo de tropelia, apparece uma folha 130 do texto de Bernardim Ribeiro! Não aponto aqui as palavras substituidas e as leituras imperfeitas; mas tudo isto basta para evidenciar que alguma cousa houve de anormal n'esta edição, sendo eu conhecido aliás entre a classe typographica como bom revisor de provas.

—

Liga-se a esta edição uma questão litteraria sobre a existencia de uma fórma lyrica tradicional, chamada *Canto de ledino*. Respeitando intencionalmente o texto de Colonia, escrevemos na nossa introducção (p. 20): «A influencia dos cantos castelhanos, que se deu nos ultimos annos do reinado de D. Manoel, tambem se conhece em Christovam Falcão, quando cita o *canto de ledino*, que começa: *Yo me iva, la mi madre...*» Vieram outros criticos e seguiram esta indicação minha; D. Carolina Michaelis estudou o problema e desde 1890 achou preciosos elementos para esclarecer o problema, que só publicou de-

pois de 1893. Porém, Epiphanio da Silva, nos Excursos á sua edição de *Chrisfal*, diz: «Na edição de Birckiman da Ecloga de Christovam Falcão, na estancia 42, está *Canto de ledino* por *canto dele* (= d'elle) *dino*. É certamente o exemplo mais notavel, por isso que tal erro deu logar a que o dr. Th. Braga, não suspeitando inexactidão na escriptura do texto, acreditasse que a nossa litteratura possuia uns *cantos de ledino*, que nunca existiram senão na fantasia d'este professor.» (Op. cit., p. 102.) [1] Tendo eu conferido e tomado algumas estrophes da edição de *Chrisfal* de 1721 para esta de 1871, não podia deixar de notar a variante: *d'elle digno* e discutil-a com a fórma *de ledino* do texto de 1559. Preferindo esta lição, houve um proposito motivado. D. Carolina Michaelis quiz alliviar-me d'esta responsabilidade, attribuindo a invenção do genero a outrem. Vamos apontar como nasceu este problema dos *Cantos de ledino*, e se tal designação tem algum fundamento para ser conservada na historia litteraria.

Na Ecloga *Chrisfal*, edição de Colonia de 1559, a estancia 42 tem dois versos, o 4.º e o 10.º, que se prestam a diversas leituras ou antes interpretações. Transcrevemol-a, para

---

[1] Lê-se na *Bibl. critica*, p. 319, uma accusação em contrario: *Um facto curioso escapou ao sr. Th. Braga* no seu artigo. *Estas serranilhas eram chamadas no seculo* XVI *cantos de ledino.* E com relação á influencia castelhana, (confirmada pelo canto *Yo me iva la, mi madre*, achado no *Cancionero musical*, publicado por Barbieri) escreveu-se no mesmo entono: *mas isto nada significa.*

base da discussão em que pretendemos fixar o seu sentido:

> Tendo parecer devino,
> pera que melhor lhe quadre,
> cantar canto de ledino:
> *Yo me yva la, mi madre.*
> *a Sancta Maria del pino.*
> O vestido lhe oulhei,
> e vi que era hum brial
> de seda, e nam de saial,
> a qual eu afigurei
> a Mengua, la del boseal.

Conservámos este texto na edição que fizemos em 1871, e considerámos que as palavras *canto de ledino* designavam o genero poetico de que os versos:

> *Yo me yva la, mi madre.*
> *a Sancta Maria del pino*

eram a amostra indicativa, como usaram por vezes Gil Vicente e D. Francisco Manoel de Mello. Assim era a nossa interpretação, que: tendo a serrana *parecer divino*, para melhor condizer ou quadrar com elle, cantou canto tambem em estylo *ao divino*, dos que cantam as raparigas que vão em romaria a Santa Maria del pino e a outros sanctuarios, e que se denominam *de ledino.*

Como conferimos o texto de *Chrisfal* com o texto da folha volante de 1721, (que é reproducção do texto de 1619) vimos que essa

estrophe já não fôra comprehendida nos seculos XVII e XVIII, e que os editores a alteraram arbitrariamente, dando-lhe um sentido plausivel, mas gratuito:

> Tendo *por* parecer *benigno*
> para que melhor lhe quadre,
> cant*ou* cant*ar* *d'elle digno*
> « Yo me yva la, mi madre
> a Sancta Maria del pino. »

Das palavras *canto dè ledino* fez-se: *cantar d'elle digno*, e para tornar a rima perfeita mudou-se o epitheto divino em *benigno*. Não adoptámos esta leitura, pela violencia da mutilação do texto, embora se podesse admittir a fórma quinhentista *dino* (por *digno*, como malino por maligno) rimando com divino. Quando em 1872 viemos para Lisboa occupar a cadeira de Litteratura portugueza, fomos logo consultar a edição sem data em folha volante do *Chrisfal*, indubitavelmente do seculo XVI, que se guarda na Bibliotheca nacional; ahi encontrámos variantes que revelam uma outra interpretação arbitraria, por não ser comprehendido o texto:

> cantar cantou *em si dino.*

Vê-se que o editor, não percebendo o sentido *de ledino*, não fez a emenda *(d'elle dino)* referindo-se ao parecer ou semblante da serrana, mas contentou-se de classificar o canto de romaria *em si digno*. Bastam as modifica-

ções diversas d'estes dois textos para se comprehender que se tratava de uma designação poetica desconhecida no seculo XVI, o *canto de ledino*, substituindo-a por uma phrase com sentido plausivel. O mesmo processo foi usado com o verso d'esta mesma estrophe:

a Mengua, la del boscal

que nas trez folhas volantes do seculo XVI, de 1619 e 1721 se alterou pela toada:

manga larga no bocal.

Preferimos o texto de *Chrisfal* de 1559, por que deriva de uma communicação de materiaes muito proximos da época do poeta, ou mesmo que pertenceram a amigo do poeta, que conhecia a tradição dos seus desgraçados amores. Resta saber, se a palavra *ledino* ou *canto de ledino* póde admittir-se significando um canto popular jogralesco das romarias. Monaci publicou uma collecção de canções com este caracter ao divino, proprio das romarias, e não hesitou a dar-lhes o titulo *Cantos de ledino;* porém a mim cabe toda a responsabilidade de ter entrado em circulação o nome d'este genero poetico, tambem acceito por Menendez Pelayo.

A preferencia pelo texto de 1559 no *canto de ledino*, como dissemos, foi um proposito motivado. Sabendo que muitas palavras dão nomes ás fórmas lyricas trobadorescas, (ex. *Amigo*, cantar de amigo; *Ay*, ou *Guay*, can-

tar guyado, e *Guayas; Baile*, bailia e bailada ou ballada; *Dona*, Donayres; *Serrana*, serranilhas; *Villão*, Villancicos, Villanellas, Villoti, etc.) não me repugnava que de *ledo*, palavra muito usada nas canções das romarias, se formasse o genero pastoril de *ledino*. Coadjuvava esta interpretação, o fragmento intercalado no *Chrisfal*, que é muito caracteristico e tem nos Cancioneiros trobadorescos portuguezes numerosos paradigmas. Em 1871 não tinhamos ainda publicados os Cancioneiros do seculo XIV, não sendo facil então fazer o processo comparativo. Mas, máo grado a ironia do sr. Epiphanio, os *Cantos de ledino* não existiam sómente na minha phantasia; no cap. IX do fragmento da Poetica trobadoresca portugueza, que vem no principio do *Cancioneiro Colloci-Brancuti*, caracterisam-se as Tenções em que cada um dos trovadores segue os moldes de certa cantiga ou em *som*, ou em *prazer* ou em *ledo*. D'ahi os estribilhos *de ledo*.

No *Cancioneiro da Vaticana*, a canção n.º 242 é um *canto de ledino*, como se vê pelo seu estribilho:

> Levad', amigo, que dormides as manhanas frias;
> todal-as aves do mundo d'amor diziam
> *leda m'and'eu.*
>
> Levad', amigo, que dormidel-as frias manhanas,
> todal-as aves do mundo d'amor cantavam
> *leda m'ando eu*, etc.

E a canção de Ayras Carpancho (n.º 265) é tambem *em ledo:*

Por fazer romaria pug'eu meu coraçon
a Santiago um dia por fazer oraçon
e por veer meu amigo logu'i.

E se fezer tempo, e mha madre nom for,
querrey *andar mui leda* e parecer melhor,
e por veer meu amigo logu'i. etc.

Apontamos a canção 287 de João Soares Coelho, egualmente *em ledo:*

Amigas, por nostro senhor,
andade *ledas* migo,
ca puj'antre mha madr'amor
e antr'o meu amigo;
e por aquest'*ando leda*.
gram dereyt'ei *andar leda*.
e *andade* migo *ledas*.

Seguem-se mais duas estrophes com este retornello caracteristico.

Outras vezes a canção começava por essa palavra, como na de Gonçalo Eannes do Vinhal (n.º 307):

Que *leda* que oj'eu sejo,
por que m'enviou dizer
ca nom vem com gram desejo
coytado d'u foy viver. etc.

A situação da pastora, que cantava o *canto de ledino* na Ecloga *Chrisfal*, acha-se quasi com os mesmos traços em uma canção de Es-

tevam Coelho no *Cancioneiro da Vaticana.* Merece comparar-se, por isso que ajuda a comprehender o caracter da cantiga. Eis a decima de Christovam Falcão:

> Antre estas, só, saudosa
> vi antre duas ribeiras
> huma serrana queixosa
> cercando humas cordeiras,
> sendo cordeira fermosa.
> Como alli teem por uso,
> em huma roca fiando;
> mas, como que hia cuidando,
> cahia-se-lhe o fuso
> da mão de quando em quando.
>
> (Str. 41.)

E Estevam Coelho:

> Sédia la fremosa, *seu fuzo torcendo.*
> sa voz manselinha, fremoso dizendo
> cantigas d'amigo.
>
> Sédia la fremosa, *seu fuzo lavrando.*
> sa voz manselinha, fremoso cantando
> cantigas d'amigo. etc.
>
> (Canç. 321.)

A cantiga da pastora no *Chrisfal* era *em ledo*, e por isso o poeta que ainda conservava os ultimos restos da tradição trobadoresca portugueza chamou-lhe *canto de ledino.* [1]

---

[1] É normal esta derivação *ledino* de *ledo;* abundam exemplos de outros adjectivos, como: *libertino.*

Não admira que no seculo XVI já não percebessem esta designação, por que os Cancioneiros portuguezes estavam completamente esquecidos e ignorados. Do canto de romaria:

> Yo me yva la, mi madre,
> a Sancta Maria del Pino

encontrámos preciosos paradigmas no *Cancioneiro da Vaticana*.

Vejamos exemplos em D. Affonso Lopes de Baião, e propriamente *em ledo*:

> Hyr quer'oj'eu, fremosa de coraçom
> por fazer romaria e oraçom
> a Sancta Maria das Leiras,
> poys meu amigo hy vem.
>
> . . . .
>
> Nunca serey *leda* se o nom vir,
> e por esto fremosa and'or'a hir
> a Sancta Maria das Leiras,
> poys meu amigo hy vem.
>
> (Canç. 341.)

---

de *liberto; ferino*. de *fero; malino* (malo) de *máo; divino*, de *divo*. Ha outros adjectivos formados pelo suffixo *ino: bovino*, de *boi; canino*. de *cão; marino*, de *mar; taurino*, de *touro; trino*, de *trez*. E como substantivos diminutivos: *Violino*, de *viola; buzina*, (de bocca.) O facto de se não achar a palavra *ledino* em outros escriptores não é argumento acceitavel; e perante o texto da Poetica trobadoresca portugueza, não póde considerar-se uma *graphia erronea*, nem uma *leitura errada*. nem o ser apontado como exemplo de *teratologia glottologica*, como se nota na *Revista luzitana*, vol. IV, p. 386.

E do mesmo genero *em ledo:*

Nunca com taes novas tam *leda* foy molher,
com'eu solo com estas, e se hy veer
a Sancta Maria das Leiras
hirey velida, se hi vem meu amigo.

(Canç. 342.)

Em uma canção de Ayres Nunes (n.º 454) ha tambem a situação de uma pastora que vae cantando ao longo de uma ribeira, cujos cantares o trovador inclue na sua composição; taes são os versos:

Sol-o ramo verde frolido,
vodas fazem ao meu amigo;
e choram olhos d'amor.

Ay estorninho do avelanedo,
cantades vos, e moyr'eu e peno;
d'amores ey mal.

Vê-se por tudo isto, que Christovam Falcão ainda conhecia a tradição trobadoresca dos cantares *em ledo*, e intencionalmente alludia aos *cantos de ledino*, e que a sua existencia na litteratura portugueza não é mera phantasia minha.

Ainda encontrámos em Sá de Miranda, que nos conservou o typo dos *Passacalles*, uma vaga referencia:

Antonces *cantara ledo.*
Ora como cantaré?

(*Poes.*, p. 101.)

D. Carolina Michaelis entrou n'esta discussão trazendo elementos historicos importantes, mas que não derrogam o nosso modo de vêr. No tomo III da *Revista luzitana*, p. 347 a 362, publicou um extenso artigo intitulado *Uma passagem escura do Chrisfal*; ahi examina as duas passagens da estrophe 42, èxplicando-as por preciosos vestigios poeticos que encontrou no *Cancionero musical de los Siglos XV y XVI, transcripto y commentado* por Francisco Asenjo Barbieri (Madrid, 1890.) Um achado felicissimo; a paginas 194 e 540, ahi encontrou o texto e as notas musicaes da seguinte poesia anonyma:

Menga la del Bustar
que yo nunca vi serrana
de tan bonico bailar!

Yo me iba. la mi madre,
a Santa Maria del Pino;
vi andar una serrana
bien ácerca del camino.
Saya traía pretado
de un verde florentino.
Bien allá la viera andar
gurriando su ganado
y dicendo este cantar:

Y hablava y decia:
— Domingo, por qué no vienes
pues que saltas bien y corres
y en la bien te tienes?

Contigo me quiero andar
gurriando este ganado
y diciendo este cantar:

Tanto bien me pareciero
que de amores la fui hablar:
« Mi amor, quereis que os diga
quien á mi hace penar?
Grande amor que a mi fatiga
de Miguel del Colmenar
que me oyó este cantar. »

(*Canc. mus.*, n.º 380.)

Parece que entre cada estrophe se devera seguir uma canção do velho typo conhecido, como acontece em algumas trobadorescas.

Depois d'esta Canção, cujo ecco chegou a Christovam Falcão, vem no *Cancioneiro musical*, n.º 350, p. 178 e 521, um outro fragmento por onde se vê que a *Menga la del boscal* era uma serrana consagrada na tradição poetica popular:

La mas graciosa serrana
(qu'en el mundo no hay su par)
es *Mengua la del voscar!*

Con su zurron y cayado
la vi en somo la montaña
que salia de su cabaña
para guardar su ganado.

(N.º 350.)

Menga é um diminutivo de *Domingas*, nos cantos populares; e segundo Barbieri e D. Ca-

rolina Michaelis, *Bustar* é um nome local; um povo na serrania perto de Torrelaguna chama-se *Bustar-biejo* e um Sanctuario perto de Carbonero-el-Mayor, districto de Segovia (serra de Guadarrama.) O nome de *Bustar*, segundo as Glosas de Isidoro, vem de *locus ubi stant boves* (citadas por D. Car. Mich., p. 352).[1]

Muitos outros cantos populares começavam pelo verso typico:

> *Yo me iba, mi madre,*
> a Villa Verde...
>
> *Yo me iba, mi madre,*
> a la romaria...

Encontra-se um citado por Milá y Fontanals, achado em Salinas, e o outro por Amador de los Rios. (D. Carolina Michaelis, *ib.*, p. 360.) A designação locativa de *Santa Maria del Pino* é de uma terra ao pé de Lugo, na Galliza. Até aqui a insigne romanista; mas por difficuldade de fixar a etymologia de *ledino*, e não apparecer generalisada em

---

[1] Temos em portuguez *bostal*, significando o curral dos bois; na edição de Colonia vem apenas a troca de um *t* por um *c*: *boscal*. Comtudo Epiphanio cansa-se a justificar que *manga* podia empregar-se no singular como collectivo, e *bocal* é termo abonado pela Historia tragico-maritima: Se não fosse tal extranhesa da syntaxe, a lição que teriamos por mais provavel seria: a qual eu affigurei — *manga larga no bocal*...» Preferiu, á cautella, o texto de Colonia, que devera egualmente respeitar no terceiro verso do *cantar de ledino*.

outros poetas esta designação, não a podemos regeitar, sobretudo quando temos na Poetica trobadoresca portugueza (junto do *Cancioneiro Colocci-Brancuti*) os cantares *em ledo* considerados como um genero. Differentes causas podiam influir para conservar-se o titulo dos cantos *em ledo;* nas cantigas populares hespanholas havia o estribilho arabe *Laida*, egual ás *leilas*, prohibidas no tempo de Philippe II; a designação de *trovar ladino* (Canc. de Baena, n.º 546) coadjuvava por uma quasi homophonia a transformar o canto *em ledo* no cantar *de ledino*. Faltou no estudo tão curioso de D. Carolina Michaelis este facto da Poetica trobadoresca, que por ventura não a conduziria a resultados tão negativos. Deve-se pois conservar a designação de *Cantos de ledino* para esses cantares *em ledo*, que na poetica popular portugueza eram especialmente consagrados ás romarias. E n'este espirito expressámos o pensamento, que Epiphanio tomou como epigraphe da sua edição do *Chrisfal:* «Christovam Falcão... é o ultimo ecco de alahude provençal, modificado pelo gosto hespanhol de Padron e de Stuniga.»

1893 (8.ª Ed.)

Obras de Christóvão Falcão — edição critica annotada por Augusto Epiphanio da Silva Dias. Porto, Magalhães & Moniz-Editores. 1893. Fol. in-4.º, de 112 pp. Com um mappa genealogico.

Traz uma introducção sobre os parentescos de Christovam Falcão; critica negativa

sobre as poesias lyricas da edição de Colonia, e indicação das edições conhecidas do *Chrisfal*. — O texto é baseado sobre a edição de Birckmann, modificada pela lição das outras edições, apontando todas as variantes de cada estancia. E' n'esta parte apreciavel. Acompanha o texto de annotações grammaticaes, que mais servem para embaraçar a leitura da Ecloga. De paginas 83 até ao fim varios *Excursos:* I. Sobre a Metrificação portugueza; II. Sobre pontos de ortographia antiga; III. Exame de erros typographicos em varios textos de obras antigas modernamente reproduzidas.

N'esta edição vem apenas o *Chrisfal* e a *Carta;* a grammatica abafa por todos os lados a obra litteraria, sem vantagem, sendo verdadeiramente apreciaveis as *variantes*, as quaes no nosso entender deveriam ser appresentadas em versos completos, para bem se apreciarem. O estudo sobre a vida do poeta é falho de documentos historicos, que bem poderia ter appresentado, por lh'os facilitarem na Torre do Tombo. Regeitou as Cantigas e Esparsas, o que torna fragmentaria a edição, difficultando o estudo do texto do poeta. Reparou este mal na edição seguinte:

1896 (Com a de 1893 fórma a 4.ª integral.)

Fragmento de um Cancioneiro do seculo XVI. (Publicado na Revista Luzitana, vol. 4.º, p. 142 a 179. Lisboa, 1896.)

É a reproducção das Cantigas e Esparsas, que na edição de Colonia de 1559 se seguem

apoz a Ecloga de *Chrisfal* e da *Carta*, que começa: *Os presos contam os dias;* de fol. CLIII a fol. CLXXI. Em notas reproduz os erros typographicos e de cópia da edição do Porto de 1871, com toda a meticulosidade de revisor. E depois de apontar o facto já desde 1871 conhecido, das Cantigas que pertencem a Sá de Miranda (2) e a Bernardim Ribeiro, (7) conclue sem mais provas: «Se das restantes composições alguma pertence a Christovam Falcão, não ha provas directas, nem indirectas.» (*Ib.*, p. 143.) A separação d'esse corpo de Cantigas da parte pertencente a Bernardim Ribeiro, e logo adiante da Ecloga do *Chrisfal*, que no indice da edição de 1559 ainda traz o signal de incerteza: «*Que dizem ser* de Christovam Falcão, *o que parece alludir o nome* da mesma Ecloga...» bem nos revela pertencerem a um só auctor. A confusão de uma ou outra poesia com as de amigos que viveram em intima convivencia, não invalida o pertencerem a um só auctor. A canção que tem a rubrica AL., segundo hypothese de D. Carolina Michaelis, julga o critico pertencer a algum poeta Antonio de Lemos, Antonio Leitão, ou Antonio Lencastre, verdadeiramente desconhecidos; AL., quer aqui dizer *Outra*, que se repete; e uma vez que emprega DO MESMO é por que o collector tinha conhecimento das composições extranhas, inclusas na obra de Christovam Falcão.

FIM

INDICE

BERNARDIM RIBEIRO E O BUCOLISMO

I

BERNARDIM RIBEIRO

II

CHRISTOVAM FALCÃO

§ 1. **Os amores de Chrisfal e Maria**